

Tiago Rebello

O Império dos Homens Bons

ROMANCE

MOÇAMBIQUE, 1847

Um amor proibido entre
um padre e uma escrava.

Uma história verídica
de sobrevivência .

Do autor do
bestseller

O TEMPO
DOS AMORES
PERFEITOS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Tiago Rebello

O Império dos Homens Bons

ROMANCE

MOÇAMBIQUE, 1847

Um amor proibido entre
um padre e uma escrava.

Uma história verídica
de sobrevivência .

Do autor do
bestseller
O TEMPO
DOS AMORES
PERFEITOS



Ficha Técnica

Título original: O Império dos Homens Bons

Autor: Tiago Rebelo

Editor: Gonçalo Bulhosa

Capa: Maria Manuel Lacerda

Fotografia: © Pedro Castanheira

Pesquisa de Francisco Montanha Rebelo

Revisão: Teresa Machado

ISBN: 9789892323473

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2013, Tiago Rebelo.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

TIAGO REBELO

O IMPÉRIO DOS HOMENS BONS

INHAMBANE, 1847

A menina saiu de casa e correu tão depressa quanto lhe permitiram as pernas fininhas debaixo do vestido adejante. Atravessou a vila, esquecida do temor reverente que a noite lhe inspirava, tais eram os nervos de fazer chegar o recado aflito e ordenado com a urgência de uma vida que não se compadecia das circunstâncias alheias para nascer à hora que lhe aprouvesse a sorte. Negra mas de pele clara — tão clara que nem disfarçava a origem europeia do pai incógnito —, pequenina e magrinha, quase um bebé nos seus cinco anos mal acabados, Eugénia voou muito ligeira pela rua deserta, ágil no seu apuro, deixando no ar um rasto de nuvenzinhas de poeira, provocado pelos seus pés descalços pontuando o chão de terra fofa. Ia a casa da parteira negra que tinha trinta anos de experiência a ajudar as crianças da vila a saírem do ovo materno. Pretas ou brancas, a horas e a desoras, a anciã era sempre chamada, porque todos confiavam nela para concretizar o milagre. A prática favorecia-a, pois não havia memória de um nado-morto nas suas mãos sábias, e até os casos mais improváveis acabavam bem na maioria dos partos. E se era verdade que uma ou outra ficara atoleimada ou aleijada para o resto da vida, não se atribuía essa infelicidade ao facto de esta ter nascido cinzenta, sem oxigénio, de pernas para o ar, de braço partido, enfim, de qualquer maneira, mas à vontade divina — dizia-o ela, e corroborava-o o padre que, sugerindo implicitamente uma ligação directa ao Altíssimo, confortava a desilusão dos progenitores com argumentos sagrados. Os desígnios do Senhor eram insondáveis, estava bem de ver, e a reputação da parteira, imaculada, e assim devia permanecer para benefício de todos.

Eugénia bateu-lhe à porta e gaguejou que um rio de água descera pelas pernas da mãe e que esta lhe gritara que a fosse chamar a correr. «Vamos lá, então», disse a parteira, e sossegou a pequena com uma festa na cabeça, um sorriso tranquilizador.

*

O padre Montanha soube a notícia enquanto ceava sentado à mesa da cozinha, imbuído no silêncio das meditações nocturnas. A escrava circunspecta que lhe velava as noites veio importuná-lo de mansinho na sua melhor hora: as dez, que era aquela em que reencontrava a paz, sozinho, no resguardo de casa, podendo, enfim, tomar uma refeição frugal, digerir uma reflexão sem interrupções, juntar os pedaços do dia para lhes dar uma ordem, uma coerência. Embora acordasse religiosamente às cinco e meia da manhã, não lhe bastavam as horas de um dia para tantos esforços. As obrigações paroquiais, as almas famintas que o procuravam para lhe pedir conselhos piedosos, as missas, as obras da igreja nova, e as de que se encarregava a pedido — pelas quais recebia boa paga —, as suas propriedades rurais em

Mongo e em Maxixe, na outra banda, onde tinha escravos, eram demasiadas ocupações para um padre só. Valiam-lhe o espírito prático, o temperamento sereno e disciplinado, para não se atralhar no sorvedouro dos dias.

De modo que o padre Montanha foi interrompido por um fantasma durante a ceia. A escrava surgiu silenciosa das trevas, do fundo da enorme cozinha, onde não chegava a luz trémula da vela que crepitava baixinho na mesa, e insinuou a sua presença sem um pio.

— Credo, Não Val Nada! — alarmou-se ele. — Assustaste-me mulher.

Não Val Nada sobressaltou-se com o susto do padre.

— Ao que vens tu? — perguntou-lhe.

— É a Leonor, senhor padre.

— O que tem ela?

— Está na hora — disse.

— A esta hora? — resmungou o padre, contrariado com os caprichos da natureza.

— Sim, senhor padre, a Eugénia foi chamar a parteira.

— E ela já lá está?

— Já sim, senhor padre.

— Hum... Está bem. Vai, vai, vai-te lá deitar — enxotou-a.

Não Val Nada fez um assentimento mudo, rodou nos calcanhares descalços, retirou-se com passinhos tímidos, fundindo-se com a escuridão da cozinha.

*

O padre ficou-se a pensar no decoro. Leonor era sua escrava aos vinte anos, altura em que ele a decidira baptizar e libertar na obrigação escrita de «continuar a servir-me e a tratar-me com zelo e amor, como até agora tem tratado». Leonor obtivera o estatuto de mulher livre com a simplicidade que a natureza lhe dera. Joaquim Santa Rita Montanha, padre, mas também um ainda fogueiro homem aos trinta e três anos, deparou-se com aquela mulher de formas apetitosas a passarinhar pela casa, fazendo a lida com um vestido exíguo, uma alça descaída e a curva de um seio demasiado reveladora. Ao surpreendê-la de joelhos, a esfregar o chão de pedra da cozinha, embalada por uma cantilena landim das suas origens lá do interior, a norte do rio Limpopo, com aquela voz doce de menina e com aquelas coxas duras de mulher feita por baixo do vestido subido, o padre Montanha inspirou fundo, assaltado pelo diabo aceso dentro das calças. Apanhado assim de surpresa pela própria condição humana, debatendo-se com o instinto, Joaquim precipitou-se para o quarto e foi sentar-se à secretária, agarrar-se aos papéis para se distrair das tentações fátuas que, acreditava, eram menores do que a sua missão na Terra. Mas quando ela se inclinava à frente dele para o servir à mesa de jantar, ainda que sem a malícia de o pretender seduzir e sem um cálculo mal-intencionado, o decote largo e descuidado daqueles trapinhos diáfanos, que Leonor costumava trazer, atraía implacavelmente os olhos do padre para a visão dos seios bonitos que lhe faziam lembrar dois limõezinhos frescos, de auréolas

escuras e de bicos salientes. Um pingo de suor escorregava do pescoço dela, por um dos seios, e ele imaginava ser uma gota de sumo que os seus lábios sedentos aspiravam beber. Nessa prova de força moral, o padre Montanha passava o guardanapo pela testa, igualmente perlada de gotas de suor, e amaldiçoava o calor que fazia naquela terra. Ela sorria sem compreender o efeito devastador que exercia no pobre homem de Deus e perguntava-lhe se ele queria mais batatas. Este pousava uma mão febril na dela que segurava uma colher, como se apenas a quisesse impedir de o servir mais, dizia-lhe «está bem assim, obrigado», e devolvia-lhe um sorriso culpado, penitenciando-se por não resistir ao desejo de tocar naquela pele morena e macia.

Ciente de que Deus testava os homens com as piores luxúrias, o padre rezava para retraindo a impudicícia que lhe perturbava a alma sempre que regressava a casa, duas vezes ao dia: no calor asfixiante das três da tarde e no alívio da noite chegada, encontrava-a ardente e feliz a recebê-lo com uma bebida fresca no jardim, onde ia acabar o dia sentado numa cadeira de vime, de pernas esticadas, apreciando o piar alegre dos pássaros na gaiola grande, o estrídulo dos grilos ao bater das asas, o doce cheiro da alfazema que crescia nos canteiros e que lhe aliviava as dores de cabeça. E vinha Leonor servir-lhe o copo de refresco numa bandeja. Ficava ali um pouco, à sua frente, sempre irrequieta, a passar o peso do corpo de uma perna para a outra, com a bandeja ora debaixo do braço ora presa nas mãos atrás das costas, sorridente e divertida, a responder com graça às questões dele sobre as coisas do lar. Joaquim prolongava a conversa com perguntas inúteis, mas que lhe pareciam urgentes para a reter mais um pouco. Queria saber o que ela fizera durante o dia, o que era a janta, se faltava algo na despensa ou se a escrava fora às compras, do que se falava por aí, os mexericos do povo. Perguntava-lhe o que as pessoas diziam dele. «Só coisas boas», respondia ela com sinceridade. «Nós nunca temos a certeza do que as pessoas pensam de nós, porque dizem o bem pela frente mas comentam o mal pelas costas», replicava o padre, tocado pela melancolia. «E é com as que garantem que nos dizem todas as verdades na cara que devemos ter mais cuidado. Essas são as falsas, mentirosas,

as que sentem necessidade de afirmar o contrário para encobrirem a sua falta de carácter.»

Deixava sempre no ar uma reflexão e depois, estendia o braço cansado como se ele fosse um velho necessitado de ajuda para se levantar. Leonor oferecia-lhe a mão; ele punha-se de pé, baixava a mão presa à dela, ao nível da coxa, levando-a a aproximar-se perigosamente de si e, com a outra, segurava-lhe carinhosamente a cabeça, mergulhava os dedos no cabelo curto e forte dela, depositava-lhe de olhos fechados um beijo na testa, perdia-se no seu cheiro intenso a alfazemas do banho acabado de tomar. Ele uns bons dois palmos mais alto que Leonor; ela pequena e exposta aos braços muscudos do seu senhor, os dois assim tão juntos, mais do que aconselhava a sensatez, vacilavam por momentos à beira de uma vontade, mas sem uma resolução. O

padre, contrariado pela lei de Deus, retraía-se num arrependimento de último minuto; a escrava, inibida pela lei dos homens, encolhia o coração submisso ao arbítrio do dono.

«Bom», dizia ele ao fim de um precioso momento, apartando-se dela com um suspiro, «vamos à janta, que fica tudo frio». E, nessa época, aquela era a sua melhor hora do dia.

O fogo que ardia no rosto do padre, a angústia que lhe comprimia o peito, o pensamento viciado que evocava Leonor a todas as horas eram sintomas desoladores de que ele estava a perder uma íntima batalha com o maldito desejo. E tudo aquilo era uma dor, uma tortura, pois Joaquim não se concentrava nas coisas importantes, nas responsabilidades. As obras da igreja nova atrasavam-se irremediavelmente antes das chuvas, e ele não queria saber. Uma das suas duas lanchas, a *Gasta Dinheiro*, embarcação de 7,6 toneladas, quase fora com a carga ao fundo na baía de Inhambane, numa manobra temerária do seu mestre ébrio, e o padre sentia que era ele quem naufragava no pântano de amores profundos. Numa inspiração do diabo, convocou Leonor para a missa das sete com o argumento cínico de que ela devia vir à casa do Senhor encher o coração com a palavra de Cristo, e agora ali estava ele, todos os dias, a papaguear o sermão no altar, hipnotizado por uma visão divina: Leonor, em pé lá atrás, com uma renda solene a cobrir-lhe o rosto bonito, muito apumada na obediência que lhe devia. Era tão óbvio o seu encanto que as beatas das primeiras filas torciam o pescoço para verem o que via ele no fim da igreja. As senhoras, espantadas, piscavam os olhinhos desconfiados para enxergarem melhor o que se passava lá atrás e, ao descobrirem só a escrava landim, punham-se incrédulas a tecer enredos de sacristia.

*

A seguir à missa, o padre Montanha enchia-se de coragem, passava pela longa fila de beatas que já o aguardava e enfiava-se no confessionário abafado a ouvir o relambório de escândalos inofensivos que lhes afligia a alma. Penava-lhe o sacrifício de escutar tantos pecados ridiculamente pequenos, a maioria só de pensamento e quase nenhum mortal. Em contrapartida, ficava também a par de quem dormia com quem e de quem roubava quem, as únicas informações de interesse prático que, não obstante o carácter secreto da sua função, lhe dava jeito saber para gerir as intrigas quotidianas da terra. Com efeito, o padre era a pessoa mais bem informada de Inhambane e exercia uma influência decisiva na vida da vila. Tudo lhe ia parar às mãos. Ele era o regaço dos pobres, o moderador das quezílias corriqueiras da arraia-miúda, o apaziguador quando o sangue fervia e a violência dos homens explodia por uma futilidade qualquer, o conselheiro das maquinacões dos ricos e dos políticos que se digladiavam pelo poder, o intermediário que fazia a diplomacia de paz com as tribos que habitavam a zona da baía, cercando a vila: os tonga de Morrumbene a norte, os chopi a sul e a sudoeste, os landins a oeste e a noroeste. Na realidade, só em redor da baía, havia uma população de trinta mil bitongas. Os régulos destas aldeias chefiavam milhares de

guerreiros, enquanto os europeus que viviam na zona não passavam de umas escassas centenas. Era preciso explorar com inteligência as rivalidades tribais a favor dos europeus e gerir com habilidade a permanente tensão entre estes e os indígenas. Com efeito, na já longa lista de governadores da vila de Inhambane, constavam algumas personalidades de pouca sensibilidade que haviam despeitado a política de boa vizinhança de que dependia a sobrevivência dos brancos. A tentação do uso da força para subjugar os *selvagens* já custara a vida a um ou outro governador e às suas tropas, cujas colunas invasoras tinham acabado dizimadas em território hostil. Fazia agora cinco anos que um novel governador, acabado de chegar a Inhambane e ainda cheio de jactância, partiu quase a seguir à sua posse em direcção a Zavala, no sul, à frente de quase todos os soldados regulares disponíveis e de uma parte importante dos milicianos, com o objectivo de trazer de volta um marfim apresado. Mas, percorridas algumas léguas, a força havia sido arrasada pelos guerreiros inimigos. O governador fanfarrão e os duzentos e oitenta homens válidos morreram, vítimas da precipitação do voluntarioso oficial.

*

Não obstante, em geral, o dia-a-dia do padre Montanha não era assim tão emocionante, não se tratava de evitar guerras regionais, ele quedava-se antes pelas invejas das beatas, segredadas ao seu ouvido no confessional, e pouco mais. Rezava para que elas apressassem o desinteressante relato dos seus pecadilhos inúteis e despachava-as com ave-marias expiatórias. No entanto, mal as ouvia. Dava por si sonhador, a pensar em Leonor, a imaginar verdadeiros pecados da carne que o penalizavam, mas que ele não podia evitar. Naquele cubículo sufocante, começava a sentir calores perversos por baixo da batina, que lhe subiam da virilha e que lhe incendiavam o espírito contrariado. Ficava todo vermelho, a pingar suores da testa, e alargava o cabeça com um dedo nervoso. Ansiava por sair dali para apanhar um pouco de ar puro, se distrair com as obras da igreja nova ou assistir à descarga das mercadorias de uma das suas lanchas, na feitoria do amigo Vicente Tomás dos Santos que, naquela época, lhe dava guarida provisória nos aposentos de um anexo de uma das suas propriedades, no bairro de Balane.

Para desespero do padre, ficava sempre para o fim a mulher do governador, Dona Ana Arouca, uma trintona roliça e baixinha que, ao contrário das outras beatas devotas, só se dedicava às causas da Igreja porque se aborrecia em casa e porque o seu desprezo aristocrático pela maioria da *gentalha* que habitava aquele lugar infecto, onde o seu marido fora colocado, na sua opinião *por ser fraco e incompetente e por não conseguir nada melhor*, também não a incentivava a convidar senhoras para um refresco. Já o padre Montanha, que era de boas famílias, exercia nela uma certa atracção. Ao abrigo da confidencialidade da confissão, Dona Ana não se poupava a referências mais ou menos explícitas aos calores que lhe davam os bicípites do padre. Dizia-lhe estas coisas com pretensa graça, soltava gargalhadinhas nervosas, mostrando-se jovial e inocentemente atrevida.

Vexada com a carreira medíocre do marido, Dona Ana não perdia uma ocasião para o criticar. Lamentava-se da vida triste e desinteressante que levava, queixava-se do calor opressivo de África, tinha medo dos pretos e horror ao povolêu branco de Inhambane. Faltava-lhe o mundo, dizia; sentia saudades de Lisboa, das *soirées* no São Carlos, e faltava-lhe Paris! A questão do padre era só mais um pretexto para ela atazanar o pobre governador, bem entendido, pois, sabendo o quanto ele se incomodava por ela passar tanto tempo na igreja, Dona Ana punha-se toda alegre como um passarinho feliz a chilrear, ao final do dia, e elogiava o padre até à exaustão: como ele era um homem de grandes capacidades, de muito trabalho, como a impressionava a sua boa cabeça. Um padre dos sete ofícios era o que ele era, e um orador de mancheia, porque dava gosto ouvi-lo falar na missa, e um bom amigo, de bons sentimentos, que tinha sempre uma palavra decente para aquelas tristes mulheres sem vida própria que lhe enxameavam a paróquia. Ele dava-lhes bons conselhos, sabia levá-las, reconfortar-lhes o espírito. Enfim, Dona Ana tinha-o como uma pessoa extraordinária, algo que, como fazia questão de deixar claro com frequência, não pensava do próprio marido. Era isto ao jantar, ao serão, e se, a certa altura, o governador, refugiado no seu jornal enviado de Lisboa, baixava as páginas com notícias atrasadas, espreitava por cima das lunetas e resmungava qualquer coisa ácida sobre o padre, ela, satisfeita por o marido ter mordido o isco, empertigava-se toda ofendida e defendia-lhe a honra com uma exaltação descabida, uma indignação esganiçada, pois não havia direito que ele desconsiderasse assim o santo homem. Se o marido tinha alguma falha grave a apontar-lhe, então que a dissesse ali mesmo, sem contemplações, quando não, mais valia que se abstivesse de caluniar assim uma pessoa de carácter tão forte e ímpoluto. Ele, enciumado, abria a boca para contrapor, mas, não tendo de facto nada de realmente indecoroso para o acusar, acabava por se dissolver no jornal, desanimado como um triste cão de orelhas caídas, limitando-se a aplacar a fúria da mulher com uma palavra apaziguadora:

— Então, filha, acalma-te, não te ponhas assim.

Não obstante a aversão do governador ao padre, ou também por isso mesmo, Dona Ana nutria por ele enormes simpatias, entusiasmava-se bastante na sua presença, talvez até um pouco demais para o que seria razoável. Um dia, chegou animadíssima e esperou pelo fim da missa para lhe falar em confissão. Não que tivesse qualquer pecado para se penitenciar, a não ser o único que ela não referia e que guardava pelo momento da confissão para cometer: as liberdades atrevidas a que se permitia, quando se dirigia ao padre no segredo do cubículo. Ele fingia que não percebia, fazia-se de tolo, mas, nessa ocasião, viu-se obrigado a ser mais firme na sua recusa.

Dona Ana pediu-lhe que fossem para a sacristia porque estava dorida de tanto se ajoelhar na madeira do móvel. Ainda comentou que havia de se

colocar ali uma almofadinha para uma pessoa aguentar de joelhos o tempo de um pecado. O que ela pretendia, evidentemente, era emboscar o padre Montanha no recato de uma sala, sem o pudor da grade que lhe cortava a visão e lhe impossibilitava o contacto físico. Desejava descobrir a sua expressão numa intimidade, estender a mão para segurar a dele. Queria dar-lhe a entender que o afortunado governador, seu marido, morria de ciúmes dele, para que assim Joaquim percebesse a sorte que também ele tinha por ser digno do seu interesse, da sua atenção. Mas não imaginou que o padre lhe recusasse o capricho, e o seu coração palpitante quase parou quando ouviu o não. Foi uma desilusão, uma desfeita. Dona Ana, contrariada com a inesperada negativa do padre, ergueu-se cheia de nobreza e declarou-se ofendida e que, sendo assim, não se confessava.

— Passe bem — disse, gelada. Voltou costas, foi-se com um amuo, de coluna direita mas de beicinho a tremer de desgosto.

*

Chegou à rua com as pernas frouxas. O bafo quente da manhã sugou-lhe o oxigénio dos pulmões, e Dona Ana teve uma falta de ar. Levou ao seio arfante a mão aflita, parou à torreira do sol de boca aberta como um sapo a respirar em seco. Não havia uma aragem. Esquecera a sombrinha na atrapalhação da saída, mas não quis voltar à igreja para a buscar; faltou-lhe a coragem.

Doente de raiva, deteve-se um instante a recuperar as funções vitais. Depois, mais capaz, atravessou a rua, levando a cauda do lindo vestido — escolhido com esmero pela manhã — a arrastar negligentemente pelo chão de terra.

Entrou em casa muito afectada, muito dramática, consumida pela rejeição, abandonou-se no *maple* da sala a escorrer lágrimas, digna de dó, escondida na penumbra, ao abrigo das portadas fechadas para travar o calor insuportável das dez da manhã. Ali ficou quebrada numa tristeza infinda. Chamou a criada para que lhe trouxesse água fresca e, neste entretanto, recordou-se do padre Montanha na missa e da escrava em pé ao fundo da igreja, de como o tinha achado distante no sermão, sem verve e sem chama. Estava a pensar nisto, a juntar os pontos todos, e, de repente, fez-se luz.

— Ai, o sacrista!

— Credo, minha senhora, que até se me dá uma coisa — apoquentou-se a criada, Cidália, uma salaia típica, de faces rosadas, bem nutrida, cheia de refegos, que viera de Lisboa juntamente com os móveis, as loiças, enfim, as coisas todas de lá, que sem o seu conforto é que não, avisara logo Dona Ana, imaginando Inhambane tal e qual veio encontrar: uma terra rústica, quase selvagem, onde não havia nada.

— Deixe ver a água — ordenou. A outra ficou a vê-la beber, aprumada no uniforme, alisando o avental branco com os dedos gorduchos, mirando a patroa com olhinhos curiosos. Esta mandou-a embora sem contemplação, fazendo um gesto soberano antes mesmo de baixar o copo.

Dona Ana ficou a matutar no padre até ao almoço. À mesa mal falou,

meditabunda, sem fome, a brincar com os restos de um frango frio. O governador encontrou-a abatida, preocupou-se, mas ela disse-lhe que era só o calor que a deitava abaixo. Com efeito, ao fim do dia, passara-lhe o desgosto substituído por um gérmen vingativo, e já o serão ia quase acabado quando ela quebrou o silêncio com esta frase mortal:

— Estou desconfiada de que o padre tem um fraquinho por uma escrava dele.

O governador, incrédulo, baixou o jornal sobre o colo, depositou-lhe as lunetas em cima, abriu a pupila míope, fitou a mulher a pensar se teria ouvido bem.

— O que dizes?

— O padre Montanha leva a escrava à missa — disse —, só tem olhos para ela.

— Mas, filha, se ainda ontem era um santo homem!

Dona Ana encolheu os ombros.

— Ontem era, hoje já não sei.

O momento desagradável no confessional deixou-lhe um travo amargo, um desassossego que lhe ficou a latejar todo o santo dia. «Arre, que a mulher era de uma desfaçatez!» O padre só a suportava por atenção ao governador, embora não partilhasse simpatias com ele; apenas uma amável inimizade. A questão dos escravos trazia sempre grandes convulsões entre os proprietários e o governante. Ora, o padre Montanha, enquanto dono de meia centena deles, já se encontrava naturalmente do lado dos proprietários e, se surgiam problemas — e como eles brotavam facilmente —, procurava geri-los com luvas, colocava-se na posição de mediador. Em todo o caso, não queria que o governador o tomasse de ponta e, por isso, os caprichos da sua esposa mimosa eram uma preocupação.

Supunha que, no dia seguinte, Dona Ana voltaria à igreja com o melindre dissipado, e que regressaria ao convívio eclesiástico sem ressentimentos, já com o humor restabelecido; tudo não passaria enfim de uma fatuidade inconsequente. Mas ela estragou-lhe o dia, pois deixou-o a remoer no incidente, incapaz de o esquecer, de o desvalorizar. Seria uma coisinha de nada se esta fosse a primeira vez, se ela não fosse tão insistente apesar de a sua recusa óbvia em ceder aos apetites vorazes dela. Assim, Dona Ana tornava-se um verdadeiro problema. Ele, conhecendo-lhe o temperamento susceptível, de pavio curto, que se ofendia por um ai, e sabendo-a uma força da natureza, uma influência tão terminante sobre o marido que as senhoras da vila, ressentidas pela pouca consideração que ela lhes tinha, até lhe chamavam a «governadora», cismava com a ofensa que lhe fizera pela manhã e em como haveria de reparar a desfeita. Não lhe convinha nada uma guerra com o marido. Pior, não a queria a espalhar rumores maldosos pelos salões de Moçambique. Mas, logo se indignou, se encarniçou num pensamento feroz contra Dona Ana. «Que diabo, ela é que devia uma satisfação pela falta de respeito à batina, pelo seu atrevimento.» E, como se sentiu nervoso, irrequieto, incapaz de se concentrar, concluiu as obrigações do dia, a volta pelas obras, deixou as beatas no terço das cinco e recolheu a casa.

Precisava de se acalmar, de recuperar a serenidade no remanso do seu jardim de alfazemas, de apreciar o encantador crepúsculo rosáceo da noite a derramar-se sobre aquela terra abençoada e de gozar o consolo da sua cadeira de vime, tomando um refresco de Leonor. A ideia deste pequeno prazer animou-o já um pouco e apressou-o, mas, ao chegar a casa, encontrou-a vazia e sem alma. Passou pelo quarto para despir a batina e dirigiu-se ao jardim a arregaçar as mangas da camisa. Leonor não o foi receber, e até os pássaros de todas as cores, que ele tinha na gaiola grande de arame, no alpendre, para lhe alegrar a vista, se calaram. Nem um pio de boas-vindas. Caiu uma solidão

profunda no belo jardim, um leve prenúncio a tragédia que o perturbou. Leonor aparecia sempre ao dar pela sua presença em casa. Nem lhe ocorreu que hoje ele chegara mais cedo e que Leonor não estava a contar com ele antes da hora habitual. Só pensou que lhe pudesse ter acontecido algum percalço sério, e precipitou-se jardim fora numa passada ansiosa pelo caminho, entre os canteiros floridos que contornavam a casa, conduzindo ao quarto dela nas traseiras.

*

Irrompeu pelo quarto sem bater. Estava vazio. Tinha a janela fechada e, apesar de arrumado com esmero, sentia-se-lhe um ar viciado, um bafio, a precisar de respirar. O padre Montanha, que nunca entrava ali, ficou chocado com as condições. As celas de uma prisão não seriam piores, ajuizou. Era um local apertado, com quatro rudes paredes de alvenaria por pintar, quase todo ocupado pelo frágil catre de pernas curtas e com um colchão de palha às riscas azuis e brancas, sem coberta. Ao lado do catre, um velho e desbotado tapete de motivos orientais, resgatado do lixo de alguém, estava colocado sobre o chão de terra batida. Não havia armário, só uma cómoda coxa, de madeira grosseira. A pouca roupa de Leonor acumulava-se bem dobrada em pilhas, no tampo da cómoda. Ao ver um montinho de cuecas lavadas, ao lado dos vestidos, o padre teve logo o instinto de estender a mão, de apanhar uma peça e de a examinar, mergulhando fundo na intimidade dela; mas os seus dedos detiveram-se no ar, retidos por um pudor divino, uma dignidade que lhe era forçoso manter, uma repulsa pelo pecado. Fechou os olhos por um momento, respirou. O que fazia?

Pensou que era preciso tomar medidas quanto ao quarto; teria de cuidar melhor de Leonor, de ter atenção às suas necessidades. Desejava-a tanto de um modo impróprio e nem sabia que ela dormia sob o seu tecto como um animal doméstico. Ocorreu-lhe que, ainda assim, ela vivia melhor do que os outros escravos nas senzalas e que a libata onde Leonor crescera não era muito diferente deste quarto abominável. Mas foi de pouco consolo o pensamento, porque o padre teve a decência de admitir que este era uma fraca desculpa e que, de modo algum, o desresponsabilizava daquela situação deplorável.

O barulho da água a correr chamou a atenção de Joaquim. Saiu do quarto, contornou a parede exterior e deu por si frente à porta de madeira do cubículo em que Leonor se lavava todos os dias. Ela tomava banho antes de ele chegar, para o receber com a pele fresca e o doce cheiro das flores acabadas de colher. Uma excitação pérvida tomou conta de Joaquim, já a imaginá-la nua, adivinhando cada curva daquele corpo perfeito, vulnerável aos seus apetites. Encheu-se de calores, limpou o suor da testa com as costas da mão. A tentação de um ferro em brasa ganhou vida própria dentro das suas calças, e ele, pobre infeliz, ali paralisado numa inquietação, oprimido pela sua condição impossível, debatendo-se com uma indecisão sem nome, entre a necessidade racional de se retirar e a vontade irreprimível de abrir a porta, de

a deitar abaixo se fosse preciso! De qualquer forma, era só uma simples porta de ripas de madeira apodrecida, quebradiça, riscada por frestas que tanto deixavam entrar a luz como denunciavam a sua presença pela sombra que a cobriu. A vizinha distraída no interior calou uma lengalenga cantada baixinho. Agora não se ouvia nada, só a água a correr, a passar por baixo da porta e a formar uma poça de lama aos pés do padre. Dentro, Leonor não respirava. Fora, Joaquim transpirava. O coração acelerado bombeou-lhe o sangue a ferver, fazendo-lhe latejar as veias nas têmporas, no pescoço, e todo ele já era um descontrolo quando o instinto de macho se sobrepôs ao bom senso cristão. Empurrou de vez a porta, que nem uma bendita tranca tinha para o impedir de ceder ao diabo.

*

— Leonor! — exclamou, com a boca seca. — Estás aqui.

O padre deteve-se, surpreendido, ao vê-la assustada como um animalzinho encurralado, encolhida na sua nudez contra a parede, na qual alastrava uma mancha verde-escura de bolor antigo. Viu-a a tapar precipitadamente os seios, com o braço esquerdo, e o sexo, com a mão direita, aberta, qual parra protectora. Os seus olhos, muito escuros e dóceis, escancarados de espanto, pareceram-lhe depois resignados, como que aceitando a fatalidade. Observando-a assim, amedrontada debaixo do depósito tosco donde caía um fiozinho de água fria que lhe escorria dos cabelos para a face, do ventre para as pernas, perguntou-se, comovido, se Leonor já estaria à sua espera, se previra a inevitabilidade daquele encontro. Ela, intimidada, não disse nada, não o repudiou e não o encorajou. Ele, febril, avançou dois passos, entrou no cubículo, agarrou-a pelos ombros.

— Não tenhas medo — murmurou com a voz embargada.

As suas mãos enormes envolveram o rosto assustado de Leonor, a boca faminta cobriu os seus lábios carnudos, a língua forçou-lhe a boca, sentiu-a húmida, quente. E, na ânsia de satisfazer o desejo, o padre foi desapertando atabalhoadamente as calças, deixando-as cair pelos tornozelos. Puxou-a, depois, pelas nádegas, ergueu-a com uma força brusca, encostou-a à parede, obrigou-a a abrir as pernas, trespassou-a com uma dor desconhecida. Investiu contra ela com virilidade, amparando-a só com uma mão, enquanto a outra lhe espremia desesperadamente um seio e o outro. Cobriu-a de beijos frenéticos.

Leonor sentiu-se presa a ele por aquele membro duro, estranho, que a invadia e que a parecia suster no ar como se ela não tivesse peso. Aceitou submissa a dor inicial, impiedosa, que a rasgava. Passou os braços em torno do pescoço do padre, agarrou-se a ele com todas as forças, aguentou a dor sem um grito, sem um lamento, esperando que ele fizesse o que tinha a fazer. Depois, sentindo o sofrimento a atenuar-se e os movimentos fortes dentro de si a trazerem-lhe já algum prazer, envolveu-o com as pernas, ofereceu-se a ele, ainda que mantivesse a passividade, por não saber como se comportar. Ele ouviu-a gemer baixinho a cada investida e não percebeu se era satisfação ou um queixume triste, mas entusiasmou-se mais e mais até ao fim.

Deixou-a escorregar devagarinho pelo seu corpo abaixo, colocar os pés no chão. Apressou-se a puxar as calças para cima, sentindo-se ridículo naquela posição imprópria. Leonor permaneceu de braços cruzados, a tremer muito sob o fio de água, com os olhos baixos, num silêncio que tanto podia ser de humilde respeito como de grave censura. O padre, ele sim, coberto de vergonha, acabou por apertar as calças com gestos enervados e desistiu de entalar a camisa, porque, reparava agora, tinha estado a tomar duche vestido e porque Leonor, desnuda e indefesa, lhe deu a sensação de ser mais pequenina e jovem do que realmente era.

Esse pensamento intolerável incomodou-o sobremaneira, deu-lhe uma súbita e irreprimível vontade de sair dali, de ir talvez recolher-se na capela, ler um pouco a Bíblia, mergulhar nas reconfortantes páginas da sagrada escritura. Rezar, sim, iria dedicar-se à regeneradora oração, em jejum, até ao nascer do sol.

Constrangido com o silêncio pesando entre eles, o padre estendeu a mão, querendo fazer-lhe uma ternura na cabeça, mas este pareceu-lhe um gesto solidário, contraditório com a sua culpa, e retirou a mão, guardou-a no bolso das calças encharcadas. Elevou-lhe a ponta do queixo com o dedo indicador da outra mão, mas, confrontado com os olhos escuros e tímidos que o olharam, não achou nada apropriado para dizer a Leonor. Ofereceu-lhe só um sorriso arrependido, deu meia-volta e saiu.

A noite foi caindo sem urgência, serena e morna. Cabisbaixo, descomposto, o padre percorreu de volta o caminho florido, deixando infames poças de água sob os seus passos lentos. Entrou em casa, recolheu ao quarto para despir a roupa molhada, mas, antes de o fazer, sentou-se na cama, muito abatido, com uma preocupação, atentando no que fizera, ciente de que falhara a Deus. Era culpado, um miserável frouxo, incapaz de resistir à torpe tentação da carne que lhe estava vedada pelos judiciosos preceitos da Igreja. Preocupou-se ainda que tivesse sido demasiado bruto e egoísta com Leonor, mas logo se animou com a certeza de que ela se recomporia sem mágoa.

Esteve assim a cismar com as suas fraquezas por mais de uma hora, com a alma apertada, sombreado por uma nuvem lúgubre. Despiu a roupa, largou-a num montinho no chão, deitou-se nu em cima da cama, martirizado, pensando que merecia chicotadas, um castigo divino!

Entretanto, a indolência do colchão foi-lhe entorpecendo a consciência ferida, e um sono caridoso toldou-lhe as pestanas, turvou-lhe o espírito fatigado; adormeceu. Acordou pouco mais tarde, despertado pelo rumor de panelas na cozinha. Ergueu-se da cama, vestiu-se devagar, penosamente, recordando de novo a sua desgraça, atormentado com o pecado injusto numa vida sem mácula. Mas um rico aroma de estufado acabado de fazer chegou-lhe às narinas, apetitoso, convidativo, e o padre, sentindo um buraquinho no estômago, acabou de se vestir num instante, enfiou os pés nas sandálias que tinha ao lado da cama e seguiu o cheiro prazenteiro até à sala de jantar, já mais animado, deixando até a Bíblia esquecida no quarto.

*

Leonor veio da cozinha com um tacho de barro fumegante e colocou-o em cima da mesa. Joaquim observou-a, de alto a baixo, perscrutando indícios de ressentimento. Ela não sorriu como era seu hábito, mas também não trazia um semblante carregado e nem demonstrava a melancolia de alguma ofensa sofrida. Antes, pareceu-lhe ver nela um certo acanhamento que não condizia com o seu carácter alegre. A escrava usava um vestido florido, simples, que lhe assentava bem, e uma flor no cabelo, um gladiolo cor de laranja, que era uma inovação, e ele interpretou-a como um recado enviesado da sua boa disposição, como se ela quisesse dizer-lhe que estava tudo bem e que celebrava assim uma etapa da vida. Quis confirmar de viva voz a subtilidade da flor.

— Como estás tu, rapariga?

— Estou bem, senhor padre.

— Hum... — resmungou. — Vai então buscar um prato e um talher. Hoje, jantas à mesa comigo.

Ela foi, sentou-se à mesa, serviu-se com a anuência do padre, e os dois comeram em silêncio.

No dia seguinte, Leonor recuperou a alegria de sempre, e, nos outros que se seguiram, não só estava feliz como se notava nela uma mudança difícil de se explicar por palavras simples. Joaquim, que a vigiava como um falcão, reparou nisso. Dir-se-ia que a Leonor de hoje não era mais a rapariguinha ingénua de ontem. Estava mulher, amadurecida da noite para o dia, mais segura de si. Era isso! Embora respeitosa como sempre, já não era tanto a escrava subserviente, passiva, antes, uma fera amansada, consciente da sua graça felina, do poder do seu corpo e do efeito que este exercia no padre. Pois, se até ali a vida dela não era mais do que o trabalho doméstico em troca de um tecto, alimentação, afortunada por ser bem tratada e por não sofrer castigos corporais, porque naquela casa não havia desumanidades, de ora em diante tinha outra posição: Leonor não era já somente uma escrava com dono; era também a mulher que o padre cobiçava!

Enquanto dono da criatura, um homem livre podia cometer quase todas as ignóbeis arbitrariedades que bem entendesse, no segredo das suas quatro paredes, evidentemente, mas o padre tinha incutida em si uma bondade inata, uma vocação para a virtude. Determinado, ambicioso, apaixonado, sim, e com bom fundo, de índole nobre, talhado para as coisas grandes, de todo em todo afeito a aspirações menores, a atitudes mesquinhas. Leonor, mesmo analfabeta e simples, sem nada saber do mundo que havia para lá de Inhambane, conseguia pressentir-lhe esse temperamento caridoso. Não o receava, gostava dele. De facto, estimava-o muito porque nem a tratava como um animal nem lhe batia. Outras mulheres como ela não tinham a mesma sorte, eram espancadas, abusadas como objectos sem alma.

Leonor, na sua perspicácia feminina, enviara-lhe o sinal da flor, e ele, tranquilizado pelo gladiolo de paz, retribuía em igual medida, convidando-a a sentar-se à mesa. Eles entendiam-se, portanto, por pequenos gestos carregados de significado.

*

O padre Joaquim teria, porventura, a vida facilitada se Leonor tivesse ficado revoltada com ele, pois ser-lhe-ia inconcebível voltar a magoá-la. Ela era só uma escrava negra, com certeza, mas também uma criatura de Deus, e, mesmo não o querendo admitir, o padre ia tomando consciência de que gostava de Leonor pela juventude festiva que resplandecia nela, pelo corpo voluptuoso que o atraía sem consideração pela sua condição eclesiástica, pelo perfume das alfazemas em flor, pela pele macia e brilhante, pelas gargalhadas sinceras que enchiam a casa de abençoada alegria e lhe contagiavam o humor pesado do final dos dias intensos. Leonor tinha o riso fácil das almas inocentes e uma sensualidade impossível de que, mesmo ela, só agora se começava a dar conta. Ter-lhe-ia sido, portanto, mais fácil tê-la contra si, penalizando-o com o sentimento de culpa, pois isso ajudá-lo-ia a esforçar-se para ser um homem melhor, mais puro e imune aos insistentes apelos do Diabo. O padre

haveria de rezar muito para contrariar a tentação, haveria de descobrir forma de a compensar pelo devasso descontrolo de uma só vez. Era necessário que Leonor o condenasse, era indispensável que o rejeitasse! Mas Joaquim compreendeu que Leonor não o queria condenar nem rejeitar, bem pelo contrário, agradava-lhe aquela aproximação, aquela intimidade cimentada na cumplicidade dos corpos.

Nem uma semana passou, nem uma maldita semana, sem que o pobre padre se visse novamente assaltado pelo desejo ardente daquele vestido flutuante que adejava pela cozinha à hora de almoço, revelando as belas pernas nuas de Leonor; ela agora toda insinuante, toda feliz e disponível para o seu padre protector. E ele, quase de raiva, quase querendo desafiar o próprio Senhor todo-poderoso por o encurralar numa situação tão vulnerável, encostou-a à mesa de madeira rija, levantou-lhe o vestido, baixou-lhe as cuecas com um repelão voraz e teve-a sem pejo, com a ferocidade dos sentimentos contraditórios, em cima daquele tampo agreste, cortado inteiro de um sólido embondeiro sertanejo. Nunca lhe concedeu um carinho nos momentos de amor frenético, nunca lhe permitiu o conforto romântico da sua cama celibatária; ao invés, atacava-a sempre nos recantos mais improváveis da casa, possuindo-a de um modo bravio a que ela sabia corresponder, mordendo-lhe os lábios e arranhando-lhe as costas até ficarem em sangue. E, era assim que ele a queria, provocadora e assanhada, porque a tentação incontornável e o doloroso castigo, num acto só, tanto exacerbavam a volúpia como atenuavam a severidade da santa consciência. Viviam neste segredo a semana toda, enredados num jogo de sedução sem regras preconcebidas; Leonor, pavoneando-se descalça à frente do padre, desfilando para cá e para lá, lânguida e apetitosa, desafiando-o com gargalhadas francas, perfumes naturais, sempre muito lavada, muito cheirosa, até ele não poder mais e, no limite da resistência, a atacar com apetites concupiscentes de predador disposto a tudo. Era isto uma vez por semana. Caíam, por fim para o lado, a pingarem o suor exausto da refrega amorosa, saciados depois de sete longos dias de cerco; Leonor, com a triunfante sensação de ser tão dona dele como ele era dela; Joaquim, descoroçoado por sentir que ia perdendo aos poucos a superioridade moral que o distinguia do comum mortal, ou, pelo menos, a que ele sempre pensara que tivera.

Leonor tinha espasmos agudos, náuseas de alto-mar, acordava a contorcer-se com vômitos madrugadores e tomava o chá de raiz de abútua que uma curandeira sábia lhe receitara para os males de barriga. Joaquim não lhe notou qualquer diferença, mas, quando, semanas passadas, lhe percebeu uma preocupação no rosto fechado — vendo que ela já não soltava as gargalhadas costumeiras, apenas sorrisos de boa vontade — e, sobretudo, ao vê-la nua, pôs-se lívido, a cofiar uma barba imaginária no queixo quadrado, mortificado, a antecipar a sua própria desgraça. Leonor engordara, alargara nas ancas, nas pernas, no ventre, e as mamas pareciam ter o dobro do tamanho normal e as auréolas e os mamilos estavam enormes.

Em breve, a gravidez já não se poderia ocultar, nem debaixo de vestidos largos. O padre mandou-a então para uma propriedade sua, no Mongo, onde ficou entregue aos cuidados de outras escravas. Entretanto, procurou o seu íntimo João José Gonçalves, tabelião de notas na vila, a quem confidenciou uma vontade.

— Quero baptizar a rapariga que tenho lá em casa — disse-lhe.

— Mais uma ovelhinha para o seu rebanho?

O padre encolheu os ombros, de olhos no colo, deu um piparote num grão de pó que lhe conspurcava a batina negra, não obstante a maculada bainha estar já castanha do arrastar pela terra na rua.

— O que se puder fazer por esta gente... — disse.

— São uns pobres diabos... — contrapôs o notário, pensativo na sua cadeira giratória de pau com braços, comodidade que encomendara ao carpinteiro e ainda lhe custara uns dinheiros largos.

*

Coziam no forno das três da tarde, amolecidos na maceração do almoço, pesados, destilando calores no escritório de João José Gonçalves, que era só uma casinha modesta, de uma sala, com uma porta e uma janela, além das paredes brancas muito sujas, a lascarem pedaços de tinta seca. Havia uma secretária caótica entre os dois, papelada amarelecida dispersa pelo tampo, burocracia velha, sugerindo trabalho sério, empreitadas que não acabavam.

— A minha rapariga — contou o padre —, quando chegou lá a casa, era um bicho-do-mato, não distinguia um garfo de um calhau. Pois dá gosto vê-la agora, aprumada, trabalhadora, quasi inteligente. — Abanou a cabeça gravemente, sublinhando o quão extraordinário era aquilo tudo.

— O meu padre faz milagres — reconheceu sem esforço o notário, redondinho, anafado, coberto de um luto despropositado no seu fato preto de três peças que encomendara a Lisboa para andar janota e importante, mas que não se adequava minimamente às ruas abrasadoras de Inhambane.

— Qual quê, faço o que posso, com muito boa vontade.
— Cai-lhe bem a modéstia, meu caro, mas olhe que resgatar a criatura ao seu meio selvagem e civilizá-la é obra.
— Esta até já lê algumas letras básicas que eu lhe ensinei.
— Está a ver. É como lhe digo, um milagre!
— Pois que seja — contemporizou Joaquim, desinteressado. — Catequizeia, falta-lhe o baptismo.

— Claro, há que baptizar a criatura.
— Bem! — exclamou o padre, chegando-se à frente na cadeira, e batendo com as manápuas grandes nas pernas. — Mas há uma questão delicada.
— Ai, há? — interessou-se o tabeliãozinho, desenfiando-se do fundo da cadeira e aterrando de cotovelos na mesa.

A mão do padre varreu displicente o ar, como que desdramatizando o suspense.

— É uma questãozinha de nada — disse —, mas que, ainda assim, exige que nós sejamos discretos. A minha rapariga está prenhe.

— Não me diga!

— É verdade.

João José tirou os óculos, deitou-os à mesa, enxugou, com um lenço puxado a fio do bolso das calças, a testa suada pela excitação. Aquilo tinha água no bico!

— E quem foi o valente? — perguntou, nervoso, alisando o bigodinho fino que lhe riscava uma linha por cima do beijo.

O padre atirou as mãos ao ar, exasperado.

— Recusa-se a dizer!

Malandro do padre, pensou o notário.

— Algum mariola! — aventou, encaixando-se novamente entre os braços da cadeira e colocando as mãos pequeninas em cima da barriga gorducha, a gozar o momento.

Joaquim pensou que o rachava, se saísse dali alguma impertinência.

— Bem, amigo João José, o que eu venho pedir-lhe é se aceita apadrinhar o baptismo da rapariga.

O outro já a fazer contas políticas, a cogitar no precioso apoio do padre num futuro próximo, quando estivesse preparado a se abalançar para outras ambições, abanou a cabeça, disse que sim.

— Mas, claro que sim, meu padre, conte comigo.

— Então, está feito — exclamou o padre Montanha. — Agora, para madrinha, estou a pensar na minha beata, a Dona Josepha Apolinária.

— Boa escolha! — aprovou o notário.

— Mas, lá está, temos de ser discretos quanto ao estado da rapariga, porque a viúva é muito católica, muito susceptível, e se calha a saber antes do tempo...

— Esteja descansado — interrompeu logo o amigo João José. — Daqui não sai nada.

Selaram a combinação com um sólido aperto de mão; enfim, a manápula do padre engoliu, triturou a mãozinha mole do notário.

— Ficamos então acertados — disse.

— Absolutamente — confirmou ele.

O padre Montanha foi à sua vida, fazer a ronda das obras, tratar da sua paróquia, e o tabelião de notas ficou à porta, vendo-o afastar-se, como que engolido por uma miragem, exposto à torreira inclemente e ao pó asfixiante da rua. Acenou-lhe um último adeus obsequioso, com um brilho nos olhinhos muito redondos, que todo ele era redondo, pequenino, uma figura falsamente insignificante que contrariava o espírito vivo, a inteligência fina, vibrante de ideias, de iniciativa e de expectativas extraordinárias. Com efeito, no meio da balbúrdia política que ia vigorando em Inhambane por aquela época de grandes instabilidades, o bom do notário acabaria por levar a sua avante e tornar-se presidente da Câmara, ainda que por um breve período. Mas isso seria muito mais tarde, uma empresa bonita que terminaria de forma abrupta e catastrófica com a denúncia de uma representação de treze elementos, mouros e baneanes. Ambos, sarracenos e indianos, haveriam de acusar João José Gonçalves de estar falido e de não ter mais do que a palhota onde vivia, desacreditando-o irremediavelmente.

*

A cerimónia em redor da pia baptismal foi singela e rápida. Compareceram somente os padrinhos, João José Gonçalves e a viúva Josepha Apolinária, o padre Montanha e Leonor. Joaquim, como lhe agradava este nome e não se entendia com os nomes indígenas, decidira há muito chamar-lhe Leonor, oficializando-o agora, e ao qual se juntaram os apelidos dos padrinhos. Ela ficou então com o nome cristão de Leonor Josepha Gonçalves. Considerando que Leonor esperava uma criança sua, o padre achou por bem conceder-lhe a carta de alforria, libertando-a no acto do baptismo.

Tendo em conta a delicada questão da gravidez de Leonor, ponderou também que não seria conveniente continuarem a morar os dois sob o mesmo tecto, de modo que, de ora em diante, Leonor viveria em casa própria. Instalou-a numa casinha na vila, modesta mas com paredes de pedra, coberta de palha, que ele custeou e ofereceu com o pretexto festivo de celebrar o baptizado da landina forra e, evidentemente, de a recompensar pelos mui leais serviços que ela lhe tinha vindo a prestar com enorme zelo.

A criança nasceu seis meses mais tarde, uma menina de pele clara, muito perfeita, conforme sublinhou a parteira negra, abstenho-se de comentar explicitamente a óbvia influência do sangue europeu nas atenuadas feições africanas. Baptizou-a o padre Montanha com os seus próprios apelidos, Eugénia Maria Rita Montanha, para colmatar a ingrata condição de ser filha de pai incógnito.

Tal como na primeira gravidez de Leonor, o padre mandou vir, da sua propriedade em Mongo, Não Val Nada, uma mulher enfezada, de peles flácidas, chupada de cara, escrava landim de muito trabalho que pairava silenciosa pela casa, sempre muda e assombrada. Esta encarregou-se das tarefas domésticas, enquanto Leonor esperava o segundo bastardo longe das vistas do padre, ao arrepio das intrigas.

Foi já noite dentro, a vinte de Novembro de 1847, que o bebé de Leonor soltou o seu primeiro suspiro, logo seguido de um berreiro perfeitamente inconveniente e que se propagou pela vila à hora em que Joaquim descia a rua poeirenta para conhecer o seu filho de pai incógnito. O padre deteve-se por um instante a escutar o milagre. Um frémito auspicioso abalou-o dos pés à cabeça. A lágrima sensível assomou-lhe aos olhos agradecidos que ergueu para o céu, e, nessa límpida noite africana, ele testemunhou uma chuva de estrelas cadentes que logo interpretou como um fogo-de-artifício de Deus para celebrar o nascimento do seu rapaz.

Encontrou-o nas mãos experientes da parteira negra, já limpo e embrulhado num pano indígena de cores alegres. Eugénia dava saltinhos ao lado da cama, batia palmas, soltava gritinhos felizes. Joaquim tomou nos braços o frágil embrulho, e, espreitando pela abertura do pano, o pequenino arrulhou um sorriso que contagiou o padre para a vida.

*

Suspenso num sorriso tolo, Joaquim olhou em redor à procura de lugar onde deitar a criança. Não havia. O quarto, simples, bruxuleava à luz das velas e todo ele gemia quando se dava um passo no soalho sofrido de madeira crua, mal assentada. Lá estava a cómoda maciça que em tempos ele mandara carpintear para ela, e o guarda-fatos com porta de espelho que o padre resgatara, coberto de pó antigo, do armazém onde o depositara depois de o substituir por outro novo, no seu próprio quarto. As paredes nuas, caiadas de branco, davam ao quarto uma frescura rústica. Não se via uma referência pessoal, um quadro, uma jarra, nada de bonito ou de valor, tudo ali era básico, sem história, sem gosto, exceptuando talvez o guarda-fatos, dissonante, pesado, quase ameaçador quando se calcava a tábua saída de baixo e o móvel se inclinava perigosamente para a frente como a Torre de Pisa. Este tinha mais espaço do que Leonor precisava para guardar a sua roupa e a das crianças, mesmo que acumulassem os trapos de uma vida inteira. Abrindo-se a porta de espelho, havia dentro quase um segundo quarto, um exagero, uma extravagância para uma indígena que viera do mato. Enfim, pensou, o tugúrio não o envergonhava, e pelos olhos de Leonor via-se um palácio. De qualquer modo, não lhe poderia proporcionar melhor do que aquilo sem suscitar um ai-

jesus de conversas por essa vila de gente mexeriqueira, e ele já tinha a sua quota-parte de intriga.

Joaquim entregou o bebé à mãe, depositou-lho nos braços cansados pelo parto sofrido. Ela marinava numa sopa de suores quentes, tapada só com um lençol de vergonha, por causa do padre, mas via-se-lhe grande felicidade no rosto brilhante, no sorriso franco, nos olhos muito escuros, muito vivos. Em redor da cama, percebia-se a batalha acabada de travar, despojos sangrentos, panos escarlates, um alguidar de águas turvas.

— Como estás tu, rapariga? — perguntou-lhe, tal e qual como fizera após a primeira vez deles, quando a convidara a sentar-se à mesa de jantar, concedendo-lhe com esse gesto magnânimo a dignidade da igualdade, privilégio de mulher livre. Leonor, que nunca esquecera essa sua generosidade, reconheceu o código e respondeu-lhe também com as mesmas palavras que dissera então:

— Estou bem, senhor padre.

— Hum... — resmungou Joaquim. — Escuta, qualquer coisa de que necessites mandas dizer-me lá a casa.

— Sim, senhor padre.

— Bem, então, agora vou. — Acocorou-se ainda defronte de Eugénia. — Tens um irmãozinho muito bonito — disse-lhe. — Parabéns.

— Tenho, tenho! — exclamou a pequena, radiante.

Fez uma festa na cabeça de Eugénia, ergueu-se. A parteira negra, sentada numa cadeira de pau com os dedos grossos entrelaçados no colo, levantou-se respeitosa. Ele dirigiu-lhe um sorriso, agradeceu-lhe com um sinal de cabeça e saiu.

*

Baptizou o bebé um mês e cinco dias passados, a vinte e cinco de Dezembro e, por isso mesmo, deu-lhe o nome cristão de Luiz da Natividade Montanha. Deitou-lhe a água benta na cabecinha morena com uma ternura sincera e uma emoção humedeceu-lhe discretamente

as pupilas. O bebé, todo enfolhado de branco no vestidinho de baptismo, chorou um protesto breve.

Os padrinhos, a vela, o vestido; toda a cerimónia fora organizada pelo padre Montanha. No total, estavam quatro adultos embevecidos em redor da pia baptismal, excluindo Não Val Nada, plácido espectro que assistia de longe, num recanto sombrio da igreja.

Os padrinhos eram de famílias respeitáveis, gente de consideração de Inhambane. Em atenção ao padre, foram testemunhar a entrada do neófito na comunidade católica. Embora percebessem o interesse particular dele por aquela criança, tiveram a delicadeza de manter até ao fim a farsa de estarem ali somente por caridade cristã. Joaquim, agradecido, apreciou muito a disponibilidade dos dois.

*

Anos antes, quando do nascimento de Eugénia, Dona Ana, despeitada pela

rejeição do padre e encolerizada pela concorrência indigna, invadiu-lhe a sacristia, onde ele se desparamentava após a missa das sete, fechou a porta e trancou-a sem uma justificação.

— Dona Ana?! — admirou-se Joaquim, sentindo-se enfim encurralado, após meses de uma perseguição metódica. Ao ver o rosto sanguíneo da mulher, procurou amaciar-lhe os humores com uma blague. — O que a traz aos bastidores do Senhor?

— Ao covil, quer o senhor dizer! — despropositou ela, entendendo que, por senhor, o padre se referia a si mesmo.

— Referia-me ao Senhor todo-poderoso — esclareceu ele, seco. E ela, percebendo o engano, sentiu-se tola, perdeu o balanço da fúria, embatucou numa vergonha e num rubor de faces.

— Ah, esse... — disse, quase desiludida.

O padre ergueu uma sobranceira circumspecta e acabou de dobrar os paramentos.

Mas Dona Ana conseguiu recuperar da contrariedade e logo mudou de estratégia. Levou a mão ao peito arfante, soltou um suspiro de passarinho triste, tremeu-se-lhe o labiozinho e duas lágrimas grossas encheram-lhe os olhinhos desolados. O padre, perplexo, abriu-lhe os braços, consolou-a.

— Então, Dona Ana, o que é isso?

— Ai, meu padre, estou um frangalho — chorou-se ela, muito queixosa, já aninhada nos braços dele, encostando a cabeça ao peito largo.

— Mas o que tem, minha amiga?

— Nem sei, nem sei. Estou triste, sinto-me só, dá-me para chorar. — E nisto, segurou na mão dele, chapou-a no seio. — Vê como me corre o coração? É o senhor que me faz isto, meu querido padre.

Ele, atrapalhado, quis retirar a mão, mas Dona Ana, muito resoluta, aferrou-se a ela como que à vida e, com as suas duas, obrigou-a a fechar-se sobre o seio, tomando-lhe a forma, sopesando-o, ainda que involuntariamente. Estiveram nisto uns segundos constrangedores a lutarem pela mão dele, até que o padre, mais forte e determinado, a arrancou do peito dela com um puxão decisivo.

— Dona Ana, pelo amor de Deus! — censurou-a.

Desta vez ela não teve qualquer constrangimento, e insuflou-se toda numa fúria, dardejou faíscas dos olhos, desconsiderou-o com tamanha desfaçatez que o apanhou desprevenido, ao vê-la perder as estribeiras assim de repente.

— Porque não me quer o senhor? Porventura, não estou à altura da sua escrava? Dessa... dessa preta com quem o senhor anda a privar em alcofas secretas?

O padre, estupefacto, mas também agora encolerizado, sobrepôs à voz dela e em crescendo o seu vozeirão atordoador.

— Basta! Não lhe admito essas desconsiderações.

Num golpe de teatro, ela acalmou num instante, encolheu os ombros, disse:

— Se não fossem verdadeiras...

— Calúnias, é o que são, miseráveis calúnias!

— Pois que sejam, já que não as reconhece.

Ele, perdendo definitivamente a paciência, agarrou-a por um braço, arrastou-a até à porta, abriu o trinco.

— Ponha-se daqui para fora!

Quase a atirou, de facto, descomposta, trôpega no sapatinho chique, indignada, com um pasmo no semblante. Dona Ana ainda foi a tempo de endireitar as costas, de levantar o queixo e de arrebitar o narizinho, antes de o padre lhe fechar a porta na cara com um estrondo que ressoou pela igreja e que alertou as beatas atentas, interrompendo-lhes os murmúrios dos terços que rezavam debaixo da abóbada central. Estas vieram, a medo, espreitar o que se passava por detrás do altar, mas Dona Ana passou por elas altiva, sem lhes dar o gosto de lhes dirigir uma palavra.

*

Um mês depois, Dona Ana foi-se de Inhambane com os seus trastes, a sua criada e o seu conforto, porque, por um afortunado lance do destino — para o padre, bem entendido, não para ela —, o marido recebeu ordem do governador-geral para partir de urgência daquela «terra de boa gente» — como lhe chamara Vasco da Gama quando por ali passara, em 1498, a caminho da Índia —, para ocupar posto noutro buraco do fim do mundo — como lhe chamou Dona Ana, triste e deprimida com a sua pouca sorte. Contudo, a desventura dela fazia a felicidade do padre. Este, tão entusiasmado ficou que cedeu uma das suas lanchas ao governador para o transportar ao brigue que por ele aguardava, numa quarta-feira soalheira, espelhando um quadro romântico nas águas plácidas da baía. Desejoso de os ver bem longe de Inhambane, o padre Montanha apressou a mudança, cuidou pessoalmente das coisas práticas, providenciou escravos. O governador agradeceu-lhe muito, elogiou-lhe a generosidade, surpreendeu-o com um abraço comovido, já arrependido dos seus desentendimentos, «coisas de nada, exagerações no calor das disputas», disse-lhe, penalizando-se por terem privado tão pouco. Confessou-lhe maravilhas do padre, da sua visão, da obra extraordinária que este estava a fazer em Inhambane e que, tinha a certeza, seria reconhecida ainda nos séculos vindouros. Depois, já a bordo do veleiro, teve ainda um desabafo enternecido para com Dona Ana.

— Homem raro, este padre Montanha — disse.

Ela, desconfiada da boa vontade do padre, replicou-lhe com um azedume:

— Ele quer é ver-nos pelas costas.

Embora tivesse partido definitivamente, Dona Ana deixara ainda frescos os destroços de uma tenebrosa campanha para desacreditar o padre Montanha. Durante o curto período que mediara a humilhação que ela sofrera na sacristia e a viagem para o «outro buraco no fim do mundo», Dona Ana denegrira o padre com dedicação, fizera os seus estragos na reputação dele. Astuciosa, foi incutindo o veneno agudo nas almas puras das beatas que pululavam pela igreja, que se benziavam perante o altar marmoreado, defronte das sagradas figuras brilhantes de ouros pintados em madeira esculpida, e que se ajoelhavam nas costas dos bancos corridos, rezando terços eternos.

Dona Ana, habitualmente exuberante nas cores — vestia os amarelos, os marfins, os verdes-água —, preferia agora o rigor do preto para a igreja, não transigia mais do que um sóbrio azul-marinho, e cobria o rosto com um véu escuro, muito casta, muito devota. Aproximou-se da viúva Josepha Apolinária, fez-se amiga dela, convidou-a para casa, ofereceu-lhe um refresco, infundiu-lhe a dúvida sobre as intenções do padre, estranhou a presença «daquela criatura», na missa, que o dispersava tanto nos sermões.

— Não reparou nisso? — perguntou.

— Ai, filha, reparei, reparei.

— E, agora esta criança...

A viúva benzeu-se cheia de escrúpulos.

— Valha-me Deus!

— É tudo tão estranho. — Deixou cair esta perplexidade. — Toma mais um pouco de refresco?

A velha senhora, toda enrugada no canapé, mirrada num luto severo, aceitou mais um pouco. A mão trémula esticou o copo, Dona Ana encheu-o. A beata bebeu logo meio, como se quisesse afogar a angústia. Estava a pensar que fora madrinha da criança; não imaginara nada de mal.

— A senhora acha que o padre Montanha seria capaz de uma coisa dessas?

Dona Ana, pesarosa, fechou os olhos, fez que sim com a cabeça, pausadamente, com a gravidade deliberada de um cálculo.

— Eu custa-me acreditar — disse, maliciosa —, mas é tudo tão evidente, tão óbvio. A senhora sabe como são os homens.

— Mas este é um homem de Deus!

— Tem toda a razão, Dona Josepha, não ligue, estamos a presumir sem uma prova. Até me sinto mal! Mas é que todas estas coincidências deixaram-me, realmente, sem saber o que pensar.

— Pois, olhe, se calhar, o melhor é não pensarmos.

— Sim — disse, pensativa. — Seria um escândalo e tanto...

— Não posso acreditar, não posso acreditar — dizia a viúva, abanando

nervosamente o leque à frente do rosto de cera, a estalar de rugas, qual um antigo retrato a óleo a precisar de restauro.

— Dona Josepha, isto é tudo um disparate — reconsiderava, no entanto, Dona Ana, dando o dito por não dito, suavizando a acusação. — O padre Montanha é uma jóia de pessoa, certamente que ele não seria capaz de abusar da pobre rapariga.

E assim ficou o assunto a pairar, nebuloso e intrigante, sem que ela lhe tocasse mais. Dona Ana mudou de conversa, mas a viúva devota ficou a remoer aquilo e no dia seguinte lá foi desolada comentar com as outras beatas, e, em breve, a suspeita era já uma certeza, e a conduta do padre uma desilusão, um desconsolo. Embora não tivessem coragem para o confrontar abertamente, as beatas piedosas faziam silêncios pesados, olhavam-no de lado, com maus modos, traziam uma censura no rosto. Havia uma hostilidade no ar.

*

Mas essa época difícil dissolveu-se na indolência dos trópicos, dado que fazia um calor intenso e que as vidas se arrastavam penosas, sem entusiasmo até para darem sequência a um mexerico a que o padre optava por não conferir importância. Às carantonhas condenatórias das beatas, ele respondia com um sorriso agradável, uma palavra simpática; desarmava-as com a indiferença. Depois, a partida de Dona Ana deixou a intriga órfã da principal instigadora, desfazendo-se como os frágeis nós de um cordel embaraçado.

O padre Montanha andava agora mais leve, muito activo com as obras da nova igreja da Nossa Senhora da Conceição que, ambicionava ele, haveria de ser majestosa, com a torre do sino, a fachada monumental, a grande porta de madeira em arco. Mas era um trabalho infundo, corria devagar. Como tudo em Inhambane, os trabalhos arrastavam-se numa mediocridade gritante, numa moleza de estalo. Era uma tábua hoje, outra tábua amanhã, enfim, carpinteirou-se a custo, à vista do mar sereno nos dias plácidos, ali mesmo atrás, liso como vidro, espelhando o sol aberto e inclemente, um esplendor de luz que realçava o verde das palmeiras estendidas até à praia, inclinando-se pachorrentas sobre as águas cálidas da baía, o branco do casario adormecido à hora de almoço, o vermelho terroso das ruas de poeiras escaldantes que permaneciam desertas até ao alívio do fim da tarde. Em suma: tudo se movia sem pressa, ao ritmo sofrido dos dias demasiado quentes. Faltavam-lhe os materiais, a mão-de-obra qualificada, a vontade, sobrava só o inabalável entusiasmo do padre.

A SINISTRA TRINDADE

Antes de chegar a Moçambique, Joaquim nunca se inteirara das virtudes da política, do poder ou do dinheiro, a «sinistra trindade», como chamava a estes três ingredientes que davam sabor à vida, mas que ele reputava de terríveis corruptores da alma. De resto, antes de embarcar na aventura africana, o padre não imaginara que mais tarde, na sua dedicação a Deus, haveria de recorrer a muitos expedientes que se revelariam vitais para concretizar a sua missão, quando não para garantir a própria sobrevivência, e, nessas circunstâncias raras, a «sinistra trindade» ser-lhe-ia uma vantagem inestimável.

Um dia, olhando para trás, revisitou de memória os corredores gelados do Convento dos Capuchos e, nessa evocação imprevista, ressaltou-lhe a nostalgia da inocência de uma infância de banhos frios, de camaratas intimidadoras, de silêncios profundos. No seminário, aprendia-se a lição severa das almas puras e despojadas, educadas na penitência da disciplina e na oração. Em boa verdade, em miúdo, interessava-lhe pouco alcançar a perfeição cristã com que os padres franciscanos tanto insistiam em o catequizar. Era a ambição da sua piedosa mãe, não tanto a dele. A Joaquim interessavam os desportos ao ar livre, correr, jogar com uma bola de trapos. Mesmo assim, algo ficou da persistente doutrina dos padres, porque um dia, jovem adulto, ele teve a sua epifania, quis enfim aceitar a educação religiosa que o preparara para a vida eclesiástica. Era um frade da Terceira Ordem Franciscana, recém-formado, e começava a aperceber-se do respeito e da autoridade que o hábito castanho lhe granjeava no mundo real.

*

O reino de Portugal, saído há pouco de uma guerra civil, respirava ainda uma hostilidade para com a Igreja. Pairava um sentimento anticlerical. O confronto desabrido entre os irmãos D. Miguel I, usurpador da Coroa, e D. Pedro IV, regressado do Brasil, terminara enfim em 1834, com a vitória deste último e uma vez assinada a capitulação miguelista na convenção de Evoramonte em finais de Maio. Não obstante o triunfo das armas, D. Pedro fora derrotado pela tuberculose e, assim, condenado pela doença. Morreria em Setembro, com apenas trinta e cinco anos, não sem antes precaver o futuro da Coroa, abdicando da regência do Reino. As Cortes da Nação Portuguesa, reunidas solenemente, tinham declarado maior de idade D. Maria da Glória, sua filha de quinze anos, tornada então rainha com o nome de D. Maria II. Portugal retomava a paz, mas persistia num ressentimento pelo apoio do clero a D. Miguel durante o conflito, de modo que, antes de partir para o reino de Deus, D. Pedro desferiu um último golpe devastador na Igreja.

De uma só vez, Pedro condenou o irmão Miguel a um exílio perpétuo e determinou a extinção das ordens religiosas. Doravante, aboliam-se os

mosteiros, conventos, hospícios, colégios, e as restantes casas das ordens religiosas regulares e os seus bens secularizados e incorporados na Fazenda Nacional. O decreto fatal foi assinado pelo ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, que desta forma ganhou o cognome de *Mata Frades*. Este, eufórico com o diploma histórico que ele acabara de oficializar, redigiu ao rei uma carta triunfante: *Senhor: Está hoje extinto o prejuízo que durou séculos, de que a existência das Ordens Regulares é indispensável à religião católica e útil ao Estado, e a opinião dominante é que a religião nada lucra com elas, e que a sua conservação não é compatível com a civilização e luzes do século, e com a organização política que convém aos povos.*

*

Passavam-se dificuldades e, em Lisboa, Joaquim vivia este sufoco diário com uma crescente frustração. O governo retirara à Igreja a sua riqueza, cortara as pernas ao clero para lhe limitar o poder, a influência económica e social, e os jovens padres como ele, alheios aos sofisticados bastidores da fina intriga política, testemunhavam, impotentes, a miséria que alastrava pelas ruas a olho nu. O país soçobrava, depauperado por guerras infindas, e a capital era a mostra da pobreza nacional. Havia fome, o quotidiano resumia-se à sobrevivência e a Igreja debatia-se sem recursos para acudir a tanta gente.

Em contrapartida, Joaquim sentia-se inconformado, tornava-se ambicioso. Agora interessava-lhe produzir algo extraordinário, queria fazer obra, pensava em grande. Por cada indigência que observava, ocorria-lhe um plano de fundo, entusiasmava-se, desenvolvia um projecto, levava-o ao superior. Mas era tudo impossível, nada se concretizava; não havia dinheiro, instalações, vontade; as propostas esfumavam-se no papel, perdiam-se no gabinete do pároco, adormeciam na gaveta do secretário do bispo.

*

A ideia de partir começou a ganhar forma numa manhã em que, descendo ao rio pelas Janelas Verdes, Joaquim deu consigo no Cais do Sodré a observar com melancolia uma corveta imponente, deslizando defronte dos seus olhos, fazendo-se ao mar. Pensou em África, um mundo novo, onde, considerou ele, as pessoas não baixavam os braços, o clero continuava a ter um papel determinante e, apesar de tudo o que se passava na metrópole, a ajuda da Igreja ainda era bem-vinda. Sim, África — Moçambique, talvez — poderia ser a solução para o seu desapontamento com o quotidiano derrotado de Lisboa, esta fraqueza de gente sem nervo! Portugal era pequeno para a sua ambição, pensou, sonhando já com a aventura africana, com a vastidão das planícies douradas, com pretos e animais selvagens. Ponderou no extraordinário trabalho de evangelização que se devia fazer junto dos povos indígenas e como seria gratificante levar-lhes a civilização e a luz.

À noite, Joaquim teve uma recepção secante, ali no Chiado, a que não ousou faltar por ser o aniversário de sua mãe e por saber que ela ficaria mortalmente ofendida se ele lhe falhasse. Já não estava acostumado aos serões de sociedade; preferia a companhia singela dos pobres que o idolatravam e lhe

davam uma importância deslumbrada, que punham nele uma esperança desmedida e lhe seguiam os conselhos. Com estes, era sábio; com os outros, sentia-se estúpido, um néscio deslocado no seu hábito simples e no cordão branco de três nós. Impacientava-se com as conversas de salão, que reputava de uma ignorância imbecil, desfocadas da realidade. Mas a mamã fazia questão de o ter, orgulhava-se de o exibir às amigas. Ela ia diariamente à missa ao Chiado, à igreja da Encarnação, mas o filho padre era como que a prova viva da sua profunda devoção. Joaquim percebia isto, e não lhe agradava a ideia de que a mãe pudesse gostar mais dele por ser padre, mas tinha uma infinita paciência com ela, não a contrariava. Visitava-a duas vezes por semana, aturava-lhe as peculiaridades. Já o pai, recatado na pacatez de um longo matrimónio e honrado na sua fé, ostentando até o título de cavaleiro professo da Ordem de São Tiago da Espada, embora tivesse orgulho no filho padre, era também um entusiasta da carreira militar do outro filho, Francisco, em quem depositava grandes esperanças.

*

Demorou-se pouco, saiu cedo e, de volta, querendo aproveitar uma das primeiras noites temperadas de Junho, foi a pé. Passando defronte do Convento do Carmo, apreciou o perfume dos jacarandás-mimosos que alegravam de lilás o largo, subiu o Chiado em tom de passeio, gozando a claridade deslumbrante do firmamento estrelado. Pouco depois, encontrou o bom do padre António, do Loreto, que vinha a descer a rua e que o saudou com a sua alegria natural, sempre exuberante, anafado, sanguíneo. Conversaram da vida, das dificuldades; Joaquim confessou-lhe a vontade de partir.

— Estou a pensar seriamente em Moçambique — disse.

— Faz você muito bem — aprovou o padre António. — Essas coisas não são para mim, que estou velho, mas você aproveite, homem, se é para ir é agora, que é jovem.

— Sim, tem razão.

— E a falta que fazem os padres em África. Ainda no outro dia me comentaram, um rapaz com comércios em Moçambique, que há para lá comunidades inteiras, vilas tão portuguesas como as nossas de cá, onde não se vê um padre, não se casa ninguém, não se baptiza uma criança, vivem em pecado, olhe, como podem! Enfim, é um marasmo cristão.

— Pois, é isso mesmo — disse Joaquim, abanando a cabeça pensativo. — Moçambique, faltam padres, quero ir...

— Então vá, vá lá converter aquela gente inculta, que eu cá também vou à minha vida. Tenho gente à espera. Folguei em vê-lo, meu rapaz. — E, apertando-lhe a mão entre as suas polposas mãoszinhas, largou a descer a rua, gritando um derradeiro «adeus, meu rapaz, vá para Moçambique, vá, vá, vá, vá, vá!, que faz lá falta. Aqui, tropeça-se num padre em cada esquina!»

*

Joaquim foi andando, ainda com o eco do padre António «vá, vá vá, vá,

vál!», dando-lhe ânimo para partir. Em passando ali ao São Carlos, surpreendeu um casal que chegava numa tipóia de praça, dando-se com um pedinte pestilento que o barrou por uma esmola quando se apeava da carruagem. A senhora, muito incomodada nas suas sedas, fez um trejeito de nojo, teve medo, enquanto o *gentleman*, furioso, o enxotou sem contemplações. Este país era uma sarjeta, ouviu-o Joaquim desabafar com a mulher, antes de serem acolhidos pelas luzes do magnífico átrio do teatro. Joaquim abanou a cabeça desconsolado, foi ao encontro do pobre, conversou com ele, ofereceu-lhe uma moeda. Depois, a caminho de casa, voltou a pensar que em Lisboa estava condenado àquilo: a remediar com uma moeda inútil a atitude néscia dos homens de consideração, da gente abastada e educada no bom gosto, que cultivava o desprezo e o distanciamento dos maltrapilhos. Joaquim ponderou que estas cavalgadas sem consciência social, quanto mais criticavam o pobre e o ignorante menos contribuíam para melhorar o país, e nem sequer se apercebiam de que caminhavam a passos largos para mais uma revolta, para mais uma revolução, e que esta, porventura, lhes tiraria as regalias e os lançaria numa banal existência de classe média. Ou, pensou melhor, talvez não se chegasse a tanto; enfim, os ricos seriam sempre ricos, com monarquia ou república, ou outra coisa qualquer. Em todo o caso, ele é que já não convivia bem com aquela impotência, com aquela impossibilidade de fazer obra.

*

Agora que se decidira, Joaquim arrumou a sua vida em Lisboa com pressa de partir, e cada dia que demorava — a autorização superior que não vinha, o papel que faltava, a escolha da terra para onde o enviar que titubeava — era uma grandessíssima estopada, um exaspero infinito. Cansado de palmilhar os corredores da santa Igreja, mesmo recorrendo a contactos influentes junto do patriarcado para apressarem o processo, Joaquim lamentava-se, a quem o quisesse ouvir, que neste país de boa mesa e de vinhos esmerados um almoço demorava uma tarde e depois nada funcionava: não se tomavam decisões, um papel era uma epopeia. O bispo arrotava o assado de uma longa refeição em que se cozinhavam belas intrigas eclesiásticas, não lhe restava tempo para nada. E, as semanas iam passando e o processo soçobrava numa pilha, numa torre de papel à mercê da boa vontade do secretário do bispo, que exercia o seu pequeno poder adiando o visto da autoridade, pois não havia maneira de levar os papéis ao dignitário assoberbado de almoços. Era descoroçoante.

Enfim, conseguiu, já nos finais desse ano de 1836. Embarcou em Setembro e fundeou na capital, a Ilha de Moçambique, após uma viagem pacífica de doces mares e de ventos propícios. Estadia curta, pois logo foi colocado em Inhambane, onde chegou nesse mesmo mês, à boleia de uma lancha manejada por um piloto experiente que sabia evitar os baixios e outras armadilhas da baía de águas traiçoeiras, cuja navegação exigia grande perícia. Arribaram num terreno pantanoso e incómodo para se desembarcar, à beira de casebres toscos, erigidos com estacas, paredes de terra e cobertura de palha. Em breve,

Joaquim descobriu que era assim a maior parte das casas da região.

*

Estava um dia ardente, como pareciam ser todos naquela terra bravia. O sol batia de chapa, não havia uma aragem. O chão, seco, estalava por baixo das sandálias do padre. A poeira, abrasiva, queimava-lhe os pés. Joaquim transpirava copiosamente, abafado nos tecidos robustos do hábito conventual. Olhou em redor e não havia vivalma, olhou para trás e a lancha já lá ia. E, assim, foi andando até à velha igreja que ele encontrou vazia. Pousou no chão de pedra o saco com os seus pertences, limpou com um lenço o suor da testa, do pescoço, soltou um suspiro silencioso, percebeu que tinha pela frente bastante trabalho.

Foi conhecendo as pessoas nos dias seguintes, os europeus sobretudo, que eram muito poucos nessa época. Os brancos escasseavam em Inhambane, o contingente militar que ocupava o forte era exíguo, a igreja não tinha um padre há três anos.

Joaquim celebrou o primeiro baptizado no dia dez de Outubro. Notou, agradado, que, apesar de extintas as ordens religiosas, em Inhambane a separação entre a Igreja e o Estado não podia estar mais longe da realidade. O padre era um funcionário do Estado, do qual recebia um vencimento. Joaquim encarregava-se dos deveres do culto: baptizava, casava, enterrava os cristãos. E também redigia documentos jurídicos, como a certidão de baptismo que fazia prova de nacionalidade, ou as estatísticas oficiais, e ocupava um lugar na mesa da urna para as eleições municipais, cujo voto decorria na igreja.

A sua ideia, o seu grande propósito desde logo, foi erigir uma igreja nova, dado que ele se deparou com a concorrência muçulmana, muito presente ao longo da costa; além do mais, a igreja seria um legado para as gerações futuras. Havia que construí-la a todo o custo.

*

Os primeiros anos em Inhambane foram relativamente pacíficos, não obstante as relações sempre instáveis com as tribos vizinhas, também estas normalmente tensas entre elas. Os dezanove grupos tribais da região guerreavam-se pelos territórios, forçando as migrações dos povos derrotados que não se sujeitavam ao domínio dos vencedores. Para os europeus, as expedições ao interior do continente eram arriscadas, dada a inferioridade numérica dos efectivos, e as operações militares não iam além das oito léguas de distância de Inhambane. No entanto, o comércio de escravos continuava, se bem que nem sempre isento de problemas. O mais grave desde a chegada de Joaquim a Moçambique passou-se em finais de 1840, tinha o padre quatro anos de residência na vila.

O padre Montanha despertou de uma noite mal dormida com o sobressalto de uma premonição funesta. Permaneceu sentado na cama, estremunhado, a relembrar o dia anterior que trouxera à vila sinistras conspirações. Fora dormir já tarde, com a consciência tremenda de uma revolta iminente e agora, acordando, teve de reviver tudo e de admitir a si próprio com um suspiro contrariado que o conflito existia mesmo, que era sério e, bem, que ele tinha mais uma jornada difícil pela frente, tanto mais que sendo oito de Dezembro, dia da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, se misturava o espírito santo com o ressentimento agudo.

O ambiente podre sentia-se nas conversas segredadas pelas ruas, nas reuniões secretas que se sucediam entre os moradores principais, à revelia do governador Azevedo Campos. Na noite passada, os seus amigos próximos haviam-no encarregado de uma derradeira conversa de desagravo com o governador. O homem teria de ceder, tinham-lhe dito, caso contrário estava o caldo entornado. E o padre a pensar que entornado ele já estava, mas que, para bem de todos, teria de fazer os possíveis para conciliar as duas partes.

Tomou o pequeno-almoço na cozinha, servido por Leonor, comeu um pedaço de pão, bebeu leite. Ela, alegre na sua ingenuidade simples de todos os dias; ele, macambúzio com o enredo armado à sua volta e que agora carregava sobre os ombros, por força da posição destacada que tinha na vila. Representava a autoridade da Igreja; todos, ricos e pobres, olhavam-no como mediador das questões que iam surgindo, viam-no como o arauto do bom senso e, em geral, acabavam por aceitar os termos da sua moderação.

*

Ainda não eram nove e meia da manhã e a procissão já estava pronta para sair da igreja. A população em festa juntara-se cedo para evitar o sol a pique, mas fazia já bastante calor quando os soldados, formados no adro da igreja, dispararam três salvas em honra da padroeira da vila, a que o quartel respondeu com vinte e uma salvas de canhão.

À cabeça da procissão, que saíria logo a seguir para cumprir o percurso tradicional, estavam alguns dos mais distintos moradores e o governador Azevedo Campos. Houve palmas de júbilo e de grande contentamento com a troca do fogo de pólvora seca. O padre Montanha localizou o governador e furou por entre a alegria do povo para o alcançar diante da imagem esculpida da padroeira, colocada em cima de um pedestal enfeitado com folhas de palmeira. Cumprimentaram-se cordialmente, trocaram algumas palavras inocentes, comentaram o calor que fazia. O governador, raposa velha, foi medindo o padre, avaliando a sua atitude na expectativa de que viesse dali algo mais do que os comentários banais sobre o calor de sempre. Com efeito,

os quatro homens ergueram a imagem para a carregar em ombros, e o padre inclinou a cabeça e segredou ao ouvido do governador.

— Gostaria de lhe dar uma palavra mais logo à tardinha — disse.

— A minha casa está sempre aberta para si, caro padre Montanha — respondeu de pronto o governador.

E, assim ficaram; o padre assentiu com a cabeça, tomou o seu lugar à frente da imagem da Nossa Senhora da Conceição, à sombra de um toldo móvel de damasco, levado por outros quatro homens, e a procissão iniciou o percurso pela vila, em direcção ao quartel, onde seria recebida com honras militares.

*

Mais tarde, na confusão feliz da festa popular que animava o largo defronte da igreja, o padre foi abordado pelo seu amigo, o major Liberato Vaz, que lhe travou familiarmente o braço, encaminhando-o para um espaço retirado, afastado do bulício da música e dos foguetes que já estalavam no céu límpido de um azul muito claro e que se dissipavam em nuvenzinhas como fumo fátuo.

— Então, padre — perguntou —, o que disse o homem?

— Nada, major, ainda não falei com ele.

— Mas vai falar, não vai?

— Vou. Combinámos um encontro ao fim da tarde, em casa dele.

O major passou uma mão vigorosa pelo seu bigode farto, cheio de impaciência, sempre com um tique nervoso que o fazia piscar muito os olhos.

— Como lhe pareceu ele? — indagou, querendo arrancar-lhe mais um pedaço de informação, fosse o que fosse.

O padre encolheu os ombros, sem muito para dizer.

— O mesmo do costume — respondeu.

— Muito bem, muito bem...

O padre deu duas palmadinhas tranquilizadoras na mão do major que lhe agarrava o braço.

— Vai correr tudo pelo melhor — disse.

— Se o senhor o diz, mas eu não estou assim tão optimista.

— Deixe-me falar com ele e logo se vê.

O major Liberato Vaz ponderou a sugestão. Era um homem atarracado, sólido, de modos duros, habituado a mandar, pouco tolerante.

— Pois sim, pois sim — disse —, mas veja se lhe mete algum bom senso naquela cabeça, padre. O homem é casmurro.

— Tenha calma, major — recomendou o padre, apaziguador.

— Tenho lá calma — resmungou. — Irra, que o homem é de estalo! Umas taponas, era o que ele precisava.

*

O problema que dividia o governador e os poderosos da vila prendia-se com uma questão de escravos. A sul da península, por esses palmares dentro, atravessando o rio Inharrime, a pouco mais de catorze léguas para sudoeste, chegara e estabelecera-se, no Limpopo, o régulo Manicusse, chefe militar

dissidente do temido Tchaka do reino Zulu. Manicusse decidira partir com os seus homens de guerra e criar também um império. Acossado pelo próprio Tchaka, viera para norte numa fúria sanguinária e destruidora, arrasando e chacinando pelo caminho tudo e todos os que encontrava. À frente dos guerreiros angunes, Manicusse massacrava tanto africanos como europeus. Milhares de guerreiros atroadores, batendo com os pés no chão, avançavam como um tremor de terra, pela indefesa paisagem pastorícia de camponeses pacíficos, capturavam as mulheres, incendiavam as libatas, confiscavam o gado. O exército foi engrossando com os povos submetidos, que o régulo tornou vassalos e, derrotando quase duzentos dos seus pares, Manicusse fundou o reino de Gaza, o império vátua, um dos maiores e dos mais poderosos de África.

Recentemente, o governador Azevedo Campos enviara ao reino de Gaza uma embaixada de paz, comandada pelo tenente Caetano dos Santos Pinto. Esta foi recebida pelo Manicusse, primitivo e selvagem, sentado no chão completamente nu em cima de bosta seca. As negociações correram favoravelmente, pois o rei aceitou não fazer a guerra a outros povos africanos sem informar os portugueses. E assim se pacificou um pouco a situação, mas não por muito tempo, pois o rei de Gaza era indomável e não se resignaria a uma paz castradora que o remetia a uma condição contrária à sua natureza. Muitos anos mais tarde, também o neto de Manicusse, Gungunhana, haveria de conduzir uma das revoltas mais sangrentas contra os portugueses.

Enquanto durou a expansão sanguinária do exército do dissidente zulu, foram vários os régulos que prestaram vassalagem aos portugueses em troca de protecção. Entre eles, estavam os makwakwa Mahuntse e Xindavane. No ano anterior, o padre Montanha assistira à entrada espectacular de Mahuntse na vila, com salvas de vinte e um tiros de canhão em sua honra e ordenadas pelo governador. O régulo era um importante aliado dos portugueses, mas as relações tinham esfriado depois de os makwakwa terem começado a vender aos portugueses negros capturados entre outros povos súbditos da Coroa.

O governador, irritado com este abuso dos africanos e com a complacência oportunista dos europeus, mandou publicar em edital que, doravante, estava decretada a proibição de se comprar cativos aos makwakwa. No entanto, além de ordenar a fixação da ordem em local público, cometeu a imprudência de a fazer ler em voz alta, frente à cafraria, com o argumento de que *as leis e as ordens de Sua Majestade Fidelíssima não permitem que os seus súbditos sejam escravos*. Ora, os escravos não sabiam ler mas falavam português, e, sendo na maioria bitongas, eram também súbditos da Coroa. Estes, ao escutarem o pregão oficial, ficaram agitados, espreitando um princípio de revolta.

*

O padre Montanha, acabado de emergir das obras eternas da igreja nova, onde estivera a dar recomendações toda a manhã, ia a subir a rua principal quando se encontrou com o seu amigo Vicente Tomás dos Santos, que vinha a

passo largo e numa fúria, trazendo de lastro o afogueado tabelião de notas, João José Gonçalves, muito vermelho, a estourar do esforço imenso para o acompanhar.

— Você sabe o que aconteceu? — disparou logo Vicente Tomás dos Santos, sem dar lugar a medidas.

— Não — disse o padre. — O que foi?

— Foi que o governador está doido!

— Não me diga, o que preparou ele desta vez?

— Proibiu as pessoas de comprarem cativos aos makwakwa.

— Essa agora! — pasmou o padre.

— É como lhe digo, meu padre — insistiu ele, muito alterado.

Vicente Tomás dos Santos era um traficante de muitos mares que chegara a Moçambique aos quarenta anos, como capitão de um barco de escravos, e que ali se estabelecera para fazer fortuna. Fundara uma companhia, esta falira, as propriedades da firma passaram para o seu principal credor, mas, com o seu génio tortuoso para os negócios, Vicente Tomás dos Santos não só readquirirá mais tarde as propriedades aos herdeiros do credor como prosperará e muito. Por agora, era o comerciante mais rico da terra, dono de uma feitoria de escravos, onde havia um grande armazém para os alojar antes do embarque, bem como uma imponente casa de alvenaria e outra mais pequena mas bastante cómoda, na qual o padre habitava por cortesia do amigo. Usava uma barba pontiaguda, tinha uns olhos esbugalhados e um fâcies rubicundo que o tornava medonho como um mefistófeles quando se alterava.

— Imagine — continuou a contar ao padre — que ele mandou apregoar a ordem à frente da cafraria. Pois agora está para lá uma confusão tremenda e já temos cafres em fuga. É o diabo!

— Há que pôr cobro a isto, chamar a tropa, meter os cafres na ordem — ia dizendo o notário, que não tinha nenhum mas que não queria ficar de fora do rebuliço, sempre ansioso por se meter nas questões da vila. Queria estar no olho do furacão, dar opiniões, ser importante!

— É necessário tomar providências, realmente — concordou o padre. — Quando não, perde-se o pé à situação.

— Onde ia você? — perguntou Vicente.

— Ia a casa almoçar — disse o padre.

— Pois vamos então juntos, porque me disseram que os cafres estão muito agitados.

*

Foi necessária alguma firmeza, com efeito. Os donos dos escravos, desautorizados pelo governador, tiveram de refrear, a chicote e a ferros, a ousadia dos bitongas mais destemidos. Quanto a Azevedo Campos, entrincheirado no gabinete do governo de pedra e cal, viu-se na ingrata posição de confronto iminente com os proprietários de escravos, além dos cristãos e dos muçulmanos, todos unidos contra ele. Como não podia voltar atrás sem perder a face, persistiu na sua razão de fazer cumprir a lei de Sua

Majestade e, na tarde desse mesmo dia, instou o juiz da paz e dos órfãos a libertar um súbdito bitonga, despachando a ordem por escrito: *Cumpra o suplicante o despacho deste governo, pondo em liberdade o bitonga súbdito de Sua Majestade e do régulo Inhamullala que, apesar de diferente cor, tem tanto direito à liberdade como o suplicante.* Perante a recusa obstinada do juiz da paz e dos órfãos, o governador mandou prendê-lo em seguida, devolvendo-o à liberdade apenas nove dias depois, e só porque este cedeu e libertou, por sua vez, o bitonga cativo.

*

Com isto chegou-se ao dia da Nossa Senhora da Conceição sob grande tensão. Como era feriado, o governador recebeu o padre Montanha em casa. Um criado abriu-lhe a porta e conduziu-o ao escritório, onde já o aguardava Azevedo Campos.

Revelando-se amistoso, o governador levantou-se de trás de uma elegante secretária D. Maria e foi até à porta, de mão estendida e com um vasto sorriso engalanado por um bigode afidalgado de pontas reviradas.

— Faça o favor de entrar, padre Montanha. — Cumprimentou-o com um magnífico e vigoroso aperto de mão. — Sente-se, sente-se. — Apontou-lhe os sofás do canto, à direita do padre, onde se foram instalar confortavelmente no couro de qualidade para terem a sua conversa. A seus pés, havia um rico tapete vermelho-escuro; ao lado, um armário de mogno exibia uma colecção de boas encadernações e, na parede contrária, uma cena de caça num quadro antigo, com as lebres exangues dependuradas nos cintos dos caçadores de mosquete em punho, conferia uma intensidade opressiva ao escritório, todo ele obscurecido pelos tons sombrios dos reposteiros e das cortinas pesadas, brocados muito nobres, mas que impediam o dia de alegrar o interior com a claridade intensa do céu africano. Era, enfim, um espaço lúgubre, e Joaquim deu consigo a pensar que, se o governador passava ali muito do seu tempo, não admirava que ele fosse de telhas.

Foi servido um café por um criado negro, fardado num branco imaculado. O padre olhou em redor, apreciativo; quis ter uma simpatia e elogiou o bom gosto da casa.

— Tudo peças que eu trouxe de Lisboa — disse o governador, enquanto se levantava, abria uma porta inferior do armário, retirava, de dentro, dois copos de balão e servia o brandy, entregando um deles ao padre, sem lhe perguntar se queria.

— Então, meu padre — disse, sentando-se —, temos mais uma vez a vila em polvorosa por causa dos cafres.

O padre fez um sorriso grave, abanou pausadamente a cabeça.

— É verdade — disse.

— Mas será que esta gente não compreende que as leis de Sua Majestade valem tanto aqui como em Lisboa ou na Índia? Se eles as violam despudoradamente, que remédio tenho eu senão fazê-las cumprir. Veja o caso do juiz da paz e dos órfãos: vai comprar um cativo aos makwakwa quando eu

decreto a proibição. Diga-me lá se não é uma provocação? Claro que é. É uma provocação e uma deslealdade!

— Bem — contemporizou o padre —, isto era, de facto, evitável. Mas, se me permite, a questão agora é como vamos acalmar os ânimos desta gente.

O governador encolheu os ombros, soberbo.

— Quanto a mim, é simples: eles deixam de comprar cativos aos makwakwa, e a vida segue como sempre.

O padre ponderou a resposta.

— Estou a ver... — disse. *Estou a ver que vais acabar mal nesta história toda*, pensou. — Em todo o caso, os cafres antigos estão muito ousados, e a vila não suportaria se fossem todos libertados. Dependemos muito deles, não é verdade? O senhor sabe a falta de mão-de-obra que há.

Fez-se um silêncio. O padre aguardava respostas, soluções para dissolver o clima de confrontação, em vez de posições inflexíveis, mas o governador já se erguia outra vez, agora para ir buscar uma caixa de charutos. Levantou a tampa, colocou-a debaixo dos olhos do padre. Este elevou uma mão.

— Obrigado — agradeceu, mas rejeitando.

O governador voltou a encolher os ombros, como se achasse uma tolice ele não aceitar. Tirou um para si e foi guardar a caixa. Mordeu a ponta do charuto e cuspiu-a para uma bandeja dourada em cima do armário. Trouxe-o preso nos dedos, no entanto, não o acendeu por falta de lume. Virou-se para todos os lados, à procura de uma chama, desinteressou-se, voltou a sentar-se. Sempre irrequieto, enérgico e irredutível, Azevedo Campos não gozava da simpatia dos moradores de Inhambane, porque tinha tiques de ditador e não se vergava perante queixas, braços-de-ferro ou arrazoados de opositores, por mais bem fundamentados que fossem os argumentos que lhe apresentassem. As coisas eram como ele as via, e ponto final.

A convivência difícil entre governadores e moradores era habitual, e essa embirração tradicional explicava porque aqueles não permaneciam, em média, mais de três anos, no seu posto. Os governadores dificultavam a vida aos negreiros, e, nessa época, o comércio de escravos dominava a economia local. Azevedo Campos não nutria especial afeição pelos indígenas, pelo contrário, desconsiderava-os tanto quanto uma pessoa culta e iluminada podia entender a condição primitiva daqueles povos, mas tinha para si que os negreiros não passavam de uma corja de traficantes sem escrúpulos que prosperava tratando os negros como animais. Ora, como não gostava deles, complicava-lhes os negócios, levantava-lhes obstáculos. Não os podia impedir de traficar, evidentemente, porque a lei não o proibia, mas ele comprazia-se com os embaraços que a sua mente engenhosa ia ponderando.

Embora prepotente e irascível, o governador tinha sobrevivido até hoje à hostilidade dos poderosos negreiros porque, entre outras manobras dilatórias, se ausentava frequentemente para o interior do distrito e por ser astuto e saber aproveitar a seu favor as divisões fraticidas dos moradores de Inhambane. Mas agora todos estavam unidos contra si, o que constituía uma séria

preocupação.

— Não é minha intenção prejudicar a nossa economia, evidentemente — declarou —, mas tão-só que se cumpra a lei. Os escravos que havia mantêm-se, quanto aos outros, desde que não sejam súbditos da Coroa, podem-nos comprar sem restrições. Tenho dito.

O clamor da revolta foi anunciado pelo trovejar brutal e pelos relâmpagos medonhos que riscaram a noite no horizonte aberto do sertão imenso para lá da vila. Logo, um vendaval de tempestade soprou com uma violência insólita, erguendo o chão seco das ruas em ameaçadores redemoinhos de poeira vermelha, que obscureceram o céu e que tornaram o ar irrespirável. As rajadas uivaram assustadoras e torceram de um modo estranho as palmeiras desvalidas. Algumas delas, descobrir-se-á ao nascer do dia, foram arrancadas à raiz e atiradas para longe pelo vento, amontoando-se em pilhas de madeira inútil.

A festa da Nossa Senhora da Conceição, que juntara o povo no largo da igreja, ficou desbaratada ao início da noite, quando o temporal caiu de repente sobre a vila com uma força surpreendente. As pessoas recolheram as crianças de emergência e fugiram em pânico para casa, enquanto as mesas se viravam e os pratos, os copos e as garrafas vazias de tinto se estilhaçavam estrondosamente. Só ali ficaram alguns bêbados desorientados nos restos da festa, rodeados por uma confusão de vidros partidos e de toalhas voadoras.

A reunião secreta que juntava os mais ricos da terra e a maioria dos membros da Câmara Municipal em casa do major Liberato Vaz foi, por duas vezes, interrompida pelo anfitrião que, a um leve bater de nós dos dedos na porta, a entreabriu para saber, por um sussurro feminino, que ninguém ouviu e nem viu notícias da tempestade que ameaçava a vila. Meteu-se para dentro, fechou a porta.

— Está tudo bem, as pessoas recolheram a suas casas, não há vivalma na rua — descansou os restantes no seu tom grave, sempre a piscar os olhos nervosos. — Então, padre, estava a dizer...

O padre Montanha, no centro da sala, dominava as atenções graças ao relato do seu encontro, mais cedo, com o governador Azevedo Campos.

— Sim, bem, ia a dizer que o governador não cede na questão dos cativos...

Levantou-se um bruaá na sala, um coro de indignação, de exclamações de revolta.

O padre levantou as mãos, pedindo silêncio.

— Escutem, escutem, por favor!

— Deixem o padre Montanha acabar o seu relato, por amor de Deus! — interveio o major Liberato Vaz.

*

O tumulto extinguiu-se a custo, o padre fez uma pausa dramática, impôs um momento de silêncio para recuperar a sua autoridade divina. O crepitar inclemente de grossas bátegas de chuva nos vidros das janelas tomou conta da sala. Uma portada destravada batia com força no lado de fora, atirada por um

vento desabrido que a fazia ir e vir num descontrolo feroz. O major foi prendê-la, e, abrindo a janela, entrou uma revoada de chuva que lhe encharcou a farda, molhou o soalho e dispersou pela sala uma resma de folhas escritas com a sua letra nervosa. Eram as memórias eternas — a sua vida! — que o major andava a compor há anos e que repousavam orgulhosas na sua mesa de trabalho, mas que agora pairavam à solta pelo ar saturado do fumo dos charutos. Voltou a desordem por momentos, e todos se esqueceram da grave questão que os reunia ali, lançaram alegremente as mãos ao ar para apanharem as folhas que lhes escapavam por entre os dedos, caindo umas no chão — e logo pisadas pela confusão de botas —, ficando as outras amarrotadas na ânsia de as agarrarem atabalhoadamente. Por fim, juntaram-nas de qualquer maneira em cima da secretária, e o major, lívido como a vela branca caída aos seus pés, abaixou-se, apanhou-a, ergueu-se no silêncio geral, piscou os olhos e contemplou, desolado, a história da sua vida agora amarfanhada numa triste pilha de páginas emporcalhadas. Era uma desgraça sem nome, a ruína total, mas o major apelou a toda a dignidade e desvalorizou o desastre com um penoso encolher de ombros.

— Deixem estar que eu depois dou-lhes uma ordem — conseguiu dizer, num murmúrio estrangulado. Pigarreou, engrossou a voz e disse: — Vamos lá ao que interessa. Padre Montanha, quer ter a bondade de concluir o seu relato?

— Com certeza — aquiesceu ele, acrescentando uma pequena vénia de cabeça. — Como disse, o governador não vai temporizar com violações da lei. Não é possível comprar os súbditos da Coroa, mas Azevedo Campos está disposto a fechar os olhos à situação dos escravos antigos e também condescende com o nosso apelo à Câmara — disse, referindo-se a um requerimento dos proprietários a solicitar que se enviasse um recado aos régulos para que estes devolvessem os escravos em fuga.

— Mas isso é muito pouco, não lava a minha honra! — esganiçou-se um homenzinho nervoso, enfarpelado num fato cor de azeitona, com uma gravata escura e umas lunetas encavalitadas no nariz pequeno.

A sala contemplou com surpresa o juiz da paz e dos órfãos, acabado de sair da prisão. A sua honra afigurou-se-lhes despropositada naquele momento, não lhes merecia mais do que uma palmadinha nas costas, um consolo.

Vicente Tomás dos Santos endireitou-se da secretária onde estava encostado, adiantou-se de polegares enganchados nas abas do casaco, pousou os seus olhos arregalados no juiz baixinho e esquadrinhou-lhe a insignificante pequenez.

— Quer, porventura, o senhor juiz bater-se em duelo com o governador? — indagou, muito sério, muito corado, sugerindo uma fúria iminente.

O juiz, intimidado com aquela expressão medonha, encolheu-se, baixou os olhos, gaguejou um «não, evidentemente que não, ora essa, que despropósito...» E a questão da honra ficou por aí.

considerações sobre o carácter inflexível do governador e ponderar se valeria realmente a pena tentar uma negociação com um sujeito tão quadrado. O notário abalançava-se para um *speech* impecável, mas ninguém o quis ouvir, ninguém estava para o aturar; a rapaziada animava-se já com a vontade de ir a casa do governador e de o correr da vila a pontapés. Isso, sim, era uma ideia em condições.

O negreiro Vicente Tomás dos Santos, pirata de jaquetão com modos soberbos de novo-rico pouco apurado, e o major Liberato Vaz, militar de batalhas épicas e o oficial mais graduado do distrito, dominavam as atenções daquela assistência de homens duros. No fim, resumia-se sempre tudo a uma questão de sobrevivência, dado que eles estavam irremediavelmente em minoria naquela terra agreste de tribos aguerridas. O padre Montanha, que se encarregava das estatísticas, contabilizara menos de oitocentas almas livres em Inhambane, entre as quais trezentas mulheres e duzentas crianças. Em contrapartida, os escravos ultrapassavam os três mil. A vida ali era tocada a chicote, sem contemplações, e quando o governador dava parte fraca, defendendo os direitos dos cafres, os homens perdiam as estribeiras, ficavam desalmados, queriam sangue!

Nem sequer o padre, na sua infinita influência de santo, os conseguiu acalmar, moderar-lhes o instinto animal, pois o medo que tinham do africano era superior ao das represálias da Coroa. Expulsava-se o governador, tomava-se conta da situação, e o resto logo se via. Ali mesmo ao lado, a menos de um dia de viagem, estava a libata do régulo Mahuntse dos makwakwa, uma espantosa circunvalação fortificada, com valas cavadas e baluartes de estacas, albergando alguns milhares de guerreiros temerários. Mahuntse era um aliado de circunstância, próximo dos portugueses para melhor se defender do inimigo vátua do chefe Manicusse, mas pressentisse ele uma fragilidade nos brancos e logo haveria de os testar com ousadias intoleráveis. As lutas de poder entre os chefes tribais, os jogos políticos, as alianças firmes e sucedidas de traições sangrentas, as reviravoltas de teatro eram constantes e tão mortais que poucos morriam de velhos no aconchego das suas libatas reais. Paradoxalmente, embora muito perigosas, as suas rivalidades inveteradas eram afinal a salvação dos portugueses, pois, em nenhum momento, os régulos tiveram a clarividência de unirem a superioridade militar dos efectivos para fazerem a guerra aos brancos. De qualquer modo, o espírito guerreiro estava-lhes no sangue e, se não se precavessem, os europeus seriam trucidados pelos seus sequazes incertos.

*

No pé em que as coisas estavam, já não havia forma de se contrariar o destino. O major Liberato Vaz e o Vicente Tomás dos Santos puseram-se de acordo com uma troca de olhares e, numa manobra táctica de manipuladores exímios, passaram num instante de moderadores da questão a fomentadores da revolta, pois compreenderam que, se não liderassem o movimento, seriam ultrapassados pelos ânimos da sala. Vicente Tomás dos Santos, o mais rico e

poderoso dos negreiros, era quem tinha mais a perder com a proibição insensata do governador, enquanto o major Liberato Vaz, além de temer tanto quanto os outros pelo futuro dos negócios, receava ter de vir a organizar a defesa da vila com um exército inferior e umas escassas bocas-de-fogo. E se Vicente Tomás dos Santos não estava pelos ajustes em escorraçar o governador da vila como um cristo agrilhado, já o major Liberato Vaz ficara tão irritado com a destruição ingrata das suas belas memórias que queria agora despejar a frustração em alguém, e o governador servia perfeitamente para esse propósito.

O padre Montanha recolheu a casa, porque anunciou a todos que, embora lhes reconhecesse a razão, não deixava de ser padre, homem de concórdia e avesso a revoluções, além de que, enquanto sacerdote de toda a paróquia, não participaria em violências que a dividissem.

— Mas aqui não há divisões, padre — alegou um dos homens. — Estamos todos contra o governador e esse não é de cá.

— Escuta, meu filho! — replicou com uma pontinha de impaciência no tom. — A Igreja está tão escaudada com a política que eu não vou dar um pretexto à Coroa para me correr de Inhambane.

Percebendo a reserva do padre, Vicente Tomás dos Santos contemporizou e interveio a seu favor para cortar pela raiz a polémica.

— O padre é a reserva moral da vila — declarou —, oferece-nos os seus conselhos sábios, mas não toma parte em revoltas.

— Está decidido — apoiou o major Liberato Vaz, fazendo uma sugestão que, pelo seu estilo autoritário, mais parecia uma ordem: — Padre, vá em paz e aguarde em casa por notícias nossas.

*

Quando saíram de casa do major continuava a chover, ainda que fossem só os restos da tempestade devastadora que passara por Inhambane na hora anterior e que, embora breve, fizera correr pelas ruas torrentes de lama em direcção ao mar. Foram buscar a tropa, meia dúzia dos soldados do major, todos eles negros, armados com mosquetes, e seguiram para a casa do governador com tochas na mão, alumando a noite sem lua.

Eram mais de vinte, comandados pelo major, secundado por Vicente Tomás dos Santos; invadiram a residência do governador e trouxeram-no do quarto em camisa de dormir para decretarem solenemente que o exoneravam das suas funções.

— Das minhas funções só o governador-geral ou o governo de Sua Majestade me podem exonerar — ainda retorquiu Azevedo Campos, pretendendo fazer-lhes frente de cabeça erguida. Atirou-lhes com a lei que os homens estavam a violar, mas as suas vozes alteradas não permitiram que ele se fizesse ouvir, sobrepuseram-se, e a autoridade esmoreceu, diminuída no seu traje de dormir. Os homens que o vinham prender perderam o respeito, passarinhavam pela casa, mexiam em tudo, diziam pilhérias, soltavam gargalhadas bestiais, fazendo da revolta uma festa. Porventura, os litros de

vinho que estes beberam no baile da tarde tanto contribuíram para a excitação de nervos, que se notara na reunião conspirativa em casa do major, como agora ajudavam à alegria despropositada em casa do governador. Azevedo Campos desmoralizou e, dirigindo-se ao major Liberato Vaz e a Vicente Tomás dos Santos, solicitou-lhes que, ao menos, lhe preservassem a dignidade e a honra.

— Por amor de Deus, somos todos gente de bem, que haja um entendimento de cavalheiros — suplicou.

Vicente fuzilou-o com uns olhos arregalados, recordando-o de algumas infâmias que não estavam esquecidas, disposto a dar-lhe bofetadas, mas o major, mais comedido e sensível às questões de honra, assegurou-lhe um tratamento correcto com uma declaração enviesada.

— Não tenha medo — disse —, que aqui ninguém lhe faz mal.

Esta frase inspirada, tão tranquilizadora quanto humilhante, acabou por bastar aos dois.

*

Nessa mesma noite, o major Liberato Vaz e Vicente Tomás dos Santos foram a casa do padre Montanha para um consílio reservado que se prolongou até altas horas. Deram-lhe a conhecer os últimos desenvolvimentos e puseram-se de acordo sobre as medidas a tomar, de modo a garantir a normalidade no distrito.

— O homem está detido — disse o major. — Amanhã, instaura-se um processo e embarcamo-lo para a capital.

— Deste já nos livrámos! — resmungou Vicente Tomás dos Santos, à laia de desabafo.

— E o governador-geral? — lembrou o padre.

— Esse não faz nada, quer sossego, envia-nos outro governador — respondeu Vicente, despreocupado, com uma certa sobrançeria.

O padre olhou interrogativo para o major. Este encolheu os ombros.

— O que está feito, está feito — disse. — Agora, há que ter procedimentos correctos, evitar os excessos, manter a paz, elaborar um processo em nossa defesa e, enquanto não nos enviam outro governador, assegurarmos nós próprios a governação.

— E, como estão a pensar fazer isso? — perguntou o padre.

— Precisamos de um governo interino — afirmou Vicente Tomás dos Santos.

— Quem?

Vicente Tomás dos Santos enumerou:

— O major, que é o comandante da guarnição, e o oficial de maior patente, o Zeferino Rangel, que não participou em nada e que representa a Câmara, e o padre que é a autoridade moral e um factor de união.

— Eu, metido num governo?!

— Naturalmente.

— Governo interino — sublinhou o major. — É provisório e de

emergência.

— Mas, senhores, se vos disse que não entro em revoltas...

— Uma coisa é a revolta, outra é a situação que se cria com a revolta — argumentou Vicente Tomás dos Santos. — O que lhe estamos a pedir é um esforço patriótico para preservar a paz, um sacrifício pela ordem para fomentar a concórdia.

— Quem melhor que Vossa Excelência para tranquilizar o povo? — acrescentou o major.

— Eu num governo clandestino, isto só a mim! — lamentou-se o padre, abanando a cabeça, desconcertado, mas já cedendo e admitindo para si que não podia desiludir aqueles dois, que não havia como recusar. O major era um aliado de peso, uma autoridade determinante na vila, a quem podia recorrer em qualquer circunstância, e Vicente Tomás dos Santos era o comerciante mais rico e influente da região, o homem que lhe emprestava a casa onde morava. Enfim, dois amigos fundamentais, dele e da Igreja, a quem não faria a despeita de lhes voltar as costas num momento crítico como aquele, a menos que quisesse perder a sua amizade e respeito e, doravante, habitar num quartinho húmido na sacristia, isolado e sem possibilidade de continuar a sua obra. Para a igreja nova, as generosas contribuições das famílias ricas cessariam todas, seria catastrófico, impensável.

— Então, está decidido — declarou Vicente Tomás dos Santos, afilando a barba com a mão sapuda.

— Se os meus amigos pensam que eu vos posso ser útil... — resignou-se.

— Muito útil, muito útil, com efeito — confirmou Vicente Tomás dos Santos.

Se pudesse recusar, tê-lo-ia feito, mas, no fundo, Joaquim tinha gosto em fazer parte do governo, mais do que seria capaz de admitir. O poder começava a atraí-lo, a interessá-lo. Dava-lhe o controlo, a possibilidade de decidir e de executar conforme entendia, e Joaquim era determinado e pouco dado a discutir as decisões que tomava. Quanto à igreja nova, por exemplo, não pedira a opinião a ninguém, decidira que se construía, comunicara a intenção às pessoas, angariara apoio financeiro e iniciara as obras.

*

No dia seguinte, veio um sol extraordinário, faiscante, num céu muito claro, tão nítido que permitia observar a olho nu a paisagem de palmeiras para lá do casario, numa extensão de muitas léguas. A baía em frente à vila estava pacífica, belíssima; as suas águas, convidativas. Às primeiras horas, a alvorada brilhante já deixava adivinhar um calor inclemente que amolecia as almas e que tornava as pessoas lentas e indiferentes a grandes desígnios. E, todo aquele paraíso de verdes vivos e de azuis translúcidos desmentia a tempestade impossível da noite passada. Ao final da manhã, quando os soldados levaram o governador para uma chalupa que o aguardava na margem, o cortejo silencioso, de uma solenidade fúnebre, fez-se por uma rua escaldante, a estalar debaixo dos pés, sendo difícil acreditar que, ainda na

véspera, aquela mesma rua era um rio de lama, uma enxurrada tremenda, capaz de arrastar árvores caídas e animais trespalhados. Não obstante, a população acorreu à rua em peso e sufocou naquele ar escaldante, enquanto pasmava à passagem do governador enquadrado pelos soldados, marchando ao toque marcial dos tambores, cadenciado e tenso. E, à medida que o cortejo passava, as pessoas iam-se juntando atrás para o seguir, engrossando uma multidão curiosa e sedenta de drama.

O triunvirato foi despedir-se do governador, oficializar a partida. O goês Zeferino Rangel, ainda não refeito da surpresa de se ver inadvertidamente incluído no governo interino, não abriu a boca. O padre Montanha proferiu umas escassas palavras de alento cristão, em tom de desagravo, perante o rosto fechado, ressentido, do governador. Este recuperara algum do seu orgulho aristocrático, durante a noite, e erguia agora o queixo, espetando os cornichos do bigode brioso, fazendo-se galhardo. O major Liberato Vaz ergueu a voz para o acusar formalmente de ter defraudado as gentes de Inhambane com uma política insensata que, disse, vinha pondo em perigo as pessoas e os bens e prejudicando gravemente a economia local. Lido o sucinto libelo acusatório, embarcaram o governador na chalupa que o levou a um brigue português fundeado ao largo. E assim se concluiu sem glória o epitáfio do governo de António Alves de Azevedo Campos: remetido a ferros para a capital.

*

A reacção do governador-geral a esta grave alteração da normalidade governativa do distrito de Inhambane foi frouxa, quase que desinteressada. Tal como Vicente Tomás dos Santos previra, Sua Excelência não primou pela firmeza. Ao ouvir a notícia da chegada de Azevedo Campos à capital, o governador-geral bocejou, aborreceu-se levemente, expressou uma perplexidade: «Porque diabo se revoltaram eles, se eu já estava para lhes enviar outro governador em breve?» Naturalmente, Sua Excelência conhecia a tradicional embirração de alguns governadores com os traficantes de escravos, mas, como pertencia à facção dos negreiros, o próprio governador-geral tinha tendência a não dar grande respaldo às posições mais extremadas desses governadores quezilentos. Com efeito, neste caso concreto, Sua Excelência ficou-se por uma leve repreensão aos insurrectos, por uma exigência pouco mais do que protocolar para que estes devolvessem o poder ao seu representante com civismo e sem mais sobressaltos.

O triste fim da carreira do governador Azevedo Campos em Inhambane, nesse final de 1840, não perturbou sobremaneira o quotidiano da vila. Já os anos seguintes haveriam de ser cada vez mais duros e escassos de períodos pacíficos.

MANICUSSE

Joaquim rejubilava com o nascimento do filho, o único momento verdadeiramente bom naquele venturoso 1847. A vida em Inhambane tornara-se progressivamente difícil nos últimos anos. A província estava envolvida numa guerra que se eternizava sem solução, porque, entre os régulos da região, um aliado de hoje era um inimigo de amanhã, e Manicusse, o rei de Gaza, o mais poderoso e letal inimigo de todos.

Manicusse reuniu debaixo da sombra de um redondo telhado de capim, ao centro da libata, os macotas do reino para planearem a guerra. O potentado, ostentando a musculatura nua de um homem no auge da virilidade, sentava-se num trono de madeira tosco — todavia o único, já que os ministros se acomodaram em esteiras sobre o chão de terra —, engalanado com dois dentes de marfim presos ao espaldar e coberto com *majóvos*, peles de leopardo e de leão. Todo ele inspirava um respeito letal, muito alto, atlético, seco, rosto anguloso, expressão severa. Tinha defronte de si um dos seus irmãos, rodeado dos restantes macotas. Falava com frases bruscas, autoritárias.

— Vocês vão com os guerreiros e trazem as cabeças do Mahuntse e do Xindavane — declarou.

O irmão rosnou um assentimento entusiasmado.

— Os makwakwa — continuou — são uns lacaios dos molungos, e eu acabo com esses dois macacos. Vocês vão, destroem-nos, queimam as libatas e tomam os territórios deles. Cercamos os molungos, depois são eles.

A ambição conquistadora de Manicusse tinha tanto de destruidora como de vencedora. Com efeito, para o rei de Gaza, o seu império nunca seria suficientemente grande e, um dia mais tarde, já no tempo do filho de Manicusse, Muzila, este chegaria a ter quase duzentas léguas de extensão e uma população de dois milhões e meio de súbditos.

Não obstante o acordo de paz que fizera havia anos com os portugueses, o potentado não se inibia de passar por cima da palavra dada e de combater os molungos. Nessa década, ousara invadir as terras de Inhambane, conquistando os territórios de todos os régulos independentes, fazendo deles seus vassalos. Por uma vez, atacara a própria vila, sendo repellido, mas voltara a expedir algumas mangas de guerreiros, chegando a Maxixe, na outra margem da baía.

Havia três anos, os vátuas tinham persistido em avançar sobre a vila pela terceira vez. O corajoso governador de então reunira os soldados disponíveis, alguns auxiliares, e fora ao encontro deles para os rechazar. Debalde, pois padecia da crónica escassez de tropas e de poder de fogo que sempre afligira os portugueses, de modo que foi a coluna do governador a derrotada num combate de vida ou de morte nas margens do rio Parrué, a duas léguas da vila.

O governador morreu heróico, sacrificando-se num dramático corpo a corpo, e, com ele, um alferes, catorze praças e muitos auxiliares.

Agora, os vátuas preparavam novo ataque. O consílio dos chefes prolongou-se por várias horas. Manicusse falou longamente da sua vontade, das suas aspirações, deu instruções, ouviu alguns conselhos prudentes dos ministros que lhe tinham pavor e que não ousavam contrariar a opinião do potentado. Ele espalhou-se num entusiasmo inspirado, ora duro, sanguinário, exigindo cabeças, ora quase enternecido com a obra que fazia, a obra de uma vida: um reinado extraordinário, começado do nada. Era cobiçoso, sim, e de uma determinação imparável. Atrevera-se a emancipar-se dos tentáculos de Tchaka Zulu, porventura o mais poderoso e sanguinário régulo em todo o continente negro que, evidentemente, nunca lhe perdoara e que, durante algum tempo, o perseguira, visando matá-lo, exterminar todas as gerações da sua família, eliminar até ao último dos seus guerreiros. O que Manicusse fizera, abandonar o impiedoso Tchaka e criar um reino novo, exigira uma coragem excepcional e ele só prevalecera porque tinha uma índole tão despótica e implacável quanto a de Tchaka.

A noite foi-se pondo sem pressas, preguiçosa e abafada, sem trazer grande alívio ao calor mole e húmido que empapava ainda os corpos quando a bola de fogo se toldou no horizonte alaranjado, já mortíça, atrás da paliçada que protegia a libata e, mais além, das palmeiras altas que se estendiam pelo sertão africano. A voz agora suave de Manicusse, ponderada, era a única que se ouvia, sobrepondo-se aos intimidantes sons da selva que os rodeava para lá da circunvalação fortificada.

Concluídas as conversações, vieram as escravas com panelas de pombe, e todos beberam desregradamente a tradicional cerveja indígena até acabarem com a bebida. Subitamente, o potentado ergueu-se do trono, abriu caminho entre os macotas embebedados, pisando uns, empurrando à bruta outros, rosnando como um leão irado, e foi aos tombos, a resmungar qualquer coisa sem nexos, para a sua cubata real. Os demais grandes da corte seguiram-lhe o exemplo, embora alguns tivessem caído para o lado, ali mesmo, a dormirem num deplorável estado comatoso.

*

Logo pela manhã vieram os guerreiros entoar os cânticos de louvor ao potentado e, durante o dia, juntaram-se os regimentos do império que iam chegando das libatas vizinhas. Milhares de homens, gigantes de guerra, furiosos, alinhados numa dança selvagem de incitamento ao combate, batiam a um só tempo com os pés no chão, uma pancada profunda seguida de três curtas, fazendo tremer de medo a terra. Brandiam as azagaias ameaçadoras e os escudos revestidos a pele de vaca, simulando já o massacre do inimigo, e soltavam urros tremendos que se ouviam a léguas de distância. Os seus olhos esgazeados, vidrados, espelhavam um ódio crescente, um fervor de espírito combativo, e a voz poderosa dava um último berro estrídulo, terminando num baixo gutural: «zuiiiiii... aaaaahhhh...»

Os vátuas dividiam o seu exército em mangas, ou colunas, e estas, por sua vez, em destacamentos. Cada região do império tinha um régulo que comandava uma manga. Os soldados eram recrutados conforme a dimensão regional e, embora só metade dos soldados vátuas estivesse normalmente activa, a mobilização total podia fazer-se a qualquer momento e com muita rapidez.

O exército começou então a sair, ao som de perpétuos batuques, dividido em várias mangas comandadas pelos generais de Manicusse, marchando para conquistar novos territórios, para alargar o império e se cobrir de glória.

*

Os ataques foram fulgurantes, devastadores. Milhares de guerreiros vátuas destruíram, queimaram, assassinaram, saquearam todas as povoações que eles atravessaram a caminho de Inhambane, batendo, atreadores, com os pés no chão, predadores que aqueles povos de agricultores pacíficos não tinham a capacidade de enfrentar e de deter. Ao cair da tarde, a vila assistiu à chegada dos primeiros refugiados. A notícia dos combates precedeu-os, e, por essa altura, já a população de Inhambane se preparava para a eventualidade de um ataque. «Os angunes vêm aí!», gritou um caçador de elefantes, chegado à pressa do interior, que logo procurou o governador para o avisar da invasão das terras dos makwakwa, fazendo-lhe um relato pormenorizado do que estava a acontecer e dando conta do número de tropas inimigas e do seu avanço em direcção a Inhambane. Os angunes, como os portugueses se referiam aos vátuas, eram dos guerreiros mais temidos, pela sua ferocidade e imprevisibilidade, pois só cumpriam a palavra dada conforme lhes interessava, de tal forma que podiam estar a combater os molungos a sul e serem, ao mesmo tempo, aliados destes a norte.

Governava então Inhambane António Paulo de Sousa, que conseguira manter um relacionamento razoavelmente amigável com a população branca, porque não se imiscuía muito no quotidiano desta, mas que acabaria por deixar o posto com o distrito em pé de guerra e mergulhado num caos sem emenda por vários anos, graças à sua notória falta de jeito para os assuntos militares.

O governador convocou todos os homens válidos, brancos e negros, alguns milhares, para defenderem a terra. Deslocaram-se peças de artilharia para os limites da vila, distribuíram-se mosquetes pelas milícias, levantaram-se barreiras, esperou-se o pior.

No meio desta emergência frenética, Joaquim foi procurar Leonor, recolher as crianças.

— Vão para minha casa e não saiam de lá — ordenou, por lhe parecer que ficariam mais seguros.

Ainda foi a tempo de assistir à chegada da coluna de makwakwa em fuga, com o régulo Mahuntse à cabeça, secundado pelos quatrocentos membros da sua família e, atrás desta, por três mil súbditos. Tinham partido à pressa para não serem massacrados pelos angunes, e agora o régulo vinha reclamar a

protecção dos portuguezes que lhe era devida enquanto vassalo da Coroa.

— Santo Deus! — murmurou o padre Montanha ao avistar aquele mar de gente que se aproximava. Alheado dos procedimentos bélicos, a cargo dos militares, o padre foi comandar um pequeno exército de voluntárias que se ocuparam de receber as mulheres e as crianças, de lhes arranjar espaço e de lhes oferecer comida. Já os guerreiros do rei makwakwa juntaram-se aos da vila para participarem na sua defesa.

Era certo que a tagarelice em torno das intimidades do padre Montanha com a landim forra Leonor trespassara a vila em tempos, mas lentamente fenecera, extinguindo-se, como o reluzente pavio da vela derretida na lugubridade do serão acabado, desinteressando até as devotas mais castas que viam, afinal, nessa intriga de alcofa, imoralidades inconcebíveis que não condiziam em nada com o carácter enorme do padre. Enfim, se a alguns lhes era indiferente que o reverendo vigário tivesse lá as suas transgressõezinhas, as suas asneirolas, na sagrada privacidade do lar, outros havia que se recusavam acreditar em rumores que reputavam de maldosos, de mal-intencionados, não obstante a evidência das crianças da landim, mulatas, de pele muito alvadia até, que lhes passavam debaixo dos olhos todos os dias. E, no entanto, esse segredo de polichinelo era como um ferrão no conceito do padre que aproveitava os instintos predadores dos inimigos políticos que o queriam desacreditar.

Joaquim tinha a seu cargo, entre muitos outros afazeres, os negócios de escravos de Vicente Tomás dos Santos. Ele vigiava o quotidiano da feitoria e, em contrapartida, o amigo dava-lhe um tecto, um recanto confortável onde podia estar sossegado e descansar a vista nesses finais de tardes, no jardim encantador que ali havia, o seu éden, embora já planeasse construir casa própria.

Justamente, tomava o padre um refresco nesse doce terraço defronte dos canteiros de alfazemas em flor, quando Leonor veio anunciar a chegada do senhor Fornazini. E lá veio ele, o seu bom amigo Carlos António, atrás dela, falando alto, silenciando os grilos com o seu espalhafato. Homem de rasgo, emotivo, muito teatral, ora alegre ora trágico, nunca o meio-termo. Usava umas suíças grisalhas que lhe davam ares de fidalgo italiano. Carlos António foi estirar-se numa cadeira de vime, ao lado do padre, e apreciar com ele o ocaso transcendente que já cobria o imenso céu africano de belos tons rosáceos.

*

— Que bem que se está aqui — regozijou-se, maravilhado com a paz celestial que havia naquele jardim florido, com o firmamento agora pintalgado de estrelas cintilantes por cima de um vermelhão sublime, com o suave cantarolar da passarada na grande gaiola ali ao lado.

— Fica para jantar? — perguntou o padre.

— Pois sim — aceitou. — Com muito gosto. Ó Leonor, traz-me tu um copo desse teu refresco, que estou perdido de calor.

— Bendita noite que nos vem refrescar a alma — desabafou o padre.

— Pouco, muito pouco — contrariou o italiano. — Mas é que nesta terra de

Deus nem de noite faz frio!

Joaquim sorriu, concordando com ele, achando um graçalhão ao gesto enfático que o amigo fazia, juntando as pontas dos dedos e erguendo as mãos ao alto, tão italiano na expressão física, no sotaque transalpino, não obstante ter chegado a Inhambane há dezasseis anos. *Há coisas que não se perdem, realmente*, pensou. Carlos António Fornazini viera com contrato para tomar conta do estabelecimento de Vicente Tomás dos Santos, substituindo um gerente de seriedade questionável, de quem o comerciante, velho pirata, desconfiava e para o qual, na dúvida, dera guia de marcha sem contemplações. Vicente não se fizera rico a deixar-se roubar e, não obstante os seus muitos negócios que lhe dispersavam a atenção, em Inhambane, na Ilha de Moçambique, ainda haveria de conhecer o primeiro que lhe passasse a perna! Correra o gerente quase a chicote, contratara Carlos António e acabara por repartir as responsabilidades entre o italiano e o padre. E calhara bem, porque os dois se davam maravilhosamente, tinham entendimentos semelhantes das perplexidades do mundo. Depois, o espírito prático do padre compensava os dramas de opereta de Carlos António. Joaquim divertia-se com ele, apreciava-lhe a companhia e, ocasionalmente, faziam bons serões, boa conversa. Além do mais, eram ambos muito dedicados ao trabalho.

O italiano, naturalizado português, tinha ambição política, envolvia-se amiúde em querelas com o governador, fazia-lhe oposição descarada, enquanto o padre, mais discreto, movia influências, dava-lhe respaldo. O governador, representante do poder central, e a Câmara Municipal, o poder local, suportado pelos grandes da terra, mantinham sempre um relacionamento nervoso, feito de enormes polémicas, desinteligências brutais, braços-de-ferro sucessivos. Os governadores vinham por pouco tempo e muitos, com a ganância de enriquecer depressa, envolviam-se em negócios desenfreados de marfim ou de escravos; outros, pelo contrário, opunham-se à escravatura e contrariavam, assim, o comércio mais rentável da comunidade. Em qualquer dos casos, a sua actuação descabida originava graves confrontações com os inhambanenses, e os governantes, quando partiam, deixavam-nos, não raras vezes, envolvidos em guerras indesejadas com os régulos da região.

Ainda agora, chegavam ao final da década sem saberem para onde se virar, tantos eram os conflitos que traziam o distrito em pé de guerra.

*

— O *signore* Vicente, quando vem da Ilha de Moçambique? — perguntou Carlos António. — Tem alguma ideia?

— Suponho que ele ainda se demora por lá. Anda a fazer as suas diligências junto do governador-geral.

Carlos António piscou os olhos para quebrar o feitiço do crepúsculo que o hipnotizava num encantamento, suspirou perante tanta beleza, espreitou por cima do ombro para ver a expressão do padre à sua direita.

— Se ele nos livra deste governador, você tem de lhe arranjar uma estátua

lá no seu altar.

O padre sorriu em silêncio, abanou a cabeça lentamente, fazendo que sim.

— O homem está desaustinado — comentou.

— Arranjou-nos um grande sarilho com o Inguana.

— Se arranjou, meu amigo, se arranjou...

Referiam-se ao régulo Inguana, o mais poderoso dos landins, que reinava o seu povo a escassas cinco léguas a noroeste de Inhambane, em Morrumbene, e que era vizinho do régulo Savanguana, também esse landim de gema. A situação era complicada, pois o governador António Paulo de Sousa instara Inguana a devolver-lhe uns dentes de marfim apresados a um caçador de elefantes, com quem mantinha negócios furtivos. Ora, o marfim substituíra o dinheiro e, por isso, tinha muito valor. O governador queria-o de volta, mas o régulo, que apesar de ser tributário do terrível Manicusse era igualmente aliado dos portugueses, estava irritado e mandou dizer que confiscara o marfim porque este fora capturado nas terras dele, e que não o devolvia, naturalmente. O governador, depauperado do seu marfim, cismou que haveria de o recuperar. Montou então a cavalo com um exército e foi até lá fazer estragos. Em contrapartida, Inguana, como não tinha poder para enfrentar os molungos, recrutou Savanguana para o ajudar e vingou-se nos bitongas, vassalos da Coroa.

— Resumindo — disse Carlos António —, temos o Inguana e o Savanguana sublevados, além dos bitongas terem sido atacados por estes malandros a norte e pelo Manicusse a sul, e os makwakwa estarem acampados no nosso quintal...

— E — interrompeu o padre — o governador continua sem o seu marfim.

Carlos António soltou uma gargalhada.

— Que cretino! — disse.

Leonor veio de dentro anunciar que o jantar estava pronto.

— Venha daí, meu amigo — disse o padre.

Levantaram-se, foram andando para a mesa, de braço dado, dizendo pilhérias do governador, desconsiderando-o, casquinando a expensas do outro. Sentaram-se. Leonor trouxe da cozinha uma excelente perna de borrego cozinhada à portuguesa, deixando atrás de si um aroma de aguar que se baralhava com o cheiro dela, muito fresco e doce como uma flor, o que alertou as narinas sensíveis de Carlos António. O italiano levantou a cabeça, qual perdigueiro farejando o ar, esfregou as mãos.

— Que maravilha! Que maravilha! Que pedaço! — exclamou, satisfeito da vida, olhando ora para a travessa ora para o traseiro de Leonor que se retirava para a cozinha. E o padre concordou, sem saber se o amigo se referia ao borrego, se a Leonor.

Continuaram a conversar da situação política, das quezílias militares que atrapalhavam a vida de toda a gente.

*

O padre preocupava-se com a passividade dos portugueses perante a

ousadia do régulo vátua.

— O Manicusse faz o que lhe apetece — lamentou. — Ele conquista territórios e massacra os nossos vassalos, ele toma conta de tudo e comete barbaridades, e até nos ataca! E nós, como lhe respondemos?

— Nós? Nós nada! — insurgiu-se Carlos António, muito indignado, debruçado sobre o borrego, devorando pedaços de carne, falando de boca cheia.

— Justamente, nós nada. Perdemos a face perante os nossos aliados, que nos vêem agora fracos, sem iniciativa. Havia que dar uma lição ao Manicusse, uma resposta forte!

— Sem dúvida, meu padre. É que se resolvia tudo de uma vez. Ganhava-se o respeito de todos os chefes. Agora assim...

— Veja o Mahuntse e o Xindavane, acampados nas nossas terras há um ror de tempo. Isto só nos traz dificuldades.

Com efeito, os milhares de refugiados makwakwa constituíam um grave problema, pois a vila não estava preparada para acolher tanta gente durante muito tempo. Havia atritos, revoltas, abusos. Recentemente, um brasileiro que estabelecera uma feitoria de negros em Inhambane exportara alguns destes refugiados, aliados dos portugueses, clandestinamente como escravos.

— Estamos sentados num barril de pólvora — considerou Carlos António.

Na última ofensiva, os vátuas tinham parado às portas da vila. Sabendo-a defendida, não ousaram atacá-la. Manicusse, informado de que os makwakwa se haviam refugiado em Inhambane, sob a protecção dos portugueses, enviara uma embaixada a pedir que lhe entregassem o chefe Mahuntse. O governador claudicara com uma resposta evasiva e, entretanto, pedira à capital reforços de homens e de mantimentos, prevenindo-se de um ataque do terrível vátua. De modo que a região permanecia num clima de guerra perigoso, e o governador queixava-se amargamente de que não podia fazer mais do que proteger a vila.

— Ainda hoje, na sessão da Câmara — disse Carlos António —, fiz um *speech* a invectivar o governador.

O padre pousou o talher, encarou-o.

— Foi duro, hem?

— Oh, se fui! Hoje, esmaguei o homem. Disse-lhe tudo, que ele é um frouxo, que nos arrasta para a desgraça; enfim, que o que temos não é um governo, mas um desgoverno atolado num chavascal!

O padre continuou a observá-lo, tranquilamente, acabando de mastigar, em paz, um pedaço de borrego.

— E reacções? — perguntou, enfim.

— Na Câmara? Aplaudido de pé! Do governo? Nenhuma, até agora. Mas o senhor António Paulo há-de ter as orelhas a arder.

— Pois, realmente! Isso foi um valente puxão de orelhas — disse o padre, preocupado, pensando se esta não teria sido uma imprudência.

Ao outro dia, Joaquim teve uma surpresa desagradável.

Na véspera, o governador António Paulo de Sousa ficou a saber da famosa diatribe de Fornazini ainda antes de ele terminar o *speech*, pois um delator *amigo* correu logo a informá-lo que Carlos António estava, naquele preciso momento a injuriá-lo do alto da tribuna da Câmara.

O tabelião de notas, João José Gonçalves, sempre a par dos mexericos que agitavam a política local, teve uma conversinha de pé de orelha com o amigo Marques, um íntimo dele e próximo de Fornazini, que lhe contou, à porta da Câmara, o pé-de-vento que o italiano estava a levantar lá dentro. O Marques era membro da vereação, um indivíduo enfarpelado num fato pardo, com ares de manga-de-alpaca, de administrativo apagado, muito susceptível e que João José conhecia bem. O notário considerava-o um palerma, evidentemente, mas costumava esbanjar simpatias com ele. Não lhe poupava encómios porque, em troca, o outro, lisonjeado, abria a torneira e lhe contava intrigas secretas. Ajuizava o notário que o pobre fazia questão de lhe mostrar que sabia segredos de Estado para corresponder à lisonja dele, sempre a dizer-lhe que «Vosselência é que sabe das coisas; Vosselência tem altos contactos, está bem informado, muito bem informado, na verdade.»

Pois bem, o Marques ia a sair da Câmara, o notário, a entrar, e encontraram-se. O tabelião de notas, na sua perspicácia matreira, detectou que ali havia gato, pois o homenzinho vinha numa agitação, cheio de nervos, afogueado.

— Então, meu caro? Onde vai com essa pressa? Parece que foge do Demo!

O outro, cumprimentando-o com uma vénia de cabeça, quase humilde, e agarrando a aba do chapéu com as duas mãos suadas, torcendo-o, desabafou.

— Olhe — disse —, não vou a lado nenhum. Quero só apanhar um pouco de ar que o Fornazini hoje está endemoninhado! Nem queira saber o que para ali vai. É que ele está de todo!

O notário, já intrigado, espreitando atentamente através dos óculos redondos, interessou-se.

— O quê? O que se passa? Diga-me, homem, não me deixe nesta ignorância!

Não deixou. Contou tudo, o *speech*, o enxovalho, o que o italiano dissera do governador e o que não dissera; enfim, o que ainda não dissera! — Já que o notário não tinha como saber em que parte do discurso o Fornazini estava, espetou-lhe logo com o recado todo.

João José, deleitado com a verborreia que ia na Câmara, com a maledicência, a difamaçãozinha impertinente, encorajou o Marques a falar, a relatar com pormenores, mas quando a fonte secou teve uma lembrança súbita, uma urgência, deu uma palmada na testa.

— Ai, esta minha cabeça! — exclamou. — Lembra-se-me agora de que tenho uma diligência importante a fazer, e já me passava! Tenho de ir, tenho de ir a correr!

E foi. O Marques nem chegou a sair, voltou para dentro a enrolar o bigode fininho, tranquilo da vida, circunspecto, a pensar que o Fornazini era levado da breca, mas que ele também não se saía nada mal. O correligionário pedira-lhe que fizesse chegar aos ouvidos do governador o seu discurso, a lama que lhe atirava, e ele, satisfeito, pensou: *missão cumprida*.

*

A arrogância de Fornazini fez perder a cabeça ao governador, não tanto pela sua desfaçatez, a que este já se habituara, mas por ter sabido daquele discurso imundo e injusto pelo biltrezinho do tabelião de notas. O notário entrou pelo gabinete todo folgazão, imaginando que fazia um favor político ao governador, uma cortesia para mais tarde cobrar, e falou-lhe com uma trivialidade, uma familiaridade insuportável, quase como se ambos fossem íntimos, anunciou que o vereador estava agora mesmo na Câmara atirando o ilustre nome de Vosselência para um lodaçal e que ele, sentindo-se indignado, o viera prevenir daquela afronta!

O governador podia lá ter os seus defeitos, mas era um cavalheiro honrado, leal aos seus, e não tolerava traidores, nem mesmo os que serviam os seus interesses. Ora, ter de aturar aquele tipo redondinho e seboso — que, como ele bem sabia, costumava privar com os amigalhões da oposição —, sentado de perna traçada, cheio de bonomia, quase afectuoso, fazendo-lhe confidências, conspirando contra Fornazini, deu-lhe asco, teve vontade de o esbofetear. Ouviu-o porém, deixou que lhe contasse ao pormenor as desconsiderações do vereador. Escutou-o sem interrupções, sem tecer comentários, mas muito pálido, torcendo furiosamente os bigodes.

— E é isto — declarou por fim o notário. — Uma rematada vergonha.

O governador manteve-se ainda assim silencioso, petrificado de indignação, encostado à secretária defronte de João José, atirando-lhe de cima um olhar duro. O notário sentado, sentindo-se pequenino, esmagado por aquele olhar gelado que caía sobre si, remexeu-se na cadeira, pigarreou, fez menção de dizer alguma coisa para preencher o vazio desse silêncio opressivo, mas o governador ergueu uma mão soberana, calou-o.

— Não diga nem mais uma palavra — disse, muito pálido — e ponha-se fora do meu gabinete rapidamente, antes que eu o corra a pontapés.

— Mas... — balbuciou o notário, fazendo-se escarlate, todo embaraçado com a humilhação. — Mas Vosselência não compreende, eu... eu vim de boa vontade. É um favor que lhe presto.

— De boa vontade?! — explodiu o governador. — De boa vontade, diz o senhor. Pois fique sabendo que eu dispenso os seus favores e que prefiro a frontalidade do Fornazini aos métodos mesquinhos das suas intrigas rasteiras.

— Foi com a melhor das intenções — disse, quase num murmúrio.

— Não quero saber, desapareça-me da vista antes que eu perca as

estribeiras.

João José, aflito, quis no entanto apresentar as suas razões, argumentar desesperadamente desculpas, apaziguar a fúria do governador, mas este desencostou-se da secretária com os punhos cerrados e uma expressão medonha. Foi o quanto bastou para o notário saltar da cadeira e sair porta fora muito corado, cheio de suores, com as lunetas a escorregarem-lhe do nariz com os vidros embaciados, com os olhos perdidos, vagueando pelos corredores até à porta da rua. Foi caminhando, vexado e revoltado; jurou a si mesmo que haveria de se vingar daquele opróbrio. Era preciso reconhecer que a jogada lhe saíra mal, mas João José agora só pensava na desforra: queria sangue, espezinhar o governador, esmagar-lhe o crânio no pó que pisava, no meio da rua; uma barbaridade, não se contentaria com menos. Depois, mais calmo, estacou debaixo do sol das dez da manhã, ponderou o que fazer. Retirou o lenço do bolso, tirou as lunetas, limpou-as com vagar, tornou a colocá-las, rumou de volta à Câmara.

*

O governador António Paulo de Sousa ficou ainda muito alterado por quase uma hora. Entretanto, percorreu furiosamente o gabinete de parede a parede, vezes sem conta, numa maratona incansável que teve a virtude de o ir acalmando o suficiente para poder planear o contra-ataque sem as precipitações dos planos gizados a quente. Quanto ao notário, esqueceu-o rapidamente; mas o italiano era outra conversa, com esse ele não se podia permitir um fracasso. Ponderou a situação nos diversos ângulos e chegou à irritante conclusão de que, a menos que encarasse a questão como um assunto de honra e o matasse com uma bala na praça pública, em frente a toda a gente, pouco poderia fazer contra ele. A liberdade de expressão era um direito muito inconveniente, evidentemente, mas as liberdades que se tomavam no calor do discurso político faziam parte do jogo, no qual eram permitidos alguns excessos de eloquência. Assim, o governador decidiu que era necessário evidenciar um profundo desprezo, uma indiferença leonina às provocações boçais de Fornazini, e, simultaneamente, enviar-lhe um sinal claro, uma advertência. Se não o podia atingir directamente, teria de arranjar uma forma enviesada de o meter na ordem.

A conversa na véspera deixara o padre Montanha apreensivo. Teve um mau pressentimento. Fornazini gabara-se de ter embatucado o governador com um discurso inspirado, uma verve brilhante. Esmagara-o, fora esse o termo usado por Carlos Antônio: «Hoje, esmaguei o homem.» Nem mais nem menos. Joaquim sabia bem que o amigo se entusiasmava, se atirava para a frente, *esmagava* pessoas. Segundo Fornazini, o major Liberato Vaz fizera questão de o vir parabenizar na praça pública, estendera-lhe os braços, brindara-o com um magnífico aperto de mãos, estivera ali que tempos a sacudir-lhe a mão, a cumprimentá-lo pelas suas providenciais palavras na Câmara: «Um rasgo de verdade, uma lufada de ar fresco, parabéns, parabéns, Vosselência, hoje esteve gigante!» E, claro, Fornazini ouvia estas coisas e inchava-lhe o ego, perdia um pouco a percepção da realidade. Mas Joaquim tinha os pés no chão e não ia atrás desses entusiasmos fátuos que depois saíam caros, se uma pessoa não se precavia.

— Olhe que o governador não se vai ficar — avisou o amigo.

— Ele que venha — respondeu Carlos Antônio, impante, cheio de bazófia.

— Comigo, leva bordoadas!

Com efeito, não se ficou. Nessa mesma manhã, depois de expulsar João José do gabinete e de muito ponderar na resposta adequada para a afronta de Fornazini, o governador sentou-se à secretária, preparou o tinteiro, a pena, uma folha em branco e, já com o espírito desanuviado, redigiu, com letra escoreita e sem peso na consciência, a demissão do padre Montanha do cargo de professor da Escola Régia de Primeiras Letras, que este ocupava há muitos anos. «Alguém teria de pagar pela insolência do italiano», pensou Antônio Paulo de Sousa. «Alguém tinha de pagar», pensou Joaquim, desolado com aquela fatalidade.

O padre soube-o por João José, que lhe foi bater à porta à hora do almoço.

— Venho da Câmara — comunicou-lhe, afogueado no seu fato escuro — e acabo de saber desta infâmia.

O notário estava consternado, solidarizou-se muito com o padre, «não havia direito, era uma afronta», dizia, chegava a ser insultuoso. «E as crianças?! Coitadas das crianças...»

Foi o padre que teve de o sossegar, de lhe dizer que também não era o fim do mundo, enfim; não seria pelo salário perdido que haveria de lhe faltar o pão, e, quanto às crianças, estas sempre tinham a outra escola. «Sim, realmente», concedeu João José, «por esse lado, elas estavam salvaguardadas, mas que coisa, que falta de bom senso do governador!» Joaquim tinha fome, queria almoçar; foi-lhe dando palmadas nas costas, encaminhando-o para a porta da rua, agradecendo-lhe por ter vindo, mas que não ficasse em cuidado,

pois tudo se resolveria.

— Não é que valha de muito, mas olhe, deixo-lhe a minha solidariedade — disse João José, levando a mão ao peito, cheio de sentimento.

— Que é muito bem-vinda, meu amigo, agradeço-lhe! — Embora, no fundo, achasse o notário um tratante e não acreditasse que ele se sentisse minimamente incomodado com a situação.

*

Na carta dirigida à Câmara, o governador declarava: *Mandei suspender os ordenados do professor da Escola Régia de Primeiras Letras desta vila, o padre vigário Joaquim de Santa Rita Montanha, porque não existe de facto há muito tempo a dita escola, pois esta foi inteiramente abandonada pelos rapazes, e estes, uns de moto próprio e outros por ordem dos seus pais, passaram a aprender em outra escola. Parece impossível que, no longo espaço de nove anos e meio que é professor, o dito vigário não tenha aprontado um só discípulo sabendo ler e escrever.*

De facto, boas razões assistiam o governador ao invocar estes argumentos demolidores. Joaquim tinha boa vontade, batalhara ainda por um espaço digno, uma sala onde pudesse ministrar as suas aulas, ao invés de ter de o fazer debaixo de um tecto de palha, sem paredes, com as crianças sentadas no chão, mas a escola nunca se fizera, e Joaquim, nos seus muitos afazeres, não tinha braços para mais.

O governador nunca se incomodara com a situação, mas agora, nesta súbita indignação, não resistiu e acrescentou-lhe uma ferroadá: *Não admira esta situação, se se atender que o reverendo vigário, além das obrigações do seu ministério, é encarregado da Companhia Comercial de Vicente Tomás dos Santos, assiste diariamente à obra da sua casa que tem em construção, e a outras diferentes de que se encarrega por paga, reservando o pouco tempo que lhe resta das suas fadigas para passar, nos balcões do perturbador do sossego público, Carlos António Fornazini, a criticar com ele todos os actos do governo e fazendo oposição como por vezes se tem verificado.*

E, pronto, ali estava, preto no branco, a justificação para a inquietação do governador com a ausência de resultados do professor da Escola Régia.

*

Nos dias seguintes, Fornazini andou como um furacão pela vila, desconsiderando o governador numa campanha militante, fazendo a defesa do padre Montanha. Estava possesso, mas de mãos atadas, porque pouco mais podia fazer além de injuriar António Paulo de Sousa. Este recebia os ecos da fúria do italiano e ria-se desalmadamente com os seus próximos, no recato do gabinete, orgulhoso da sua jogada de mestre. Com efeito, era uma decisão inatacável, que nem a Câmara contrariou. No centro desta enorme polémica que por aqueles dias animava a vila e que permitia até esquecer o problema bem mais inquietante da guerra civil que varria o distrito, o padre Montanha mantinha-se surpreendentemente tranquilo. Ao contrário de Fornazini, que levava a peito a afronta, Joaquim encarava a atitude de António Paulo de

Sousa com bastante *fair-play*, com uma certa beatitude. Reconhecia que o governador tivera ali uma inspiração e encolhia os ombros com bonomia.

— O que se há-de fazer? — disse a Fornazini. — Temos de convir que o governador teve um golpe de asa.

Mas Carlos António estava pelos cabelos, não queria admitir que perdera. O que lhe doía mais era que o governador anulara o ataque bestial que ele lhe lançara. Ainda há dias se gabava que o esmagara, e agora isto. António Paulo de Sousa dera-lhe uma lição, como a que se dava aos meninos malcomportados, enfim: colocara-o no lugar.

Foram ver os barcos ao molhe, junto à praça de armas, desanuviar um pouco, fumar um charuto, pôr as ideias em ordem.

— De qualquer modo — comentou o padre, referindo-se aos governadores em geral —, eles vêm e vão, e nós ficamos. É só uma questão de tempo.

— Mesmo assim, dá-me raiva — disse Fornazini, que não se conformava.

— Ó homem, deixe lá isso. Sabe que mais? Ele tirou-me um peso dos ombros.

Deram uns passos em silêncio, o italiano com um braço atrás das costas chupava o charuto e lançava ao vento baforadas de fumo. Sorriu com um pensamento.

— Em boa verdade — disse —, aquela sua escola nem existia.

— Pois não, mas existia o salário.

Começaram a rir e foram pelo molhe fora a gargalhar, a descomprimir com piadas ligeiras, a apreciar os charutos.

No entanto, Joaquim escreveu uma carta a Vicente Tomás dos Santos, pondo-o a par dos últimos desenvolvimentos em Inhambane, para que este os tomasse em conta nas diligências que fazia na capital, junto do governador-geral, e, tanto quanto possível, para que apressasse a transferência de António Paulo de Sousa. *Afinal de contas*, pensou, *já não seria o primeiro que corriam dali, nem o último, provavelmente.*

*

Joaquim andava entusiasmado com a casa que decidira construir, um modesto casebre que lhe servisse somente de lar, como ele dizia. Não queria nada de extravagante: uma sala pequena, um quarto, um torrãozinho bonito nas traseiras, como convinha ao remanso dos fins de tarde, com o seu jardim de alfazemas. Era tudo o que ele desejava, mas o padre foi melhorando o projecto. Acrescentou-lhe um quarto amplo ao lado da cozinha para quando Leonor lá ficasse com as crianças, um escritório onde tivesse lugar para uma secretária para os seus papéis, e na qual pudesse trabalhar, alargou a sala de estar, quis um alpendre a toda a extensão da fachada principal, de modo a propiciar uma sombra misericordiosa aos que o viessem procurar, porque queria uma casa aberta a todos e desejava, assim, contrariar os muros e as portas largas que embaraçavam os pobres, que intimidavam os humildes. Não, a sua morada seria o refúgio da comunidade!

Leonor ouvia-o falar com enorme entusiasmo da casa e ria de alegria,

contagiada pelo brilho que lhe via na pupila.

— Vai ser muito linda, senhor padre — dizia.

— E tu, filha, terás o teu quarto, o teu lugar, para quando lá estiveres com os miúdos.

A ela, bastava-lhe o quartinho acanhado de sempre, que ele remodelara à pressa, penalizado pela própria incúria, depois de lá ter entrado uma vez, naquela memorável noite de pecado. Agora, o quarto era cómodo, digno, apazível. Tinha mobília recente e o cheiro a lavado das paredes pintadas de fresco. Leonor até gostava mais dele do que da casinha na vila que lhe parecia o céu, porque assim ela ficava sempre perto do seu padre, sem ter de se retirar à noite com a vulgaridade de uma empregada doméstica. Desde a chegada dos refugiados que Leonor não regressara a casa; dormia com as crianças no anexo, provisoriamente, até a vida retomar a normalidade. Ele assim decidira. «É mais seguro», dizia. Porém, o estado de guerra eternizava-se, e ela lá ia ficando, feliz, prestável, radiosa numa juventude esplendorosa que deslumbrava os olhos do padre Montanha.

*

Não conviviam como um casal comum, evidentemente; Leonor permanecia, tão-só e para conhecimento da sociedade inhambanense, a mulher-a-dias do padre, a landim que obtivera a alforria por generosidade do senhor vigário, mas Joaquim tinha a virtude de não olhar a cor negra da pele como distinção de inferioridade e, hoje em dia, passados tantos anos na sua companhia, ganhara-lhe uma afeição tão grande que por vezes se surpreendia a vigiar os seus passos em casa, com uma franca devoção, cheio de bons sentimentos, enternecido. Em tempos, chegara a amaldiçoar a beleza selvagem daquela mulher, que lhe quebrava a santa resistência e o desviava da rectidão divina. Nessa época, persistia nele uma titânica luta espiritual entre o certo e o errado; Joaquim ainda soçobrava em escrúpulos, atormentado pelo anseio de a ter e pelo peso na sua consciência. Quando enfim se atirava a ela no desvario do desejo, em cima da mesa da cozinha ou montando-a à força no soalho, quase revoltado com o descontrolo que Leonor lhe provocava, ela torneava-lhe as ancas com as pernas fortes, num aperto tremendo, e era como se fosse o próprio diabo a aprisioná-lo. Mas nem isso o impedia. Doido por Leonor, rendido à sensualidade do seu corpo sublime, brilhante de suores quentes, exalando o odor intenso dos amores vedados, entregava-se ao prazer desbragado das lutas amorosas que travava com ela. E, nesses momentos de transcendente arrebatamento, não atentava às razões dos bispos, ao voto de castidade ou ao castigo de Deus. Tudo isso lhe parecia menor, conquanto satisfizesse o apetite febril de a possuir. Por fim, a vontade explodia nele e, não se aguentando mais, assaltava-a e despia-a num frenesim. Rasgava-lhe o vestido, arrancava-lhe as cuecas, devorava-a com uma voracidade benigna. Leonor gostava, entregava-se toda, correspondia-lhe com a mesma brusquidão de amante desesperada, envolvia-se com ele numa luta corpo a corpo que os deixava exaustos e que acabava com os dois deitados, lado a lado, no chão a

contemplarem o tecto ofegantes e calados. Ela era sempre a primeira a levantar-se. Recolhia o vestido em farrapos e retirava-se de cabeça erguida, como uma rainha africana, imponente na beleza da sua nudez altiva. Levava também um sorriso nos lábios, mas isso ele não via, porque só tirava os olhos do tecto depois de deixar de ouvir os passos dela reverberando no soalho.

*

Joaquim tinha este fascínio pelo tempo: «Ele desfaz os nós», como costumava dizer o padre quando se punha a filosofar sobre as vantagens de se deixar passar o tempo para assim se amadurecer um assunto, uma ideia, um problema. «As decisões tomadas com vagar evitavam precipitações irremediáveis, já as atitudes precipitadas tendiam para a asneira.» Ironicamente, uma pessoa só se consciencializava deste simples facto da vida ao fim de muito tempo. Joaquim aprendera a refrear o seu temperamento impetuoso à medida que fora envelhecendo. Era hoje um homem bem mais tranquilo e ponderado. A idade tinha destas coisas: perdia-se ingenuidade, ganhava-se bom senso.

A relação com Leonor amadurecia numa doce normalidade, numa serena felicidade. O ímpeto amoroso dos primeiros dias esmorecera e ele já não a perseguia pela casa, onde agora passarinhavam crianças. Em contrapartida, recebia-a no quarto. Ela esgueirava-se nas pontas dos pés, deslizando pelo silêncio escuso da madrugada, envolta apenas num pano diáfano, que deixava escorregar para o tapete, e enfiava-se nua debaixo dos lençóis, onde ele a esperava meio adormecido mas também sem roupa, todas as noites de sábado. Mais tarde, Leonor deixava-o, acabado de sucumbir a um sono profundo logo que a luz da aurora se insinuava pelas persianas. Cobria-se com o pano étnico e saía do quarto descalça, sem fazer barulho, orgulhosa por ter oferecido, ao *seu homem*, e com o mesmo calor de sempre, uma noite de amor desenfreado, de tal modo que deixava, no lençol empapado de suores recentes, a marca do seu corpo perfeito.

A maior alegria de Leonor era Joaquim ter deixado de a possuir de qualquer maneira, deitada com sofreguidão no soalho abrasivo ou prostrada de quatro a um canto da casa, para ele se satisfazer com uma voracidade de animal com o cio. Em contrapartida, ela aprendia depressa os segredos do amor e sabia recompensá-lo por a aceitar na sua cama, proporcionando-lhe prazeres suaves e demorados que nem ele suspeitava serem possíveis, mas que Leonor descobria instintivamente porque tinha uma sabedoria inata. Esta dignidade de mulher desejada na cama, em vez de caçada pelos corredores como uma gata selvagem, era uma deferência dele desde a primeira gravidez. Leonor tinha a consciência de que jamais seria a sua esposa legítima, não tanto por ser uma landim forra mas devido àquele estranho costume dos brancos que proibiam os padres de terem mulheres. Não obstante a condição secreta que lhes cerceava a vida, que os impedia de gozar deleites tão singelos como um passeio a dois à beira-mar, à vista de um sol que fenecia em Inhambane numa extraordinária tonalidade laranja, Leonor aceitava todos os inconvenientes

com serenidade, agradecida até, pois, embora repugnassem a Joaquim fazer declarações de amor, ele tratava-a bem e já fizera por ela mais do que alguma vez Leonor podia ter esperado da vida, e, seguramente, mais do que muitos portugueses faziam pelas suas mulheres brancas. Por tudo isto, oferecia-se a ele com um desejo genuíno e uma vontade de agradar tão grande que Leonor ficaria destroçada se lhe falhasse uma noite e se não o conseguisse deixar satisfeito e tranquilo até ao sábado seguinte.

Era do que Joaquim precisava, uma semana de amena tranquilidade, livre do tormento da libido, para se dedicar sem perturbações espirituais aos deveres eclesiásticos e às muitas outras responsabilidades que o prendiam e lhe exigiam que mantivesse a cabeça limpa e os pés na terra. A presença de Leonor e das crianças na vida de Joaquim deixara de ser um drama moral para se tornar um hábito simples na feliz normalidade dos dias. O tempo, esse magnífico aliado, tudo relativizava. O padre não se comovia mais com as implacáveis leis do Vaticano, e até lhe revolvia o estômago saber da hipocrisia dos bispos soberbos que escreviam essas proibições categóricas, mas também não estavam isentos dos pecadilhos de alcofa.

*

Os anos decorriam harmoniosos e sem sobressaltos na carreira do padre Montanha, entre casamentos e baptizados, missas diárias e festas católicas nos dias santos. A vida passava generosa por ele, igualmente ocupado com as suas propriedades agrícolas, a actividade das lanchas, as obras da igreja e da casa nova, os negócios da feitoria de Vicente Tomás dos Santos, que ele geria com Carlos António Fornazini, além de partilhar com este uma estreita cumplicidade política. Enfim, o padre Montanha ia acumulando uma pequena fortuna sem percalços de maior. Mas já começava a aborrecer-se com aquela rotina, com a bonomia da vila, com a apatia das pessoas, muito pacatas e insensíveis até às guerras tribais que assolavam o distrito e que massacravam populações inteiras desde a chegada do rei de Gaza, o malévolo Manicusse que ia alargando o seu poderoso império debaixo dos olhos da pachorrenta administração portuguesa. O próprio governador, distraído ultimamente com essas guerras que ele mesmo agravara por via dos negócios de marfim, preocupava-se muito pouco com os problemas da vila. Aliás, a passagem de António Paulo de Sousa por Inhambane seria muito justamente referida nos textos de História tão-só por um ou dois motivos mesquinhos: uma embirração com a falta de alinhamento das ruas e umas exprobrações constantes ao povo por as encher de lixo e de entulho. Partira sem deixar uma ideia de fundo, um projecto inteligente. Na realidade, o seu legado murcho só não acabaria completamente esquecido nos compêndios científicos porque no final lhe sobreviverá um único facto histórico: o caos militar em que deixou o distrito. António Paulo embarcou numa dessas manhãs esplendorosas, de céu muito azul e de sol faiscante, sem palmadinhas nas costas nem as emoções das despedidas pungentes, pois não teve mais do que a guarda de honra no cais, que lhe era devida, e o restrito e circunspecto grupo dos íntimos do gabinete.

A alegria de o ver terminar o mandato sem brilho nem reconhecimento público foi, contudo, breve, porque o sucessor, enviado pelo governador-geral, não vinha de boa vontade, e os poderosos da vila ainda faziam piadas sobre António Paulo de Sousa quando chegou o novo governador, com modos severos e comedido nas simpatias. E a situação na vila, o estado de rebelião no distrito, em vez de melhorar, agravou-se.

— Vamos de mal a pior — desabafou o padre Montanha ao amigo Fornazini, saturado da prepotência dos regentes. — Devolvemos-lhes uma besta, mandam-nos uma cavalgada.

As hábeis influências movidas por Vicente Tomás dos Santos na capital tinham, porventura, dado os seus frutos. Não que o governador-geral admitisse em circunstância alguma a mais remota intenção de substituir um representante seu a pedido fosse de quem fosse, evidentemente, mas não reconduziu António Paulo de Sousa. Enfim, ele tinha as suas razões, estava enxofrado com a guerra que este aprontara. «Era um idiota chapado!», rugia na intimidade do gabinete. Já para Lisboa, falava dele como «um homem de grande mérito, um dos melhores!». Infelizmente, um emérito atropelado pela História, sofrendo do mesmo mal da escassez de meios de toda a colónia, dizia o governador-geral para não ter de admitir que se enganara ao colocá-lo em Inhambane. De resto, a culpa não era só dele. António Paulo de Sousa queixava-se há muito nos seus ofícios para a capital de que o distrito estava uma festa de fogo-de-artifício, que o contrabando de armas e de pólvora se fazia à descarada, que os vátuas incendiavam tudo e com uma impunidade chocante, que ele próprio não possuía tropa suficiente para contrariar estas ousadias e que os bitongas, vassalos da Coroa, não lhe serviam de nada por serem cobardes como gaiatos assustadiços e por fugirem ao primeiro alarme. Era por demais evidente que António Paulo estava de mãos atadas, perplexo, sem saber para onde se voltar, desgastado pela guerra e pelos conflitos constantes entre negros e europeus, por causa dos escravos e do marfim. Pois bem, se o governador não conseguia governar, não adiantava mantê-lo no posto. O governador-geral deu um murro na secretária e mandou chamar à sua presença o capitão António Manuel Pereira Chaves. O oficial era reputado nas fileiras militares por muitos talentos, um deles, e o mais útil nesta circunstância, o de ser um disciplinador nato, um militar de grande rasgo, de iniciativa. O capitão entrou no gabinete a meio de uma fúria do governador-geral que acabava de gritar com um ordenança por um pretexto menor, quando o que de facto o trazia de mau humor era justamente o atoleiro em que António Paulo de Sousa deixara o distrito de Inhambane. Levantou-se, rosnou ao capitão que se deixasse de formalismos, quando este lhe bateu uma continência correcta, puxou as calças para cima, mandou-o sentar-se e pôs-se a palmilhar o gabinete com as mãos atrás das costas, expondo os problemas com muita lucidez, como se desse, ali mesmo, uma inusitada aula de História.

— Em suma — disse —, a questão é esta: o advento do Manicusse levou estes povos pacatos a procurarem alianças entre eles. Esta iniciativa surgiu da urgência de se defenderem porque, apesar de serem nossos vassalos e de contarem com a defesa da Coroa, estes constatarem a nossa impotência perante o Manicusse. Os chefes que ainda se mantêm fiéis aos portugueses sofrem a contestação dos súbditos que se revoltam face à nossa fraqueza. «E

nós, o que fazemos? Nada, absolutamente nada! Aliás, nada não, nós pioramos a situação. Pior não, muito pior! Nós temos uma cavalgada a gerir esta crise!»

— Com efeito — aquiesceu gravemente o capitão —, tem havido uma grande inabilidade.

— É que não há maneira de moderar os instintos assassinos do Manicusse. É um animal incorrigível, uma aberração da natureza, um criminoso sem moral! O seu comportamento é revoltante... — Abanou a cabeça, descoroçoado, mas logo se animou. — Bem, das duas uma, ou o neutralizamos ou fazemos dele nosso aliado. O que digo? Já o fizemos! E não nos valeu de nada! Ele é um selvagem indomável, um homem das cavernas!

O capitão passou os dedos pelo bigode fino, ponderando.

— Seria um aliado providencial, sem dúvida — considerou.

— Seria, de facto, mas não nos é possível, porque o Manicusse só faz o que entende, não nos tem respeito.

— Pudera, o homem tem um exército tremendo.

— Sim, tem... — O governador-geral estacou pensativo, no meio do gabinete, obrigando o capitão a virar-se na cadeira para o conseguir ver. — Precisamos de ser realistas, de momento não temos exército para ele. O que há a fazer é incutir-lhe algum temor, refreá-lo. Quando não, os régulos que nos restam juntam-se a ele. Enfim, é isto, capitão. Conto consigo para pôr o distrito na ordem.

O capitão levantou-se, encarou o governador-geral e perguntou:

— Vossa Excelência está a nomear-me governador de Inhambane?

— Pois, claro que estou!

O brigue que trazia o capitão fundeou na baía de Inhambane, vindo da Ilha de Moçambique, ao final de uma tarde de águas calmas. Uma lancha levou-o para terra, deslizando no marchão, cortando sulcos pacíficos no remanso da película espelhada à superfície que, no entanto, escondia as fortes correntes da maré alta. Deste modo, o capitão chegou à vila sem se anunciar e atravessou sozinho a praça de armas, não se incomodando com os dois soldados sentados no chão a dormir, encostados à parede do pequeno quartel, que era o que havia em Inhambane mais parecido com uma fortaleza, embora estivesse longe de o ser. Entrou, apresentou-se ao oficial de dia. Este deu um pulo na cadeira, surpreendido, desfazendo-se em desculpas de não ter sido avisado da chegada do senhor governador.

— Não se preocupe com isso, tenente — disse, tranquilo. — Mande prender aqueles dois inúteis que estão lá fora a dormir e depois acompanhe-me numa visita às instalações.

*

Quando soube do novo governador, o padre Montanha pediu de imediato uma audiência. No dia seguinte, pela manhã, foi fazer-lhe uma visita de cortesia ao quartel, onde o capitão Chaves decidira assentar arraiais e despachar serviço junto dos homens para estabelecer uma diferença logo de

início. Joaquim reconheceu a sutileza do sinal que o governador procurava dar às tropas e foi para lá a pensar que era de se lhe tirar o chapéu. Entretanto, já se soubera que o novo governador entrara a matar, mandando prender dois praças que dormiam em serviço, para a soldadesca ver como elas mordiam e para atinar. «Era bem feito, um lance de mestre», considerou Joaquim, impressionado, que a disciplina e a ordem faltavam àquela guarnição como pão para a boca.

No entanto, já não veio tão comovido das primeiras impressões, pois saiu do gabinete irritado com a petulância do governador. António Chaves recebeu-o com um formalismo gelado. Não lhe arrancou uma simpatia, e o padre ficou até com a sensação de que o governador já trazia uma ideia formada sobre a sua pessoa e de que as referências não seriam as melhores. Enfim, conversaram um pouco de tudo, o padre, querendo ser-lhe útil, forneceu-lhe o estado de espírito da população, falou-lhe da inquietação que sentia todos os dias nas pessoas, queixou-se da insensibilidade do seu antecessor, dos problemas que aprontara com os negócios de marfim, do estado de rebelião que assolava o distrito e dos incómodos sociais e sanitários causados pela presença dos refugiados makwakwa na vila. O governador escutou-o atentamente, o padre viu-lhe na expressão inteligente que absorvia a informação e que tomava nota mentalmente do que ele lhe dizia. Aqui e ali, fez uma pergunta curta, seca, de pormenor, mas sempre rígido como um pau de bandeira, destituído de sorrisos, mantendo-se frio e distante, abstando-se de fazer conversa mole, de entrar em alegre camaradagem. Longe disso. Joaquim tentou sondá-lo sobre as suas intenções, o que pretendia fazer, se viriam reforços para a guarnição, se estava previsto o envio de mantimentos da capital para o caso de ficarem sitiados, mas o governador, tão disponível para ouvir mas muito pouco interessado em falar, foi respondendo por deferência, com palavras parcas, cheio de evasivas, parcimonioso na informação.

Tendo exposto as suas ideias, ao fim de alguns minutos de monólogo, o padre Montanha percebeu que não adiantava insistir.

— É isto — disse. Bateu com as manápuas nas pernas, fazendo menção de se levantar. — Fica então, Vossa Excelência, com esta informação preliminar e, de resto, tudo o que precisar de mim é só mandar.

O governador pôs-se de pé, atrás da secretária, com as pontas dos dedos apoiadas no tampo.

— Fico agradecido — respondeu. — De momento, tudo o que preciso é de organizar. Denoto aqui muita desorganização, muita displicência.

— Concorro consigo, este povo é muito passivo, muito agarrado ao seu sossego. Fôssemos nós ingleses e já tínhamos o Manicusse à frente de um pelotão de fuzilamento. Longe de mim apoiar tal barbaridade, eu que sou um homem de Deus e frontalmente contra os pelotões de fuzilamento, mas as coisas são como são, e esta é uma daquelas realidades que não podemos torcer. Os ingleses são de uma eficiência brutal, enquanto os nossos soldados dormem à porta do quartel.

Aquilo não caiu bem ao capitão, que se pôs pálido, arregalou os olhos.

— Já não dormem, padre Montanha, já não dormem. Sob o meu comando asseguro-lhe de que ninguém dorme — declarou, melindrado.

O padre, vendo que irritara o homem, quis apaziguá-lo com uma palavra simpática.

— Deixe que lhe diga que isso são ótimas notícias — suspirou. — Fazemos cá falta homens determinados e temerários como Vossa Excelência.

Terminou a conversa com o governador antes das dez e foi ao barbeiro, que era onde se sabiam as notícias pela manhã. Encontrou o Fornazini com a cabeça deitada para trás, na cadeira, e o senhor João, o barbeiro, com uma navalha suspensa no pescoço do italiano, à sua mercê. Este observou o padre pelo canto do olho e achou-o preocupado.

— Caramba, que você vem cismado.

— Venho do quartel — anunciou o padre, ocupando um lugar livre atrás da cadeira do barbeiro.

Fornazini ergueu um sobrolho.

— E, então, que lhe pareceu o homem?

— Um militarão da cabeça aos pés — resumiu o padre.

— Bravo! — exclamou Fornazini. — Pode ser que seja desta que nós temos um governador capaz de restabelecer a lei e a ordem no distrito.

— Talvez, quem sabe?

— Não me parece muito animado, o amigo. O que o inquieta?

— Olhe — disse o padre —, não estou nem animado nem desanimado. O governador pareceu-me um homem inteligente e corajoso, mas desconhece o terreno e se ele se precipita, se entra a matar com o Manicusse e o Inguana, receio que vá acabar mal. Isto é um lodaçal, uma confusão de guerras. Há que compreender a situação, há que planear antes de atacar.

O italiano caiu num silêncio pensativo a absorver as palavras avisadas do padre, enquanto a mão firme do barbeiro lhe subia pelo pescoço, destapando-lhe uma risca de pele na espuma branca.

— Mas — disse depois —, decerto que o homem não é louco, não vai a direito por essa selva dentro sem tomar as suas providências. Ele há-de estudar o assunto, fazer planos, gizar uma estratégia.

Joaquim cruzou os braços, esticou as pernas cruzadas nos tornozelos, consolou-se com uma esperança.

— Sim, claro — concordou. — É um oficial reputado, decerto sabe o que faz.

No entanto, receava o excesso de confiança de António Chaves. Ficara-lhe a ingrata impressão de que o capitão era tão cheio de si que não ouvia ninguém; ou, mesmo que ouvisse, não se deixava influenciar pelas opiniões alheias, fazia só o que achava por bem e que, queria-lhe parecer, era daqueles que decidiam sozinhos porque achavam que tinham sempre razão.

O senhor João acabou de fazer a barba de Fornazini sem se intrometer, pois

tinha o costume avisado de não meter a colherada nas conversas dos clientes, sobretudo dos mais distintos, a menos que estes lhe pedissem a opinião. Reservava o cavaco para os amigos e guardava religiosamente as indiscrições que ouvia aos outros, por isso, todos sabiam que podiam falar abertamente na barbearia sem se acanharem com a sua presença. Colocou um toalhete quente e húmido sobre o rosto do italiano, foi lavar os instrumentos de barbear. A barbearia era um lugar que não apetecia, um corredor abafado com a justa largura para a cadeira onde ele sentava os clientes e, atrás, uma fila de cadeiras ao longo da parede para os que esperavam pela sua vez. Havia um espelho grande por cima de um balcão estreito, que ele utilizava para ter as tesouras e as navalhas à mão. Ao fundo do corredor, uma janela aberta para o verde bucólico de uma fresca paisagem de palmeiras permitia a passagem de uma corrente de ar morna, insuficiente para aplacar os suores dos clientes, deixando a pairar uma mescla confusa desses odores fortes de homens pouco dados ao banho com os dos frascos de perfumes baratos e com o cheiro inconfundível do sabão da barba. Contudo, nada disso incomodava os frequentadores habituais que, ao fim e ao cabo, eram todos os europeus da vila. Sendo a única barbearia da região, o estabelecimento do senhor João era tacitamente considerado terreno neutro. Ali se cruzavam adversários políticos, vizinhos desavindos, inimigos figadais, e o mais que acontecia eram uns resmungos de desagrado, umas expressões mal-encaradas. O próprio governador Paulo de Sousa fizera lá a sua barba diária até nos momentos mais críticos do seu mandato, e só mesmo nos últimos dias, em que quase não saía à rua, é que mandara chamar o senhor João para lhe fazer a barba no gabinete.

O barbeiro retirou o toalhete do rosto de Fornazini e, agora, aparava-lhe as suíças.

O italiano espreitou o padre pelo espelho à sua frente.

— Ele tem planos, ao menos? Disse-lhe o que tenciona fazer?

— Nada, fechou-se em copas — respondeu o padre, afastando uma mosca com um gesto enérgico. — Só me garantiu que, com ele, os soldados não dormem em serviço.

Fornazini aprovou essa determinação, mas, ao padre Montanha, nada lhe tirava o mau presságio de uma tragédia iminente.

Com efeito, nas semanas seguintes notaram-se grandes movimentações do exército na vila. O capitão Chaves impôs um regime de treino intensivo às tropas que só não faziam exercícios de fogo real porque era imperioso poupar a munição naquela época de emergência militar em que tudo escasseava, apesar de o governador ter redigido, à Ilha de Moçambique, um ofício urgente a pedir reforços de efectivos e de mantimentos pouco depois de ter chegado a Inhambane. Debalde, pois o apelo não foi atendido pelo governador-geral. Este, de facto, dispensou-lhe alguns mantimentos, ao passo que, quanto a soldados, respondeu que não era só em Inhambane que eles escasseavam, mas em toda a colónia, pelo que iria ver o que se podia arranjar. O capitão depreendeu que não devia esperar grande ajuda por esse lado.

*

O padre Montanha foi abrir a porta da igreja bem cedo e, saindo para respirar o ar fresco da manhã, deu com um pelotão formado em duas filas, em passo de corrida, que passava defronte. Notou que o governador apressava a prontidão das suas tropas para entrarem em combate. A sua preocupação crescia. Em menos de um mês, o capitão Chaves agravara as relações com os landins, pois instara o seu chefe mais importante, o régulo Inguana, a cessar as hostilidades com os bitongas, vassalos da Coroa. Inguana não reagiu bem ao ultimato e fez pior: lançou novos ataques contra os vizinhos bitongas.

Aliado dos portugueses para se defender da fúria imperial de Manicusse, Inguana desinteressara-se dessa aliança por ver que os brancos não tinham força para deter o régulo vátua. O seu desagrado com os molungos vinha desde a questão do marfim apresado a um caçador de elefantes que o governador António Paulo de Sousa reclamava. Este invadira-lhe as terras e criara um sério conflito. Inguana, sentindo a fraqueza dos portugueses, perdera-lhes o respeito.

Os soldados passaram, o padre Montanha voltou para dentro, dirigiu-se à sacristia. Foi preparar-se para a missa matinal, mas, enquanto se paramentava, continuou a cismar com a preocupação latente que o incomodava. As pessoas andavam entusiasmadas com o novo governador, viam os soldados disciplinados, os exercícios de treino, as defesas reforçadas nos limites da vila; sentiam-se mais seguras. Joaquim reconhecia-lhe o voluntarismo, percebia que o capitão estava habituado a ser obedecido sem admitir que lhe contestassem as decisões, mas receava que essa característica o perdesse. Vestiu os paramentos com gestos lentos, pensativo. Mais tarde, foi dizer a missa com uma resolução tomada.

*

Ao fim do dia, Joaquim foi procurar Carlos António Fornazini para lhe falar desta sua preocupação. Deu com ele no boteco do Manecas, a cavaquear com o major Liberato Vaz. Joaquim entrou e sentou-se com eles.

Era um lugar infecto, onde se bebia vinho da pipa em canecas de madeira. As barricas acumulavam-se na parede do fundo, ao lado do balcão, também este improvisado por uma tábua em cima de uma fila de pipas. E, tudo aquilo era muito básico, muito rústico, emporcalhado. O Manecas veio logo de trás do balcão, radiante por ver o padre Montanha no seu antro. Joaquim não o frequentava; aquele não era um lugar natural para se encontrar o padre, e só mesmo a urgência de falar com os amigos o levou a ficar.

— Folgo muito em tê-lo por cá, senhor padre — alegrou-se o Manecas. — Toma um vinho?

— Pois sim — aquiesceu Joaquim, não querendo ser antipático.

— É por conta da casa — anunciou o taberneiro, enquanto voltava ao balcão para o servir.

— Muito agradecido — respondeu, voltou a cara e fez uma expressão de fatalidade para os amigos.

— Vantagens da Igreja — comentou Fornazini, divertido com o embaraço do padre.

Pairava um cheiro intenso a carrascão, moscas ébrias voavam tontas, chocavam umas com as outras, tombavam nas mesas.

O padre não perdeu tempo, foi directo ao assunto, criticou a estratégia do governador.

— Estou preocupado com o rumo que o governador está a dar a esta questão do Inguana — disse. — O Paulo de Sousa também foi agressivo com ele e só o conseguiu virar contra nós.

Fornazini encolheu os ombros.

— Esse queria era o marfim do Inguana — contra-argumentou.

— Verdade, mas a questão mantém-se. O caso com o Inguana pede mais diplomacia e menos paulada. Ora, o governador vai pelo caminho inverso — afirmou Joaquim. Depois, voltando-se para o major Liberato Vaz, que se conservava mudo a afagar aquele seu farto bigode de sempre e que já se fazia grisalho, perguntou-lhe: — E, você, major, o que diz?

— Eu cá, dava-lhe razão, mas é preciso considerar que, se nós estamos metidos neste atoleiro, é porque fomos brandos, demasiado fracos. O indígena perdeu-nos o respeito. Como o amigo sabe, já não há um chefe que nos receie. É uma sorte ainda eles não nos terem invadido, quiçá massacrado.

— O desgraçado do Manicusse já tentou — disse Fornazini, com um ressentimento. — E há-de tentar outra vez, se não tomarmos providências.

— Absolutamente — concordou o major.

Joaquim ergueu as mãos, exasperado.

— Mas então...

— Ora, aqui está uma caneca do melhor vinho da casa — interrompeu o Manecas, pousando-a à frente do padre. E, ficou ali espedado com um sorriso

néscio, à espera.

O padre deixou cair os braços, suspirou, agradeceu-lhe, bebeu, elogiou-lhe a pinga.

— Um néctar! — exagerou.

— Do melhor, disso não arranja outro em África inteira.

— Muito bom, muito bom, obrigado, Manecas, é excelente.

— Deste é que o senhor padre devia servir no altar — disse o Manecas.

Fez-se um silêncio, o padre olhou para ele...

— Servir?

— Pois, quer-se dizer, ter lá para as suas missas.

Olharam os três uns para os outros, estupefactos, e rebentaram numa gargalhada.

— Essa é boa, ó Manecas! — exclamou Fornazini, limpando as lágrimas do riso.

Lá se livraram do taberneiro, que recolheu ao seu balcão de pipas. Joaquim abanou a cabeça, desconcertado, ainda com um sorriso.

— Onde é que eu ia? — perguntou.

— No Inguana, no atoleiro — lembrou o major.

— Ah, sim... — O sorriso morreu-lhe de imediato; o padre chegou-se para a frente como se fosse partilhar um segredo, falou em voz baixa, conspirativa: — Major, está a dizer-me que vamos para a guerra? A decisão está tomada?

O major Liberato Vaz fez um gesto largo com um charuto apagado.

— Não sejamos dramáticos — disse, empregando um tom suave. — Não é uma guerra.

— Então, o que é? — perguntou o padre, ansioso, convencido de que o outro negava o óbvio.

O major rodou, com vagar, a ponta do charuto sobre a chama da vela tosca que ardia em cima da mesa.

— É, quando muito, uma ou outra acção punitiva para pôr o gentio na ordem — disse, concentrado no charuto, levando-o à boca e chupando-o até o major ficar envolto numa nuvem.

— Uma ou outra acção punitiva, diz o senhor... — comentou Joaquim, desalentado.

— Isso!

— Major, por quem me toma? Uma acção punitiva! — desprezou, irritado. — Isso é o início de uma guerra!

— Pois, que seja! — rosnou o major. — Estamos em África, o preto não entende outra linguagem. Nós fizemos as pazes com o Manicusse, ele atacou-nos, nós quisemos meter algum juízo na cabeça do Inguana, ele respondeu-nos com ousadias, aliou-se ao Savanguana para atacar os bitongas, para nos desafiar. O que quer que façamos? Que contemporizemos com esta situação impossível?

Fornazini interrompeu, enfático, agitando as mãos com os dedos unidos nas pontas.

— O major tem razão, meu caro, o tempo da diplomacia passou. Não podemos vacilar mais, isto só vai à força.

*

O padre Montanha encarou Fornazini e o major, cada um à vez, lívido, incrédulo, balançando entre a surpresa e a revolta. Com que então, os militares e os políticos já tinham decidido incendiar esses belos palmares de Inhambane com uma guerra incerta, e trazer para a vila um barril de pólvora de pavio curto! E, o povo, ignorante, passeando alegre na rua, confiante na tropa, sentindo-se mais seguro ao ver os treinamentos dos soldados, a disciplina férrea, esse povo ingênuo nem imaginava o que se aprontava nos gabinetes, não supunha que o governador o arrastava para uma aventura insana! Mas seria ele o único a ver que o exército que eles tinham era pequeno para tamanha façanha? Seria que o capitão, o major, os oficiais, todos aqueles homens de muitas guerras, de muitas estratégias, não enxergavam a tragédia que desenhavam?

— Carlos António, o major não tem razão — declarou. — Só devemos fazer a guerra quando temos a certeza da vitória. E neste caso, não a temos, nem perto disso. Este é o tempo da diplomacia; temos de trazer às boas o Inguana para o nosso lado, para podermos contar com ele e com os bitongas na frente ao Manicusse. Esse é que é o nosso verdadeiro inimigo, e nós não ganhamos nada em fazermos outros. Agora, se me dão licença... — Levantou-se, sacudiu a batina engelhada nas pernas e retirou-se.

— *Ma, dove va?!* — exclamou o italiano, levantando-se. — *Padre, allora, andiamo parlare!*

Mas o padre já lá ia, possesso, com uma indignação incontida.

O major Liberato Vaz segurou o braço de Fornazini.

— Deixe-o, aquilo passa-lhe.

*

Joaquim não sabia o que o perturbava mais: se a decisão de irem para a guerra, se o não ter sido consultado. Estava habituado a ter uma palavra nos assuntos da vila, a ser reconhecido como a voz do bom senso, o conciliador das questões comunitárias. Nunca se decidira nada sem se escutar a opinião do padre, quanto mais uma guerra! No entanto, o capitão Chaves achava que não precisava dele. *Ah! O novel governador, Sua Excelência, o todo-poderoso, é um fanfarrão, é o que o ele é!* E impunha-se que se lhe dissesse umas verdades!

Joaquim não se conteve, foi directo ao quartel, alterado, um furacão! Entrou pela porta de armas, recebeu uma continência em condições, apresentou-se ao oficial de dia, que se aprumou atrás da secretária tal como faria a um superior. E, toda aquela deferência da tropa, aquele respeito, contribuiu para o acalmar um pouco. Perguntou pelo capitão Chaves.

— O capitão já saiu — informou o oficial de dia.

— Não me diga — lamentou o padre, contrariado. — Precisava tanto de falar com ele. Sabe onde o posso encontrar?

— A esta hora? Em casa, senhor padre.

Dali foi para a casa do capitão. Porém, a ida em vão ao quartel e a caminhada até à residência do governador arrefeceram-lhe os ânimos. Já a espontaneidade inicial perdia terreno para as ideias ponderadas quando, com a irritação a esvaír-se a passos largos, Joaquim acabou parado numa esquina, a poucos metros do destino, a perguntar-se de que servia ir incomodar o governador em casa a horas tardias. Decerto, o capitão Chaves ficaria enofrado com a intromissão para lhe lançar críticas à cara, dizer-lhe que estava errado, quando ele era um homem de certezas. Seguramente, só lhe conseguiria endurecer a convicção, torná-lo mais determinado. *Não, pensou, não era a atitude mais certa a tomar, mais valia esperar por amanhã e, então, solicitar-lhe uma audiência, expor-lhe as minhas razões, enfim, fazer as coisas correctamente.* Fosse como fosse, o capitão não iria começar a sua guerra com os landins até ao dia seguinte, e, a Joaquim, a noite ser-lhe-ia muito útil para arrumar as ideias, pensar melhor no assunto, considerar os argumentos. O caso era grave, exigia a cabeça fria, uma inteligência fina.

*

Ao jantar mal tocou no guisado. Leonor veio da cozinha constatar que Joaquim deixara o prato intacto, ensimesmado numa preocupação.

— Não gostou do jantar, senhor padre?

— Hum? Não, não é isso, filha, não estou com fome.

— Posso fazer-lhe outra coisa?

Ele levantou a cabeça com um olhar ausente e, como se só então tivesse reparado nela, observou-a melhor, com uma admiração, um espanto sempre renovado. Leonor tinha a mão pousada no espaldar de uma cadeira e apoiava-se na perna direita que esfregava com o peito do pé esquerdo, descalçado do chinelo momentaneamente abandonado no chão. Vestia um dos seus eternos vestidos simples, leves e frescos, com uma alça descaída, revelando-lhe uma parte imensa do seio tentador. O padre sentiu uma secura na boca, engoliu em seco e, levado por uma ternura impulsiva, teve ânsias de a acarinhar. Então, num gesto inédito de afecto que não era nada dele, segurou-a gentilmente por um pulso, disse-lhe «vem cá!», rodou a cadeira para ganhar espaço e fê-la sentar-se no seu colo.

— Estou cansado, sabes — suspirou. Passou o braço direito em redor da cintura de Leonor, pelas costas, e escondeu o rosto no peito dela, procurando um conforto quase que maternal nos seus seios mornos. Ela abraçou-o, carinhosa, mergulhou os dedos nos seus cabelos, afundou o rosto na cabeça dele. — Muito cansado... — murmurou Joaquim.

Ficaram assim algum tempo. Ele procurando um consolo, ela aconchegando-o ao seu peito com amor. Joaquim foi tomando consciência das formas do corpo de Leonor, da pele macia do seio, do seu maravilhoso odor a alfazema que o inebriava sempre. Sentiu um frémito, não se conteve, subiu a mão pelo corpo dela, afastou o decote, agarrou um seio e cobriu-o de beijos. Fez cair as alças do vestido, despiu-a até à cintura e continuou a beijá-la com

uma febre, uma paixão desalmada. E, não obstante perverter a rotina dos sábados nessa terça-feira incaracterística, empolgou-se tanto que não quis saber da regra de amor que ele próprio impusera sem nunca ter precisado de a verbalizar. Leonor, vendo que ele a desejava ali mesmo, numa urgência, num arrebatamento de sentidos, já excitada também, ergueu-se determinada, passou a perna por cima dele, montou-o de frente e agarrou-se a Joaquim, com todas as forças, quando o sentiu a invadi-la por baixo do vestido.

Ao outro dia bem cedo, Joaquim tomou na cozinha um pequeno-almoço rápido, preparado por Leonor. Não passaram a noite juntos e não fizeram comentários sobre a véspera, mas continuaram a amar-se livremente a qualquer dia da semana, desde que ele quebrou a regra dos sábados.

Joaquim correu ao quartel ao nascer do dia, antes mesmo das obrigações eclesiásticas das primeiras horas. Chegou pelas seis da manhã e foi surpreendido com uma agitação invulgar na praça de armas. Havia uma grande concentração de tropas, de animais, de armas. Percebeu logo que o governador estava de partida para a sua expedição contra os landins.

Dirigiu-se ao gabinete do capitão com uma angústia no peito, apresentou-se ao ordenança e pediu para o receberem. Este convidou-o a sentar-se, enquanto o ia anunciar, mas o padre instalou-se uns instantes e voltou a levantar-se, tomado de nervos, andando para cá e para lá, entre duas paredes que distavam só quatro passos uma da outra. O ordenança regressou, encaminhou-o para dentro, introduziu-o no gabinete do governador.

O capitão Chaves estava sentado e assim permaneceu, não se levantando para o cumprimentar com a mesma formalidade da primeira vez.

— Bom dia, padre Montanha. Em que lhe posso ser útil?

Joaquim permaneceu de pé, estupefacto, sem saber por onde começar. O capitão tinha um revólver desmontado em cima da secretária e limpava o cano com uma escova própria.

— Sente-se — convidou-o.

O padre sentou-se e deixou-se ficar em silêncio a observar o que o capitão fazia.

— Quando vamos em missão — comentou ele, sem tirar os olhos da peça do revólver —, é bom termos a certeza de que a arma não nos falha num momento crucial.

— Vossa Excelência vai então em missão.

— Pois, que remédio, há que fazer alguma coisa para resgatar o distrito do caos em que está.

O padre remexeu-se na cadeira, incomodado com aquilo tudo, pigarreou e pensou muito depressa, procurando uma forma inteligente de abordar o assunto sem melindrar o capitão.

— Governador, longe de mim a pretensão de lhe dar lições sobre assuntos militares. Vossa Excelência lá saberá as linhas com que se cose.

— Hum... — resmungou o capitão, pensando que vinha ali um «mas». — Mas, bem vê, eu vim para Inhambane há um ror de anos, conheço muito bem esta gente, sei os passos que dou, o terreno que piso, enfim; sinto-me na obrigação de o alertar para o perigo que corre com esta expedição.

— A vida de soldado é correr um perigo constante — retorquiu o outro secamente.

— Absolutamente, não o nego. Porém, é necessário ponderar os riscos.

— Evidentemente.

— E ponderar as vantagens e as desvantagens.

— Onde é que o senhor padre quer chegar?

— Resumindo, é isto: se atacamos o Inguana e o Savanguana, eles viram-se contra nós e voltam-se para o Manicusse. Eles são uma força tremenda, todos juntos. Restam-nos os bitongas, coitados, fustigados a norte pelos landins, a sul pelos vátuas, e os makwakwa, acampados no nosso quintal.

— Mas, padre, os landins já são tributários do Manicusse, já se viraram contra nós. O que o senhor diz não é o que poderá acontecer, é o que já aconteceu.

— Os landins sentem-se reféns dos vátuas. São tributários do Manicusse porque o receiam e porque pressentiram em nós uma fraqueza, vêem-nos incapazes de os defender do Manicusse, como era nossa obrigação. Mais, se eles se voltaram contra nós, ao governador Paulo de Sousa o podemos agradecer, que os atacou por uma questão mesquinha de marfins. Enfim, uma tristeza.

O capitão terminara de limpar o cano do revólver, tratava agora de o montar, encaixando as peças com destreza.

— Tudo isso está muito certo — disse —, mas o problema mantém-se. Os landins estão ao lado dos vátuas e é necessário subjugar-los.

— O que eu digo é que Vossa Excelência conseguirá melhores resultados com a diplomacia. Convoque o Inguana para conversações, dê-lhe garantias de que o protege do Manicusse. Precisamos de aliados e não de mais inimigos.

— Padre, padre... — abanou a cabeça. — É uma ingenuidade o que me diz. Negociar com o Inguana já será um sinal de fraqueza. Ele dir-me-á que sim a tudo e depois volta ao mesmo.

— Não é ingenuidade. O Inguana odeia o Manicusse e, se o capitão lhe der garantias, ele volta para nós, traz o Savanguana. Acabam-se as hostilidades com os bitongas e nós conseguimos uma força considerável para deter o Manicusse. Não digo que o derrotamos, mas podemos refreá-lo. É uma oportunidade.

*

No entanto, o capitão terminou de montar o revólver, apontou à parede, disparou em seco, deu-se por satisfeito, enfiou as balas no tambor, levantou-se e guardou a arma no coldre.

— Bem, padre Montanha, a sua perspectiva é fascinante mas...

Bateram à porta, o capitão mandou entrar. Era o tenente Caetano dos Santos Pinto que bateu a continência e anunciou que estavam prontos, que podiam partir.

— Muito bem, tenente, está na hora.

Como que esquecido do padre, o capitão saiu porta fora a dar as últimas ordens, veio ainda dentro buscar uma espada de cavalaria ao armário, voltou para o pátio, verificou a força já formada e os praças de mosquete ao ombro. Eram quarenta homens, comandados pelo capitão, a cavalo, secundado pelo tenente, também ele a cavalo. Levavam três carros de bois para o transporte de víveres, de equipamento e de munições.

Joaquim, ignorado no gabinete, foi andando até lá fora, testemunhando as últimas correrias dos soldados, num entra e sai do quartel, até estarem prontos para partir. Ouviu ainda o capitão a incentivar os seus homens, a dar-lhes as instruções finais. Saíram a marchar. Aquela imagem do capitão Chaves, soberbo na sua montada, ficar-lhe-ia na retina para sempre.

A coluna atravessou a baía de Inhambane em lanchas, marchando depois para norte, ao longo da linha da costa. O capitão Chaves não contava ter contacto com o inimigo nesse mesmo dia; reservara-o para a longa caminhada de cinco léguas, deixando para o dia seguinte a investida. Em todo o caso, enviaria batedores para se inteirar do que tinha pela frente.

Seguiam em formação de quadrado, em duas colunas, uma mais avançada do que a outra. Em caso de ataque, parte da coluna avançada rodava para trás, para formar o lado da frente do quadrado, enquanto parte da coluna atrasada rodava para dar forma à porção de trás do quadrado. Os dois lados laterais já estavam naturalmente armados pelos restantes soldados que marchavam paralelamente. No meio das colunas, seguiam os carros. Havia uma pequena força avançada, cinquenta metros à frente, e outra atrasada, para prevenirem ataques de surpresa, bem como auxiliares indígenas que caminhavam em redor da coluna, a cerca de cem metros, alargando assim a vigilância e permitindo mais tempo de reacção no caso de serem surpreendidos pelo inimigo.

A meio da manhã, a coluna tomou rumo oeste, para o interior, para evitar a baía de Morrumbene, retomando em seguida a direcção do norte. Ao longo da jornada, os homens foram parando de hora a hora, um «alto» de quinze minutos para um breve descanso, para reagruparem, e um «alto» de duas horas, a meio da marcha. Atravessaram uma extensa zona de palmeiras, e chegava enfim o meio-dia quando o capitão deu ordem para pararem. Aproximava-se a hora de maior calor, era preciso descansar. Tinham de comer, de procurar um local para passarem a noite, de montar o acampamento. O objectivo do capitão era encontrar uma zona mais elevada, onde tivessem uma boa visibilidade das redondezas, uma boa mira de tiro. Improvisariam um curral para o gado, com a ajuda dos carros, e preparariam o bivaque.

Desembocaram da sombra dos palmares e entraram num grande campo aberto, desprovido de árvores. Uma tórrida paisagem amarelecida pelos inclementes efeitos do sol estendeu-se à frente deles até onde alcançava a vista. O capim seco crescia mais alto do que todos os homens, e só o capitão e o tenente a cavalo, além dos condutores das carroças, pairavam à tona dessa paisagem dourada que ondulava com uma graça natural, ao ritmo de uma brisa lenta que percorria o campo. Embrenharam-se então nesse capim cerrado, logrando passar a golpes de catana, enredados nas ervas que se agarravam às fardas e se enrolavam nas pernas, nos braços, no pescoço, arranhando a pele, retardando a marcha. O capitão, apreensivo, cismava numa inquietação, incomodado com a falta de visibilidade. Determinado, contudo,

em fazer aquela travessia, ordenou que os carros de bois tomassem a dianteira. Dali a pouco, os animais insensíveis seguiam em frente e acamavam, à sua passagem, um largo caminho que os soldados pisavam já livres da prisão das ervas. Foi então que do interior do denso capim surgiu um guerreiro silencioso, atravessando de lado a lado o corpo de um soldado desprevenido com uma azagaia mortalmente pontiaguda.

*

Os guerreiros landins não tinham o hábito de arremessar as azagaias, preferiam antes o contacto da luta corpo a corpo, pois não possuíam armas de fogo e eram exímios lutadores. Bem treinados, disciplinados, lançavam um ataque frontal, indiferente ao fogo dos mosquetes, enquanto outros dois grupos caíam em cima dos flancos, fechando-se num movimento de tenaz sobre o inimigo. Chamava-se a isto a «táctica da cabeça de búfalo». Os atacantes procuravam romper o quadrado defensivo para depois se infiltrarem no seu interior e para desbaratarem a resistência dos soldados, mas neste caso nem havia quadrado porque o capitão o tinha desfeito para permitir a progressão dos homens no terreno.

O capitão ia a pensar que eles precisavam de sair rapidamente daquele maldito terreno onde não conseguiam ver mais do que as cortinas de capim. Estava muito preocupado, ansioso por andar depressa, e, por isso, ordenou que os carros de bois fossem à frente a desbravar caminho. Disse aos homens que estivessem atentos, de armas prontas a disparar e que se mantivessem calados. Ele próprio empunhou o seu revólver. Mas uma coluna do exército não passava despercebida aos olhos vigilantes dos indígenas. Já estes moviam-se silenciosos e com admirável facilidade, camuflados no terreno que conheciam na perfeição. Os guerreiros aproximaram-se sorrateiramente da coluna, invisíveis com a cobertura do capim, deslizaram sem um barulho, como fantasmas, e caíram de surpresa em cima dos soldados.

O cavalo do capitão empinou-se, assustado, quando dois guerreiros saltaram para o derrubar. Este caiu no chão, mas ainda foi a tempo de dar um tiro de sorte que explodiu na cara do guerreiro mais próximo. A bala entrou-lhe pelo olho, saiu pela nuca, matou-o instantaneamente. O segundo guerreiro afastou com uma pancada a mão que segurava o revólver e atirou-se-lhe para cima, com a azagaia à frente.

O capitão ficou prostrado no chão. Imagens distorcidas de uma luta mortal acudiram-lhe ao cérebro. Ouviu uma algazarra de vozes, gritos que lhe pareceram distantes, os seus homens em pânico. Pensou que tinha de se levantar para os ajudar, mas, por alguma razão que não entendeu, não se conseguiu mover. Estava paralisado, tinha a cabeça deitada de lado na terra e engasgou-se com um golfo de sangue que lhe subiu à garganta e lhe saiu pela boca. Não lhe ocorreu que estivesse ferido pois não sentiu dores, não se apercebeu de que estava preso pela azagaia que o atravessava espetada no chão. Os derradeiros pensamentos confusos dissolveram-se num manto branco, e talvez o capitão tivesse pensado ainda que sentia frio nesse dia

quente e com um céu azul muito claro. Morreu a cismar numa estranha perplexidade que, de qualquer modo, não saberia explicar.

No dia seguinte de manhã, as notícias que chegaram de Morrumbene eram desencorajadoras. Joaquim encurtou a missa para acorrer à Câmara, onde decorria já uma reunião de emergência da vereação. Convidaram-no a entrar por deferência. Eram sete, entre eles Carlos António Fornazini e o major Liberato Vaz. Estava também presente um soldado com um aspecto deplorável, numa farda coberta de sangue seco.

Quando o padre entrou, Fornazini virou-se para ele com uma fatalidade nos olhos. A sua expressão silenciosa não deixava dúvidas sobre a sorte da expedição. Joaquim ficou ali espantado sem interromper o relato do soldado.

— O capitão morreu — estava ele a dizer.

— E os outros? — perguntou o major Liberato Vaz.

O soldado encolheu os ombros, destroçado.

— O tenente Pinto, o sargento, o cabo e mais dez homens. Todos mortos — disse.

O padre abateu-se numa cadeira, chocado com mais aquela tragédia, enquanto abanava a cabeça, desconcertado com a insensatez do capitão. *Ai, minha nossa senhora, eu avisei-o*, pensou.

Estava-se então em vinte e nove de Agosto de 1849. Tudo e por junto, António Chaves governara Inhambane durante apenas quarenta e sete dias.

*

Na Ilha de Moçambique, o governador-geral soube da notícia alguns dias mais tarde.

— É uma calamidade — exclamou —, um desastre! — Pousou os cotovelos na secretária, escondeu o rosto na palma das mãos. Reuniu com os seus próximos: um major, um coronel, um capitão, dois tenentes seus adjuntos, todos eles em silêncio, enquanto o governador-geral absorvia a calamidade. — Que diabo! — disse. — Os senhores recomendaram-me o capitão Chaves, garantiram-me que era o melhor dos melhores para o lugar, e o homem não dura nem cinquenta dias! — Deu um murro na mesa.

Estava bem de ver que ele se tinha enganado outra vez na escolha do governador para Inhambane, observou, ou então aquela terra era, definitivamente, ingovernável. «O sul de Moçambique permanecia um caos, um chavascal, e aquilo era uma contrariedade muito grande», lamentou-se o governador-geral. Era tarde, o crepúsculo descia uma melancolia no gabinete, e aqueles homens imponentes que governavam a colónia em nome da Coroa afundavam-se pesadamente nos sofás, chupavam charutos soberbos, aceitavam a derrota com uma resignação pragmática. «Enfim, o que fazer?» disse o governador-geral. «O capitão estava morto, não se podia contar mais com ele. Francamente, não se podia contar com ninguém!», mas as coisas

eram o que eram, e Lisboa não queria saber da colónia, o governo português imaginava, porventura, que se dominava com algumas centenas de mosquetes, um território tão vasto e com exércitos hostis tão numerosos. Pois bem, não se dominava coisa nenhuma, eles estavam ali a supor, era o que faziam; os portugueses supunham que eram senhores do território, o governo supunha que controlava Moçambique, a rainha supunha que reinava em África, mas Moçambique era do gentio como sempre fora e o português supunha! Acenderam-se velas que projectaram lúgubres sombras nas paredes do gabinete. O ambiente era pesado, empastado no fumo denso dos charutos. O governador-geral tinha fome, a hora de jantar passara há muito por aquela urgência de Inhambane; pediu nomes, sugestões, mas desta feita de alguém capaz, por amor de Deus, um oficial que se conseguisse manter vivo mais de cinquenta dias!

*

Em Inhambane, encetaram-se negociações com o rei dos landins para se resgatar os corpos dos militares vitimados em acção. Enviou-se um emissário a Morrumbene. Numa atitude magnânima, Inguana concedeu a autorização para que uma pequena força fosse recolher os corpos. Contudo, restaram os despojos da batalha. Os carros, o gado, os cavalos, os víveres, o equipamento, as armas, as munições, eram muitas das preciosidades que fizeram as delícias do rei. Tudo confiscado, portanto. O major Liberato Vaz condoía-se dele próprio, do seu exército, dos portugueses em geral, da rainha em particular! Tudo aquilo era demasiado humilhante, mas eles não estavam em condições de regatear, de maneira que aceitaram as condições de Inguana e enviaram a força para recuperarem os cadáveres dos camaradas. No entanto, absteve-se de comentar aquele drama sem nome com o padre Montanha, pois tocava-lhe o seu imenso orgulho ter de admitir que o padre tinha tido a clarividência de perceber a tragédia que ele, oficial experimentado, não fora capaz de ver. Era como se ele, um militar católico mas que dos assuntos da Igreja nada sabia, substituísse o padre no altar e oficiasse a missa melhor do que o vigário.

Já Fornazini não teve pruridos em reconhecer que o padre Montanha estava carregado de razão.

— Você tinha-a toda, meu caro, toda! Há que reconhecê-lo — confessou.
— Tiro o meu chapéu ao seu extraordinário bom senso. Infelizmente, este não nos vale de nada agora.

— E, o pior — disse Joaquim — é que, se já estávamos em desvantagem, agora ficámos pior.

*

Faziam o seu passeio higiénico à beira-mar. Iam conversando a passo lento, com uma grande cumplicidade, e fumando os seus charutos, aproveitando o ar puro, a brisa mais fresca do final da tarde. Iam arriar o sol, como costumavam dizer. Aquela era uma hora tranquila, em que se podia pensar, conversar, ter um momento inteligente.

— O Inguana deve estar um pavão — disse Fornazini, com um

ressentimento.

— Ui, se deve! Agora é que ninguém o controla. Perdemos a face, fraquejámos perante o Inguana, e todos os régulos amotinados perceberam que podemos ser derrotados. Prevejo aqui sérias dificuldades para muito tempo, para muitos anos!

Carlos António chupou o charuto de olhos postos no horizonte, como que vendo esses anos vindouros carregados de problemas.

— Era um rapaz com iniciativa, o capitão! — comentou.

— Era, de facto, mas impetuoso, quiçá demasiado, precipitou-se — declarou o padre.

— *Povero ragazzo...*

— Pergunto-me quem é que o governador-geral nos vai enviar para o substituir...

*

O governador-geral nomeou outro oficial das suas fileiras, o major Ferreira. Mas, desta vez, recomendou-lhe calma, sensatez e cabeça fria. «Há que conciliar os régulos, pacificar a região», disse o governador-geral. E, no entanto, o novo governador, arrogante e fanfarrão, haveria de pegar no distrito virado do avesso e de conseguir fazer pior do que os seus predecessores.

OS DESVARIOS DO GOVERNADOR

Não obstante o alvoroço da missão inglória do capitão Chaves, a vila, entrincheirada no seu recanto seguro, logo retomou a pacatez dos dias soalheiros de azuis faiscantes, que se passavam sem pressas, muito rotineiros e tranquilos. Tomaram-se providências, reforçaram-se as defesas nos limites da vila, redobrou-se a vigilância, pois havia já a noção de ter deixado de ser os dominadores que impunham a lei e a ordem para se tornarem só uma pequena população sitiada pelos guerreiros landins, leais a Manicusse, o agora feroz rei de Gaza que impunha o seu temível arbítrio sobre os povos que iam de Inhambane até Lourenço Marques, e mais longe ainda. Porém, os landins não ousaram atacar a vila, pois sabiam-na bem protegida. Em contrapartida, os europeus, e os que permaneciam sob a sua protecção, não se aventuravam para lá das defesas militares.

Inhambane, a sua vida, a actividade comercial, o governo e a Câmara, o aquartelamento, tudo estava entre duas ruas principais. Uma delas começava no cais, junto ao quartel, e ia atravessando horizontalmente o meio da vila até se encontrar com a outra, formando com esta um «T». A segunda rua ia de sul a norte da povoação, acompanhando o casario. As casas de alvenaria concentravam-se nestas duas vias e, a leste, pululavam, sem ordem por entre o refrescante verde das palmeiras, as palhotas amareladas que completavam o cenário tropical daquela típica vila africana. E, era neste pitoresco pedaço de terra, nesta curta península entrincheirada, que se passavam os dias naquela época incerta.

No entanto, persistia uma tensão, havia uma inexplicável contradição entre a pacífica paisagem de elegantes palmeiras, um fresco da natureza pintada a traços largos de verde, e a violência latente que se escondia nas profundezas desse paraíso. As pessoas comentavam muito esta condição selvagem, «uma terra tão bonita e tão perigosa», diziam espantadas, pois parecia-lhes impossível um idílio natural estar prenhe de riscos. As crianças brincavam livremente na rua, mas não podiam ir mais longe, se embrenharem no mato, onde havia elefantes, leões e outros animais bravios, e, o mais predador de todos, o guerreiro inimigo de atalaia que espreitava os movimentos dos molungos.

*

O padre Montanha passou a manhã a fiscalizar as obras da casa de paredes sólidas que ele andava a construir com extremo desvelo. Na realidade, a dita ainda era só um estaleiro e algumas fundações. Havia entusiasmo, mas faltavam-lhe os operários. Os homens válidos estavam todos requisitados para servirem nas milícias, ocupavam-se com a defesa da vila. Ainda assim, Joaquim tinha gosto em visitar o local onde ia erigir a sua casa.

O irmão do padre passou para lhe dar uma palavra, para o cumprimentar. Francisco de Salles Montanha era tenente do exército e pedira para o colocarem em Inhambane, onde chegara havia alguns meses. Embora vivesse no aquartelamento, Francisco visitava muito o irmão mais velho. Se não o encontrava em casa ou na igreja, procurava-o pela vila, seguia-lhe os passos da sua rotina diária. E, já sabia onde dar com ele conforme as horas, porque Joaquim era disciplinado e metódico.

Os dois irmãos foram sentar-se debaixo de um coqueiro com o mar defronte, a outra banda mais adiante. Avistaram, ao longe, as típicas velas triangulares dos dhows, os pequenos barcos de pesca, recortadas a negro, contra o sol, naquele dia fulgente. O padre usava uns óculos de sol redondos e um chapéu de palhinha; o irmão, penando no uniforme bege, desabotoou o dólman.

— Faz meses que cheguei a Moçambique e ainda não me habituei a este calor — comentou Francisco, enxugando com um lenço o suor no pescoço, na face, na testa.

— Também demorei muito tempo — disse Joaquim.

— Pois, eu não sei se me vou habituar alguma vez.

— E as coisas no quartel? — perguntou Joaquim. — Como está o moral?

Francisco fez uma careta de desânimo.

— Como queres que esteja? Em baixo, evidentemente.

— Evidentemente...

*

O tenente Montanha servia no exército há largos anos. Era agora o comandante da companhia às ordens do governador Ferreira que desembarcara em Inhambane com honras de vice-rei. Como ficou bem de ver logo à chegada, o novo governador dava-se ares de monarca, apreciava a lisonja, rejubilava com a bajulação. O seu fâcies sanguíneo, muito corado, muito transpirado, brilhava, e ele, feliz, sorria amplamente. No entanto, eriçava-se com os oficiais que tinham opiniões próprias e que o contradiziam. Era de espírito susceptível, melindrava-se com pouco. Banhava-se numa petulância de soberano de gestos largos, e o tenente começara mal com ele, pois os dois discordaram logo na questão das escalas dos homens colocados na linha da frente. O governador insistia num forte contingente em permanência nos postos-chave da defesa da vila; o tenente queria racionalizar as sentinelas, defendia que, estando a situação estabilizada, não havia necessidade de sacrificar os soldados exageradamente, que eles os deviam poupar ao desgaste da vigilância, aos rigores da canícula, para que se mantivessem frescos para o combate, se fosse caso disso. Porém, o que o tenente Montanha pensava ser uma gestão inteligente dos meios humanos, o governador resumia numa palavra: calacice. E ele não a tolerava nas suas fileiras. «Calacice não, isso é que não!», repetia, empertigando-se muito.

*

Joaquim fora conhecê-lo, obsequiara-o com a sua presença no cais à

chegada e, mais tarde, fizera-lhe a visita de cortesia no quartel, onde o governador Ferreira se decidira assentar, dada a situação de emergência militar em que o distrito vivia. O padre quisera informá-lo das peculiaridades da vila, das armadilhas no terreno, da situação tremenda que os trazia confinados à península, desde o assassinato do capitão Chaves e o massacre de alguns dos seus homens. Debalde, o governador não se interessou. Pareceu-lhe que não o ouvia, dava respostas vagas, expressava ideias dispersas, um pouco errático. O padre falou-lhe dos régulos mais importantes, deu-lhe uma pincelada sobre quem eram, como eram. Ele abanou a cabeça fazendo que sim.

— Gente escorregadia, o gentio. — Foi o seu comentário.

— Mas de grande inteligência — acrescentou o padre. — E agora o Inguana está muito confiante e, infelizmente, mais perigoso do que nunca. É preciso cautela com ele.

— Sim, cautela, muita cautela.

— Outra coisa que nos preocupa, Excelência, são os mantimentos. As reservas estão em baixo, estamos na penúria. Pesca-se alguma coisa, colhe-se uma fruta e é tudo. O comércio está parado, não há ligação com Lourenço Marques, definha-se aqui.

— Pois, claro...

— Empobrecemos...

— Com efeito, é um problema, um grande problema! — considerou o governador. — E a sua missazinha? Muito apreciada, disseram-me. Muito, concorrida, já sei.

— Graças a Deus, é um povo de fé.

— Pois é, pois é! Olhe, vou precisar de uma mulher de trabalho lá para casa, de uma cativa. Talvez o senhor padre me possa ajudar.

E Joaquim, estupefacto, respondeu-lhe que sim, que isso não seria problema.

— Pode, Vossa Excelência, ficar descansado que isso se resolve.

— Ora ainda bem! É uma grande ajuda, sem dúvida.

— Voltando ao problema do comércio, como sabe, a vila está isolada e, hoje em dia, não temos relações comerciais com praticamente ninguém; a mão-de-obra também escasseia e...

— Vamos ter de ver isso tudo, o comércio, os abastecimentos, os problemas todos — disse o governador, interrompendo-o.

— A situação é grave, governador.

Este levantou-se, rodeou a secretária, estendeu um braço; Joaquim levantou-se, viu-se encaminhado para a porta com palmadinhas nas costas, com muita benevolência.

— Obrigado pelo seu tempo, meu bom padre — foi dizendo. — Não o prendo mais, deve ter muito que fazer. Deixo-o ir aos seus deveres, mas olhe que vou querer conversar mais consigo. Temos muito que falar, preciso da sua opinião, do seu precioso conselho!

— Até hoje — lamentou Joaquim. — Já lá vão quase três semanas!

— O homem é obtuso — atirou Francisco, brutal. — Se eu te digo que ele não sabe o que fazer!

— Ora, então que ouça quem sabe!

— Ah, mas ele ouve. Ouve-me a mim, ouve toda a gente, mas depois quer ter uma ideia inteligente, não quer que se pense que o governador só faz o que lhe dizem e não toma decisão nenhuma.

Os irmãos quedaram-se um pouco em silêncio, ali sentados na natureza, como que absorvendo as implicações da atitude insólita do governador Ferreira. Por cima deles, a palmeira dobrava-se toda, vergada numa vénia aos anos ali plantada sob sóis escaldantes e intempéries furiosas. A sua copa, de folhas descaídas, fazia lembrar a franja lisa de um magro maestro a agradecer a ovação de um público imaginário.

Joaquim abanou a cabeça, desconsolado.

— Inacreditável... — disse, pensando que aquela era uma situação ingrata, pois se havia momento em que Inhambane mais precisava de uma cabeça esclarecida, de uma mão forte, era aquele. E logo lhes calhara na sorte um imbecil...

Os dias foram-se arrastando sem novidade debaixo de um sol esplendoroso que banhava de luz a vila, resplandecendo o casario branco, faiscando com reflexos prateados as águas cálidas da baía. Os palmares e os mangais, muito verdes, completavam o quadro ameno de uma terra que, chegasse agora ali um estranho, se diria ser um monumento à paz, uma beleza natural, um convite ao repouso, um retiro para a alma. Todavia, sob essa idílica aparência de suaves contextos pastoris como que fervia uma panela, crescia uma pressão, acentuava-se uma ansiedade. Não se podia deixar a vila por terra, não se podia comerciar, nada se podia fazer, e a vida estava suspensa porque os landins ameaçavam atacar.

O governador Ferreira, tendo concluído a sua astuta avaliação, redigiu um relatório para a capital, confirmando que os landins se encontravam sublevados, que fustigavam os bitongas a norte, enquanto os vátuas os atacavam a sul. Enfim, o que o governador-geral já conhecia sobejamente. No entanto, havia uma grave nota de nervosismo na missiva do governador Ferreira, que implorava por mantimentos para abastecer a praça, prevendo já um ataque à vila. Escreveu umas linhas pungentes: *Não tendo eu força mais do que para defender a vila, ficam as machambas expostas à pilhagem deles e então teremos de ver a mais horrível fome ir devastando estes infelizes habitantes. Por este motivo, rogo a Vossa Excelência, condoendo-se das infelices deste distrito, o socorrer com mais cinco ou seis mil panjas de mantimentos.*

Enviou a carta. Ao outro dia era domingo e quis assistir à missa do padre Montanha. Foi sentar-se na primeira fila com uma afectação de soberano, muito enfatuado por ser o centro das atenções, dispensando sorrisos complacentes à esquerda e à direita, quando, ao atravessar o corredor central, notou que as cabeças se voltaram para a sua majestática figura e um rumor de comentários surdos alastrou pela igreja. Imaginou que causou impressão.

Depois da missa, o padre Montanha postou-se à porta a despedir-se das pessoas, oferecendo um aperto de mão, uma palavra simpática, concedendo a todos uma atenção individual. O governador Ferreira aproximou-se por entre aquela gente simples que abriu alas com uma naturalidade humilde para o deixar passar. Não que ele tivesse pedido passagem, mas também não recusou a honra. Joaquim achou deplorável aquela atitude de suserano ingrato, pois via-se-lhe, nas faces sanguíneas brilhantes de suor, um sorriso treinado e não lhe escapou a incomodidade do governador por ter de se misturar com o povo. Ainda assim, fez-lhe o encómio de lhe reconhecer o estatuto com um aperto de mão demorado, um grande sorriso, muita simpatia.

— Preciso de lhe dar uma palavrinha — disse o governador, levando-o pelo

braço e desviando-o do seu dever de anfitrião. O padre, julgando ser uma emergência de Estado, lá foi ter um *tête-à-tête* com ele.

— Algum problema grave? — perguntou, em cuidado.

— Não, nada de grave — retorquiu o governador. — Enfim, uma maçada. Tenho lá duas raparigas em casa, mas elas não sabem nada, não fazem nada. O padre Montanha sempre me arranja uma mulher capaz que dê conta do recado?

— Fique descansado, que amanhã lá terá alguém logo pela manhã.

— Fico-lhe muito grato.

Virou costas, foi-se. Joaquim, estupefacto, ficou a pensar: *Que besta, hem!*

*

No dia seguinte, enviou Leonor a casa do governador Ferreira, incumbida de dar uma arrumação à casa, de a arejar, de a encher de flores, enfim. Disse-lhe: «Limpa-a, dá-lhe vida, torna-a habitável.» Enviar Leonor era uma solução de recurso, evidentemente, uma improvisação, enquanto não arranjava outra mais definitiva. Não lhe sendo possível encontrar de imediato uma mulher treinada que não desiludisse o governador, Joaquim deixou que Leonor fizesse o serviço por alguns dias. Ansiava por uma aproximação ao governador, desejava estabelecer uma boa relação, tornar-se íntimo e depois, naturalmente, ir falando com ele, ficar a par das suas ideias para o distrito, saber como ia desempatar o impasse com os régulos sublevados e, finalmente, influenciar as suas decisões.

No entanto, o governador Ferreira estava mais interessado em Leonor, ficou encantado com ela. Achava-a succulenta e andava desasado atrás dela pela casa, em mangas de camisa, fingindo-se interessado no seu trabalho, fascinado quando ela subia um escadote para espanejar o pó do candelabro da sala de jantar, deleitado em vê-la ajoelhada a passar cera no chão. Era gentil, falava com ela, derramava simpatias, ensaiava umas chalaças penosas que a levavam a sorrir por cerimónia. Contudo, Leonor tinha aquela natureza alegre, guardava uma ingenuidade pueril, não se precavia das más intenções e só viu nele uma divertida bizzaria. Tinha até gosto em ir lá a casa fazer a lida, pois era mimada com uma atenção invulgar de um branco para com uma pessoa da sua condição. Afinal, ele era o governador e ela apenas uma negra sem importância, habituada a ser ignorada pelos molungos. As mulheres brancas olhavam-na com desdém, os homens não lhe tinham respeito nenhum e, se lhe dirigiam a palavra na rua, era com lascívia predadoras que ela sabia evitar baixando a cabeça e escapulindo-se sem lhes dar resposta. Já o governador recebera-a muito bem, fora correcto, falara-lhe sempre com educação, e Leonor atribuíra essa atitude impoluta a uma consideração deste pelo padre Montanha.

O governador, porém, ia-se acercando de Leonor com astúcia, rondava-a com palavrinhas mansas, já lhe segurava sem maldade a mãozinha entre as suas mãos polpudas, dava-lhe uma palmadinha amistosa, dizia-lhe: «Ai, a menina esqueceu-se de passar o pano nas vidraças de cima das janelas. Vai lá

buscar o escadote, filha, que eu seguro-o para não me partires aqui uma perna.» E, ela obedecia; subia ao escadote, sentia-se incomodada ao apanhá-lo a deitar-lhe um olho devasso por baixo da saia, entalava logo o pano entre as pernas, enquanto ele desviava o olhar, fazia-se desapercibido, comentava as vidraças.

O interesse por ela foi-se tornando mais óbvio, mais descarado. O governador passava demasiado tempo à volta de Leonor, bastante mais do que seria natural; tomava liberdades, gostava de lhe tocar, punha-se a observá-la fixamente a encerar o soalho, calçado nas suas botas de montar, de pernas afastadas, poderoso, puxando formidáveis fumaças de um grande charuto, batendo com a chibata no cano alto da bota. Era já menos simpático, mais acintoso. Impunha esta postura teatral sem dizer uma palavra mas cheia de significado, insinuando pensamentos dissolutos que a deixavam desconfortável, apreensiva.

Numa dessas manhãs, depois de se vestir, encontrou-a na sala a limpar o grande espelho de parede e, ao vê-la descalça, em bicos dos pés, esticando as pernas nuas por baixo do vestido curto para chegar mais alto com o pano, teve um arrepio de desejo, uma vontade irreprimível. Levado por um impulso imprudente, acercou-se dela com uma determinação febril e impensada. Leonor sobressaltou-se ao vê-lo agigantar-se no espelho atrás de si, soltou um risinho nervoso, levou a mão ao peito. «Assustou-me, senhor», disse. «Bom dia, minha menina», cumprimentou-a ele com uma voz rouca e, sem atentar no que fazia, encostou-se a ela, pousou os dedos moles nos ombros destapados, afundou a bigodaça no pescoço dela, quis roubar-lhe um beijo de lábio esticado. Leonor guinchou «Ai, isso não, senhor! Não, não, isso não pode ser, senhor!», mas ele, ansioso e desastrado, persistiu na vontade de satisfazer o desejo. Ela esgueirou-se por entre os seus braços trémulos, esquivou-se-lhe às gorduras, afastou-se às arrecuas sem ver que embatia com a anca na mesa de tampo de mármore que havia entre as janelas, derrubando uma travessa da Companhia das Índias equilibrada numa frágil armação de madeira, estilhaçando-se esta irremediavelmente no chão. Leonor deu um salto para o lado e logo se precipitou para o outro extremo da sala. O governador perseguiu-a, libidinoso, bloqueou-lhe a passagem para a porta, abriu os braços e, animado com o jogo do gato e do rato, soltou uma gargalhada bestial que ecoou na sala enorme. Leonor, vendo aquela cara desvairada a avançar para ela, com as mãos fortes a agarrá-la sem pudor, pensou que estava perdida, que não lhe conseguiria escapar.

O governador obrigou-a a deitar-se no soalho, sentou-se em cima dela com um joelho para cada lado, imobilizou-a com o peso do corpanzil paquidérmico, abriu as calças todo agitado, impaciente, e, num frenesim de roupa, lá soltou o animal feroz que tinha dentro das calças. Leonor, horrorizada, reagiu com um desespero de leoa ferida, soltou um rugido furioso, atirou-lhe as garras à cara, cravou-lhe as unhas na bochecha gorda, debateu-se furiosamente, fazendo-o resvalar para o lado. O governador levou

a mão ao rosto ensanguentado e fitou-a chocado; fez beicinho como um menino a quem se lhe tira um brinquedo, gemeu um queixume indignado.

Leonor pôs-se de pé num salto ágil, afastou-se dele, trôpega, e quase se enfiou pela cristaleira onde ele guardava o conhaque, o brandy. Parou ainda um instante à soleira da porta, viu-o descomposto no chão, com o animalzinho já morto entre a perna aberta e um desgosto nos olhinhos humedecidos com a ofensa. Por momentos achou-o patético, já nem lhe pareceu ameaçador, quase teve pena dele. No entanto, o governador teve uma fúria nova, pôs-se histérico, com uma cara tremenda, a face a rebentar de um vermelho colérico. Alterado, disparatou, gritou-lhe impérios, apoiou-se num joelho, fez menção de se levantar, embora com as pernas presas pelas calças arriadas. Leonor não esperou que ele se recompusesse e fugiu, saiu porta fora e só parou de correr em casa.

Trancou-se no quarto e foi deitar-se na cama toda encolhida, com os joelhos no peito, e ainda lhe ecoavam na cabeça os berros do governador, gritando-lhe «Sua... sua puta, sua puta preta! Anda cá, que já te dou uma lição, anda cá!»

*

À hora de almoço, Joaquim foi dar com ela na cozinha, cabisbaixa. Ficou admirado por a encontrar ali.

— Mas, tu não devias estar em casa do governador, rapariga?

— Ai, o governador é muito abusador, senhor padre — queixou-se Leonor.

Então, ele notou que toda ela tremia de nervos e, vendo-a assim perturbada, à beira do pranto, foi logo abraçá-la. Leonor aninhou-se a ele, agarrou-se-lhe com uma força desesperada, procurando conforto nos seus grandes braços protectores.

— Por amor de Deus, Leonor, o que te aconteceu? — espantou-se.

Leonor não lhe conseguiu responder, debulhada em lágrimas. Joaquim estreitou-lhe os ombros sacudidos pelos soluços, segurou-lhe carinhosamente a cabeça, segredou-lhe palavras apaziguadoras, procurou acalmá-la. Ao invés, ele já fervia por dentro, pois era a primeira vez que via Leonor a chorar, e só a ideia de que alguém a magoara fez crescer nele uma revolta épica.

Entre lágrimas e soluços, Leonor lá foi contando o que se passara com ela. Disse, envergonhada, o que fizera o governador; relatou, de olhos muito abertos, ainda espantada com a ousadia, toda a ofensa daquele homem horrível; balbuciou que ele tinha ido para cima dela com muita força, que a tinha agarrado, que tinha baixado as calças em cima dela, que ela lhe cravara as unhas assim — mostrou-lhe as mãos a tremer em forma de garra — e que o arranhara na cara. Repetiu as injúrias que lhe escutara e tapou a boca com a mão ao ouvir-se dizer, em voz alta, aquelas palavras do pecado.

Joaquim, incrédulo, pensou que o governador Ferreira ensandecera. *Não, ele teria de estar doido para se atrever a tanto! Como podia ser aquilo possível? Um homem de consideração, um representante do reino com responsabilidades imensas, um governador de um distrito atolado numa*

guerra civil, aquele que era a última esperança de uma vila sitiada, a correr atrás de uma empregada com as calças pelos tornozelos!

Nem lhe ocorreu que uma roda de saia, umas pernas bem torneadas podiam levar até o mais santo dos homens a perder o tino, a cometer as maiores loucuras. Bem, decidiu. Era impossível! O governador não estava bem do juízo. Nesse momento, não mediu as implicações brutais que esta extraordinária constatação tinha para Inhambane, mas tão-só lhe ocorreu ir imediatamente a casa do governador pedir-lhe satisfações, dar-lhe tabefes, rachá-lo ao meio! E ia já a sair quando se deparou com o irmão à porta, que passava para lhe pedir almoço, trocar dois dedos de conversa amena. Francisco assustou-se ao ver-lhe a expressão desfigurada de fúria, tão alterado, a tropejar tamanhas violências, que deixava adivinhar uma tragédia sangrenta.

— Até ao fim do dia, eu mato aquele infeliz — anunciou Joaquim, pondo as mãos retesadas à frente dos olhos injectados, como faria para estrangular o governador.

— Calma — aconselhou Francisco. — Vamos esfriar a cabeça, pensar um pouco, evitar as precipitações. Estás sempre a dizer-me para não tomar decisões precipitadas de forma a não fazer asneira, pois bem, é a tua vez de pensares antes de agires.

— Qual quê? Está pensado, vou esmagá-lo, esfrangalhá-lo! — disse, possesso, cheio de rancores, de ideias assassinas, e ele já podia imaginar o seu tremendo punho fechado a abater-se como um maço pesado sobre o crânio do governador e este a rachar-se, a abrir-se ao meio como um coco, a derramar uma esponja amarelada que viria a ser o cérebro sem capacete a rolar pela terra, quiçá, se ainda com pensamentos coerentes!

— De qualquer modo — disse Francisco — terás muitas oportunidades para esmagar o verme. Vamos entrar para me contares o que se passa e depois se vê o que é mais indicado fazer a seguir.

*

Francisco teve dificuldade em refrear Joaquim e em trazê-lo para dentro. Levou-o pelo braço a passear no jardim das alfazemas enquanto ele explicava as circunstâncias da sua revolta. Leonor fora resguardar-se no quarto, envergonhada e assustada com o escândalo em seu redor. Estava uma tarde encoberta, abafava-se num calor opressor que tornava o ambiente ainda mais pesado. Joaquim contou aos borbotões de raiva o motivo da sua indignação.

— E foi isto — concluiu. — Agora, diz-me tu se não é de lhe partir a cara.

— É, definitivamente! — exclamou Francisco, também ele já extremado.

— Pois então, é isso que eu vou fazer.

Francisco, porém, não foi atrás do entusiasmo do irmão. Ponderou que, por muito atraente que fosse a ideia de dar pontapés ao governador, não deixava de ser um crime de lesa-majestade atacar o seu superior hierárquico e que em parte alguma se tolerava tal conduta, nem mesmo em Portugal. Era um infeliz impedimento, pensou Francisco, pois agradava-lhe bastante fazê-lo, mas não

podia, não podia... E para bem de Joaquim, seria bom que ele o impedisse também de tomar medidas extremas e que o mantivesse em casa nas próximas horas, nem que tivesse de o pôr a ferros!

— Tens de te acalmar — disse-lhe —, quando não, vais arruinar a tua carreira. Onde é que já se viu um padre a esganar um governador? — E, pensou, mas não disse, *ainda por cima por uma questão de saias*. Estava bem que não era uma mera questão de saias, mas, como ambos sabiam, tudo aquilo seria mal interpretado na Ilha de Moçambique e mais ainda em Lisboa, pois o mau comportamento do governador seria um escândalo se o caso fosse com uma branca, mas apenas um excesso tratando-se de uma negra de baixa condição.

— Era um serviço que fazia a este pobre povo — considerou Joaquim, desanimado.

*

Mais tarde chegou Fornazini, que estranhara a ausência do padre Montanha, que não aparecera na feitoria, não estava na igreja e não mandara recado. Inicialmente, os irmãos embatucaram-se sem que nenhum dos dois se decidisse a dar-lhe justificações, mas depois Joaquim já pensava: *Que diabo, o Carlos António é da casa, é um íntimo, merece a verdade*. E contou-lhe.

— Que barbaridade! — bradou Fornazini, de punhos cerrados.

Leonor veio servir uma bandeja de refrescos. Caiu um silêncio comprometido, enquanto ela ia em redor da mesa de vime, pousava os copos, se retirava.

— Que barbaridade! — repetiu Fornazini. — Como está a pequena?

— Está bem. Um pouco perturbada, mas bem — disse o padre.

Francisco, pensativo, enrolava a ponta do bigode entre os dedos.

— Temos de fazer alguma coisa — disse. — Este governador vai deixar-nos ainda pior do que já estávamos.

— *È vero*, o homem não está à altura do momento histórico que vivemos — ajuizou Fornazini. — Mas fazer o quê?

— A minha vontade é dar-lhe nas ventas — rosnou o padre.

— Isso não pode ser e nem nos favorece — considerou Francisco.

— Sim. Não, não podemos fazer isso — disse Fornazini. — É preciso alguma subtilidade, algum génio.

— Ele afundar-se-á de qualquer modo — disse Francisco.

— O pior é que nos leva ao fundo com ele — acrescentou Joaquim.

A proximidade do fim da tarde levou Fornazini a sugerir o impossível.

— E se o metêssemos a ferros num barco? Devolvámo-lo à Ilha de Moçambique.

— Com que pretexto? — perguntou Joaquim.

— Incompetência, insensatez, demência, qualquer coisa!

— É fraco pretexto — desanimou o padre. — Se puséssemos a ferros todos os dementes, Moçambique ficava sem governadores.

— Há-de haver um meio — insistiu Fornazini.

— Não me parece possível.

— Porque não? Já o fizemos antes!

— Desta vez o governador-geral não nos perdoaria.

— O melhor — interveio Francisco — talvez seja deixar passar algum tempo, ficarmos atentos, aguardarmos por uma oportunidade.

— Sim, ele próprio encarregar-se-á de nos dar o pretexto — concordou Joaquim.

— E nessa altura linchamo-lo na praça pública! — acrescentou o irmão.

Mas este plano de deixar correr o tempo e de verificar os acontecimentos, para achar neles um pretexto que fizesse perder o governador, acabou por se precipitar com uma tumultuosa confusão de proporções tão inesperadas quanto extraordinárias.

A manhã foi passando preguiçosa à medida que o sol subia num céu muito azul. O dia cintilava e já se destilava na rua quando o padre Montanha deixou a fresca penumbra da pedra da igreja e, chegando à porta, teve de procurar os óculos de sol no bolso das calças para enfrentar a claridade das dez da manhã. Terminara as suas obrigações religiosas, despira a batina, ia agora à sua volta, verificar as obras, ainda que estas se encontrassem praticamente paradas naqueles tempos de emergência.

A futura casa do padre estava entregue ao triste martelar de um prego que um velho solitário cravejava numa tábua com vagar, sem objectivo. Joaquim ficou um pouco ali espantado a contemplar aquele marasmo e sentiu uma imensa melancolia que o desanimou. Pensou que os seus grandes desígnios de outrora já só se resumiam a isto: a uma vila sitiada, abandonada ao seu pobre destino sem que nada nem ninguém lhe valessem. Entregues a eles próprios, a sobrevivência de Inhambane dependia tão-só dos homens que asseguravam a defesa da terra nas trincheiras cavadas nos limites do casario. Hoje em dia, a soberania portuguesa não ia além da vila, e a evangelização que, em tempos, tanto entusiasmara o espírito missionário de Joaquim, já não se podia fazer porque, para lá daquele pequeno bastião civilizador, reinava a barbárie. O sertão preservava-se selvagem, insensível à centenária presença do branco, indiferente às leis dos molungos, à influência catequizadora da Igreja. O gentio guerreava-se impunemente, matava, destruía, incendiava sem medo de retaliação. Os vátuas e os landins arrasavam as libatas dos bitongas, súbditos da rainha que o exército português não tinha capacidade para proteger. Com efeito, de Inhambane a Lourenço Marques, já não havia um único régulo que não tivesse perdido o respeito aos portugueses.

O padre Montanha ponderava, descoroçoado, a superioridade civilizadora dos europeus, simbolizada num ancião negro martelando um prego numa tábua, e percebia que já nem uma casa de pedra eles conseguiam erigir e que, provavelmente, em breve, Inhambane voltaria a ser apenas um verdejante palmar desbravando as ruínas do casario ao abandono, onde regressariam os leões, os elefantes e toda a vida selvagem que o homem branco, na sua infinita arrogância modernizadora, não conseguiu afinal contrariar. E o que era de facto Inhambane senão um punhado de casas de alvenaria rodeado por um mar de cubatas? A vila soçobrava naquele cantinho africano de ruas poeirentas, emporcalhadas com o lixo acumulado à porta das casas, de umas quantas machambas em que se cultivava o sustento, e da praia onde as pessoas iam fazer as suas necessidades diárias porque as latrinas rareavam. Toda esta insofismável realidade se abateu sobre Joaquim como o tremendo impacto de uma revelação inesperada. Ele, reconhecendo que uma pessoa perdia a

capacidade crítica e se habituava a tudo, teve a mesma visão desoladora de há tantos anos, quando desembarcara em Inhambane num tórrido dia igual àquele. De facto, era tudo o mesmo, o mesmo atraso, a mesma sujidade, as mesmas mentes embrutecidas, não obstante a vontade indómita que o animara à chegada, cheio de projectos e de ambição. Viera para moldar o barro, aperfeiçoar a peça, e acabara ele moldado à rústica forma do traste.

*

O padre sentou-se numa pedra muito perto do velho que parara de martelar, erguendo-se na sua humildade, destapando a cabeça e cumprimentando o senhor vigário com o chapéu de palha suspenso entre as mãos.

— Como vais, Todomundo?

— Vou bem, si siô padre — respondeu o velho, pondo os olhos aquosos no chão.

— Vem sentar-te aqui comigo um pouco — convidou-o.

Todomundo colocou o chapéu na cabeça e obedeceu, sentou-se também numa pedra. Joaquim reparou nos seus pés descalços de toda uma vida e presumiu que o homem seria capaz de caminhar sobre brasas sem sentir uma dor. A planta dos pés dele persistia como solas de couro. Vestia uma camisola suja, esburacada, e calças rasgadas abaixo do joelho, transformadas nuns calções esfiapados. De resto, ele era seco e duro como uma sólida árvore de pau-preto.

— Que idade tens tu, Todomundo?

Ele abanou a cabeça, transformando as rugas que lhe juncavam o rosto num sorriso ingénuo.

— Não sei não, siô padre.

— Mas tens uma grande família, não é verdade?

— Tenho os meus filhos e os filhos dos meus filhos e os filhos dos filhos dos meus filhos.

O padre assentiu, pesando a resposta dele. Ali estava um homem que não sabia a idade mas que era antigo como o mundo e, se vivesse na Europa ou noutro continente moderno, decerto que já estaria há muito metido num caixão a descansar na paz dos justos. Mas ali, onde a medicina não alcançava e o elemento civilizador claudicava, Todomundo mantinha-se em perfeita saúde, como que curtido pelo sol e insensível ao desgaste do tempo. E Joaquim perguntou-se porque insistiam eles, brancos esclarecidos, em impor a modernidade a África e aos africanos, em moldá-los à imagem do continente europeu. Era, de facto, uma teimosia extraordinária.

— Lembras-te, Todomundo, dos teus dias quando eras catraio?

— Lembro si, siô padre.

— E como era então Inhambane?

O velho encolheu os ombros, respondeu:

— Como agora.

— Ah! — O padre deu uma palmada na própria perna. *Pronto!*, pensou. *Lá estava, como agora!*, dizia ele. *Séculos de presença portuguesa, e tudo*

permanecia, nada mudava! O bom Todomundo era a prova definitiva do fracasso português. Ele mesmo sentiu o peso do malogro e, despedindo-se do velho sem idade, foi andando.

*

Caminhou com uma ideia nostálgica, assaltado por uma repentina saudade de Lisboa. *Ah, que vontade de passear no Chiado, de escutar, no ar translúcido de Dezembro, os sinos da Encarnação, esse repique familiar que confortava as almas, e de entrar na igreja, de se recolher com Deus, de ter um momento feliz de prece e de contemplação!* Fazia-lhe falta tornar a descer ao bulício do Rossio ou calcorrear as Janelas Verdes. Teve ânsias do frio do Natal em Lisboa. Limpou o suor da testa com um lenço branco, e o calor dos trópicos que o espapava afigurou-se-lhe uma conspiração satânica para o dobrar. Estaria condenado ao castigo perpétuo daquele desterro sem esperança? Teria de se render à frustrante imobilidade dos séculos idênticos e desistir de mudar o que era imutável? Conformer-se-ia em viver apenas, em ir enriquecendo tranquilamente com os negócios e em se resignar à mediocridade, pois que nada se podia contra a realidade africana? Até a beleza transcendente daquele lugar no paraíso — as cores sublimes dos mangais verdejantes, a selva curvando-se sobre as águas límpidas do oceano, o azul celestial resplandecendo uma transparência infinita — parecia concorrer para lhe adormecer a determinação, lhe quebrar a iniciativa, lhe extorquir a vontade missionária. Contudo, Joaquim apercebia-se de como era falaciosa essa ideia de ordem e de harmonia, pois verificava quantas desgraças testemunhara ele no decorrer dos anos, guerras, crimes, acidentes, naufragos dados à praia, crianças levadas pelos leões, enfim; quantas tragédias haviam solicitado a sua divina intervenção, nas mais das vezes tão-só para confortar os espíritos, porque lá milagres ele não fazia. Não, pensou, não se perderia no doce éden, não cometeria o ignóbil pecado de desbaratar a vocação.

No entanto, falhara, definitivamente falhara. Sentia que a arrebatadora ambição que um dia o trouxera a Inhambane se fora dissipando insensivelmente na distracção quotidiana dos pequenos dramas, da pequena política, da intriga mesquinha. Oh, Deus! Como o assoberbavam com queixas, com aflições, com a solicitação de doutos conselhos. Mas era, quiçá, essa a verdadeira utilidade comunitária de um vigário. Os projectos gloriosos que ele imaginara à chegada pecavam, talvez, por uma certa ingenuidade arrogante e juvenil de padre recém-ordenado. Pensara que vinha mudar o mundo. Mas, que diabo, estaria porventura à espera que, por via da sua intervenção iluminada, Inhambane fosse por esta altura uma metrópole e que todos os pretos calçassem sapatos e fossem à missa ao domingo? Pois claro que não!

Tinha agora a perfeita noção de que, em África, os missionários não convertiam os negros. O que eles faziam era negociar almas. «Tu dás-me a tua alma e eu dou-te a minha caridade.» O indígena não era cristão pela fé, era cristão em troca de qualquer coisa, fosse ela a segurança do exército ou umas quantas panjas de sementes. O negro convertia-se em troca dos presentes mais

triviais: um tecido bonito, uma fazenda colorida, um punhado de missangas, um sobretudo distinto, um chapéu vistoso. Um rico saguate e uma boa negociação compravam os favores de um régulo, tornavam-no súbdito da Coroa e um declarado cristão. Este empenhava o seu povo, mas no fundo permanecia tudo o mesmo, evidentemente.

*

Joaquim desanimava, sentia-se esgotado, sem ideias, embrutecido. Havia que regressar a casa, pois o que Deus reservara para si em África estava terminado, e o padre tinha a certeza clara de que, se ficasse, a vida não lhe traria novidade, nem recompensa espiritual, apenas uma existência confortável e a acumulação de riquezas inúteis. Até mesmo as desgraças, os massacres, os naufrágios, todas as tragédias assumiam já um carácter quase corriqueiro, pois a verdade é que África o acostumara à calamidade e que qualquer pessoa se tornava insensível nas mesmas circunstâncias. Enfim, fechava-se um ciclo, era preciso recomeçar noutro lado, reinventar-se, recuperar o alento de outrora! Decidiu que ainda nesse dia haveria de redigir o pedido de transferência para Lisboa.

Porém, dali a pouco seria confrontado com uma desagradável surpresa, e a urgência de partir esbater-se-ia no despontar de uma indignação e na necessidade de expurgar a vila da imoralidade e da prepotência do governador Ferreira!

Passando defronte do quartel, Joaquim deparou-se com o governador Ferreira preparando uma cachimbada ali à porta de armas.

— Olha se não é o bom padre Montanha! — exclamou ele, revelando uma inusitada alegria por o ver.

— Como vai Vossa Excelência? — cumprimentou-o com a parcimónia de uma formalidade, estranhando o à-vontade do outro, pois antecipara este encontro como uma tensa troca de palavras, uma censura implícita no seu tom grave, um natural acanhamento do governador. Verificava, no entanto, que o governador agia como se nada se tivesse passado. Imaginaria ele porventura que Leonor, impedida por uma vergonha, ou por medo, lhe tivesse escondido o seu comportamento indecente? Ou pensaria o governador que o padre se absteria de trazer o assunto à baila, já que, tratando-se *apenas* de uma preta de casa, caía no âmbito da mera estroinice masculina, sendo tacitamente ignorado entre rapazes, não merecendo sequer que estes perdessem tempo a comentar o sucedido? Reparou com íntimo agrado que o governador tinha três unhas bem marcadas na face.

— Santo Deus! — exclamou, inocente. — O que lhe aconteceu?

— Um acidente estúpido — respondeu calmamente o governador, sem se interromper no acamar do tabaco no cachimbo, sem levantar os olhos, ignorando o cinismo do padre. — Foi um golpe de vento, uma janela que me acertou na cara. O vidro partiu-se.

— Que coisa... — disse o padre, pousando os olhos no fim da rua, como que perplexo com os azares da vida. Um golpe de vento, uma janela que se lhe estalara na cara. Havia coisas incríveis!

O governador Ferreira encaixou o cachimbo entre os dentes, segurando-o com a mão. Envergava o uniforme marcial, as botas de cano alto, estava poderoso, era difícil imaginá-lo com as calças para baixo, prendendo-lhe as pernas, tropeçando pateticamente atrás de uma mulher. Mas essa ideia quase dava vontade de rir, não fosse Leonor a mulher em causa.

— Ainda bem que o vejo, padre — disse. — Queria agradecer-lhe por me ter enviado a rapariga para as limpezas.

— Hum... — rosnou o padre, sempre concentrado no fim da rua. Não tivesse os óculos de sol na cara e ver-se-iam os seus olhos dardejando faíscas. Assim, manteve um rosto de pedra, sem transparecer um sentimento.

— Estou muito satisfeito com ela — prosseguiu o governador. — Estava até a pensar em comprá-la.

Arre, que o homem tem topete!, pensou Joaquim. *Ah, não, era demais!* Voltou-se para ele, tirou os óculos, olhou-o olhos nos olhos e disse:

— A Leonor não está à venda.

— Disparate — replicou o governador. — Tudo está à venda, tudo tem um preço — afirmou, convicto, fazendo um gesto largo com a mão que segurava o cachimbo.

— A Leonor não.

O governador ponderou a inflexibilidade do padre.

— Vejo que tem grande apreço pela rapariga — comentou.

— Tenho, de facto tenho.

— Mesmo assim, atrevo-me a fazer-lhe uma proposta — disse.

— Não merece a pena — porfiou Joaquim, categórico.

— Olhe que poderá achá-la irrecusável — insistiu o governador, olhando-o de lado, com um ar astuto, procurando aliciá-lo com uma última cartada.

O padre voltou a pôr os óculos, prendendo-os com as duas mãos atrás das orelhas, já indiferente, desconcertado. Definitivamente, inferiu, o senhor governador Ferreira não tinha um limite para a inconveniência.

— A Leonor não está à venda, governador — disse, pacientemente —, porque é uma mulher livre, tão livre como o senhor e eu.

— Não me diga! — espantou-se o outro. — E eu que a fazia sua escrava.

— Pois, não é.

— Nesse caso, posso contratá-la.

— Se ela quiser, o que duvido.

*

Ao fim da tarde, chegando a casa já esquecido da firme determinação da manhã, não escreveu a carta a pedir transferência para Lisboa, até porque Leonor acudiu espavorida com a notícia de que tinha lá estado um soldado a prometer-lhe dinheiro em nome do governador, o que o distraiu dos grandes desígnios.

— Não quero ir, senhor padre, não quero! — disse e repetiu ela, muito assustada.

Ele abraçou-a, tranquilizou-a, falou-lhe sem drama.

— Não tenhas medo, rapariga. Só vais se quiseres.

Ela abanou a cabeça com veemência.

— Não quero, não quero...

— Então não vais. Acabou-se.

*

À noite, vieram jantar a casa do padre o seu irmão Francisco Montanha, o Carlos António Fornazini e o major Liberato Vaz, o grupo certo para uma alegre conspiração. Leonor serviu um excelente assado, bebeu-se vinho tinto do Douro e eles não se pouparam a pilhérias a cobrir de ridículo o governador Ferreira. A ousadia do homem com Leonor era já também do conhecimento do major, que ouvira a história ainda se punha o sol no jardim das alfazemas, enquanto mamava num grande charuto e piscava muito os olhos.

— Diacho! — Ia dizendo. — Estamos perdidos.

Depois Leonor veio anunciar que o assado estava pronto.

— Vamos ao jantarinho? — disse Joaquim.

Fornazini foi logo à frente, seguindo a pista do delicioso aroma, esfregando as mãos de contente. O major seguiu atrás, fúnebre, de braço dado com o padre, consternado com a notícia, murmurando ainda que eles estavam perdidos. Só arrebitou quando lhe serviram uma pratada de comida.

Estavam todos preocupados. A situação de Inhambane era séria, realmente, mas dali a pouco Fornazini, com as suas facécias, recompôs a boa disposição à mesa. Riram-se com gosto da podridão humana, das tentações da carne, do ridículo. Carlos António discorreu então sobre a queda do império romano para concluir assertivamente que as mulheres acabavam por ser sempre a perdição dos homens, dos pequenos ou dos grandes.

— Corrompem a alma — declarou, definitivo.

— Desde que o outro mordeu a maçã — acrescentou o major a torcer o farto bigode entre os dedos, pensativo, como que revivendo a cena bíblica.

— Também não é assim — discordou o tenente Francisco. — Não vamos diabolizar as mulheres.

— Ah, mas é que elas são o diabo! — exclamou Fornazini, alegre.

— Quer dizer que os amigos consideram o homem virtuoso e inocente e a mulher a origem de todos os males, a corruptora — disse Joaquim, pondo-se ao lado do irmão.

— Ora aí está! — aquiesceu Fornazini, com um sorriso ao canto dos lábios.

— Pôs o dedo na ferida.

— As mulheres corrompem-nos, realmente — disse o major, sempre fatal, a fazer que sim com a cabeça.

— O descontrolo do governador terá sido, portanto, culpa da Leonor — continuou Joaquim. — No fundo, ele foi uma vítima da corrupção feminina.

Levantou-se logo um coro de objecções. «Não, não, de modo algum, não vamos tão longe, por amor de Deus! O homem era uma besta, estava mais que visto.» O homem era *a besta*! Pois, não podia um cavalheiro ser corrompido nos sentimentos, mantendo no entanto a nobreza dos princípios, o respeito pela bela fragilidade feminina? Puseram-se de acordo. Leonor era uma excelente rapariga e não merecera tamanha desconsideração.

— Bem faz aqui o nosso padre em precaver-se, com a abstinência, das influências ingratas das mulheres — comentou Fornazini.

— Ossos do ofício — disse Joaquim, vendo-se na sua expressão conformada um sacrifício inerente à vida escolhida.

— É um sacrifício que eu não estaria disposto a fazer, reconheço, mas a abstinência é o antídoto infalível para o doce veneno! Tem o meu reconhecimento — acrescentou o italiano.

Dito isto, caiu um silêncio comprometido em redor da mesa, enquanto todos — e o padre mais ainda — tomavam consciência da enorme inconveniência de Fornazini, pois não era novidade para nenhum dos presentes que as crianças que amiúde viam correr pelo jardim das alfazemas eram, na verdade, a prova acabada de que o padre havia mandado há muito a abstinência às malvas. Mas esta era uma verdade implícita e jamais assumida

na vila, pois convivia-se bem com o facto não-confirmado, embora fosse perfeitamente inaceitável reconhecê-lo. O silêncio embaraçado cedeu a um sorriso apertado de nervos que finalmente explodiu numa gargalhada geral e até o padre se riu, algo comedido, murmurando um protesto, pedindo respeito. E esta gargalhada foi o mais perto que alguma vez se chegou do facto verbalizado.

*

À noite, depois de todos saírem, Joaquim foi encontrar Leonor sentada na cozinha, com o rosto escondido nos seus braços cruzados sobre a mesa, abatida e chorosa. As crianças já dormiam, e ela, ali abandonada num desconsolo, ouvira a paródia ao jantar e parecera-lhe que, no fundo, eles não levavam a sério a sua provação. Nesses generosos anos ao serviço do senhor padre, Leonor vivera numa tranquila felicidade que tinha o sabor da liberdade, da segurança, da dignidade. A circunstância secreta da sua peculiar relação entendia-a ela como um pequeno preço a pagar pelo carinho e respeito que ele lhe tinha e por tudo o mais que ela lhe devia. Gostaria de ter um reconhecimento público, de passear pela praça de braço dado, de não ser só a criada do padre. Fantasiava com a ideia de ser um dia igual em condição às mulheres brancas, de usar aqueles vestidos delas, os sapatos, os chapéus, as luvas de renda e as sombrinhas, ser, enfim, a mulher do padre, tanto quanto elas eram mulheres dos seus maridos. Leonor imaginava o impossível, pois sim, mas não esperava tanto e não exigia nada. Por vezes, achava-se a pairar num limbo, entre o seu povo e o mundo dos europeus. Já não saberia viver com os seus, mas nunca seria encarada como igual pelos brancos. Contudo, sentia-se bem, as crianças eram felizes e cresciam protegidas, mesmo não sabendo a verdade. Ela encontrava até um certo encanto no secretismo do romance deles que, na sua ingenuidade, supunha ser do exclusivo conhecimento dos dois. Porém, era inteligente e hoje percebera que não, que afinal toda a gente sabia.

*

— Ainda assim, rapariga? — exclamou Joaquim, surpreendido por vê-la triste. Aproximou-se dela, tocou-lhe no queixo com a ponta do dedo, levantou-lhe a cabeça e descobriu aqueles olhos escuros dissolvidos em água. — Então, menina, então? Se já te disse que podes esquecer o governador, o que mais te põe nesse estado?

Leonor, desgostosa, teve um soluço, perguntou:

— Se todos sabem de nós e se ninguém se importa, porque temos de viver em segredo?

Joaquim olhou-a em silêncio, sensibilizado com a terna candura do seu pensamento lógico, cruzou os braços, suspirou.

— Porque as pessoas são hipócritas e eu, o maior de todos, porque pactuo com a hipocrisia delas — disse.

— O que é isso, senhor padre?

— O quê?

— Hipocrisia.

— Falsidade.

— Ah, sim...

— Mas consola-te, porque se eu não fosse assim perdia-te, e tu a mim.

— Percebo, senhor padre.

Depois desta conversa Leonor nunca mais voltou a questionar a situação deles ou a sabedoria do padre.

A proposta financeira do governador Ferreira pelos serviços de Leonor ficou sem resposta, pois Joaquim decidiu que ela nem sequer merecia réplica. O governador, na sua tendência natural para relativizar a gravidade dos tratamentos impróprios aos negros, não compreendeu por que motivo se enxofrava o padre Montanha por ele ter desejado os favores sexuais de uma gentia. *Que mal tinha isso*, perguntava-se, perplexo com a reacção do padre. Achou até de muito má índole que tivesse ignorado a sua oferta, que era bastante generosa e que, entendia ele, compensava largamente qualquer desagravo que a mulher tivesse tido. *Afinal*, pensava o governador, *quem é que a preta julga que é?!*

Ocorreu-lhe depois que o padre pudesse ter um fraquinho por ela, que houvesse ali mais qualquer coisa do que um simples instinto protector pela rapariga. E roído por essa suspeita, quis tirá-la a limpo, fazendo algumas diligências discretas entre os seus adjuntos, deixando cair aqui e ali uma pergunta casual, um comentário distraído, uma dúvida legítima, como sendo tão-só do seu interesse apurar a nobreza do carácter do padre. Ficou então a saber aquilo que toda a gente sabia, mas do qual ele, por ser novo na vila, não estava a par. *Oh, diabo*, pensou, *já ganhei um inimigo*.

Os dias passavam tensos. O governador Ferreira ia mergulhando numa amargura destrutiva, debatendo-se aflitivamente com uma obsessão que poderia ter tanto de verdadeira como de imaginativa. O certo é que na mente dele ganhava força a certeza de que havia uma conspiração geral para o matar. Sentia-se desamparado, isolado e acossado por todos os lados. Não dormia bem, não conseguia descansar, tinha um sono entrecortado por terrores e atravessava as noites alagado em suores. Dormitava por curtos períodos e só quando já não resistia ao sono, apesar de ter sempre um revólver carregado debaixo do travesseiro e duas sentinelas em permanência à porta de casa.

Rodeava-se por um grupo muito pequeno de oficiais e por uma ou outra personalidade civil que lhe oferecia confiança. E mais ninguém, porque desconfiava de todos e vivia entrincheirado no seu gabinete, donde comandava a defesa da vila com ordens cada vez mais insensatas e no qual perdia as estribeiras quando descobria que ninguém as cumpria, como se ia tornando recorrente.

A convicção de que o queriam destruir vinha em parte da animosidade habitual que as populações e os poderes locais sentiam pelos governadores, agravada pela desconfiança de que o seu predecessor havia sido traído e levado ao engano até uma armadilha mortal. Seria uma conclusão apressada, talvez exagerada, mas o governador baseava-se num fio de verdade que ele puxara e puxara nos longos solilóquios empreendidos na mesma sala em que

assaltara Leonor, deambulando horas para trás e para diante, mantendo uma conversa consigo próprio, pois tinha o hábito de falar sozinho, porque isso o ajudava a pôr os pensamentos por ordem, mesmo sendo uma lógica só sua e que o ia afastando da realidade.

O governador Ferreira sabia que, já na curta vigência de quarenta e sete dias do governador Chaves, a população de Inhambane, endividada com os fornecedores da Ilha de Moçambique, tivera uma grande dificuldade em adquirir provisões. O povo insurgia-se com um conflito que alastrava injustamente, que sacrificava inutilmente as vidas dos seus familiares e que prejudicava o comércio, empobrecendo a vila. E nada tirava da cabeça do governador Ferreira que fora o ressentimento das pessoas a desgraça do capitão Chaves, pois este teimara em levar avante uma expedição inútil contra os landins, apesar dos avisos pertinazes do padre Montanha para que ele não a fizesse, persistindo assim no erro de prolongar uma guerra incerta que ninguém desejava. Guerra essa que o governador Ferreira não começara mas que lhe cabia agora acabar. Tremiam-lhe as mãos febris e tinha uma enxaqueca que passava de um dia para o outro. A tez amarelada levava as tropas a comentarem que eram comandadas por um morto-vivo. Mas quanto mais inseguro ele se sentia mais tirânico se tornava, contrariando com firmeza as pequenas resistências, as insubordinações disfarçadas de mal-entendidos, as falhas propositadas dos homens para lhe dificultarem a vida, para lhe boicotarem o comando.

*

O seu desvario insano com Leonor empenhara, daí em diante, a complacência do padre Montanha com a sua política. O governador entendia que, quando se metiam mulheres de permeio, não havia boa vontade nem desagravo que valessem a uma relação entre rapazes, pois nada mitigava o rancor de um homem traído.

Era definitivo: se o padre não estava com ele, estava contra ele. Em consequência, o governador começou a olhar de lado o comandante da companhia às suas ordens, posto que, sendo Francisco Montanha irmão do padre, tê-lo no grupo dos seus oficiais de confiança era como deixar um leão à solta entre uma manada de zebras. Tornava-se, pois, imperioso afastar o tenente Montanha. Encontrou a solução durante o delírio de uma longa noite de insónia. Na manhã seguinte, tomou um banho de água fria para expurgar a febre e chegou ao quartel bem-disposto, sentindo-se como novo, de cabeça arejada e aliviado por dar já como resolvido o problema que o atormentava há muitas noites.

Mandou chamar o tenente Francisco ao seu gabinete e deu-lhe uma ordem vinda do nada. Queria, em suma, que ele planeasse uma operação punitiva aos landins.

— Já é tempo de lhes darmos uma lição e de vingarmos o capitão Chaves e os seus homens — declarou, à laia de justificação.

— O meu major vai-me desculpar — disse o tenente, assombrado —, mas é

uma missão suicida.

— Não é tal — retorquiu o governador, fazendo um gesto de larga displicência.

— Se me permite, deixe-me lembrá-lo que o capitão Chaves foi trucidado, precisamente, numa missão igual.

— A operação do capitão Chaves foi mal preparada e mal executada. O que eu espero de si é um planeamento irrepreensível e um reconhecimento do terreno rigoroso, para que a coluna não caia em emboscadas por trilhos improvisados.

— Quantos homens?

— Leva o triplo do capitão Chaves.

— Ainda assim, meu major, com o devido respeito, é demasiado arriscado.

— Não seja derrotista, homem. Faça o plano e depois nós voltamos a conversar.

— Sim, senhor, meu major — disse o tenente, retirando-se descoroçoado com a enormidade da ordem.

O governador Ferreira ficou sozinho, a tamborilar com os dedos na secretária, a pensar que tanto se lhe dava que o tenente morresse em combate ou que desobedecesse à ordem e se recusasse a executar a missão. Em qualquer das hipóteses, ver-se-ia livre dele, e isso era o que lhe interessava.

*

O padre Montanha passou pela barbearia do senhor João, entre as duas etapas da sua manhã de trabalho, para ver quem estava e ter um pouco de cavaco, saber o que se dizia pela vila. Nisto entrou-lhe o irmão espavorido pela porta e pediu-lhe que fosse lá fora ter um particular. Alarmou-se, vendo-o tão perturbado.

— Então, Francisco, o que se passa? — perguntou ao chegarem à rua.

Francisco contou-lhe a ordem do governador, a réplica que lhe dera para o desanimar, a irredutibilidade dele. E rematou o relato da conversa com esta conclusão brutal:

— Quer matar-me.

— Ele não pode dar-te essa ordem, tão simples quanto isto, não pode — declarou Joaquim, seco, categórico.

— Já deu — disse o irmão, derrotado.

— Mas não pode! — exaltou-se Joaquim. — E tu tens o direito de a recusar.

— Não posso, é motim.

— Qual motim! É bom senso. E digo mais, se o teu comandante não está bom da cabeça, há que lhe retirar o comando.

— Não podemos afirmar, para além de qualquer dúvida, que o homem está doido.

— Pois olha, a mim parece-me bem desvairado.

Francisco, cabisbaixo, enfiou as mãos nos bolsos, chutou uma pedrinha que levantou poeira, encolheu os ombros.

— Em todo o caso, ser doido não é impedimento — disse. — Todos o somos, cada um à sua maneira.

— É este calor dos infernos — comentou Joaquim. — Não nos deixa pensar em condições.

— Trapalhão, talvez; imprudente, sem dúvida; agora desvairado é demais — continuou o irmão a dizer. — Não há fundamento para o apeiar do comando nesta altura. Seria o diabo na capital; nós teríamos uma fúria do governador-geral e o mais certo seria passarmos por doidos, insurrectos, no mínimo.

— Ora essa, mas se o homem te exige o impossível!

— O que aqui é manifestamente impossível, na capital pode parecer só uma ordem de guerra razoável. Enfim, estamos cá para combater, ninguém se rala se morremos.

O padre cruzou os braços, olhou o irmão numa expectativa, como se esperando que ele acrescentasse mais alguma coisa, mas este deixou descair os braços, baixou a cabeça, desanimou. A Joaquim, também lhe faltavam as ideias. Só lhe ocorria um plano: correr o governador a pontapés até ao fim da vila, para lá das trincheiras, mandá-lo para a selva, atirá-lo às feras, entregá-lo nas mãos dos landins!

— Que raiva! — exclamou, irritado com aquilo tudo.

— A quem o dizes — suspirou Francisco.

— O que vais fazer?

— Planear a operação, o que hei-de fazer?

— Bem, não percamos nós também a cabeça — disse Joaquim, esforçando-se por dar uma ordem ao pensamento. — Há que reflectir antes de tudo. Vou falar com as pessoas, ouvir opiniões; é necessário organizarmo-nos, termos um plano.

— Óptimo — murmurou Francisco. — Entretanto, eu volto ao quartel para planear o meu enterro.

— Sossega, vai lá planear a tua operação o melhor possível, mas não tenhas pressa, demora-te, atrasa a coisa enquanto falo com os rapazes. Haveremos de arranjar uma solução.

— Seja... — concedeu, mas sem grande esperança. — Lá vou, então.

E regressou ao quartel com a alma cinzenta, a prever tragédias.

O padre Montanha empenhou o resto da manhã e da tarde em consultas frenéticas. Esteve em casa de Vicente Tomás dos Santos, o amigo que lhe emprestava a casa onde ele vivia, junto à sua feitoria, a qual, sendo a maior da região, lhe conferia o poder e a influência de mais rico comerciante de Inhambane. Vicente fora, justamente, decisivo na substituição do governador anterior que andava a semear guerras pela província.

— Tanto trabalho me deu substituí-lo, tantas energias, os favores que fiquei a dever, para nada — lamentou-se, contemplando o padre com pesar. Sentava-se num imponente cadeirão de pau-preto de espaldar alto que mais parecia um trono de rei. Recebia-o na sala de leitura, uma divisão espartana, toda de trabalho e de literatura, com prateleiras nas quatro paredes, carregadas de livros, um tesouro naquele canto do mundo. Era, enfim, um gabinete sóbrio, onde só destoava a extravagância do trono, todo trabalhado à mão por algum hábil artesão negro.

Vicente Tomás dos Santos cofiou a barba pontiaguda e depositou os seus olhos esbugalhados no padre.

— É a nossa sina — disse —, estamos condenados ao absurdo dos governadores desalmados.

— Mais tarde ou mais cedo, todos se viram contra nós — constatou Joaquim.

— Isso é porque não percebem quem manda aqui.

Joaquim levantou-se do sofá baixo de cabedal, que o fazia pequeno perante o trono de Vicente Tomás dos Santos, e endireitou o hábito com gestos práticos. Vestira roupas eclesiásticas para fazer as suas diligências, querendo acentuar assim a gravidade daquela questão, chamando a si a autoridade do Senhor.

— Bem, vou indo à Câmara para informar os vereadores — anunciou.

— Faz você muito bem — considerou Vicente Tomás dos Santos, descendo do trono. — Acompanho-o à porta.

Foram pelo corredor em passo lento, resguardados num silêncio circunspecto, pararam à porta e demoraram-se num aperto de mãos de firme cumplicidade.

— Depois lhe digo o que se decide — afirmou Joaquim.

— Pois sim — assentiu Vicente Tomás dos Santos —, mas digo-lhe já o que há a fazer. Isola-se o governador, pressiona-se o homem e, se ele não cede, tem de ir embora.

O padre ponderou estas palavras.

— É também o que eu penso — respondeu diplomaticamente. — Descanse, que transmitirei à Câmara essa sua ideia.

— Faça isso, faça isso — disse o outro, satisfeito com a importância que recebia.

*

Dirigiu-se então para a Câmara, já confortado com o respaldo de Vicente Tomás dos Santos que de muita utilidade lhe seria para motivar os vereadores a fazerem frente ao governador Ferreira. Foi procurar Carlos António Fornazini, o seu melhor e mais fiável amigo, para lhe fazer queixa do governador e o incitar contra a «besta», tal como o usavam apelidar agora nos conluíus de salão. Encontrou-o nos paços do concelho.

— Venho do «padrinho» — anunciou Joaquim, deixando transparecer uma ironia grave.

— E o que diz essa velha raposa? — perguntou alegremente Fornazini naquele seu jeito desbragado da sua natureza exuberante, fazendo de cada encontro quase uma festa, como se não visse Joaquim todos os dias.

— Não é ele, sou eu — disse o padre.

Então, vendo-o assim sério, arrastou-o logo com um abraço conspirativo para um canto do átrio, apesar de não haver ali mais ninguém.

— O que se passa, meu amigo? Alguma maçada? — preocupou-se.

— E que maçada!

— Mas o que é? Desembuche, homem, que já estou em cuidados!

— O que havia de ser? É a «besta» outra vez...

— Ah, a «besta»...

— Quer livrar-se do meu irmão.

— Como assim?

— Quer ver-se livre do meu irmão, quer livrar-se dele!

— Já percebi. Que diabo! Mas como?

— Vai enviá-lo numa missão suicida.

— Numa missão suicida?

— É como eu lhe digo, ordenou-lhe que preparasse um ataque aos landins o que não tem qualquer possibilidade de sucesso. O meu irmão diz que é suicídio.

— *Ma, che stronzo!* — exclamou Fornazini com aquele vozeirão rouco que fazia estremecer a terra quando este se enfurecia.

*

O próprio Carlos António se encarregou de assumir mais uma oposição cerrada a mais um governador. Foi para dentro, entrou pela reunião dos vereadores como um furacão, interrompeu a ordem dos trabalhos, pediu a palavra, anunciou que trazia uma urgência, que tinha graves notícias. A partir de agora, declarou aos correligionários, era uma guerra sem quartel. Pois, se o governador Ferreira optava por governar contra o povo, este podia contar com os seus representantes para lhe fazer frente.

Fornazini fez um discurso inflamado na Câmara, denunciou o plano do governador Ferreira para eternizar uma guerra injusta que haveria de custar muitas vidas, que sacrificaria os filhos, os maridos, os pais, enfim, as famílias

de Inhambane! Era necessário travar o governador, afirmou, não lhe dar descanso.

O discurso teve eco na vila, dispersou-se pelas ruas, depois de alguém ter entrado pela barbearia afogueado e anunciado que o Fornazini estava a vociferar na Câmara que o governador queria mandar os «nossos» soldados para a morte, e chegou ao quartel com boatos de levantamento popular iminente. Estabeleceu-se um estado de emergência, o governador deu ordem para armar os praças de serviço, para os pôr de prontidão, e reforçou a guarda à porta de armas. Depois mandou chamar o tenente Montanha. Recebeu-o numa fúria, a estourar num vermelhão de sangue, coberto de um suor que lhe pingava do queixo, lhe ensopava o colarinho do dólman e que, no fundo, podia resultar mais de uma aflição do que da ira.

O tenente fez a continência, ficou de pé, perfilado diante do superior sentado à secretária.

— Mandou chamar, meu major?

— Mande, para o senhor me explicar como é que a estratégia que discutimos os dois de manhã e neste gabinete já foi motivo de ferozes discursos na Câmara à tarde.

— É uma vila pequena — respondeu o tenente. — Tudo se sabe.

— Sabe-se porque o senhor não guardou segredo!

— Posso ter comentado o assunto com uma ou outra pessoa, realmente.

— Pode ou comentou mesmo?

— Comentei mesmo.

— Ah! — bradou. — Mas era um segredo militar, ou o senhor não discorreu isso, não lhe ocorreu que as estratégias de guerra não são para comentar fora do quartel?

— Não pensei que fosse possível guardar segredo, meu major.

— Não pensou?

— Não. Uma operação desta dimensão envolve muita gente. Não se sabia hoje, saber-se-ia amanhã ou depois. Era uma questão de dias.

O major desferiu um tremendo murro na mesa, saltaram penas e aparos, voaram papéis.

— Isso é inaceitável, tenente! — gritou. — Inaceitável. O senhor tinha a obrigação de guardar segredo. A menos que tenha feito de propósito para boicotar a operação. É esse o caso, tenente?

— De maneira nenhuma, meu major — respondeu, sem perder a fleuma.

— Mas reconhece que não acredita no sucesso da operação?

— Lá isso, tenho de reconhecer que não acredito.

— Pronto, lá está! O tenente está do contra desde o início e agora isto, a Câmara a opinar e a tirar satisfações sobre operações militares, e o povo!

— Se o meu major dá licença que...

— Não dou!

O major interrompeu-o com outro murro na mesa. O tenente remeteu-se ao silêncio, mas não se deixou intimidar com o espalhafato do superior.

Presentiu, nos seus modos excitados, uma fraqueza, um desespero, um descontrolo. Houve uma troca de olhares sustentada, um medir de forças, um desafio na atitude do tenente que, com franqueza, até ele admitia que estava a passar das marcas, a exagerar na provocação. Mas descansou ao ver que o major, que se viera erguendo na cadeira à medida que gritava mais alto, foi o primeiro a baixar os olhos, a sentar-se, a vacilar no confronto. Porém, achou-o acossado, o que o fazia perigoso e imprevisível. De facto, o major surpreendeu-o a seguir com um golpe baixo e digno da sua mesquinhez.

— De si só quero saber, sem mais ambiguidades, se está à altura da missão que lhe confiei — disse, seco e cortante.

O tenente reflectiu na pergunta e acabou por se decidir por uma resposta sincera.

— Honestamente, preferia que a entregasse a outro.

— Isso é o que você preferia, tenente, mas eu não lhe perguntei as suas preferências. A missão é sua e de mais ninguém. Sente-se capaz de a cumprir?

Ele bateu o tacão da bota na outra, pôs-se em sentido, ergueu o queixo, declarou alto e claro:

— Meu major, é meu dever informar o meu major que a missão tem uma alta probabilidade de custar muitas vidas aos nossos soldados e de fracassar. É ainda meu dever aconselhar o meu major a cancelá-la.

O major, recostado na cadeira, fez um gesto displicente de grande enfado.

— Sim, sim, é o seu dever, mas eu não concordo consigo e exijo que cumpra a missão com o maior rigor e empenhamento. — Disse isto chegando-se à frente e picando a secretária com um dedo indicador para sublinhar a sua exigência.

— Nesse caso, sou obrigado a informar o meu major que, em boa consciência, não posso aceitar a missão e tenho de a recusar.

O major quase saltou na cadeira, triunfante, mas controlou-se, ergueu só a palma da mão e afirmou:

— Não diga mais, tenente. Recusou uma ordem directa, considere-se sob prisão, retire-se.

*

Francisco Montanha ficou assim confinado ao quartel, limitado na sua liberdade, aguardando uma decisão sobre o destino que lhe seria dado em consequência da sua recusa em combater. Deprimido, escreveu uma carta pungente ao irmão, reconhecendo a habilidade do governador Ferreira para o apanhar numa situação impossível: *Foi tudo uma cilada, afinal. O que ele queria era que eu recusasse a missão para ter algo de que me acusar. E aqui estou eu, preso, como convém ao major. Desconfio até que ele nunca tencionou seriamente executar a missão. Como te digo, meu irmão, compreendo agora que caí numa vil armadilha, e a prova final será ele esquecer a missão e esta nunca se realizar de facto, pois foi pensada só para me entalar, para me afastar definitivamente.*

E, com efeito, alguns dias depois, o tenente Montanha embarcou e foi

enviado sob detenção para a Ilha de Moçambique, acusado de cobardia. Foi uma manobra rápida e da qual ninguém se apercebeu, dado que acostaram junto ao cais do quartel a lancha que o levou ao brigue. Quando o padre Montanha soube que o irmão estava no navio fundeado ao largo ainda correu ao quartel na ânsia de impedir a partida. Debalde, porque o governador se recusou a recebê-lo para se esquivar ao confronto.

Apoquentado por uma frustração tremenda, Joaquim ficou parado no cais a observar a partida do brigue ao fim do dia. Fornazini foi confortá-lo com um charuto, e ali se quedaram desconsolados, vendo a sombra da vela recortada no sol alaranjado que ia caindo lentamente no horizonte.

— Nunca mais o vejo — vacilou o padre, emocionado com esta fatalidade premonitória.

— Qual quê — replicou Carlos António. — É só o «padrinho» escrever uma carta para a Ilha e, daqui a um mês, ele está de volta.

Joaquim tinha razão, porque passaram-se dois anos desde essa tarde aflita quando chegou uma carta selada a participar o desgosto da morte do tenente Montanha, vitimado por doença.

A ordem de prisão do tenente Montanha, a sua partida intempestiva para a capital, causou grande indignação pública em Inhambane, mas o governador Ferreira logrou estancar o vendaval de críticas e amainar o sentimento de revolta das pessoas, fazendo saber por enviesados recados que a missão contra os landins já não se realizaria. O ressentimento foi assim perdendo ânimo nas ruas, e o governador, já mais desanuviado das suas obsessões, voltou também a dar o seu passeio, a mostrar-se na barbearia, a comparecer até na missa de domingo na qual, face à crispação do padre, replicava com um inocente sorriso bonacheirão. Tinha mesmo o topete de lhe estender a mão quando, no final da cerimónia, este ia despedir-se de todos os fiéis. A Joaquim, custava-lhe horrores cumprimentá-lo, mas não quis quebrar a tradição, considerando que seria um desrespeito com as outras pessoas deixar de comparecer à porta só para não ter de apertar a mão à «besta». Já o governador fiava-se no princípio cristão de dar a outra face, o que deixava o padre Montanha de mãos atadas. Com efeito, o padre não podia odiar em público, não tinha a liberdade de se declarar inimigo deste ou daquele, embora soubesse que a maioria das pessoas não lhe levaria a mal se ele mostrasse os dentes ao governador e se o contemplasse com umas quantas verdades que trazia entaladas na garganta. Mas, evidentemente, não podia pregar a concórdia e a reconciliação no púlpito, e em seguida ir para a porta da igreja invectivar o fiel, recusar-se a apertar-lhe a mão, vituperá-lo com palavras cáusticas. Seria perfeitamente inadequado, uma contradição que o descredibilizaria irremediavelmente aos olhos da comunidade. Com que autoridade poderia ele pregar o amor ao próximo se não desse o exemplo? Em reuniões mais recatadas, sim, aceitava-se-lhe a crítica feroz, a censura objectiva, o odiozinho disfarçado de boas intenções, do desejo de ser apenas exigente com a conduta do governador, com a sua política, para melhor defender os interesses do povo. Pensando melhor, talvez Joaquim exagerasse nessa bondade de se abster de exprobrar o governador à porta da igreja, porque, afinal de contas, se podia pensar que pô-lo na ordem era um inestimável serviço a Inhambane. Ainda assim, Joaquim tinha pudor, pensava que um padre sacrificava-se pelo seu rebanho, defendia-o das injustiças, partilhava privações com ele, não o deixava morrer à fome, alimentava-lhe o corpo e a alma, e não perdia a cabeça, não insultava, não corria a pontapés o seu semelhante, embora, neste caso, o fizesse com muito gosto.

*

Tudo parecia assim estar a normalizar-se. O português, que estourava num alvoroço no calor do momento, tinha aquela índole afadistada de ladrar mas não de morder, e poucos dias depois já pouco se falava na vila do irmão do

padre, coitado, desterrado lá para a capital. Vicente Tomás dos Santos escreveu a instâncias de Joaquim uma longa e grave defesa do tenente que enviou em envelope lacrado ao governador-geral.

Contudo, o correio era muito lento e o tenente Montanha via-se enredado num complicado processo marcial que seguia inevitavelmente os demorados trâmites do exército. De resto, o governador-geral, farto daquela gente maçadora de Inhambane que só lhe arranjava problemas, não tinha motivação alguma para atender às queixas de Vicente Tomás dos Santos. Acrescia que o governador Ferreira havia sido uma escolha dele, e não era do seu interesse desautorizá-lo, fazendo regressar o tenente Montanha.

Dir-se-ia que os acontecimentos corriam de feição ao major e que haviam findado as suas maiores preocupações, mas ele voltara a ter pensamentos sombrios que o consumiam de manhã à noite. Eram ideias estranhas de conspirações sinistras que não lhe davam descanso. Adivinhava intrigas para o aniquilar, tinha suspeitas clarividentes, revelações que o despertavam a pingar suores frios pela madrugada, e ele amanhecia assim com um espírito perturbado, sem paz, sem harmonia.

Costumava recear a traição do tenente Montanha, mas, agora que ele já não estava presente, suspeitava de outros oficiais próximos de quem antes não tinha desconfianças. Sentia-se um homem só, transtornado, nervoso. Na rua, espreitava por cima do ombro, como se alertado para um atentado iminente; no quartel, tornara-se um comandante irascível e impunha uma disciplina severa com medo de perder o controlo da soldadesca.

No entanto, o governador Ferreira concebia planos; aquela mente viciosa imaginava uma estratégia para fazer uma limpeza total no quartel. Queria tropas leais, acima de qualquer suspeita, e a solução era afastar as que tinha, desde o soldado raso ao oficial graduado, substituí-los a todos! Enfim, quase todos, preservaria três ou quatro da sua confiança.

*

Vicente Tomás dos Santos solicitou por um estafeta a visita do padre Montanha que acudiu logo numa angústia a casa dele, desejando saber que novas tinha o «padrinho». Recebeu-o na sala de leitura, sentado no trono com gestos ponderados, sentindo o bico da barba com a ponta dos dedos, fazendo-lhe lembrar cada vez mais o papa em dia de audiências. Quem via hoje o comerciante abastado, dono de vastas propriedades, pesado numa barriga bondosa, inspirando ideias sábias e larga bonomia, não imaginava o velho pirata, génio da crueldade, que noutros tempos fizera uma fortuna imensa cruzando mares com carregamentos de escravos agrilhoados, ordenando chicotadas ou atirando aos tubarões os insurrectos que lhe contrariavam a vida.

— Novidades do meu irmão? — precipitou-se o padre, ansioso, ainda afogueado da corrida.

— Acalme-se, meu amigo, não foi por isso que o chamei. Beba aí uma água fresca — apontou-lhe um tabuleiro numa mesinha, com um jarro, copos.

Joaquim serviu-se, bebeu, sentou-se no sofá baixo defronte do trono.

— Não sabe nada, então? — disse, desanimado.

— Não, lamento. Receio ter esgotado o meu capital de influência junto das grandes cabeças da capital. — Declarou isto com ressentido sarcasmo. — Mas, enfim, queria falar-lhe de outro assunto.

— Que vem a ser?...

— O nosso emeritíssimo governador teve mais uma ideia de génio.

O padre levou a mão ao peito.

— Até receio ouvir essa genialidade — disse.

— Pois, bem pode, porque é caso para isso.

— Não me diga!

— Digo, digo. Ora, oiça.

*

O major, inspirado pelos delírios madrugadores, estreava os alvares dos seus dias sentado à escrivaninha do quarto com a pena na mão, redigindo febrilmente cartas insistentes ao governador-geral, solicitando-lhe reforços, tropas frescas para Inhambane, e este, cansado da correspondência, acabou por lhe prometer um contingente que chegaria em breve da metrópole. Estava-se em meados de 1850 quando veio a notícia. Era uma fantasia, evidentemente, mas animou sobremaneira o governador que ficou eufórico com a possibilidade de comandar essa expedição, só de tropas europeias, e que começou logo a procurar um lugar onde as alojar.

*

— De modo que é isto — concluiu Vicente Tomás dos Santos. — O governador pretende transferir todos os soldados locais para outras guarnições e pediu-me alojamento na feitoria para o novo contingente.

— Extraordinário — comentou o padre Montanha, estupefacto. — Ele não ignora, decerto, que os praças que tem ao serviço são de cá, que têm família e que sobrevivem com as suas machambas.

Vicente Tomás dos Santos ergueu as mãos numa impotência.

— O que quer que eu lhe diga? O homem não tem um pinga de sensatez, não pondera as consequências.

— Mas é o descalabro!

— É o descalabro e muito mais. Ele brinca com o fogo.

— E quanto ao pedido para alojar as tropas, o que lhe disse o amigo?

— Que as alojava com todo o gosto e o patriotismo que me merecia a bandeira nacional e os valentes que se prestavam a morrer por ela.

— Naturalmente — disse o padre, rendido.

*

Os meses seguintes soçobraram num impasse de ferro, e todos os dias Joaquim erguia-se da cama com uma perplexidade, perguntando-se se seria hoje que estourava a revolta. Com efeito, grassava um mal-estar irreparável nas fileiras do exército. Os soldados, quase todos naturais de Inhambane,

protegiam ainda a vila com a mesma determinação de sempre, pois eram as suas cubatas, as suas culturas, as suas famílias que deles dependiam, mas questionavam o que seria das suas mulheres e dos seus filhos se viessem os brancos e se eles fossem transferidos e separados das famílias. O novo ano chegou sem notícias da famosa expedição de europeus que tanto alarme causara e que era até já motivo de aberta chacota nas tertúlias da barbearia, mas os soldados sentiam que a transferência continuava pendente como uma espada de Dâmocles.

No entanto, a revolta acabaria por se concretizar por um pretexto inesperado e por culpa de Carlos António Fornazini que, com o seu feitio danado, armou um vendaval de surpresa que haveria de arrastar a vila inteira num dilúvio tremendo.

A CONSPIRAÇÃO

Outubro trouxe à tona da vila as desavenças profundas entre opositores políticos, que se tinham vindo a acumular naqueles meses de tensões contidas por imperativa necessidade de se manter a união nos tempos de perigo. Mas nada exacerbava mais as rivalidades e as contradições dos aliados por conveniência do que o poder, a disputa pelo lugarzinho público. Com efeito, a cinco desse mês, a Câmara fez afixar as listas do recenseamento para os cargos municipais e, nesse mesmo dia, o padre Montanha deixou escapar um desabafo sibilino a Leonor:

— As ratazanas vão começar a cheirar o sangue — disse.

*

Foi o tabelião de notas, o gorducho e irrequieto João José Gonçalves, que descobriu o segredo sepultado numa pilha de insuspeitos documentos e que o desenterrou desse insondável atoleiro de burocracia que era o seu elemento. Coscuvilhava papéis, garimpava informações, reunia-as, reconstituía vidas inteiras através de documentos inocentes, com os seus pormenores indiscretos, as suas inconveniências. Fazia, enfim, um aturado trabalho de inteligência; ocasionalmente tinha sorte e era recompensado com uma informação preciosa, uma pepita que lhe ia parar às mãos e que mais tarde se poderia revelar ouro puro. O notário, mesquinho, foi trancar a porta do gabinete e regressou à secretária a salivar de expectativa. Leu meticulosamente o documento e socorreu-se até de uma lupa para apreender melhor a letra miudinha que escapava aos seus olhinhos míopes, embaraçados com as lentes embaciadas dos óculos redondos, escorregando-lhe na ponta do nariz. Pingava suores da papada, muito apertada no colarinho engravatado. Chegou-se para trás na cadeira, limpou os óculos com o lenço, passou-o depois pelo rosto corado, enxugando a transpiração, voltou a pôr os óculos, pegou no extraordinário papel, deu-lhe uma palmada triunfante com as costas da mão e não conteve um risinho agudo, quase histérico de alegria.

João José Gonçalves desentalou as gorduras dos braços da cadeira, foi buscar o casaco preto ao cabide atrás da porta e vestiu-o por cima do charco que lhe colava a camisa às costas. Sofria muito com o calor, mas não podia ir em mangas de camisa, evidentemente. Dobrou o papel em quatro, guardou-o no bolso de dentro. Gastou ainda uns segundos a passar uma escova no bigodinho fino, voltou a limpar o rosto com o lenço e a coroa no alto da cabeça, na qual já lhe escasseava o cabelo que ele tanto prezava, saiu.

*

La numa euforia procurar o Fornazini à Câmara, oferecer-lhe aquele pedaço de veneno suculento. Depois, ele lá saberia como utilizá-lo, mas que aquele era um achado de se lhe tirar o chapéu, lá isso era! E o Fornazini ficava a

dever-lhe um favorzinho. Que dizia ele? «Qual favorzinho, um favorzão!» João José costumava dizer que se tornara notário por acaso, que tinha jeito para os papéis, só isso, mas o que ambicionava de facto era a política; todo ele era intriga, adorava o ardil, deliciava-se com o enredo dos golpes baixos. Tanto se lhe dava se estava com os monárquicos se com os republicanos; ele queria era estar no jogo, manipular, sentir o poder.

Apressou-se pela sombra das árvores no calor das três da tarde, amaldiçoando a poeira vermelha que se levantava do chão, sujando-lhe o fato preto, emporcalhando-lhe os sapatos. Chegou à Câmara num instantinho e nem limpou os sapatos com o lenço, deu um piparote feliz no peito, em cima do bolso em que guardava o papelucho que o trazia eufórico, entrou.

Fornazini não se encontrava, uma contrariedade, ele ali a estourar de ansiedade e o outro, ausente. Indagou, alguém lhe sugeriu que o procurasse na barbearia, abalou para a barbearia.

*

Chegou mesmo a tempo, pois viu ao longe Fornazini a sair da barbearia e a sacudir cabelos da lapela e apressou o passo para o alcançar.

— Oh, Carlos António! Oh, amigo Fornazini! — gritou-lhe de longe.

O italiano estacou, voltou-se, teve uma exclamação de falsa alegria.

— Olha quem ele é! — disse, folgazão, como se fosse uma boa surpresa. — Então, por aqui, amigo João José?

— Vinha à sua procura.

— Não me diga!

— Pois vinha, preciso de lhe dar uma palavrinha.

— Verdadeiramente, é uma surpresa — disse Fornazini, reprimindo um motejo. — Mas, então, diga lá, diga, diga, o que me queria com tanta urgência?

O notário encheu-se de mistério, olhou inquieto em redor com ares conspiratórios, agarrou Fornazini pelo braço, falou baixo, levando-o a inclinar-se para lhe escutar o segredo, dado que o italiano nos seus quase dois metros olhava João José de tão alto que a sua figurinha redonda se lhe assemelhava ainda mais insignificante, acentuando a fraca ideia que tinha dele.

— O amigo vai-se candidatar às eleições, não é verdade? — disse o notário.

— Evidentemente.

— E o amigo sabe a consideração que eu tenho por si, a enorme admiração.

— Por quem sois...

«Não», insistiu o notário, com os olhinhos brilhantes de viva emoção, «não», asseverou: ele era «o» exemplo naquele marasmo de pequenas figuras que faziam a política local, Fornazini era «o» político, o único verdadeiro político, o homem da ideia, da iniciativa, que se destacava dos demais, dessas sanguessugas sem rasgo, sem verdadeiro carácter e que se limitavam a seguir-lhe as pegadas da liderança. Enfim, derramou sobre ele uma bela verbosidade laudatória, e Fornazini, entediado, lembrando-se ainda da recente traiçozinha

dele — quando João José, ludibriado pelo vereador Marques, levava ao governador Ferreira o recado do violento discurso que Carlos António fazia então na Câmara para o desafiar —, ia-se perguntando o que o notário realmente queria dele. Nisto passaram dois correligionários do italiano e lá se fez alguma conversa banal, coisas da Câmara que nada diziam a João José que ficou para ali ignorado, irrequieto, trocando o peso de perna para perna, de mão no bolso, procurando aparentar jovialidade, irritado com a interrupção que já quebrara o clima de íntima comunicação que julgava ter estabelecido. No entanto, Fornazini, desejando livrar-se do notário, disse aos outros que também ia para a Câmara, que tinha de estar lá dali a pouco.

— Vão andando, vão, que eu já vos apanho. Isto é rápido. — E, virando-se para João José, continuou: — Então, diga lá...

— Bem, indo directo ao assunto para não o prender mais, tenho aqui uma informaçãozinha importante que lhe poderá ser muito útil.

Tirou o documento do bolso, desdobrou-o, entregou-lho. Carlos António franziu as pálpebras, esforçou a vista; depois, não conseguindo decifrar a letra pequena, socorreu-se de um monóculo que encaixou no olho para ler o papel.

— E então? — perguntou, por fim. — O que tem isto de importante?

— Não está a ver? — Admirou-se João José.

— A ver estou, estou a ver que é uma certidão de um assentamento de baptismo. — E devolveu-lhe o documento.

— Sim, mas repare neste pormenor — disse o notário, colocando o papel debaixo dos olhos dele enquanto lhe explicava a questão, desvendando rapidamente o segredo que lhe tinha passado despercebido.

— Muito interessante, é de facto muito interessante. — Ia dizendo Fornazini, tomando consciência do trunfo político que tinha ali.

João José dobrou o papel com uma lentidão deliberada, voltou a guardá-lo no bolso. Fornazini fez-se desentendido, embora estivesse como um cachorrinho ao qual acenavam com um belo osso cheio de carne.

— E o que vai você fazer com isso? — perguntou, enfim.

O notário encolheu os ombros com estudada negligência.

— Eu, nada. Achei que gostaria de saber, só isso.

— Mas você é um tipo extraordinário! — exclamou subitamente Fornazini, depois de pensar um momento. Passou-lhe um braço pelos ombros, e foram caminhando a lado nenhum, dando uns passos lentos. — Sabe o que eu lhe digo? Você, meu caro João José Gonçalves, é um talento inato, um talento desperdiçado. É o homem de que eu preciso ao meu lado na Câmara!

O notário arregalou o olho, todo ele sorrisos, francamente elogiado.

— Não diga isso... — protestou, modesto.

— Digo, digo, mas é que digo mesmo! Você é um animal político! E, eu quero que se candidate na minha lista — disse, energicamente, a transbordar de entusiasmo.

— Realmente? — espantou-se o notário.

— Absolutamente! — afirmou, determinado. — Sabe o que vamos fazer?

— Não...

— Vamos para a Câmara agora mesmo para eu apresentar a sua candidatura aos meus pares. Você, João José Gonçalves, vai ser a surpresa destas eleições. O nosso grande trunfo para o escrutínio!

— Que exagero! — replicou, radiante, quase embaraçado.

— De maneira nenhuma. É uma revelação que eu acabo de ter! Venha daí, venha depressa, temos muito que falar.

Causou espanto a entrada triunfal do notário no gabinete, pelo braço de um Fornazini arrebatado, alardeando que acabava de recrutar aquele seu grande amigo para os acompanhar na aventura eleitoral. Os vereadores — estavam cinco deles presentes na sala — baixaram os seus jornais, suspenderam os seus charutos, vigiaram Fornazini desconfiados da sua sanidade, olharam uns para os outros, como que a perguntarem-se se ele estaria doido ou se era pirraça do velho Carlos António. Este deu uma firme palmada nas costas do embatucado João José, e declarou:

— Encontrei-o na rua, é um achado!

— Mas então... — Ia começar a dizer o circunspecto Marques que foi detido por um discreto e elucidativo piscar de olho de Fornazini.

— Vamos inscrevê-lo na nossa lista — anunciou.

*

Ao outro dia, Fornazini apresentou à comissão eleitoral uma reclamação em que arguia contra o recenseamento de André Pereira da Silva. Este residia em Inhambane há dezoito anos e era agora juiz ordinário e tenente-coronel das milícias, confirmado por Sua Majestade. Não obstante, a comissão deu provimento à reclamação passados quatro dias e anulou o recenseamento de Pereira da Silva. Fornazini esteve essa tarde em aberta galhofa com os correligionários. Com efeito, passaram-se bem essas horas, tomando *brandy*, fumando charuto, em despretensiosa cavaqueira nos sofás do gabinete. Festejaram a vitória na secretaria sobre o odiado Pereira da Silva com o mesmo júbilo que teriam se o tivessem batido nas urnas. Tanto se lhes dava, desde que anulassem a velha ratazana. E celebraram muito o novel colega, o João José Gonçalves, o Joãozinho, um rapaz às direitas, um camaradão que, com os seus insondáveis processos, já fizera estragos no adversário. O notário rejubilava ali sentado entre a rapaziada, a soltar fumaças para o tecto, a largar umas pilhérias de copo na mão. Ser um deles já lhe bastava, mas ser congratulado pelos parceiros com rasgados elogios era um reconhecimento de que não esperava. Estava no céu.

*

A inimizade feroz entre o Fornazini e o Pereira da Silva eram contas antigas. O juiz ordinário já se opunha a Carlos António desde longa data, e a antipatia era mútua, dado que Pereira da Silva era muito de relações com os governadores, e Fornazini, que lhe reprovava esse hábito, reputava-o de traidor. O maior confronto entre os dois arqui-inimigos dera-se no ano passado. Fora uma discórdia que tornara a sessão da Confraria de Nossa Senhora da Conceição num tumulto reles. Reuniam-se ao fundo da igreja, onde haviam juntado uns bancos corridos. Participavam nela algumas beatas e

outros residentes que completavam a comissão das festas de comemoração do dia da padroeira, sete ao todo, mais o padre Montanha que dirigia a sessão. A desavença veio de uma provocação de Pereira da Silva a propósito da atribuição tarefas.

— Cá o amigo Fornazini a gerir a fazenda arruína-nos antes da festa — gracejou ele para o lado, assegurando-se de que Fornazini o escutava.

— Vossa excelência insinua que eu não sou capaz de dar conta do recado? — replicou o italiano num vozeirão tonitruante que suspendeu a reunião.

O outro fez um sorriso displicente, um gesto largo de grande ironia.

— De forma alguma — disse. — Todos aqui sabemos que o amigo é muito bom de contas.

— Pois fique então sabendo também que eu não lhe admito que levante a mais leve suspeita sobre a minha honestidade.

— Essa agora! Longe de mim tal ideia.

Mas a atitude de Pereira da Silva contradizia as suas palavras, e Fornazini, que fervia em pouca água, irritou-se com a insolência, não mediu a réplica.

— Porque de negócios obscuros é o senhor que me dá lições. Lá quanto a isso tiro-lhe o chapéu — disse, acusatório.

— Oh, Fornazini... — desconcertou-se o padre, já a ver onde aquilo ia parar.

— Como se atreve?! — alterou-se Pereira da Silva, lívido.

— Negócios de marfim, esses sim, têm-nos saído bastante caros — continuou Fornazini a vociferar, sobejamente satisfeito por o expor perante as pessoas.

— Eu não tolero difamações — rosnou Pereira da Silva, que era um touro baixo de grande músculo, capaz de violências.

O padre levantou-se, tentando repor uma ordem.

— Senhores, excedem-se, senhores, por amor de Deus, estamos na igreja.

As beatas benziam-se num espanto mudo, incapazes de uma palavra, abrindo e fechando a boca como peixes fora de água, sufocadas no escândalo.

— Custaram-nos uma guerra e tudo o mais que todos sabemos — disse ainda Fornazini no mesmo tom vingativo, indiferente ao apelo do padre e à raiva de Pereira da Silva.

— Você delira, perdeu o juízo — comentou ele com um encolher de ombros.

— Chama-me doido?! — empertigou-se Carlos António, já a levantar-se, impondo a sua impressionante estatura de gigante.

Mas Pereira da Silva não se ficou, saltou do banco a fazer peito.

— Doido, desequilibrado e mentiroso! — atirou-lhe, desafiador.

— Ah, não, exagera, seu bandalho! — gritou Fornazini, avançando para lhe dar bofetadas, que ele teria dado efectivamente, não fora a intervenção do padre Montanha que se interpôs, que o agarrou por um braço e o empurrou a custo para fora da igreja, enquanto ele se tentava soltar aos gritos, a despropositar: — Maldito traidor, mercenário, traficante! Não, padre, largue-

me que ele precisa de pontapés! Canalha, corro-te a pontapés!

O padre levou Fornazini para a rua, os confrades seguraram Pereira da Silva que também se esfalfava em ameaças, as beatas abanavam-se com os leques para não terem desmaios, a reunião acabou.

Evidentemente, todos sabiam que as acusações de Fornazini a Pereira da Silva se referiam ao célebre marfim que o ex-governador António Paulo de Sousa exigira ao chefe Inguana e que, não lhe obedecendo o régulo, iniciara com os landins a guerra que ainda se arrastava. Ora, Pereira da Silva, um íntimo de Paulo de Sousa, associava-se habitualmente aos negócios furtivos do ex-governador. O próprio Pereira da Silva reclamara então o marfim, mas Inguana, sendo tributário do terrível Manicusse, preferiu enviá-lo ao rei de Gaza. E, numa revoada de ressentimentos se envolveu a contenda que levava enfim à morte do governador António Chaves, dos seus homens, e ao cerco a Inhambane.

No entanto, os insultos da sessão da Confraria de Nossa Senhora da Conceição descambaram para a Justiça, pois Pereira da Silva quis tirar satisfações num pleito e organizou um processo contra Fornazini. Um ano mais tarde, o italiano vingou-se. Coube-lhe na sorte o notário João José e o seu documento mesquinho que afastou Pereira da Silva do recenseamento. Porém, a guerra estava apenas a começar, porque Pereira da Silva recebeu a notícia com uma fúria épica e entendeu-a como um repto que exigia sangue!

O governador Ferreira contemplou com pesar o amigo Pereira da Silva. Estava encostado à secretária com as pernas esticadas, confortavelmente cruzadas nos tornozelos, com os dedos entrelaçados em cima da barriga farta, o queixo apoiado no peito, ponderando a situação extraordinária que o juiz lhe trazia.

— Oh, Pereira da Silva, então você é espanhol, homem?

— Sou agora espanhol! — resmungou o juiz, andando sem parar de um lado ao outro do gabinete estreito, com as mãos nos bolsos e os olhos postos no chão, numa nervoseira bestial.

— Não é o que está nessa certidão de baptismo que o Fornazini apresentou como base para a reclamação?

— Sim, mas, veja, eu n...

— Há algum erro na certidão, ou você foi, realmente, o padrinho nesse baptizado?

— Fui.

— E está lá escrito que você é súbdito espanhol, correcto?

— Correcto

— Não é engano?

— Não, não é engano.

— Então você é, de facto, espanhol!

— Sou tão espanhol como o Fornazini é italiano. Nasci lá, é tudo.

— Mas o Fornazini naturalizou-se.

— Burocracias. — Fez um gesto brusco de desprezo pelas questões administrativas.

— Que diabo! Você é juiz, sabe dessas burocracias melhor do que eu e também sabe que não se pode mandar a lei às urtigas.

— Precisamente por ser juiz é que sei perfeitamente que se pode mandar a lei às urtigas — defendeu-se Pereira da Silva.

— Pois então, vá lá e anule a decisão da Câmara.

Pereira da Silva estacou, voltou-se para o governador, tirou uma mão do bolso, passou-a pela barba aparada.

— Não posso decidir em causa própria — disse. — É prerrogativa da Câmara.

O governador abriu os braços numa fatalidade.

— E a Câmara já decidiu — disse. — Você é espanhol, não se candidata.

— Ah, não, isto não fica assim — replicou, fazendo que não com o dedo, muito assertivo. — É preciso fazer alguma coisa, sobretudo é necessário não deixarmos que eles nos vençam.

O governador abanou a cabeça, desconcertado.

- Espanhol... isto só a mim...
- Em todo o caso, é uma jogada suja. Eles aproveitam-se de uma formalidade para me impedirem de concorrer.
- Maldito Fornazini — rosnou o governador.
- E se eu não me candidato, major, você fica sem um aliado na Câmara.
- Só a chicote, o Fornazini, havia que lhe cortar as orelhas.
- Sem mim, aqueles meninos não têm ninguém que lhes faça frente.

*

O governador pôs-se lúgubre. Era realmente bastante inconveniente que Fornazini, o íntimo do padre, tomasse assim de assalto a Câmara. Sabia bem que aqueles dois fariam qualquer coisa para o contrariar. De resto, quanto mais poder tivessem mais concorreriam para o boicotar, disso não tinha dúvida. O governador imaginava-os amiúde em conspirações furiosas para o derrotar, para o humilhar. Dava-lhe pesadelos a ideia de não ter como saber o que eles andavam a preparar; tinha dores de cabeça, suores. Onde quer que fosse, sentia-se rodeado por inimigos; havia uma hostilidade no ar. Quando entrava na barbearia as conversas cessavam, era um silêncio de cortar à faca, uma cerimónia fria que se impunha na sua presença, conversas monossilábicas, segredadas como se se estivesse na missa. Ferreira saía da barbearia e, antes de passar a porta da rua, ouvia já o rumor da conversa franca. Enervava-o este clima de surda confrontação que não podia ser da sua imaginação. Com efeito, embora ele ampliasse estas desconfianças nos seus pensamentos mais negros, havia um ressentimento da população, e as pessoas só o cumprimentavam a medo na rua, por reverência, porque o receavam. Os homens tiravam o chapéu, as mulheres baixavam a cabeça e seguiam o seu caminho sem se voltarem. Era, portanto, absolutamente necessário manter a cumplicidade de Pereira da Silva na Câmara.

Ao outro dia, o governador Ferreira redigiu um ofício à Câmara, no qual ordenava que o «mui ilustre» André Pereira da Silva, sobejamente conhecido de todos por residir há mais de dezoito anos em Inhambane, fosse considerado cidadão português sem a menor sombra de dúvida e, como tal, autorizado a recensear-se. Causou espanto, esta ingerência do governador. Fornazini, que mexia bem os seus cordelinhos, conseguiu a indignação unânime dos vereadores e, ao abuso do governador, respondeu a Câmara com a razão que lhe conferia o decreto de dezoito de Março de 1842, em conformidade com o qual o recurso da sua deliberação deveria ser dirigido ao Conselho do Distrito. Ora, assim sendo, a Câmara não reconhecia autoridade ao governador neste particular.

*

O governador Ferreira leu a resposta da vereação ao seu ofício, amarfanhou o papel numa bola de raiva, abriu a mão, deixou-o rolar para cima da secretária. Sentiu-se despeitado pela réplica brutal da Câmara, rejeitando a sua ordem. Havia antecipado uma resistência inteligente dos vereadores, mas não uma negativa tão frontal, tão despuadora. Via-se agora em apuros, pois não

podia deixar a desobediência sem resposta, e esta teria de ser ainda mais dura. A situação, inevitavelmente, teria uma escalada de consequências imprevisíveis, mas, enfim, era necessário retaliar com coragem e, acima de tudo, não vacilar, não mostrar fraqueza. E o governador não fez por menos, molhou o bico da pena no tinteiro e redigiu novo ofício à Câmara, declarando-a dissolvida. Os vereadores não lhe obedeciam? Pois então, que passassem as varas aos imediatos em votos.

O vereador Marques abriu a porta do gabinete num repente, espreitou e gritou para dentro.

— Já veio a resposta do governador!

— Oh, Marques, e o que diz «a besta»? — quis saber Fornazini.

— Dissolveu a Câmara.

Fornazini atirou o jornal para o lado, ergueu-se da poltrona.

— Dissolveu a Câmara?!

— Exactamente. «A Câmara que se considere dissolvida» foi o que ele escreveu.

— Essa é boa!

— Ele pode fazer isso? — perguntou João José Gonçalves, um pouco perdido na algazarra que se gerou. Por esses dias, vinha sempre fumar o seu charuto com os «colegas», entrosar-se em boa camaradagem.

— Vamos ao presidente! — declarou Fornazini, e abalaram todos para o gabinete do presidente da Câmara.

Era um homem cauteloso, de pouco nervo, o presidente, já com a sua idade; uma figura da terra, respeitada, mais dada aos consensos. Neste caso, porém, «o velhote», tal como se referiam a ele afectuosamente, não esteve com contemplações; ficou muito incomodado, muito vermelho, quis tirar satisfações com o governador. No entanto, os vereadores apaziguaram-no, debateram a situação e, depois de ponderarem todas as possibilidades, aconselharam-no a devolver o ofício ao governador.

*

— Em suma: recusaram-se a receber o meu ofício — disse o governador, muito irritado. Acompanhavam-no, no gabinete, Pereira da Silva e os oficiais da sua confiança, o capitão Jacinto Júnior, o alferes Gourgelt, o major de segunda linha António Ribeiro.

— Essa agora! — exclamou Pereira da Silva. — Recusaram, *tout court*?

— Alegaram que não estavam em sessão!

— Ah! Não estavam em sessão...

— Eles não sabem com quem estão a lidar — avisou o governador, a chocar uma daquelas fúrias que o deixavam fora de si.

Mandou convocar todos os membros da Câmara ao quartel.

— Se for necessário, prendam-nos, lancem-lhes ferros aos pés, tragam-nos a bem ou a mal!

Assim se cumpriu a sua ordem, embora sem serem precisas medidas drásticas, pois foram todos ao quartel para lhe dizer o que já lhe haviam dito

por mensagem: que não estavam em sessão, que não podiam receber o ofício.

Em retaliação, o governador fê-los reter na praça, debaixo do sol do meio-dia.

— Até que recebam o ofício — disse-lhes.

— Pois, muito bem! — declarou o velho presidente, que mal se aguentava com tanto calor e que estava muito perturbado com a arrogância do governador. — Seja, irei convocar a Câmara e receber o seu ofício logo que nós estejamos liberados.

— Considerem-se liberados — retorquiu o governador, com um gesto displicente de pouco respeito que exacerbou o agastamento do presidente da Câmara e dos vereadores.

*

Estes reuniram-se depois do almoço, tal como se haviam comprometido, mas, contrariando a ordem do ofício, votaram contra as intenções do governador. Enviaram então uma resposta, fazendo-lhe saber que a Câmara não se considerava dissolvida.

O dia terminou assim numa tensão que percorria a vila de lés a lés. O braço-de-ferro que o governador fazia com a Câmara espalhara-se no ápice das conversas casuais entre moradores, e não havia já quem não soubesse do grave conflito que trazia Inhambane numa situação de grande incerteza. À noite, teve lugar uma primeira reunião dos inseparáveis aliados da terra. Juntaram-se, pois, em casa de Vicente Tomás dos Santos, o Carlos António Fornazini, o padre Montanha e o major Liberato Vaz que, embora já se tivesse reformado do exército, não se alheava dos assuntos da vila e continuava a exercer a sua influência.

*

Como que depositado no trono da sala de leitura, o «padrinho», Vicente Tomás dos Santos, olhou paternalmente e de uma perspectiva superior os amigos sentados em poltronas numa roda, diante dele.

— Para onde vai este mundo? — perguntou-se em voz alta, contristado.

Não teve uma resposta definitiva, pois nenhum dos presentes arriscou prognosticar o dia seguinte, quanto mais o futuro consequente daqueles tempos incertos. Contudo, esta fora só uma pergunta retórica, um desabafo que perpassava uma crítica ao comportamento irresponsável dos homens, mas que Fornazini acusou como dirigida a si.

— A culpa disto tudo é do governador — apressou-se a defender-se — que insiste em atacar-nos. Não se consegue ter um relacionamento normal com ele. O homem é irracional.

— Fornazini, Fornazini — admoestou-o levemente Vicente Tomás dos Santos. — O meu amigo não está inocente, tramou o Pereira da Silva, apanhou-o de surpresa. Bem, na verdade, isto foi uma surpresa para todos.

Carlos António remexeu-se na poltrona, desconfortável. Sabia ao que se referia o «padrinho». Na ânsia de atingir Pereira da Silva, precipitara-se com o documento que o notário João José Gonçalves lhe trouxera, sem pedir

conselho aos amigos, sem os informar. Fora uma jogada tremenda, sem dúvida, mas extemporânea, pouco ponderada. Eles sabiam como Fornazini podia ser voluntarioso, arrebatado. E agora ali estava Carlos António a depositar-lhes o problema no colo, pedindo-lhes um parecer, um respaldo.

— Era uma mera questão legal, da Câmara, que não dizia respeito ao governador. Em bom rigor, ela está fora da jurisdição do governador — pretextou.

— Mas havia que prever uma reacção dele — disse o major Liberato Vaz, melindrado com Fornazini. — Que diabo! O Pereira da Silva e o governador são unha com carne.

— Pois, sim, mas havia a questão do prazo de recenseamento. Eu tive de agir com celeridade.

— Bem, o que está feito, está feito — interrompeu Vicente Tomás dos Santos, querendo evitar o constrangimento das acusações entre amigos. — Major, o que importa agora saber é com que apoios podemos contar no caso de uma acção musculada.

— Temos todos connosco, os oficiais intermédios, os praças, o povo. Só não temos três ou quatro oficiais do estado-maior do governador, mas esses não sabem que comandam um exército-fantasma — respondeu o major sem hesitar.

O padre Montanha, que se abstera de comentar até ao momento, sempre ingloriamente determinado em não se imiscuir nas questões políticas, que reputava de abomináveis e que, enganando-se a si próprio, dizia detestar, saltou da poltrona.

— Por amor de Deus, senhores, já se fala aqui em acções musculadas, em pegar nas armas! Onde é que isto já vai! — E depois pregou-lhes um sermão sobre a necessidade de se manter a vila pacificada, de se evitar rebeliões a todo o custo.

Vicente Tomás dos Santos ouviu-o com respeito, vagamente entediado.

— Estamos somente a ponderar todas as possibilidades. Longe de nós sermos os primeiros a promover tumultos — disse.

— Em todo o caso, em todo o caso...

— Tranquilize-se, meu padre, somos todos homens sensatos.

— Estas coisas, sabe-se como começam, mas nunca se sabe como acabam — murmurou o padre, preocupado.

No entanto, prosseguiram com um plano. O padre Montanha, incomodado, pediu licença, desculpou-se que precisava de passar ainda na igreja, e retirou-se acabrunhado.

*

Já em casa, tendo Leonor à sua espera, Joaquim deu-lhe um longo abraço para se consolar a si próprio. Ela estranhou-o, pois ele habituara-a a um só beijo casto na testa, e pareceu-lhe abatido.

— Está tudo bem, senhor padre?

— Não, filha, está tudo mal — desabafou, sem se lembrar de a resguardar

de uma aflição, mas ela não lhe perguntou mais nada e ele nada mais acrescentou.

— Preparei-lhe a ceia — disse.

— Obrigado, não tenho fome.

Foi sentar-se um pouco lá fora, abater-se na cadeira de vime, debaixo do alpendre que dava para o jardim das alfazemas. A passarada manteve-se silenciosa na gaiola grande, um grilo alertado cessou a estridência. Joaquim suspirou ao olhar o céu que não tinha estrelas. O firmamento dir-se-ia extinto, era apenas um espesso cinzento-escuro oprimindo a terra.

Vendo-o assim sorumbático, Leonor fez menção de se retirar, mas ele esticou a mão para ela, chamou-a.

— Vem cá — murmurou, como que rendido a uma carência.

Fê-la sentar-se no seu colo, abraçou-a. Leonor deitou a cabeça no peito dele. Joaquim afundou o rosto no seu cabelo, sentiu-lhe o cheiro familiar a alfazema e fechou os olhos, reconhecido pelo seu amor sem falhas e que ele tinha como uma misericórdia divina que compensava todas as dificuldades, todos os dias maus. Subiu a mão pelas suas pernas macias e, percebendo só um tecido exíguo por baixo do vestido, teve um estremecimento; pensou que ela era um milagre que lhe acontecera, contrariando assim qualquer sentimento de culpa.

Leonor firmou os músculos fortes das pernas, capturando-lhe a mão entre as coxas e ronronou de prazer, sabendo que era capaz de o provocar até o fazer perder a compostura. Ele quis beijá-la, mas ela rodou a cara e esquivou-se com um risinho matreiro que o deixou sequioso dos seus lábios. Muito premeditada, fez um movimento lânguido no seu colo e percebeu que lhe aguçara o apetite ao sentir a rigidez dele debaixo de si. Joaquim passou o braço livre à volta dela, enfiou-lhe a mão no decote largo, cingiu-lhe um seio solto e puxou-a mais para si para a beijar. E, logo ela passou de gata dócil a fera assanhada, esgueirando-se do colo dele e escapando-se-lhe por entre as mãos para abandonar a posição de amazona e para, com gestos ágeis, lhe desapertar os botões das calças, deixando-o assim à mercê da sua condição de homem fogoso. Então, montou-o de frente, com uma impetuosidade tão irresistível que o deixou sem fôlego ao sentir que se afundava nela, como um naufrago rendido ao seu destino.

E eram estes momentos transcendentais que o enlevavam mas que também o faziam descer à terra, porque havia alturas em que ele se sentia tão confiante que acreditava ter uma certa superioridade moral em relação às outras pessoas. Leonor, porém, tinha a virtude de o humanizar, de lhe lembrar que, afinal de contas, ele era vulnerável aos prazeres da carne e, por conseguinte, tão vulgar como qualquer um.

O governador Ferreira passou uma noite mal dormida, a cismar com a desfaçatez dos vereadores que ousavam fazer-lhe frente e desrespeitar as suas ordens com uma desconsideração que lhe chegava a ser ofensiva. Susceptível como era, empreendeu na resposta à letra que lhe enviaram da Câmara e imaginou-os em sessão durante a tarde, muito divertidos com dichotes, a fazerem chacota dele com sonantes gargalhadas. Sentiu-se tão vulnerável que teve ânsias de os maltratar a todos para se ressarcir da humilhação. O que lhe faria gosto seria mandá-los chicotear, um por um, para lhes dar uma lição de boas maneiras, mas o governador Ferreira estava consciente de que isso seria ir longe demais. Fosse como fosse, estava claro que era necessário pô-los na ordem a qualquer custo e, se retê-los na praça não fora intimidação suficiente, então teria de lhes torpedear a determinação com uma medida ainda mais brutal. Abominou o Pereira da Silva por lhe ter criado aquele enorme embaraço, como se ele não tivesse já preocupações suficientes. Mas, justamente, como havia que dar atenção a outras responsabilidades mais gritantes, afigurou-se-lhe que se impunha vivamente acabar com este ridículo braço-de-ferro, sem demoras e de uma vez por todas.

De manhã, o governador Ferreira irrompeu pelo gabinete de mau humor, gritou pelo ordenança sem reparar que o subalterno vinha atrás dele submisso.

— O meu major precisa de alguma coisinha?

Voltou-se de repente, surpreendido, e quase chocou com o outro.

— Oh, homem, desampare-me o caminho!

— Sim, meu major — disse o soldado, embaraçado, retirando-se logo.

— Onde é que você vai? — gritou-lhe, antes que o ordenança desaparecesse pela porta.

— Não me mandou embora, meu major?

— Venha cá. — E ele foi, aguardando que o major tirasse o dólmen, o colocasse nas costas da cadeira, se sentasse, alinhasse inutilmente o papel, a pena e o tinteiro, já perfeitamente arrumados na secretária. — Vá chamar o alferes Gourgelt.

O alferes acudiu quase de imediato. O governador, embora carrancudo, foi mais tolerante com o oficial da sua confiança.

— Bom dia, meu major.

— Bom dia, sente-se — disse, seco. — Quero acabar com esta palhaçada da Câmara, hoje mesmo. Você vai lá e convoca os vereadores todos para virem falar comigo outra vez. Se eles não quiserem vir, volta aqui, leva alguns homens consigo e vai buscar os vereadores a mal ou a bem. Entendido?

O alferes, que abominava políticos, escancarou um sorriso malicioso.

— Entendido, meu major.

- Vá lá.
- É para já. — Levantou-se, bateu continência, saiu.
- Oh, Gourgelt! — gritou-lhe ainda o governador.
- Sim, meu major?
- Mas, por amor de Deus, faça as coisas com diplomacia, tanto quanto possível. Seja subtil, não me traga mais polémicas.
- Absolutamente.
- E não traga o velho, só os vereadores — disse, por fim, referindo-se ao presidente da Câmara que ele quis poupar a mais uma humilhação, até porque o achava difícil de conversar, já baralhava demasiado os assuntos, exasperava-o.

*

Novamente se viu o grupo de vereadores retido na praça, aguardando pelo governador, que não teve a amabilidade de os fazer entrar, de lhes oferecer uma cadeira. O dia nascera fresco e deprimente, com um prenúncio de tempestade. A época das chuvas chegara nesse Outubro pardo, e a humidade aproximava-se de uns avassaladores noventa por cento. Ainda que as piores chuvadas estivessem reservadas para Dezembro, até Março receava-se mais as doenças, porque a cólera alastrava, o mosquito da malária pululava, e as pessoas, sabendo que o risco era muito maior, procuravam resguardar-se e evitavam expor-se ao ar livre com a mesma descontração da época seca. Não obstante, os vereadores foram premeditadamente forçados a esperar ao relento, de pé, à vista de soldados armados. O governador, desejando quebrar-lhes a vontade, quis intimidá-los e desmoralizá-los; acudiu porém ao exterior, quando os vereadores já se indignavam em voz alta e, ao terem ameaçado que se iam embora, foram gentil mas firmemente convidados pelo alferes Gourgelt a desistirem dessa ideia.

Sem a presença do presidente da Câmara, Fornazini assumiu com naturalidade a liderança dos vereadores, que eram sete e todos muito agitados.

— Está a dizer que não somos livres de nos irmos embora? — perguntou, confrontando Gourgelt com o seu vozeirão arrebatado.

— De modo algum — negou o alferes, alegando que eles estavam só à espera do major e que este não devia demorar. Disse isto com um encolher de ombros prévio e uma certa petulância, deixando a pairar a ameaça de que tomaria medidas para os impedir de saírem do quartel.

Fornazini começava a ferver. «É uma falta de respeito», protestou, «e até perigoso para a saúde, deixarem-nos ali fora à mercê da voragem da mosquitada.»

— Não se inquiete, Vossa Excelência, que o major vem não tarda nada — disse Gourgelt; mas este continuava com aquele sorriso cínico na cara que irritava e dava a Fornazini vontade de lhe dar estalos.

— Mas onde está ele, homem de Deus?

— Estou aqui — anunciou-se o governador, surgindo do interior com uma expressão grave de poucos amigos.

— Finalmente — atirou Fornazini sem rodeios, mostrando todo o seu desgosto, secundado pelos resmungos unânimes dos vereadores.

— Vamos ao que interessa — disse o governador, sem preambular. — Chamei os senhores para resolvermos esta questão do Pereira da Silva de uma vez por todas.

— Mas está resolvida — retorquiu Fornazini, quase espantado.

— Ah, não está, não.

— Creia, Vossa Excelência, que está — obstinou-se.

— E, eu digo-lhe já que não está enquanto a Câmara não o incluir nas listas de recenseamento — avisou o governador, irritado.

— Não está conforme a lei, não se candidata.

— Ele é morador em Inhambane há dezoito anos, todos o conhecem, fala português como nós, é tão português como nós.

— No entanto, oficialmente não é.

— Disparate!

— Ele próprio o declarou na certidão de baptismo.

— Mas é uma exorbitância, um abuso de autoridade intolerável.

— Não foi a Câmara que fez a lei, e esta tem somente a obrigação de a respeitar.

— A Câmara tem o poder de o considerar português. Pois que o faça.

— Não tem tal, ele terá de se naturalizar e de apresentar o documento comprovativo à Câmara.

— É um processo demorado, como sabe.

Fornazini respondeu-lhe com uma resignação.

— É o que temos — disse.

— Se é o que temos, só há uma solução: a Câmara está dissolvida, como aliás já decretei anteriormente.

— Também já respondemos a isso.

— Sim, mas agora vão acatar a minha decisão.

— Não vamos — declarou Fornazini, irredutível.

O governador, lívido, olhou um pouco desorientado em redor e, vendo que tinha os olhos expectantes de todos os subalternos em cima de si, aguardando a sua reacção, ripostou sem pensar.

— É a sua última palavra? — perguntou, como quem avisa já uma represália severa.

— Absolutamente.

— Muito bem! Alferes, detenha estes senhores por desobediência à autoridade.

— Sim, meu major — assentiu Gourgelt, fazendo sinal aos soldados, mas ainda a lembrar-se da recomendação do major para que fosse diplomático e subtil com os vereadores. E agora sorriu, radiante da vida, estava o caldo entornado.

A revolta estalou dois dias depois e tal como dissera o major Liberato Vaz, não houve ninguém para defender o governador Ferreira. O padre Montanha ensaiou conversações, mas em vão, pois nem conseguiu ser recebido pelo governador. Desalentado, recolheu a casa depois de mandar dizer ao major Liberato Vaz, por um garoto de confiança, que não havia nada a fazer. Por vezes, Joaquim desanimava, sentia-se impotente perante tantas guerras e tantas violências. Moçambique era um território instável, e os conflitos rebentavam amiúde em distintas províncias. Mesmo ali, em Inhambane, eram escassos os tempos que se passavam em paz e Joaquim via-se sempre inevitavelmente envolvido no turbilhão dos acontecimentos. Mas ele era só um, e não podia deter o ódio e a ganância dos homens que explodiam, a qualquer momento, em extravagantes e sangrentas manifestações de crueldade. Ainda na última festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, fazia agora quase um ano, o padre se vira em apuros por causa de um desentendimento de bêbados que se dirimira com um espectáculo de sangue.

*

Luís e Mário, dois rapazes que tinham crescido juntos e que Joaquim tivera na catequese, haviam-se tornado homens e disputavam já os amores de Adélia, rapariga de formas opulentas e com um rosto meigo de anjo louro e de olho azul que suscitava paixões violentas, incondicionais, mas também invejas tremendas das outras jovens. Não obstante a doçura das suas feições, a alvura de um sorriso perfeito, Adélia iludia sobejamente os incautos com esse semblante bondoso e inocente, pois valia-se da beleza para os manipular. Os dois rapazes foram ingenuamente cativados pela falsa candura daquela rapariga maviosa que eles amavam e que os perturbava ao ponto de estarem dispostos a tudo. Adélia brincava com os sentimentos deles, seduzia-os separadamente, jogava com o poder da sua formosura, sem perceber os demónios que ela acicatava nas cabeças singelas daqueles rapazes fogosos.

No dia da festa da padroeira, Adélia incentivou Mário a acompanhá-la durante a procissão e foi pelo caminho a rir-se muito dos seus segredos amorosos, mordendo o beicinho toda emocionada com os seus avanços ousados. Mário acreditou que a conquistara e acabou a manhã a pairar numa alegria transbordante que se notava pelo seu sorriso tolo. Mais tarde, viu-a de longe, no início do banquete que tradicionalmente reunia todos os europeus da vila, debaixo de uma grande cobertura de palha, apoiada em firmes estacas de madeira, sem paredes. Observou-a muito animada, trocando segredinhos e risinhos com as amigas e aguardou pela sua oportunidade para se aproximar. Mas, então, Luís antecipou-se, foi ao encontro de Adélia, abordou-a, insinuou-se com algumas piadas frescas, agarrou-a pela mão, separou-a das

amigas, levou-a para uma mesa onde se sentaram a comer e a falar só os dois, cheios de intimidade, muito concentrados um no outro, no meio da algaraviada alegre que os rodeava.

Uma nuvem negra baixou na mente de Mário, que teve de se conformar em almoçar noutra mesa, macambúzio, espiando-os sempre, padecido num desgosto silencioso que se foi tornando um ressentimento feroz, à medida que a tarde passava e que ele constatava, descoroçoado, que Luís e Adélia não davam por ela, pois permaneciam sentados sem comer nem beber, olhando-se nos olhos, perdidos num encantamento de sinos de igreja a badalar, de fogo-de-artifício a estalar. Já Mário bebeu, sozinho, canecas seguidas de vinho tinto, a remoer a desfeita do coração despedaçado. Envolveu-se numa zaragata esporádica com outro bêbado maior do que ele, esmurrou-o para salvar o seu orgulho, mas foi-lhe inútil o pé-de-vento que armou, porque Adélia nem desviou os olhos de Luís e nem deu sinal de se aperceber da confusão prontamente debelada por mãos amigas que os separaram e que o afastaram do bêbado confundido.

*

Sentado no paraíso, perdido nos olhos de Adélia, vendo-a a passar propositadamente a língua húmida pelos lábios secos, e ele próprio com a boca seca, a engolir em seco, perturbado, deslumbrado, Luís imaginou que estava no céu. Adélia, porém, já decidira reservar a noite para Mário, pois não conseguia decidir-se entre os dois rapazes e nem sequer tinha a certeza se queria tomar uma decisão definitiva, porque se sentia feliz com a atenção de ambos e, embora fosse hábil no jogo da sedução, muito facilitado pela sua beleza invulgar, não era realmente esclarecida nos assuntos de amor e tinha um medo inconfessado do desconhecido. Adélia preservava a virgindade para um dia mais tarde a entregar ao esposo que idealizava em fantasias secretas, mas ainda não sabia quem era esse homem providencial que lhe estava reservado. No fundo, tinha consciência de que haveria de desposar inevitavelmente um dos jovens que conhecia de sempre, o Luís, o Mário ou algum dos outros, pois estava amarrada àquela terra onde nascera há dezasseis anos e de onde nunca saía, e, em Inhambane, não só não havia homens providenciais como a escolha não abundava. Por ser bonita, Adélia parecia especial, os homens cobiçavam-na, mas ela era só uma mulher. Desfeitas as ilusões, seria sempre e apenas a filha de um agricultor pobre e sem instrução esmerada. Não sabia ler, não falava francês, não tocava piano, não estava destinada a nenhum fidalgo endinheirado. Mas aquela beleza haveria de provocar tragédias.

*

Aconteceu tudo devido a um impulso mau que ninguém esperava, nem mesmo o causador da desgraça que acabou com a festa e que deixou a vila chocada por muito tempo. O padre Montanha, vendo Mário a esmurrar o bêbado, foi ajudar a separá-lo. De facto, o rapaz estava tão ébrio que só o atingiu uma vez no nariz, atirando ainda ao ar mais alguns murros e pontapés

desajeitados que não lhe acertaram. Depois de o afastar, o padre segurou-o pelo braço para o impedir de desabar nas pernas bambas, enquanto o desancava com palavras duras. Porém, Mário tinha o cérebro às voltas, não conseguia registar o que o padre lhe dizia, e Joaquim desistiu de o repreender. Deixou que este se sentasse num banco corrido, encostado a uma mesa, ordenando-lhe apenas que ficasse ali a arrefecer a cabeça e que fosse depois para casa.

Por infelicidade, ao abater-se no banco, Mário ficou de frente para a mesa de Adélia e de Luís e, sem pensar no que fazia e sem saber ao que ia, ergueu-se de um salto, esquivou-se ao padre, arrancou direito à mesa deles. Ao vê-lo aproximar-se, Luís ainda lhe sorriu, mas, embora trôpego, Mário chegou tão depressa e tão sem propósito que não teve uma resolução pensada e agiu movido só pela necessidade animal de vingar a sua dignidade e de satisfazer o seu desgosto.

O padre Montanha seguiu atrás dele para o trazer de volta ao banco, contudo não se apressou porque não antecipara a tragédia. No último segundo, Mário tropeçou nos próprios pés e só não caiu logo ali porque adiantou uma perna e recuperou o equilíbrio com um passo impossível. Adélia nem reparou que ele se aproximava por trás e só o viu tarde demais. Mário inclinou-se involuntariamente para a frente, ganhou balanço sem querer, aterrou na mesa deles. Quis o instinto que Mário agarrasse uma faca de cima da mesa, enquanto caía, e que, sem ponderar realmente no que fazia, atacasse Luís com uma única estocada mortal. A faca atravessou-lhe o pescoço de um lado ao outro, cortou-lhe a carótida, ficou presa na garganta. Luís ergueu-se nas pernas, perplexo, derrubando o banco no qual se sentava, levou as mãos à garganta, de onde saiu um esguicho de sangue quente direito a Adélia que a cobriu de vermelho e lhe tingiu a alma para o resto da vida. Ela já estava de pé, levantada num susto, e ficou sem palavras quando Luís tentou desesperadamente respirar e uma golfada de sangue lhe saiu pela boca. No instante seguinte, Luís caiu em cima da mesa, e a última coisa que os seus olhos moribundos viram foram os olhos espantados de Mário, também ele deitado na mesa.

*

O padre Montanha, que vinha mesmo atrás de Mário, testemunhou incrédulo aquele drama instantâneo a desenrolar-se à sua frente, com uma rapidez impossível de contrariar. «Valha-me Deus!», exclamou, precipitando-se para socorrer Luís. Ultrapassou uma Adélia chocada, que então largou a berrar como louca e a sacudir o sangue do seu vestido branco com modos histéricos, voltou Luís na mesa, puxou-o para os seus braços, arrancou a faca que lhe atravessava a garganta, tapou a ferida com a própria mão num esforço desesperado de impedir que o rapaz se esvaísse em sangue; gritou por ajuda. Acudiu prontamente o cirurgião do exército que se achava por perto a emborcar canecas de tinto e que, apesar de consideravelmente entornado, teve o ensejo de examinar Luís com exagerada concentração de ébrio, esforçando-

se por se focar no paciente. Pediu ao padre que retirasse a mão para ele observar a ferida e, quando o sangue jorrou aos borbotoes da garganta, não conteve um silvo de admiração, como que fascinado com esse resultado repugnante. Pediu ao padre que voltasse a fazer pressão, tomou depois o pulso da vítima, verificou-lhe os olhos, disse:

- O rapaz está morto, padre.
- Não me diga uma coisa dessas!
- Tenho muita pena, não há nada a fazer.

*

As pessoas foram recuperando do choque inicial, e, enquanto as mulheres recolhiam as crianças para as levar dali, os homens voltaram-se para Mário com uma fúria assassina. Os espíritos esquentados pela indignação e pelo álcool, dado que àquela hora já não havia praticamente ninguém sóbrio, quiseram fazer justiça logo ali. Agarraram em Mário e foram-lhe dando sopapos enquanto não se punham de acordo se haveriam de lhe espetar uma faca na garganta e de o sangrar como um porco ou se o pendurariam por uma corda passada no tronco de uma árvore alta. Mas concordaram que o rapaz deveria morrer pelo pescoço. Estavam todos excessivamente determinados em fazer valer os seus pontos de vista, e já havia insultos e empurrões quando Fornazini irrompeu pela arruaça que ganhava corpo e impôs a sua autoridade de gigante de voz atrojadora, resgatando o rapaz das mãos dos bêbados e, a custo, protegendo-o até chegar um destacamento da tropa que o major Liberato Vaz fora chamar a correr e que regressava agora na sua companhia. Os soldados isolaram o rapaz lívido e a tremer num descontrolo de nervos, levaram-no para o quartel e espetaram com ele numa cela.

*

Esta iniciativa temerária de Fornazini agravou sobremaneira a relação tensa que nessa época já mantinha com o juiz Pereira da Silva. O jovem Mário era o sobrinho dilecto dele e havia sido criado em sua casa desde muito novo. O rapaz fora separado da irmã aos cinco anos, por força do naufrágio de um veleiro que arrastara os seus pais para o fundo do oceano Índico. Pereira da Silva tomara então a responsabilidade de acolher o filho do irmão, enquanto a filha era enviada para casa de uma tia, irmã do juiz, na Ilha de Moçambique.

Embora não fosse dado a grandes sentimentalismos, Pereira da Silva comovera-se muito com a morte prematura do irmão e da cunhada e cuidara do pequeno Mário como se este fosse o filho que ele não tivera. No entanto, o juiz fora demasiado condescendente com ele desde o primeiro dia, e treze anos depois ainda evitava contrariá-lo por pensar que Mário sofria com o infortúnio dos pais. De modo que Pereira da Silva nunca foi com ele o disciplinador intransigente que era com todos os que lhe passavam pela sala do tribunal e que o juiz julgava com impiedosa severidade, não perdoando nem o mais leve deslize.

Ainda com quinze anos, o jovem começava já a dar sinais de rebeldia; ninguém lhe controlava as travessuras. Os anos passaram, e acentuou-se a sua

tendência para a crueldade. Aos dezoito, todos lhe tinham um respeito timorato, sabendo-o capaz de incendiar a cauda aos gatos para os ver fugir do fogo ou de maltratar a chicote os escravos, só porque podia, ou até de bater nos próprios amigos por mera irritação. Mário tinha estatura pequena, de família, quase ridículo, o que o contrariava muito; mas era forte como um buldogue e afirmava-se com os músculos. Teria sido bem menos violento se tivesse crescido mais quinze centímetros. A bela Adélia sentira-se atraída pelos seus modos arrogantes, por o achar o dono do mundo só porque era o sobrinho do juiz, mas também o receava por saber que ele despropositava com pouco e, se agora a lisonjeava para a seduzir, ninguém lhe garantia que o rapaz um dia a desposava e não lhe dava tabefes. Adélia era uma cabecinha de nuvens, porém, com bons instintos.

*

Se Pereira da Silva se desleixou na educação de Mário foi decerto por não diferir assim tanto do sobrinho. Fornazini, na sua sinceridade brutal, definia-os bem: o tio é uma besta, e o sobrinho, uma besta é. O juiz aplicava a lei com rigor, mas tinha a presunção de que a lei não se aplicava a ele e, por consequência, não se aplicava à família.

No dia da Nossa Senhora da Conceição, Pereira da Silva deixara a festa mais cedo, entediado com as conversas fúteis e incomodado com o ruído dos bêbados e das crianças. Já se encontrava em casa, atracado ao sofá, gozando enfim as delícias de um charuto em silêncio, longe do chinfrim da festa, quando o vieram chamar numa urgência. Malagueta, seu criado de sempre, interrompeu-lhe o fumo na sala. Era o menino Mário, disse, que tinha matado o menino Luís!

*

Pereira da Silva chegou demasiado tarde ao fim da festa. Não havia viva!ma; o sobrinho já não estava, o morto fora levado, as pessoas tinham debandado, chocadas com o sucedido. Restavam só os despojos do banquete: mesas abandonadas numa desordem de loiça suja e a poça de sangue, comprovando a tragédia. Ordinariamente, ver-se-ia um ou outro grupo de retardatários ainda à conversa e umas quantas mulheres, orientando as escravas na limpeza do recinto, mas hoje não. Só encontrou, na praça em frente, meia dúzia de bêbados embrenhados numa discussão exaltada. Foi ao encontro deles. Eram os mesmos que há pouco tinham querido pendurar pelo pescoço e numa árvore o jovem Mário. Ao vê-lo, fizeram um silêncio reverente e tiraram o chapéu, respeitosos, mas, à primeira pergunta, atropelaram-se uns aos outros numa ânsia subserviente de lhe contar o que se passara com o sobrinho. O juiz pediu-lhes que não falassem todos ao mesmo tempo e a custo lá se inteirou dos traços gerais do sucedido. Ninguém lhe soube dizer a ofensa que levava Mário a tamanho desmando, contudo, ficou claro que Fornazini o entregara à tropa.

O juiz ficou contrariado. Tudo aquilo era muito inconveniente, muito desagradável, e ele ficou particularmente enxofrado com Fornazini, a quem

atribuiu a culpa de o rapaz ter sido preso. Pareceu-lhe uma desconsideração, uma vergonha para o bom-nome da família, um dos seus na prisão era algo de impensável, chegava a ser humilhante, pedia retaliações.

*

O governador Ferreira estivera no banquete apenas o estritamente necessário para não parecer mal. Almoçara acompanhado de Pereira da Silva e sua mulher, cavaqueara um bocado, mostrara-se radiante por participar na festa, sorria às pessoas, enfim; esbanjara alguma alegria, beijara até criancinhas e retirara-se logo que lhe parecera adequado. Não assistiu à desordem, no entanto recebeu Pereira da Silva em casa, nessa noite, e teve com ele uma conversa séria. Admoestou-o por ser tão permissivo com o sobrinho, e o juiz veio de lá derreado com a desanda, pois nunca o vira tão agastado desde que se conheciam e que eram aliados naturais, podia-se dizer mesmo amigos. O governador compareceu ao funeral do rapaz, no dia seguinte, e disse umas palavras graves, consternado com a jovem vida que se perdera por uma futilidade. Prometeu solenemente, sobre a terra fresca onde jazia a vítima, que o agressor seria julgado. Era necessário condená-lo, pois, enquanto ele governasse Inhambane, não se admitiriam impunidades. «Com ele, impunidades não!» Condescendeu num gesto raro de carinho, ao abraçar muito comiserado a mãe do rapaz, e demorou-se a sacudir a mão do pai entre as suas, enquanto lhe expressava a revolta que trazia entalada na garganta face à barbárie, embora regressasse depois ao quartel a pensar que não fora uma frase feliz, dadas as circunstâncias do morto.

Mário não poderia ser julgado em Inhambane, evidentemente, a menos que houvesse dois juízes, o que não era o caso. Por conseguinte, foram tomadas providências para o colocar a bordo do próximo barco que fosse para a Ilha de Moçambique, no qual seguiria com ferros nos pés. No entanto, Mário desapareceu misteriosamente da prisão, antes de o barco fundear na baía. Foi um escândalo, uma grande comoção pública; organizou-se uma perseguição para o recapturar, mobilizou-se a tropa, as milícias, dezenas de populares; vasculhou-se a vila, fizeram-se batidas no mato. Debalde, não se encontrou Mário em lado nenhum; eclipsou-se e nunca mais foi visto em Inhambane.

Teve lugar um rigoroso inquérito para se apurar responsabilidades na evasão do preso, embora não se conseguisse chegar a conclusão alguma e o processo fosse arquivado, tal como convinha aos processos inoportunos. De facto, considerou-se impoluto o soldado que guardava Mário, um homem extremamente leal — houve quem comentasse na barbearia que este talvez fosse demasiado leal — e acima de qualquer suspeita, de tal forma que foi promovido a cabo três meses depois.

*

Joaquim ficou muito afectado com este episódio insano. Sabia que vivia em território selvagem e que a lei de Sua Majestade se subalternizava frequentemente à lei do mais forte, e que a injustiça, a violência e a ganância campeavam a par com o instinto de sobrevivência. Moçambique era, afinal de

contas, uma terra de oportunidades para onde apenas iam militares, bandidos ou aventureiros com o intuito de fazer fortuna. Ninguém se interessava realmente em ajudar os nativos ou em desenvolver a colônia. Só os padres chegavam com a ideia de porem a salvo as almas daquela gente ignorante, de lhes revelarem os caminhos de Cristo, de lhes darem a conhecer a vida eterna. Enfim, alguns padres, porque era justo reconhecer que nem todos estavam lá para isso. Ele mesmo, que um dia embarcara para Moçambique com o propósito de contribuir para mostrar a luz a essas tribos selvagens, de fazer a diferença, pouco ou nada conseguira mudar, mas, em contrapartida, havia enriquecido com naturalidade. No entanto, também já admitia que não podia mudar os povos, porque estes não queriam mudar, e, por conseguinte, só podia concorrer para lhes levar alguma civilização. Contudo, Joaquim dava consigo a questionar-se se a civilização que o homem branco trouxera ao gentio fora algo mais do que o trabalho escravo, as armas de fogo que este capturava ou trocava por marfim e a bebida alcoólica que lhe enchia a cabeça de demónios.

*

Tinha Joaquim estes momentos raros de enorme desalento e, no decorrer dos seus anos em Inhambane, haveria de pedir duas vezes para ser substituído e das duas vezes o seu pedido haveria de ser recusado. Ambicionava regressar a Lisboa, ingressar no «seu» convento dos Capuchos, refugiar-se na oração e no estudo, ter uma existência tranquila, toda ela dedicada ao espírito, à reflexão, às ideias elevadas. Poderia doar todos os seus bens à Igreja e viver só com o hábito castanho, o cinto de corda, as modestas sandálias, e ser feliz na santidade. Era um sonho libertar-se da responsabilidade de carregar aos ombros as preocupações eternas de uma vila inteira, esquecer tantas urgências de obscenas tragédias humanas, deixar para trás os episódios das carnificinas das tribos, os massacres de inocentes despedaçados pelo avanço trepidante de tenebrosos guerreiros, batendo a um só tempo com o pé no pó do chão e fazendo tremer a terra, insensíveis à vida humana, esmagando os indefesos. Queria muito retornar aos frescos corredores do convento, onde só os passos serenos de frades pacíficos ecoavam no silêncio reverente das grossas paredes de pedra; refugiar-se numa cela despojada de luxos e reencontrar-se com o Senhor em longas e reconfortantes meditações. Mas logo se impunham as responsabilidades de uma vida feita, e pensava em Leonor e nas crianças, de quem não se podia separar; assim esmorecia a ilusão de largar tudo e de partir num dia qualquer. Ponderava levá-las para Lisboa, porque não? Instalá-las-ia numa casa modesta, discreta mas com todas as comodidades, onde as pudesse visitar. Haveria de contratar até um professor que ensinasse as letras às crianças, ou não, pois ele mesmo faria isso com gosto. Eugénia e Luiz teriam a educação apurada que Inhambane, com as suas vicissitudes, não permitia. Mas, justamente, não conseguia imaginar Leonor e os seus filhos a viverem em Lisboa com normalidade, passando ao lado dos comentários, dos vizinhos espantados, da intriga mesquinha. Se o preconceito era entendido em

Inhambane como uma necessidade absoluta para a sobrevivência dos europeus, na metrópole, este não seria menor. Em Lisboa, não se olharia necessariamente para um negro como uma ameaça iminente; enfim, um negro era um negro e não podia viver como um branco.

*

Apesar destas perplexidades que, aqui e ali, o assaltavam, Joaquim logo recuperava o ânimo e, ainda que contrariado, lá se via enredado nos problemas da terra, que não eram poucos nem pequenos mas nos quais ele se empenhava para lhes dar uma solução. Em todo o caso, os anos de grande e de próspera tranquilidade, quase fastidiosos, tinham ficado, definitivamente, para trás, sucedendo-lhes a incerteza do perigo constante das provocações audazes do régulo Manicusse. Por ora, a vila estava bem defendida pelo exército, e o rei de Gaza, cauteloso, mandara retirar as suas mangas de guerreiros, permanecendo, no entanto, vigilante e astuto à espera de uma oportunidade. Não obstante, as divisões dos últimos dias vinham quebrando o consenso interno, violando a tradicional assunção tácita de que não havia lugar a disputas quando um inimigo externo espreitava a vila, expunham a frágil posição dos portugueses que já nada dominavam e que se resignavam agora a proteger apenas vidas e bens perante o poderio imenso do obstinado régulo.

O juiz ordinário Pereira da Silva, com uma inteligência fina, doseava as intervenções na vida pública com alguma parcimónia, não querendo banalizar o seu estatuto de magistrado, cujo protagonismo guardava para a sala do tribunal. Era reservado e distante, pouco simpático e autoritário. Contudo, ia-se tornando óbvia a influência malévola do juiz, já que o nome dele surgia sempre associado a todas as crises graves que abalavam Inhambane. De modo que ficou decidido, em mais uma reunião subversiva em casa de Vicente Tomás dos Santos, que, doravante, Pereira da Silva, o governador Ferreira e os seus lugares-tenentes seriam considerados indesejáveis e, consequentemente, sacrificados, a bem da vila e de todos os moradores.

O padre Montanha não participou nessa reunião, pois escusou-se com o argumento incontornável de que o pároco de Inhambane não estava disponível para colaborar em conjurações e em motins, por mais justos que estes fossem. Vicente Tomás dos Santos e o major Liberato Vaz não lhe guardaram rancor nem o criticaram por essa posição de princípio, viram até virtudes no seu preservar da áurea de homem de Deus, íntegro e imparcial, que não tomava partidos, que não dividia o seu rebanho, mas que, em última instância, ficava sempre do lado dos justos. Porém, os planos furtivos de que ele recusou tomar conhecimento haveriam de deixar a vila em polvorosa e, sem se inteirar exactamente como, o padre acabaria por sobressair da confusão como uma das figuras centrais do tumulto.

Passaram trinta e seis horas, e os membros da Câmara continuavam presos no quartel. Fornazini, o mais irrequieto entre os vereadores, fervia de indignação. Estava capaz de arrombar a porta, de deitar abaixo paredes, de levar de rojo todo aquele que se interpusesse e o tentasse impedir de respirar o ar fresco da liberdade. Carlos António não se continha no aperto da cela indecorosa que partilhava com os correligionários e avançava como um furacão, para lá e para cá, entre os homens que lhe abriam um corredor para o deixar dispersar a fúria. Parecia doido, gritava ameaças graves com a sua voz de trovão, prometia esmagar o crânio aos guardas com os punhos, apertar pescoços, e fazia mesmo o gesto como se estivesse já a esganá-los.

Estranhava que demorasse a ter visita do padre Montanha ou do major Liberato Vaz, e, de facto, o padre quis ver o amigo para o ajudar naquele infortúnio, lhe transmitir uma palavra de confiança, lhe dizer que algo seria feito em breve, enfim: sossegá-lo. Debalde, porque não lhe foi permitido contactar com os vereadores. O governador Ferreira, numa sagacidade ladina, antecipou o conluio, quis prevenir que o padre e os amigos se coordenassem com os presos, tomou medidas. Não obstante, a severidade do governador não o colocou a salvo de um desaire porque, às dez horas dessa noite que já se fazia escura, o seu poder imperioso dissipou-se como que por encanto.

*

Carlos António, estafado de palmilhar a cela e de vituperar a soldadesca, sentara-se no catre que lhe fora destinado, de braços cruzados e com uma carantonha enfunada, muito ultrajado. Os colegas de cárcere haviam sucumbido à lazeira de todas aquelas horas de ociosa reclusão e, para desgosto de Fornazini, dormiam como bebés inocentes, e alguns até ressonavam despreocupadamente, como se estivessem no santo conforto das suas próprias camas. Carlos António, revoltado com a pouca firmeza e a falta de carácter combativo dos colegas, que se permitiam roncar naquela humilhação, era o único que fazia greve de sono, lutando contra o peso da pestana, enquanto a cela adormecia num silêncio tumular.

A determinada altura, teria cabeceado sem se dar conta e talvez tivesse passado pelas brasas involuntariamente, mas o estalido característico da tranca a abrir-se, o raspar de uma chave pesada a ser retirada da fechadura, os passos discretos ressoando no corredor, afastando-se, alertaram-no de imediato. Espantado e já perfeitamente desperto, Fornazini ficou à escuta um momento, procurando identificar outros ruídos. Como não aconteceu mais nada, ergueu-se do catre, aproximou-se desconfiado da porta, encostou-lhe dois dedos curiosos, empurrou-a. Esta abriu-se sem esforço, lastimando só um leve chiar, pois, como constatou com incredulidade, estava apenas encostada.

Fornazini abriu um pouco mais a porta, espreitou cauteloso para fora, não viu viva alma, saiu para o corredor, virou-se para um lado e para o outro; estranhou a inusitada ausência de guardas, voltou para dentro e acordou todos. Foi, um após outro, abanar o ombro aos colegas e dizer-lhes em voz baixa que se levantassem, que alguém abrisse a porta e se escapulisse pelo corredor. Crendo que tinham ali uma oportunidade soberana para se evadirem, saíram ainda entorpecidos para o corredor, percorreram-no, chegaram a uma sala que encontraram igualmente deserta e continuaram até à porta de armas, sem encontrarem um único soldado.

— Querem lá ver isto... — murmurou Fornazini. E depois, determinado a esclarecer aquele mistério, voltou para dentro e vasculhou o quartel de uma ponta à outra para confirmar o óbvio. — Não há ninguém! — disse ao chegar novamente ao exterior, onde os colegas o aguardavam, espreitando a medo para o vazio silencioso lá de dentro. O quartel não era propriamente uma fortaleza imponente, mas antes um pequeno reduto que só com muito boa vontade se podia realmente considerar um quartel. Fornazini não demorou quase nada a percorrê-lo e a verificar que este se encontrava efectivamente vazio. Perante esta extraordinária situação, os homens ficaram por ali, sob o céu pesado e sem estrelas, a conjecturar. O circunspecto Marques achava que era um *coup d'État*. Não havia outra explicação, estava em marcha um *coup d'État* e, por isso, os soldados tinham saído do quartel. Outro vereador, um tipo macilento fazendo lembrar um cadáver de pé, perguntou se não seria um bocadinho tarde para *coups d'État*. Pois, claro, rosou Fornazini, exasperado com o cadáver, eles teriam amanhã o dia todo para isso. Com efeito, eram já dez horas e os vereadores, confusos e estremunhados do sono mal dormido, não souberam o que fazer senão despedirem-se uns dos outros e irem para casa.

*

Na sala do governador, justamente aquela onde Sua Excelência perdera o tino e baixara as calças para libertar o impetuoso animal que o impelira a perseguir Leonor numa precipitação irreflectida, instalara-se, nessa noite, um ambiente formal e pesado. O governador Ferreira, desassossegado, não aguentava um instante sentado, não parava quieto. E inquietava os outros, pois era notória a sua ansiedade e indecisão. Andavam ali às voltas e não chegavam a uma resolução confortável.

O governador tomou de uma só vez um largo trago de brandy. Atirou a cabeça para trás e esvaziou o copo. Engasgando-se, porém, quase estourou num acesso de tosse. Os oficiais fizeram menção de se levantarem, mas ele deteve-os, com um sinal soberano, muito vermelho e a escorrer suores de aflição, ainda a lutar para dissipar o líquido que lhe fora para o goto.

Dominou a tosse, limpou a boca às costas da mão, respirou fundo; foi pousar o copo numa mesa e, recuperando a compostura, tirou do bolso um lenço rendilhado, limpou o suor da testa e do pescoço, aclarou a garganta para ter voz e depois, com uma affectação de monarca, falou, gesticulando com o

lencinho na ponta dos dedos.

— Não posso manter os vereadores presos indefinidamente — disse.

— Eles acabam por ceder, não aguentam um dia de prisão. Vai ver que eles saem de lá uns cordeirinhos — afirmou o juiz Pereira da Silva, chegando-se à frente na poltrona e esforçando-se para não denunciar o exaspero que sentia com o nervosismo do governador.

O alferes Gourgelt, sentado à vontade no canto do sofá, de perna cruzada, à larga, franziu o sobrolho.

— Um dia já eles aguentaram — lembrou, casualmente, enquanto observava com beatitude o copo em balão de brandy que tinha na palma da mão, enfiado entre os dedos. A ele, tanto se lhe dava se os vereadores apodrecessem na prisão.

— Que remédio tiveram eles — acrescentou o major de segunda linha, António Ribeiro, permitindo-se um sorriso fino.

— É irrelevante — retorquiu, cortante, Pereira da Silva. — Um dia, dois dias, eles não aguentam, não estão forçados para a grilheta, dêem-lhes mais umas horas e é vê-los a implorar.

O juiz não compreendia porque fraquejava o governador. Fosse ele a mandar e obrigava-os a assinar o maldito papel que lhe permitiria candidatar-se às eleições, nem que fosse na ponta da baioneta ou a chicote! «Assinavam, ah, assinavam e ficava o assunto arrumado, não se falava mais nisso!» Mas não, andavam para ali a enganhar com conversa mole, cheios de receios, a embatucar, a hesitar, denotando uma liderança frouxa. Que raiva que aquilo lhe dava!

*

O capitão Jacinto Júnior, porventura o oficial mais ponderado e assertivo do *entourage* do governador Ferreira, interveio, tranquilo, sem se deixar intimidar pela irritação do juiz, desprezando-o até um pouco, na medida em que falou directamente ao governador e ignorou as ideias alvares de Pereira da Silva.

— Se o meu major me permite...

— Diga lá, homem — disse o governador, esticando para ele a mão com o lencinho. — Fale francamente.

— Eu diria que deter os vereadores já foi uma atitude arrojada. Agora, mantê-los sob custódia é insustentável.

O governador deixou cair a mão na coxa, como se o lenço se tivesse tornado demasiado pesado, olhando-o atónito, de olhos muito abertos. Melindrava-se sempre quando o contrariavam, mas já se habituara ao espírito independente do capitão Jacinto Júnior, que lhe dizia as coisas como eram, e ele, enfim, ia-lhe permitindo a franqueza.

— E o que sugere o senhor, capitão?

— Que os liberte sem demora.

— Assim, sem mais?

— É o melhor a fazer — disse. — Os vereadores são eleitos, são homens

influentes, a população leva a mal. Prevejo uma revolta.

Nem de propósito, já se ia levantar uma discussão com Pereira da Silva, qual cão de fila a arreganhar a dentuça afiada, quando um alvoroço se sobrepôs às vozes da sala.

— O que é isto?! — alarmou-se o governador.

Os oficiais puseram-se de pé num pulo. As vozes vinham de dentro, do lado da cozinha.

— São os pretos! — exclamou Pereira da Silva.

Olharam todos para o juiz, compreendendo o que ele queria dizer, e depois ficaram com os olhos presos à porta, sem reacção, hipnotizados de horror, esperando que esta se abrisse, pensando que estavam perdidos.

À mesma hora que os vereadores saíam do quartel sem saberem o que pensar do fantasma anônimo que destrancara a porta do cárcere para lhes franquear a saída e do súbito desaparecimento da tropa, um grupo de vinte e dois negros irrompeu pelas traseiras da casa do governador. Iam armados com algumas espingardas, espadas e azagaias, e eram capitaneados pelo escrivão da feitoria, João Caetano Dias. Era um mestiço muito carismático e que tinha grande consideração pelo padre Montanha por este ter emendado a prepotência do vigário que o baptizara em criança e que ignorara no assentamento o nome materno, bitongo, por não considerar os apelidos das mães africanas dignos de interesse. João Caetano Dias tinha cultura, sabia ler e escrever, substituíra mesmo o padre Montanha na sua missão de professor primário e, anos mais tarde, chegaria a ser juiz ordinário e presidente da Câmara Municipal. Estava casado com uma branca e era compadre de Fornazini. Era, em suma, um homem de confiança.

*

A turba invadiu a casa do governador, gritando uma raiva assassina e perturbadora: «Agarra! Mata, que a terra é nossa, não é dos brancos!»

Embora houvesse à porta duas sentinelas armadas em permanência, naquela noite ninguém as viu. E embora houvesse uma guarnição de cerca de cem praças, dos quais só quinze eram europeus, também esses se eclipsaram do quartel, conforme haviam constatado os vereadores espantados. Assim, o governador Ferreira ficou à mercê dos revoltosos.

O governador, com o seu temperamento irritável, dado a birras e a grandes histerismos, incontestavelmente destemido com os seus cem soldados a respaldarem-lhe a liderança caprichosa, sentiu as pernas fraquinhas quando ouviu o tumulto da população derrubando mobílias e atropelando-se no corredor estreito. O intrépido governador, soberbo major do exército, fez beicinho, gemeu aos seus oficiais que fizessem qualquer coisa. Todavia, os oficiais, encurralados na sala e desarmados, pouco puderam fazer para o proteger. Até o governador, que transportava por hábito um revólver à cintura, tivera a infelicidade de o deixar no quarto, em cima da cama, para onde atirara cinto e coldre logo que chegara a casa. O alferes Gourgelt, num assomo de sangue-frio, ainda se lançou à porta com o propósito de bloquear a passagem, sendo logo secundado pelos restantes. Só o governador se viu incapaz de reagir e permaneceu de pé no centro da sala, embasbacado, apontando para a porta com o lencinho de renda, tristemente pendente dos dedos trémulos, e gaguejando incoerências que pretendia serem ordens de comando.

*

Foi uma resistência frágil. Os invasores acumularam-se atrás da porta, e

esta escancarou-se em segundos, levando atrás Gourgelt, os outros dois oficiais, o juiz Pereira da Silva, obrigados a recuarem perante a oposição desigual dos amotinados que entraram na sala, para a esquerda, para a direita, abrindo caminho ao líder da revolta. João Caetano Dias emergiu, impante, do centro do tumulto de espada apontada ao peito dos oficiais que, por sua vez, rodearam o governador.

— Estão todos presos! — gritou.

O governador Ferreira espreitou a medo por entre os oficiais, piscou os olhinhos espantados e, perguntou em nome de quem vinham eles.

— Vimos em nome da Justiça! — retorquiu João Caetano Dias, e ergueu a voz e abriu os olhos como se fosse um tresloucado disposto a tudo. — Chegue-se aqui, governador. Não se esconda atrás dos seus homens.

Contrafeito, o governador esgueirou-se então por entre Gourgelt, e o capitão Jacinto Júnior chegou-se à frente, mas manteve-se prudentemente a um metro da ponta da espada daquele mestiço ameaçador. João Caetano Dias, que envergava um casaco de fraque sobre calções compridos, trazia um glorioso chapéu emplumado, e aquela extraordinária vestimenta dava-lhe uma curiosa aparência de corsário sem navio. Não obstante o seu aspecto incongruente, ele era, ainda assim, o mais composto daquele grupo de furiosos e de esfarrapados, e fazia-se obedecer sem esforço. Os oficiais, o juiz Pereira da Silva e até o governador compreenderam que aquele homem de olhos arregalados e com um chapéu de penas detinha um apertado domínio sobre os companheiros de revolta, e viram nisso um sinal tranquilizador de que havia ali uma ordem, um comando, contrariando a impressão inicial de ser um grupo de vândalos descontrolados com instintos assassinos.

João Caetano Dias tinha uma declaração a fazer. Ergueu o queixo e disse:

— Governador, o senhor prendeu os nossos eleitos, desrespeitou o povo e terá de pagar por isso.

O governador ganhou alento, ergueu o dedo indicador como que a pedir permissão para falar. João Caetano Dias silenciou-se e encarou-o com os olhos muito abertos, fingindo-se espantado pela ousadia do soberano. O governador, bastante intimidado, ainda assim encheu o peito de ar e falou.

— Permita-me que faça uma pequena correcção. Os vereadores não estão presos, foram somente convidados a permanecer no quartel enquanto decorrem as conversações.

João Caetano Dias pôs uma carantonha medonha, expressando todo ele uma perplexidade, sem nunca tirar os grandes olhos do governador, pendeu a cabeça para um lado e depois para o outro. Parecia tonto, mas queria apenas dar a entender que não o era.

— Muito bem. — Fez que sim com a cabeça. — Conversações, diz Vosselência.

— Isso mesmo. Tenho assuntos a debater com eles.

— Compreendo, foi um mal-entendido.

— Absolutamente, um grande mal-entendido.

— Mas então, diga-me, porque não está o senhor governador também a pernoitar no quartel?

— Oh, homem, porque não havia necessidade, porque eu sou o governador!

— E o governador não pernoita numa cela, não é verdade?

Os homens riram com gosto em torno da sala, porque João Caetano Dias fez esta pergunta imitando o tom de voz do governador que, traído pelos nervos e pela consciência do disparate da sua própria argumentação, deixara escapar uma nota esganiçada. Mas, subitamente, o corsário extravagante arregalou os olhos, alterou-se, gritou:

— Os vereadores não estão presos porque já foram libertados da cela onde estavam trancados!

— Como se atreve?! — rosou Pereira da Silva. O juiz estivera calado a observar a cobardia do governador, a ferver com a ousadia de João Caetano Dias, mas perdeu as estribeiras e deu um passo em frente para o enfrentar. Na sua opinião sucinta, via só ali um peão de brega irreverente e já decidira que haveria de lhe dar chicotadas. No entanto, a mão firme do mestiço ergueu a espada e a ponta de aço tocou no queixo do juiz, a centímetros do seu pescoço. A um sinal de João Caetano Dias, os homens avançaram, e o espaço tornou-se mais apertado com a pressão daquela gente que dava a volta à sala. Os sequazes, com rostos brutos e sérios de mastins raivosos, ficaram à espera de uma ordem para os estraçalhar. Os olhos duros de João Caetano Dias e de Pereira da Silva, carregados de um ódio novo, mediram-se separados pela lâmina letal, num desafio de homens de fibra. O ar tornou-se numa bolha tensa prestes a rebentar. Suspendeu-se a respiração na sala, esperando sem fôlego a resolução daquele duelo de nervos. No corredor, o relógio de parede marcou as dez e meia e o som monótono e lento das pancadas metálicas adensou o ambiente, como se algo de grave tivesse de acontecer até ao derradeiro toque.

*

O capitão Jacinto Júnior que era, apesar de tudo, o mais respeitado dos oficiais, quase um *gentleman* entre aquela gentilha descalça, usufruía da dignidade de uma honestidade impoluta, de uma seriedade sem concessões e uma lealdade sem sabujices. Envergava a farda com orgulho e honrava a bandeira nacional, a pátria e a rainha. Sobejamente conhecido de todos como um homem sensato, o capitão reunia em si a autoridade e o beneplácito para dizer algo sem ser hostilizado como os outros. Enfim, cabia-lhe a ele tomar a iniciativa e evitar, se possível ainda, que se derramasse sangue no soalho encerado da casa do governador. Apercebeu-se de que nem Pereira da Silva nem João Caetano Dias estavam na disposição de ceder, ambos irredutíveis numa provocação de galos. O corsário emplumado tinha a vantagem da espada, mas também a certeza de que seria para sempre foragido se matasse um juiz. Pereira da Silva, vendo que essa sentença tremenda bailava na mente dele, fez o seu *bluff*. Fincou as botarras no chão, ergueu o queixo, esticou o pescoço ao fio da lâmina. E dali não saíam a menos que a intervenção providencial de alguém viesse desfazer o embaraço dos dois sem que nenhum

perdesse a face.

O capitão Jacinto Júnior pousou a mão no ombro de Pereira da Silva e os olhos em João Caetano Dias.

— Se cada um dos senhores tiver a amabilidade de recuar um passo, poderemos resolver isto como cavalheiros — disse, empregando um tom suave, de grande tranquilidade.

Houve um momento de viva tensão, em que o relógio de parede bateu a derradeira badalada, mas logo que se extinguiu o som abafado no corredor, João Caetano Dias escancarou um largo sorriso branco, baixou a espada, tirou o chapéu e cumprimentou o adversário com uma vénia cômica e um floreado de penas. Rebentaram gargalhadas na sala, e até o governador e os oficiais se permitiram um ténue sorriso de alívio. Voltaram todos a respirar; enfim, todos menos Pereira da Silva que foi o único a quem não lhe coube uma graça, muito contrariado, furioso com o capitão Jacinto Júnior, pois passara-lhe pela cabeça que seria capaz de inverter a situação a seu favor e de acabar ali mesmo com a revolta. Lançou um olhar de forte censura ao capitão, como que a dizer «estragaste tudo, estamos perdidos», ao qual Jacinto Júnior replicou com um meneio de cabeça e um arquear de sobrancelhas, querendo dizer «pois, mas estás vivo».

*

E, assim se consumou a amotinação daquela gente revoltada com as prepotências do governador Ferreira. Estupefacto, o governador-geral Domingos Fortunato Torre do Vale informou em ofício para o ministro do Ultramar que *No dia três de Janeiro de 1851, chegou a esta cidade da Ilha de Moçambique o brigue português Delfim, procedente de Inhambane, que trouxe mui desagradáveis notícias a respeito do estado daquele distrito.* Com efeito, Torre do Vale, que na época já enfrentava uma revolta de soldados em Lourenço Marques, ficou de tal forma indignado com a situação em Inhambane que a considerou inaceitável e tomou nas próprias mãos a sua resolução. Reuniu um exército e rumou a Inhambane, para pôr aquela gente na ordem, conforme disse aos seus oficiais.

Ao contrário dos outros vereadores, Fornazini não se conformou com a precipitada conclusão dos seus companheiros de que não se justificaria uma revolta a horas tão tardias e, como se sentia intrigado e a curiosidade era mais forte do que o cansaço, decidiu tirar a limpo o assunto.

A porta de casa do padre Montanha estava sempre aberta aos amigos, e Fornazini era talvez o maior deles, por isso, foi lá bater sem cerimónias.

*

Joaquim trocava mimos com Leonor justamente quando Fornazini lhes bateu à porta. As crianças dormiam, e o padre estava na cozinha a cear. Duas velas ardiam, na mesa, no rebordo de pedra da chaminé, e o brilho ténue das chamas frágeis tremeluzia no ar, assombreando os tachos pendurados na parede atrás de si. A luz mortiça fenecia ao fundo da cozinha, perdia-se no espaço largo, soturno, mergulhado na quietude das horas escuras. Permitindo-se uma ousadia pouco habitual, Leonor veio de mansinho, no seu jeito bravio, sentar-se no colo dele. Não disse nada, interrompeu-lhe só as reflexões monásticas do fim do dia, passando uma perna por cima das suas, ficando de frente para ele, entalada contra a mesa. Antes que ele se refizesse da surpresa deste assalto inesperado, Leonor baixou as alças do vestido, destapando-se sem pudor. Olhou-o nos olhos e não sorriu, mas tinha no rosto uma provocação capaz de lhe tirar o fôlego. Joaquim sentiu atear-se nele um fogo que lhe percorreu as veias e percebeu logo que a vontade de resistir àquela mulher da sua vida — se a tivesse — se desfazia em pedaços à vista daquele corpo que entendia perfeito e sem mácula. Fechou os olhos por um momento, como que encerrando em si uma resignação; pousou-lhe as mãos na cintura e beijou-lhe os seios com o prazer renovado de sempre. Leonor enterrou os dedos no seu cabelo, prendendo-lhe a cabeça ao peito, deleitada com os lábios dele chupando-lhe deliciado os seios, um e outro, percorrendo-a com beijos, trazendo-lhe belas sensações voluptuosas. Joaquim elevou-a no ar como se ela não pesasse nada nas suas grandes mãos que quase lhe davam a volta à cintura, pousou-a na mesa e, já de pé, chegou-se a Leonor, deixando que ela lhe desapertasse os botões das calças, uma fila imensa de botões soltando-se um a um entre os seus pequenos e destros dedos. «Oooh, senhor padre...» gemeu Leonor, quando Joaquim, num gesto de grande ansiedade, varreu com um braço a loiça da ceia atrás dela; puxou-a para si e teve-a ali mesmo, preso a ela por pernas e tornozelos trancados com força nas costas dele, inclinada para trás, apoiada nos braços esticados e nas mãos espalmadas na mesa.

Foram interrompidos por alguém que batia à porta da rua. «Pelo amor de Deus!», rosnou Joaquim, contrariado, mas era tarde demais para se deter. Não foi capaz de parar as investidas de amor que arrastavam um pouco a mesa a

cada arremesso, numa chiadeira estridente. Os gemidos intensos de Leonor ecoavam fortemente nas paredes nuas da cozinha, ainda que Joaquim, receoso do escândalo, lhe tapasse a boca com a palma da mão, mas não conseguiu abafar o derradeiro grito dela que alvoroçou os pássaros lá fora, na gaiola grande do alpendre.

*

Fornazini ficou a olhar para a porta, suspenso numa perplexidade.

— Que diabo de coisa... — murmurou, sem saber o que pensar. Dir-se-ia que, nessa noite, aquela terra era uma vila-fantasma. «Onde se teriam metido todos», perguntou-se, coçando furiosamente a cabeça, já distraído com a inquietante possibilidade de ter apanhado piolhos na cadeia.

La jurar que ouvira um grito dentro de casa, mas, como ninguém acudiu à porta, encolheu os ombros, deu meia-volta e foi andando, estupefacto. No entanto, escutou a porta a abrir-se atrás de si, virou-se e deu com o padre à espreita, passando as mãos atrapalhadas pelo cabelo desfeito, entalando à pressa a fralda da camisa. Abriu os braços como uma pergunta muda.

— Oh, amigo Fornazini, bons olhos o vejam! — exclamou de lá o padre. — Fazia-o ainda na prisão.

— E eu fazia-o já na revolução com toda a gente.

— Qual revolução, homem de Deus?

— Pois, não sei, verdadeiramente. Vinha na esperança de que o amigo me fizesse luz sobre o que se está a passar, se é que se passa alguma coisa nesta parvónia, mas como desapareceram todos...

— Vamos entrando, vamos entrando — convidou Joaquim, franqueando a porta de braço esticado para que ele passasse.

Foram estender-se nas cadeiras de vime no fresco alpendre, defronte do jardim de alfazemas, para se aliviarem do ambiente abafado dentro de casa onde não se respirava. Fora, a noite densa escondia a lua, pingava humidade. Não fizeram caso, estava-se bem ali, naquele jardimzinho correcto, ordenado com gosto, com as suas plantas esculpidas à tesoura. Fornazini veio a falar alto — era incapaz de falar baixo — e provocou uma revoada de pássaros na gaiola grande. Abateu-se penosamente na cadeira a queixar-se amargamente dos horrores inenarráveis que tinha sofrido na prisão. Pediu ao amigo Joaquim que se compadecesse daquele infeliz presidiário — porque doravante seria um homem marcado pela experiência brutal do cárcere, coisa que não desejava a nenhuma pessoa de bem — e que lhe fornecesse um naco de pão.

Veio o pão, um resto do guisado do jantar, fruta, uma malga de vinho. Leonor trouxe-lhe a primeira refeição da liberdade, e ele, agradecido, com uma emoção a brilhar-lhe no olho, debitando ainda queixas do tratamento infame que ele tivera no quartel, mortalmente ofendido com o governador, enxofrado com a atitude jocosa do alferes Gourgelt, disse-lhe que era demais, que o seu estômago fragilizado não aguentava tanta comida, que era necessário recuperar aos poucos. Mas molhou o pão no guisado, elogiou a mão segura de Leonor para a cozinha, comeu mais um pouco, devorou o

prato, limpou-o com o último pedaço de pão, permitiu-se uma fruta, bebeu o vinho todo, aliviou-se enfim com um arroteio de satisfação.

Recostou-se na cadeira, acompanhou o padre num charuto e lá foi contando as vicissitudes da prisão e as circunstâncias bizarras da libertação, muito penalizado com as arbitrariedades da Justiça. Naquela terra não havia justiça. Ele mesmo, que agora estava ali a saborear o seu charuto porque uma mão incógnita abrira a porta da cela, não sabia, não podia em definitivo garantir que amanhã à mesma hora não o tivessem já ido prender outra vez.

— Ninguém está seguro — rematou, gravemente, pairando entre duas baforadas do espesso fumo do charuto.

Mas o padre ficara retido na questão do quartel vazio.

— Quer dizer que não havia ninguém na praça?

— Ninguém — confirmou Fornazini, olhando para o charuto na mão levantada e atirando ao céu um sopro de fumo pelo canto da boca, com os olhos cerrados.

— Alguma coisa se passa.

— Foi o que eu pensei. Por isso, vim directo a sua casa.

O padre puxou muitas vezes o seu charuto que se apagava, ponderando os extraordinários eventos que o italiano lhe contava.

— Quando não nos permitiram visitá-los, o major Liberato Vaz avisou-me de que seriam tomadas medidas — disse.

— E foram, efectivamente. Graças a Deus, foram... — concluiu Fornazini que dali a pouco cabeceava de sono, dormitando já na *chaise longue*, incapaz de manter uma conversação coerente.

Ao outro dia, a vila despertou com a alarmante notícia de que Inhambane estava sem governo. Ao invés de fazerem a sua vida de sempre, as pessoas, naturalmente, convergiram para a Câmara Municipal. Os vereadores libertados na noite anterior haviam sido entretanto informados de todos os desenvolvimentos e regozijaram-se com abraços, gargalhadas e charutadas ao saberem da detenção do governador. Com efeito, os amotinados, sob o comando do soberbo e extravagante João Caetano Dias, tinham acabado por reunir os detidos no pátio da casa do governador e ao juiz Pereira da Silva, pela arrogância, e ao alferes Gourgelt, por ter escarnecido dos vereadores, deitaram ferros aos pés. Permaneciam todos na casa do governador, trancados num quarto vazio, tristemente abandonados, sentados no chão à espera de um destino, vigiados por homens armados que se refastelavam no conforto da sala do governador, tomando o seu brandy, o seu conhaque, fumando-lhe os charutos em alegre camaradagem. Um festim!

*

Logo pela manhã, João Caetano Dias, Carlos António Fornazini e os restantes vereadores juntaram na praça os amotinados e, num ambiente de grande euforia revolucionária, foram assaltar o arsenal e distribuir as armas da companhia.

Ainda antes do almoço, os vereadores reuniram em sessão juntamente com o povo, e eram tantos os populares que o plenário se realizou na rua, frente ao edifício da Câmara. Em boa verdade, os cérebros por detrás da revolta instigaram a população para que esta aderisse ao plenário, se envolvesse, participasse e os apoiasse. Os de dentro contra os de fora, os moradores locais contra o autoritarismo prepotente do poder central. Improvisou-se uma tribuna com caixotes. Carlos António Fornazini tomou a palavra, fez o seu discurso, discorreu sobre os sérios acontecimentos que os haviam conduzido àquele estado de coisas. Era um orador de fundo, de muita eloquência e de grande convicção, capaz de convencer o papalvo, mas também o espírito esclarecido. Arrancou de mansinho, quase amavelmente, empregando aquela sua voz rouca e cavada para estabelecer as proposições, expor os motivos, as ofensas, as políticas perversas de vários governadores. «Aqueles senhores», disse, subindo agora o tom de voz num crescendo até à viva exaltação, «aqueles senhores, ignóbeis, gananciosos e sem escrúpulos, tinham arrastado Inhambane para a guerra, para a penúria! Tinham deixado aquela bela terra de gente simples, honesta e trabalhadora, à beira da fome! Os selvagens ali à porta, à espreita de uma oportunidade para atacarem, saquearem, chacinarem homens, mulheres, crianças, e o governador o que fazia? O governador, meus senhores, separava em vez de unir; o governador mandava prender os

representantes do povo; o governador sustentava a discórdia e enfraquecia o derradeiro bastião de defesa da vila! O exército feito em pedaços, revoltado, os praças ameaçados de serem transferidos para longe de suas casas para lutarem noutras guerras, em vez de ficarem ali a defender as suas machambas, as suas famílias. Agora mesmo estava a chegar o brigue *Delfim* para embarcar a tropa indispensável à defesa de Inhambane e para ir abafar uma revolta em Lourenço Marques. Não, basta!, dizemos nós! Os nossos soldados não vão morrer em guerras alheias, deixando a sorte de Inhambane à mercê do Manicusse e as suas hordas!»

*

O padre Montanha fizera questão em cumprir a sua rotina: abrir a sua igreja e receber os fiéis que vinham rezar, as devotas que compareciam impreterivelmente à missa das sete. Deus e a fé não se compadeciam dos excessos dos homens, e ele, seguramente, não desleixaria o sagrado dever da missa para ir à Câmara acirrar os espíritos daquela gente boa e pacífica. Não, o padre manter-se-ia ao largo, afastado da política, dos discursos medonhos que amedrontavam as almas simples com o propósito manipulador de tomar o poder com a tolerância legitimadora do apoio do povo levado ao engano. *Não, absolutamente, não! Desta vez não! Não participarei, não colaborarei, não, não e não!*

Contudo, no fim da missa, lá estava Vicente Tomás dos Santos atracado a um dos bancos corridos no centro da igreja, esperando por ele com toda a bonomia de velho patriarca, desejando dar-lhe uma palavra franca. O padre, aferrado a uma determinação inabalável, dizendo a si mesmo que não se deixaria levar pelo «padrinho», suspirou e foi resignado ao encontro dele. O que podia fazer? Vicente Tomás dos Santos era o amigo do peito, nunca lhe falhara, fora seu protector desde a primeira hora, dava-lhe um tecto, e benfeitor de largas contribuições para a igreja, enfim, não o podia ignorar.

*

Sentou-se ao lado dele, entrelaçou os dedos, pousou as mãos no colo.

— Está-se bem aqui — disse Vicente Tomás dos Santos, muito corado, a escorrer suores na papada estrangulada pelo nó da gravata, ainda afogado do calor que já escaldava as ruas poeirentas. Em tempos fora um homem enérgico, mas nos últimos anos tornara-se mole e pesado; todo ele alastrava nas cadeiras, mexia-se com dificuldade.

— Isto hoje está uma pasmaceira — notou o padre, desconcertado. Tinha dito a missa para cinco beatas.

— É natural, vivemos momentos difíceis, as pessoas estão assustadas.

— Sempre fizeram a revolta — observou.

O velho traficante cofiou a barba grisalha e pontiaguda, pondo os olhos esbugalhados no altar ao fundo.

— O que mais podíamos fazer? Não nos restou alternativa — disse, contristado, depois de uma reflexão.

— É um sarilho.

— É o diabo, uma confusão dos infernos, mas vamos a ver, o que está feito, está feito. Agora há que andar para a frente.

— Mas não se pode fingir que nada aconteceu; o governador-geral há-de querer tirar satisfações — disse o padre.

— Pois sim, naturalmente, naturalmente...

— E não lhe prevejo indulgências.

Vicente Tomás dos Santos concordou, acenando gravemente com a cabeça.

— Haverá um processo contra o governador e os seus oficiais — observou.

— É um paliativo — considerou o padre, inflexível.

O «padrinho» fingiu não reparar na censura implícita em cada frase dele. Não estava ali para se defender de recriminações.

— Precisamos de si na Câmara — afirmou.

— Para quê? O que vou lá eu fazer?

— Nada, aparece, junta-se às pessoas, acompanha o plenário.

— Só isso, então?

— E já é muito! Estão lá todos, a população, nós, só falta você.

— Eu tenho a igreja.

— Você «é» a Igreja! E é necessário a Igreja apoiar o povo, estar ao lado daquela gente aflita, dar-lhe um alento, prover uma palavra serena.

O padre reflectiu naquelas palavras e, mesmo a contragosto, teve de admitir que Vicente Tomás dos Santos tinha a sua razão. Era necessária a sua presença, o contrário seria mal-entendido, e as pessoas ficariam a pensar que ele condenava a revolta, que se opunha aos conjurados. Não lhe era permitido resguardar-se. Fechou os olhos um momento, respirou fundo, ganhou coragem e bateu, enfim, com as mãos nas pernas, levantando-se.

— Pois que seja! Vamos lá a esse plenário histórico! — conformou-se.

*

A multidão acumulava-se defronte da Câmara Municipal. Eram centenas, homens, mulheres, crianças, quase todos os moradores europeus. Escutavam, aplaudiam, gritavam «apoiado», entusiasmavam-se com o discurso de Carlos António Fornazini, empoleirado no caixote que lhe servia de tribuna, respaldado pelos restantes vereadores alinhados atrás de si. Fornazini já ia lançado em grande verve quando Vicente Tomás dos Santos e o padre Montanha abriram caminho por entre as pessoas. Estas foram-se afastando para lhes dar passagem, murmurando um reconhecimento, uma aprovação à chegada do padre.

Fornazini declarava precisamente que se formaria um governo provisório para gerir a coisa pública até haver um novo governador mais conforme as necessidades e as aspirações de todos, e que esse governo provisório teria de ter uma representação transversal à sociedade inhambanense. Carlos António interrompeu-se para saudar a presença do padre Montanha que, justamente, se libertava do aperto da população e se acercava dele. Houve um forte aplauso, o padre fez um aceno breve de reconhecimento, um sorriso modesto, cheio de moderação. Deixou-se ficar, casualmente, ladeado por Vicente Tomás dos

Santos, um pouco atrás do orador mas à frente dos outros vereadores, e o lugar que tomou era já uma afirmação do poder da Igreja, uma atitude política.

Agradado, Fornazini disse a constituição do governo provisório, anunciando o major Liberato Vaz como comandante da praça e representante do poder militar, o António Luiz d'Aragão, doravante substituto do juiz ordinário e representante do poder judicial, e para presidir ao governo, representando a Igreja e o povo, o padre Montanha, homem venerável, justo e de extraordinário bom senso, que merecia a confiança e a admiração de todos sem excepção. Rebentou uma explosão de palmas, de vivas, ouviram-se exclamações de alívio. O padre, incrédulo, olhou para Vicente Tomás dos Santos que encolheu os ombros, tão espantado quanto ele, fazendo-se de inocente; olhou para Fornazini que lhe estendia a mão como um mero apresentador, dando entrada no palco ao homem mais aguardado, aquele que todos queriam ouvir. O italiano sorriu-lhe e abriu-lhe os olhos vivamente ao ver que o padre hesitava em dar o passo na direcção do caixote, a improvisada tribuna de onde já se apeará para lhe oferecer o lugar. A cara de Fornazini deixava transparecer uma inevitabilidade, como se pedisse desculpa por aquela partida, mas era demasiado tarde para recuar; já no padre Montanha havia uma fúria contida. Enfim, este lá se aproximou, um pouco encavacado, impelido pela euforia da população.

*

Caiu um silêncio. Joaquim, despreparado para sossegar aquela gente toda nessa hora má, contemplou demoradamente a multidão órfã que depositava nas suas mãos, sem regatear uma condição, o futuro de Inhambane. Viu homens humildes com os olhos a brilhar de esperança, passando o lenço na testa suada por baixo do chapéu, cruzando os braços, de rosto fechado, preocupados; viu mulheres inquietas, com os filhos ao colo, mandando-os calar um pouco excessivamente, levadas pelos nervos, ríspidas na urgência de se concentrarem no que ele ia dizer. Em todos havia uma expressão de enorme ansiedade, e todos pareciam crianças desamparadas aguardando orientação. O dia nascera encoberto e lúgubre, mas agora as nuvens começavam a espaçar-se, esfiapando-se em longas tiras de gaze diáfanas, descobrindo um céu muito azul e um sol ardente que escaldava a terra desfeita em pó vermelho e fino. O ar, vibrante de calor, distorcia a imagem das copas verdejantes das palmeiras que despontavam por detrás do casario muito alvo e faiscante, no outro lado da praça. No entanto, as pessoas não arredavam dali, suportavam aquela inclemência no meio da rua onde não cobria uma sombra.

Joaquim estendeu o silêncio não tanto para criar expectativa mas porque não viera prevenido para falar. Diria, em seguida, umas parcas palavras apaziguadoras, isentas de recriminações e moderadamente positivas. Foi comedido com o governador, teve só uma leve censura para a sua conduta feroz contra os vereadores, mas disse que era o momento de retomar a paz, de unir todos, de garantir a estabilidade. As pessoas podiam ir descansadas às suas vidas que, do resto, trataria ele e os restantes membros do governo

provisório. Sublinhou, contudo, que só aceitava aquela pesada e inesperada missão por ser uma emergência à qual não podia voltar as costas, mas que o lugar dele era na igreja, junto dos fiéis. Não tinha vocação para a política e ficaria na presidência do governo apenas o tempo suficiente para se encontrar outra pessoa mais capaz.

A multidão aplaudiu largamente o discurso do padre Montanha, e, no final, muitos quiseram cumprimentá-lo e dar-lhe uma palavra pessoal de agradecimento e de confiança. Rodearam-no com entusiasmo, com paladinhas nas costas, com declarações de incentivo. Depois foram dispersando, ao mesmo tempo que o padre Montanha entrava na Câmara, acompanhando os vereadores, o Vicente Tomás dos Santos e os companheiros de governo.

— Você pregou-me uma grande partida — reclamou, entre dentes, com Fornazini.

— O meu amigo vai-me desculpar, não foi nada planeado, improvisei e saiu-me aquilo.

O padre lançou-lhe um olhar reprovador, para que ele não pensasse que não percebia que lhe mentia. Fornazini desculpou-se:

— Em todo o caso — disse —, há-de reconhecer que foi a melhor solução. E se o convidássemos formalmente, o padre Montanha teria recusado.

— Ah, pois pode ter a certeza de que teria.

O governo provisório, tal como prometido pelo padre Montanha, não vigorou mais do que algumas semanas desde que a revolta se consumou, de vinte e três de Outubro até quinze de Dezembro desse ano incerto de 1850. Mas de pouco lhes valeu esta abnegação ao poder, pois o mal estava feito, e a notícia da rebelião em Inhambane indignou de tal forma o governador-geral que, ao saber da chegada à Ilha de Moçambique do governador Ferreira e dos seus infelizes companheiros de viagem remetidos a ferros, este se enfureceu com a desfaçatez dos amotinados e quis esmagar a revolta à força da baioneta. Torre do Vale entendeu a ousadia dos insurrectos como um desafio intolerável à sua autoridade, e isso ele não podia admitir. Era uma desconsideração, e o governador-geral exigiu prontamente as cabeças dos revoltosos. Doravante, o distrito de Inhambane ficaria declarado em estado de rebelião e à beira da guerra civil, por força da irredutibilidade dos seus moradores que se recusaram retractar e acatar as ordens do poder central. Em Fevereiro, o governador-geral, francamente irritado com aqueles sérios acontecimentos, tomou uma primeira medida enérgica: enviou um navio com uma força expedicionária de sessenta e seis praças contra Inhambane.

FUGA PARA O SERTÃO

O padre Montanha tomava conhecimento de todos os graves problemas que afectavam a pobre população de Inhambane e que urgia resolver e, além de uma palavra de encorajamento e de uma vaga promessa de que, se Deus quisesse, tudo se resolveria com o tempo, não fazia mais do que delegar com naturalidade nos outros dois membros do triunvirato que compunham com ele o governo rebelde. Os colegas tinham a sua bênção mas, por esses dias, nada se decidia, evidentemente. Os governantes não governavam, a Câmara não deliberava, havia reuniões infundáveis, enormes debates, e tudo se resumia a como sobreviver à fúria do governador-geral.

O entusiasmo da revolta foi esmorecendo, e procurava-se já restabelecer uma ordem, regressar à doce pacatez da vida rotineira e confortável. Era necessário manter uma normalidade, ler um jornal no sofá, fumar um charuto, cavaquear. Os cavalheiros da política tinham responsabilidade, bom senso, não desejavam que o poder caísse na rua, não toleravam a anarquia. A população foi desarmada, os moradores devolveram as espingardas roubadas à companhia e foram mandados para casa. Todavia, os soldados receavam as represálias do governador-geral e uma parte deles ainda se encontrava em fuga.

Veio o ano novo e, enquanto em Inhambane se ia consolidando as instituições de acordo com os interesses instalados, chegava à Ilha de Moçambique o brigue *Delfim* com o governador Ferreira, os seus oficiais de confiança, o juiz ordinário Pereira da Silva. Por conseguinte, quando o navio com a força expedicionária entrou na baía de Inhambane já as suas ordens estavam desactualizadas, pois haviam sido ultrapassadas pelos acontecimentos. O governador-geral declarava a dissolução da Câmara revoltosa, pois isto lho mandaram dizer, mas esta ordem não podia ser cumprida porque, entretanto, já tinha sido eleita outra lista para a Câmara Municipal. Aliás, depois de alguns dias de negociações, que foram demoradas e solenes, o triunvirato encontrara também um sucessor a quem entregara o poder.

*

O novo governador de Inhambane era o capitão-tenente da armada, pedro Valente da Costa Loureiro e Pinho, que, embora relutante, acabara por ceder às insistências do bom padre Montanha que não se poupava em encómios e em fortes argumentos de emergência territorial para o levar a aceitar o cargo naquele momento tão sensível. Loureiro e Pinho, chegado recentemente de Lisboa após uma breve passagem pela Ilha de Moçambique e verdadeiramente desconhecedor das pessoas de Inhambane, vira-se atrapalhado com as pressões do padre, dos seus companheiros de governo, de Carlos António

Fornazini e de Vicente Tomás dos Santos. No fim, aceitara o governo e ainda defendera as razões dos moradores.

De modo que foi inútil a viagem do navio enviado pelo governador-geral, e este regressou à Ilha de Moçambique dois meses mais tarde, com estas notícias que muito melindraram o governador-geral. Torre do Vale escreveu para Lisboa um ofício bastante duro que deixava ficar mal o capitão-tenente Loureiro e Pinho:

A força expedicionária ali mandada regressou a esta capital sem conseguir outro fruto a não ser fazer uma avultada despesa ao cofre da província. O governador de Inhambane foi muito mais longe do que a situação lhe permitia e ousou prometer, debaixo da sua palavra de honra, o esquecimento dos crimes cometidos.

Mas o governador-geral não tencionava esquecer nem tampouco perdoar a acção dos revoltosos e, no final de Junho, partiu ele próprio para Inhambane. Desta vez, levou uma força de mais de cem baionetas nos navios *D. João de Castro* e *Xac-Alam*. Com isto, Torre do Vale não só não promovia a pacificação do distrito como lançava o pânico entre a população que, à chegada daquela força, haveria de deixar a vila e de fugir para o interior.

*

O padre Montanha andava deveras incomodado com todos estes excessos que traziam Inhambane num caos e que transtornavam muito as pessoas. O avistamento da nova força expedicionária capitaneada por Torre do Vale fez soar o alarme na vila. Assustados, os moradores embrulharam as suas trouxas apressadamente e, apesar dos apelos à calma do padre, dispuseram-se a partir imediatamente, abandonando a vila como refugiados. Fornazini, os restantes vereadores e o major Liberato Vaz juntaram-se à população em fuga. Vicente Tomás dos Santos, arreigado ao seu sofá, à sua comodidade, já muito pesado e cansado para andar aos trambolhões a cavalo por esse sertão selvagem, decidiu ficar. De resto, achava indigna da sua pessoa a condição de refugiado, e o espírito arrogante do maior e do mais poderoso comerciante da região impedia que ele corresse à frente de um qualquer governador-geral cheio de jactância. «Era só o que faltava!» Ele que viesse, ele que viesse...

Já o padre Montanha, embora não receasse as represálias de Torre do Vale e lhe parecesse até exagerada a reacção de pânico das pessoas, viu-se na contingência de acompanhar a população. E que alternativa lhe restava? Era seu dever estar ao lado do povo, ajudá-lo no infortúnio; ele não se podia dar ao luxo de ficar no conforto do seu jardim de alfazemas, enquanto o seu rebanho se ia tresmalhando por esse sertão pleno de perigos. Seria uma aventura e tanto, mas o que fazer? Correu a casa, ordenou a Leonor que permanecesse aí com as crianças, recomendou-lhe que não saísse à rua, reuniu algumas roupas que enfiou num saco e partiu.

*

A longa fila de refugiados estendia-se por entre a profusão de belas e imponentes palmeiras que cobriam aquele imenso território verdejante e

inóspito. Iam a pé, quase todos, e alguns a cavalo. Conduziam à rédea os muares e os carros de bois carregados de víveres e de equipamento de campanha. Caminhavam em silêncio, brotando aqui e ali um choro desconsolado de crianças que as mães confortavam como podiam. As largas centenas de moradores afogueavam-se num calor intenso que a sombra exígua das palmeiras não lograva refrescar. Arrastavam-se nessa marcha penosa, quente e húmida, perseguidos pelos mosquitos que os devoravam quando, já derrotados pelas revoadas, baixavam os braços e desistiam de os enxotar. Mais ligeiros e atentos, soldados e milicianos, armados com mosquetes, enquadravam a coluna para a proteger de algum ataque. Receavam os animais selvagens, mas, sobretudo, os guerreiros angunes e os landins. Todavia, como nos últimos meses as relações com o régulo Manicusse se tinham distendido, perdendo-se naturalmente aquela agressiva impetuosidade dos piores momentos do cerco a Inhambane, foi possível enviar à frente uma embaixada de paz: dois milicianos comandados pelo excêntrico João Caetano Dias. Estes entraram em contacto com um soba avassalado de Manicusse que, embora estivesse encarregado de os vigiar, apreciava os molungos mais do que ao odiado rei de Gaza, a quem só prestava vassalagem e pagava tributo por ter sido conquistado e por a sua sobrevivência depender da humilde submissão. No entanto, o soba estava disposto a trair Manicusse e deixou-se comprar por um vistoso sauate de missangas e por panos coloridos, além de um dólmen do exército português, uma baioneta de aço brilhante e uns litros de aguardente que o haveriam de anestesiar por uns bons e longos dias.

João Caetano Dias sentou-se com o soba, ambos de pernas cruzadas, exercitando a paciência enquanto negociava com ele, morrendo de ansiedade mas sorrindo e conversando demoradamente como se tivesse todo o tempo do mundo. Foi-lhe mostrando os presentes que trazia, um a um, esperando que o soba os apreciasse sem pressa, os exibisse aos quinze guerreiros que estavam atrás dele, de pé, a observar o encontro. O chefe parecia uma criança feliz com todas aquelas ofertas, mas ia apontando, muito impressionado, para o chapéu de grandes abas e emplumado de João Caetano Dias, francamente deslumbrado com a sua magnificência, vendo nele um acessório digno de um rei. Por isso, João Caetano Dias reprimiu um suspiro que quase lhe escapava sem querer e teve de redobrar a simpatia e de se separar do seu bem mais estimado. O soba rejubilou quando este lhe ofereceu o chapéu, colocou-o logo na cabeça, virou-se para trás e reclamou elogios aos seus guerreiros. João Caetano Dias, dizendo-lhe que este lhe ficava extraordinário, mostrando enorme admiração pela imponência do chefe assim engalanado com as penas, ia pensando em violências, escandalizado por ver o seu precioso chapéu ataviando o preto.

Esperou que o soba se tranquilizasse. Fez-se um silêncio, ouviu-se a floresta, o estalar distante dos ramos secos das árvores, açoitadas por um vento quente que não chegava a refrescar. Disse ao chefe, agora distraído a escarafunchar a terra com golpes de baioneta, que vinham aí soldados e que

esses não eram amigos. Instruiu-o contra o exército do governador-geral e só depois se despediu dele e partiu para avisar a coluna que podia avançar em segurança.

*

Os dois navios de guerra passaram a barra e fundearam na baía. O *D. João de Castro* e o *Xac-Alam* ficaram à vista do casario que era uma linha branca na orla costeira. Os regimentos formaram no convés enquanto se baixavam os escaleres que, dali a pouco, se aproximaram de terra a remadas compassadas, chapinhando surdamente o mar tranquilo que cintilava brilhos de um sol desabrido. A meio da manhã, já havia colunas de soldados a marchar pelas ruas de Inhambane. O som intimidante de cem botas a bater ritmadamente no chão e o toque marcial dos tambores ecoaram, porém, nas ruas vazias. Foram encontrar uma vila quase deserta e, de qualquer forma, aqueles que tinham ficado em Inhambane resguardaram-se em casa, não ousando sair. Só o governador foi ao encontro da força, quando esta ainda se reunia no porto. Apresentou-se ao governador-geral correctamente fardado e saudou-o com uma continência firme, pretendendo assim deixar claro a Torre do Vale que estava perante um oficial disciplinado. O governador-geral retribuiu, levando dois dedos moles à frente sem grande convicção, querendo com esse gesto displicente evidenciar, por sua vez, que, a partir de agora, era ele quem mandava ali.

— E o senhor é?...

— Capitão-tenente da armada Pedro Valente da Costa Loureiro e Pinho, às suas ordens — apresentou-se.

— Ah, o governador nomeado pelo governo rebelde — comentou, desdenhoso.

Loureiro e Pinho não se ficou.

— Governador interino, se me permite. Não que eu tivesse qualquer ambição, ou sequer vontade, mas foi necessário receber o poder de volta e, como Vossa Excelência há-de convir, eu era o que havia de mais próximo da lei e da ordem institucional. Por conseguinte, aceitei com relutância o cargo, mas de bom grado e com bastante alívio lhe devolvo a autoridade que me foi entregue.

— Hum... — resmungou o governador-geral. — Mas onde está toda a gente?

— Fugiram todos.

— Fugiram! Fugiram para onde?

— Para o mato.

— Mas isso é uma loucura!

— Também achei, mas não os consegui demover.

— E a companhia?

— Desertou.

— Oh, diabo! Quer dizer que temos aqui uma vila-fantasma?

— Praticamente.

— Mas aquela gente supôs, porventura, que a vínhamos massacrar?
— Entraram em pânico. Assim que avistaram os navios, foi para aqui um pandemônio que não queira saber.

— E você, o que fez?

Loureiro e Pinho encolheu os ombros, denotando uma impotência.

— Eu bem que tentei acalmar as pessoas, chamá-las à razão, mas ninguém me ouviu.

O governador-geral fitou-o, muito contrariado.

— Que loucura, que loucura! — repetiu. — Eles podem ser atacados pelos angunes, pelos bitongas, pelos leões!

Loureiro e Pinho assentiu com a cabeça, gravemente.

— Pois podem, embora a situação esteja agora mais pacificada.

— Ainda assim...

— Não deixam de estar vulneráveis, é certo — concordou.

— Quer dizer que eu venho repor a ordem e ainda acabo a resgatar uma população inteira desgarrada no mato. Isto só a mim.

— Esperemos que não — disse, esperançoso, Loureiro e Pinho.

— Esta gente não tem juízo nenhum — lamentou o governador-geral.

Torre do Vale sentiu-se descoroçoado. Não saía do gabinete há tanto tempo que vinha uma fera, resplandecente de entusiasmo com a sua guerrazinha e afinal não havia ninguém para o afrontar. Esperava encontrar a população em polvorosa, o povo entrincheirado em armas, preparado para o desafiar; antecipara uma estratégia, reunira os seus oficiais a bordo, dera-lhes demoradas instruções, debruçados durante horas sobre uma mesa com o mapa da vila aberto, onde estudaram as características do terreno, delinearam movimentos, marcaram posições. Pois agora, ali estava ele, contemplando a rua principal banhada por um lindo sol a faiscar nas paredes caiadas de uma vila abandonada, avistando só um cão vadio ao fundo, atravessando-a pachorrentamente. Surgira-lhe apenas um comandante sem exército, o capitão-tenente da armada Loureiro e Pinho, e, mesmo esse, desejoso de se livrar de responsabilidades. Que raiva lhe meteu aquela pasmaceira!

A conquista revelava-se um fiasco, e Torre do Vale enrolava com os dedos a ponta do seu soberbo bigode, ponderando com preocupação que esvaziara os cofres depauperados da província e que contraíra um empréstimo para fazer face à falta de fundos e assim conseguir financiar a expedição contra Inhambane. Com os dinheiros públicos não se brincava, não se podia esbanjar inutilmente o orçamento; precisava de uma escaramuça, de prender alguém, era necessário justificar a despesa!

*

Loureiro e Pinho convidou-o para conferenciarem em sua casa, pois queria expor-lhe as circunstâncias que haviam conduzido a vila àquele descabro, mas o governador-geral já estava tão contrariado que lhe ordenou que pusesse tudo por escrito, que doravante comunicariam por escrito. Depois, voltou-lhe as costas e foi estabelecer o seu quartel-general na praça de armas. Em breve,

receberia a notícia de que a população se havia refugiado na região de Cobane, a cerca de cinco léguas. Inquieto com a possibilidade de os civis serem massacrados pelos indígenas, imaginando já a sua carreira a afundar-se num lodaçal de acusações ingratas se acontecesse um desastre, apressou-se a decretar um indulto aos moradores que não estivessem envolvidos na rebelião. Enviou o ofício a Loureiro e Pinho e este, por sua vez, mandou entregá-lo por um estafeta, mas ninguém se apresentou na vila.

O governador-geral, enervado com o rumo incerto e inesperado que os acontecimentos tomavam, tornando inúteis as longas horas de diligente planeamento, viu-se na contingência de reunir o estado-maior e de delinear nova estratégia. Falou-lhe num tom pensativo, a enrolar o bigode, com os olhos alcançando um infinito indefinido, pese embora tivesse só à frente a parede cinzento-clara do gabinete, como que espantado com a constatação evidente de que nada era como se esperava.

— Nos teatros de operações as coisas nunca correm conforme as planeámos — explicou. — Por mais minuciosos que sejamos, somos sempre reféns das circunstâncias, e estas estão sempre a mudar, de modo que este é o caso. Vínhamos preparados para uma situação e deparámo-nos com outra. Restamos improvisar uma nova estratégia.

E foi quando começaram a alardear que as coisas se complicaram bastante, pois quanto mais eles improvisavam mais se viam enredados num novelo de imprevistos e de novos improvisos que iam agravando o impasse.

Estabeleceu-se um imenso acampamento em Cobane. Os soldados, a milícia, enfim, todos os homens válidos e armados com mosquetes e espadas colaboravam na defesa do perímetro e na montagem das tendas do exército e dos outros abrigos improvisados com panos e lonas, porque as barracas de campanha não eram suficientes para abrigar tanta gente. Antes da partida de Inhambane, os soldados, comandados pelo major Liberato Vaz, tinham-se apoderado do material de campanha que conseguiram transportar e, evidentemente, dos mosquetes da companhia devidamente municiados, das espadas e de cinco peças de artilharia. Os auxiliares indígenas estavam armados com azagaias, machados e escudos de pele. Colocou-se praças de sentinela em redor do campo. Escolheu-se um lugar semeado de palmeiras para acampar. Toda aquela região era um palmar que não acabava, que se estendia desde as vastas áreas de juncos e de mangais nas zonas costeiras, mais húmidas, onde a floresta alagada pelas marés se tornava um difícil lodaçal, para o interior, compondo uma pitoresca paisagem tropical, muito verde.

O padre Montanha andava azafamado de um lado para o outro, ajudando a instalar os mais velhos, os desvalidos, as mães com as suas crianças de colo. Miúdos descalços corriam felizes ao final da tarde, à volta dos coqueiros altos e tortos, trepando por eles, inconscientes da profunda angústia dos adultos. O sol, mais baixo agora, suavizava o calor intenso que, durante o dia, secava o ar, os campos, a terra. Uma brisa refrescante agitava as grandes folhas em leque das palmeiras e amenizava os espíritos sacrificados que já se iam abatendo no chão, pedindo descanso. Fizeram-se fogueiras, as mulheres prepararam a janta.

Ao cair da noite, enquanto se deitavam as crianças e uma doce quietude descia sobre o acampamento, o Carlos António Fornazini, o major Liberato Vaz, o João Caetano Dias e os vereadores reuniram-se para conferenciarem. O notário, João José Gonçalves, jazia tristemente encostado a uma palmeira em mangas de camisa. Desfizera-se da gravata e arregaçara as mangas. Doíam-lhe todos os músculos do corpo, a caminhada desde a vila fora demasiado dura, acabara com ele. O notário, anafado, untuoso, amuava no seu canto por o terem arrastado para aquela aventura de doidos. Aparentemente, esquecera-se de que tinha sido ele, ao levar a Carlos António Fornazini a informaçãozinha maliciosa sobre o juiz Pereira da Silva, quem provocara o desvario que os conduziu àquela situação precária. João José supunha que o tinham posto de parte e, pois ninguém lhe perguntava a opinião e, talvez por isso, talvez por se sentir somente mais um carneiro no rebanho, a sua responsabilidade diluía-se naqueles rancores de menino contrariado. Até a sua vitalidade perene, o

olhinho vivo, o espírito sempre alerta esmoreciam hoje com as mazelas da jornada, com a desilusão. João José começava a pensar que a política não tinha afinal o encanto, a glória, o reconhecimento que ele acalentara com tanta expectativa. Ninguém lhe ligava...

*

O padre Montanha juntou-se a eles, foi encontrá-los a debaterem a oferta de indulto do governador-geral que lhes chegara há pouco pelas mãos do estafeta. Interromperam então a conversa para o informar do conteúdo da missiva.

— É uma armadilha — declarou Fornazini, com aquela voz irada que constrangia as pessoas.

— Será? — questionou o padre.

— Absolutamente! O governador quer que o povo regresse para nos deixar isolados. Um pequeno grupo de foragidos é o que ele quer fazer de nós.

Ouviram-se resmungos de apoio em redor.

— Mas, em todo o caso, é uma oportunidade para fazer regressar os mais fracos, as mulheres, as crianças.

— Seria uma primeira cedência, um sinal de fraqueza da nossa parte — disse Fornazini.

— Estaríamos a enviar a mensagem errada, de facto — concordou o major Liberato Vaz.

— Quanto tempo imaginam vocês que as pessoas aguentam estas condições? — perguntou o padre.

— Mais depressa se cansa o governador-geral da cadeira incómoda do gabinete no quartel — retorquiu Fornazini, azedo.

O vereador Marques, sempre discreto mas com uma veia analítica apurada, teve uma previsão.

— Ele não vai ficar à espera de que desistamos e nem tão-pouco vai aquecer a cadeira do gabinete. Ele vem atrás de nós.

Olharam todos espantados para o Marques, cientes de como este costumava ser certo.

— O filho da puta! — exclamou João Caetano Dias, recebendo um olhar reprovador do padre. — As minhas desculpas, senhor padre — retractou-se logo, humildemente.

*

Com efeito, a previsão do vereador Marques revelou-se exacta. O governador-geral, incomodado por ter o povo tresmalhado por esse sertão dentro, sem um tecto decente e sujeito a perigos tremendos, arrependia-se já de ter embarcado naquela aventura imprevisível e ansiava por resolver a questão rapidamente, regressar a casa, despir a farda, calçar as pantufas, vestir o *robe de chambre* e respirar enfim de alívio, estirado no aconchego reconfortante de uma poltrona de couro. Era uma lição para toda a vida: um homem na sua posição não podia ter o luxo dos gestos heróicos, definitivamente, não podia dar o corpo às balas! Tinha de ser humilde e

contido, de engolir em seco e de refrear o nervo e a bravura que lhe aquecia o sangue. Na próxima vez, ficaria na retaguarda, só a pensar na grande estratégia. Para o teatro de operações, contava com oficiais muito capazes a quem pedir responsabilidades, a quem deitar as culpas se algo corresse mal, se necessário fosse. Não era o caso, agora que assumira o comando e que todas as decisões recaíam sobre si, não podendo delegar a liderança. Entusiasmara-se com a expedição e descurara a política, esquecera-se de que havia um rasto de ressentimentos na sua augusta carreira, de que tinha inimigos à espreita, ansiando por uma falha grave, uma escorregadela fatal.

Os refugiados responderam à oferta de Torre do Vale com uma súplica para que o governador-geral estendesse o indulto a todos, sem excepção. Mas isso, evidentemente, não podia conceder. Não, eles não se ficariam a rir, alguém teria de pagar as despesas da ousadia; ele não passaria pela vergonha de voltar à capital de mãos a abanar. Era necessário levar agrilhoados alguns desses rebeldes obscenos, descer no porto com a tropa soberba a enquadrar os cativos, arrastando as correntes ao rufar dos tambores. E, ele, de mão apoiada na amurada, de punho na ilharga, pairando todo sobre o pasmo da população. Ah, a glória! O brilho da fama era a sua fraqueza.

*

O tempo ia passando, um dia, outro dia. A tropa, descontente, fazia má cara por se ver estacionada e ociosa naquele buraco sem história, os oficiais jogavam às cartas para contrariarem o tédio e Torre do Vale esperava que o povo desanimasse no mato, que este fosse desistindo e tornando aos poucos à vila. Exasperava naquele gabinete encafuado do comandante da companhia, demasiado pequeno e insignificante para a sua envergadura. Precisava do conforto de um bom sofá, do espaço das salas amplas, dos tectos altos, dos longos corredores, enfim: do luxo de um palácio. Era esse o seu lugar, o seu ambiente. Torre do Vale enrolava meditabundo o bigode, ponderava que cada dia mais era um perigo extra para aquela gente insensata e já se convencera de que pôr o povo de Inhambane a salvo seria também a sua própria salvação. Este pensamento levou-o a interromper a partida de cartas dos oficiais com uma decisão marcial:

— Vamos atrás dos refugiados. Se eles não voltam para casa, vamos nós buscá-los.

*

No dia seguinte, pela macia claridade da aurora, quando a tropa iniciou a formatura na praça de armas, um espião nativo, astuto e invisível, acautelado na densa verdura do juncal, observou de longe as movimentações e, percebendo naqueles preparativos de campanha que a coluna ia partir em breve, foi logo informar os refugiados. No acampamento soou o alarme muito antes de os soldados se aproximarem. Carlos António Fornazini juntou de urgência os seus pares, debateu com eles se deviam fugir ou ficar, e concordaram todos que não era sensato embrenharem-se mais no interior. Havia a ameaça das tribos hostis, o cansaço que já venciam os mais frágeis e

todos os demais perigos daquele território agreste e avesso à sobrevivência do homem civilizado. De resto, eram escassas as probabilidades de eles se conseguirem manter distanciados da coluna militar. Fatalmente, seriam alcançados. Restava-lhes, portanto, prepararem-se para receber em armas o governador-geral e a sua força de cem baionetas. Montaram-se barricadas, escavaram-se trincheiras, escolheram-se posições de tiro. Entretanto, João Caetano Dias foi ao encontro do soba que se reunira com ele há dias. E ainda lhe custava aceitar que o régulo andasse pelo mato com o seu chapéu emplumado de estimação.

*

O governador-geral, que se orgulhava de ser um cavaleiro de excelência, montava um formidável baio de cauda e de crina pretas que ia a passo, à frente da coluna. Marcharam com as devidas precauções, em formação de quadrado, mas eles tinham só percorrido duas léguas quando todas as intenções da missão se desvaneceram à vista de um impressionante grupo de seiscentos bitongas e landins com armas de fogo e com azagaias, que se posicionou à distância, ao longo de uma extensa linha de palmeiras, cortando-lhes o caminho. A presença dos indígenas era uma ameaça, evidentemente, um aviso ao corpo expedicionário para que este não prosseguisse na direcção dos refugiados. Posteriormente, o governador-geral haveria de escrever no seu relatório que notara uma oculta aliança dos cafres com os revoltosos, acrescentando que dera ordem de regressar por considerar que a própria vila estava exposta a um ataque dos indígenas. Impressionou-o a ousadia temerária dos guerreiros, comandados por um chefe brioso que usava um chapéu emplumado.

Justamente, em Inhambane houve uma debandada. Os poucos moradores que restavam, vendo partir para o mato o corpo expedicionário, perceberam que tinham ficado vulneráveis, pois já não havia soldados a proteger a vila, e fugiram. Assustados, embarcaram em lanchas e atravessaram a baía para a outra banda. Ao chegar à vila, o governador-geral deparou-se com as ruas ainda mais vazias do que na primeira vez, e nem o governador Loureiro e Pinho, ressentido com a ordem dele para que tratasse tudo por escrito, lhe veio dar as boas-vindas. Desmoralizado, Torre do Vale teve um pensamento lúgubre: *Estou cada vez mais sozinho.*

João Caetano Dias foi celebrado como um herói pela oportuna iniciativa que os salvara da investida do exército do governador-geral. O extravagante filho da terra, com a pueril alegria que o caracterizava, recebeu os beijos e os abraços de tanta gente agradecida. Adorava ser o centro das atenções e gozou bem o resto do dia, sentindo-se especial como um rapazinho em dia de aniversário. Aquela ocasião feliz foi comemorada com uma festa espontânea que os refugiados regaram de vinho e de aguardente, esquecendo-se, porventura, do apuro em que se encontravam.

O padre Montanha não concordou com a festa por pensar que não havia nada para festejar.

— Estamos metidos num bom sarilho — disse a Fornazini.

— Deixe-os lá descomprimir destas aflições todas — respondeu este com bonomia, encolhendo os ombros.

— Faltam-nos mantimentos, não temos um tecto, corremos enormes riscos...

— Bem sei, bem sei, mas tudo se há-de resolver.

O padre Montanha, perplexo com a aparente inconsciência do povo e desconcertado com a despreocupação do amigo, emudeceu, admitindo que ele pudesse estar a pensar mal, esperançado que Fornazini, mais experiente na manipulação das emoções das massas, soubesse o que fazia. No entanto, via ali muita improvisação, muita ligeireza, pois fizera-se uma revolta na vila e ninguém se preocupara verdadeiramente com as consequências. Tinham tido meses para planear, para organizar uma solução de recurso, bem ponderada, e afinal o que acontecera? Uma fuga da população, desorganizada e imprudente, um pânico generalizado ao primeiro avistamento das velas dos navios de guerra! As pessoas fugiram às cegas, sem um plano, sem um destino. E, agora, ali estavam eles, centenas de pessoas, novos e velhos, homens, mulheres e crianças, atolados no meio do mato, numa situação muito precária, à deriva de um destino incerto, fazendo uma festa! Afigurava-se-lhe aquilo tudo uma tremenda irresponsabilidade, e deu consigo a pensar que o povo confiava naqueles homens, em Fornazini, no major Liberato Vaz, nos vereadores, com a mesma ingenuidade com que as crianças confiavam cegamente no arbítrio dos pais. Mas eram esses homens que tinham arrastado as pessoas para o meio dos leões, para o território hostil, onde só o guerreiro negro se movia com a agilidade do animal selvagem no seu ambiente natural. O branco não se movimentava assim, não com semelhante desenvoltura e nem tão-pouco vivia em harmonia com a natureza, subtraindo dela o necessário para a sobrevivência diária, sem sucumbir aos perigos da selva. Então, como podia o povo seguir Fornazini e os outros e não se questionar sobre o

discernimento deles? Saltava à evidência que estes homens eram determinados mas enredados em dificuldades inesperadas que se iam complicando com o passar dos dias e para as quais inventavam sempre soluções de recurso para se livrarem de um e outro perigo. Até agora tinham tido sorte, mas a comida estava-se a acabar, as culturas estavam ao abandono, as pessoas acampavam sem condições, o exército ocupava a vila, e os bitongas, os landins, os angunes, todas essas tribos de humores instáveis, observavam com crescente estranheza o comportamento anormal dos molungos. O perigo espreitava!

*

Estava Joaquim absorto nestas reflexões críticas sobre Fornazini e os seus pares quando teve um rebate de consciência. Pois não fora ele quem presidira ao governo provisório? Não fora conivente com a revolta e não aceitara responsabilidades nas comprometedoras decisões que se seguiram? E o que fizera para levar a vila a preparar-se para este momento? Nada. Era certo que assumira contrariado o oneroso cargo, mas deixara a política para os outros, refugiara-se na igreja e retornara às suas obrigações eclesiásticas, eximindo-se das fastidiosas resoluções quotidianas do governo. Participara nas reuniões mais crispidas com a sua opinião conservadora, o seu bom senso, mas também aí só o movera um ligeiro interesse diletante pela vida pública e ele sentira até algum desdém pela política feroz que os outros praticavam com empenhado vício. Mantivera-se a par dos assuntos, exercera a sua influência, marcara uma posição, mas demitira-se do essencial, pois, enquanto os vereadores se preocupavam somente em garantir o controlo do poder local por processos ínvios e estratégias tortuosas para salvarem a pele da fúria do governador-geral, não lhe ocorrera sequer dar um murro na mesa e exigir que se preparassem para o óbvio: a mais que certa investida do corpo expedicionário de Torre do Vale. De forma que, pensava agora tocado pelo remorso, o padre precisava de ser mais interventivo, de se fazer ouvir. Era o momento de ser duro, exigente e inflexível com Fornazini e os outros.

*

Ao outro dia, o acampamento começou a despertar bem cedo, estremunhado às primeiras horas por um sol muito quente que foi descolando os refugiados do leito, arrancando-os lentamente das profundezas do sono. Um movimento disperso foi-se notando à medida que as pessoas acordavam e se levantavam amolecidas. Iniciavam o dia entontecidas do sono escasso, entre vagos murmúrios. Escutaram-se os sons esporádicos e tímidos das primeiras actividades matinais. Fizeram-se fogueiras, preparou-se o mata-bicho.

Uma boa parte dos homens e de algumas mulheres dormira ao relento, de qualquer maneira, no sítio onde caíra derrotada pelos estragos do álcool. A festa da noite anterior deixara as pessoas cansadas, a libertadora alegria da véspera dissolvera-se sem graça ao passar a euforia da aguardente, e um humor soturno tomava agora conta do acampamento. A manhã correu

vagorosa, sem grandes conversas. Pairava uma nuvem espessa sobre os espíritos desmoralizados, havia uma irritação latente e só a custo se contrariaram as pequenas embirrações que foram surgindo, instigadas pelo desconforto que todos sentiam. O padre Montanha ia pedindo paciência às pessoas, embora percebesse que a tolerância começava a esgotar-se e que ele próprio estava igualmente na disposição de acabar com o despropósito daquela situação insólita. Disse-o aliás, frontalmente, numa dura troca de palavras com o major Liberato Vaz.

— Temos de levar esta gente para casa.

— Vamos levá-la, evidentemente, a seu tempo levá-la-emos — respondeu-lhe o major que não gostava de ser contrariado, e o padre notou-lhe no tom um paternalismo de que não gostou. E Joaquim, que também tinha as suas telhas, irritou-se com o agastamento dele.

— Ó, major, que a levaremos sei eu, mas é agora, é «já»!

O major, espantado com o acesso do padre, piscou muito os olhos, e Joaquim pensou que aquele tique se estava a agravar.

— «Já», não é possível — retorquiu o major, seco.

— Pois eu digo-lhe que sim, que é possível e necessário. Este disparate já foi longe demais.

— Disparate, chama-lhe o senhor? Mas o que queria você? Que fizéssemos frente às tropas do Torre do Vale e que o deixássemos destruir a vila a tiro de canhão?

— Obviamente que não!

— Tem outra sugestão?

— Tenho.

— Ouçamo-la, então.

— Regressamos à vila, deixamos o povo ir para casa pacificamente e enfrentamos o governador-geral sem armas.

— E pomo-nos à disposição do mau génio do homem?

— Do mau génio, do bom génio, do que for, lá estaremos para assumir as responsabilidades de cabeça erguida.

O major fez-se escarlate, como se aquela ideia o embaraçasse, ou talvez esta fosse antes o início de uma fúria a inflamá-lo.

— De cabeça erguida?! De cabeça no cepo, quer o senhor dizer.

— Seja o que tiver de ser.

— Mas isso é suicídio, puro e simples!

*

A conversa morreu ali, entre resmungos, sem uma conclusão satisfatória. No entanto, o tabelião de notas, João José Gonçalves, de ouvido apurado e atento à intriga, apercebeu-se do debate e quis tirar partido dele, ansioso por recuperar algum do protagonismo recente que vinha definhando desde que o governador e o juiz Pereira da Silva haviam sido despachados a ferros para a capital. Os seus pares já não precisavam dele, pensava o pobre João José, melindrado por ter caído no esquecimento destes. Porém, o notário tinha as

suas prostrações, as suas misantropias, mas não por muito tempo. As frustrações não lhe deixavam sequelas, porque era inteligente e aguerrido e não se conformava com a derrota. Logo arrebitava, ganhava novo ânimo e voltava com uma determinação de ferro, muito agitado e pleno de ideias. Enfim, quando se lhe metia uma na cabeça era imparável.

Carlos António Fornazini pasmava-se para o arvoredo, sentado à entrada da tenda, meio dentro e meio fora, de cabelo em pé, adivinhando-se naquele carão acabrunhado uma noite difícil. João José Gonçalves foi até junto dele, afilando o bigodinho que lhe riscava o beijo, ponderando se o devia abordar. O italiano estava parado num torpor, como que hipnotizado, e não fez caso da presença do notário. João José Gonçalves passou a palma da mão para cima e para baixo, à frente da cara dele; Fornazini piscou os olhos, coçou a barba por fazer, com os dedos em garra, as unhas encardidas daqueles dias de selvagem, sentando-se na terra, dormindo no chão. Era um urso grande a acordar lentamente.

O notário sentou-se ao seu lado e ficou um momento a olhar com ele as palmeiras dispersas que se espriavam a perder de vista e que se tornavam a imagem de uma floresta compacta à distância.

— Passou mal a noite? — perguntou, finalmente.

— E quem é que consegue dormir bem quando se está acampado neste mato agreste? — resmungou Fornazini.

— Tem toda a razão. Estou para aqui que não me tenho com dores nas costas.

Carlos António não se compadeceu das dores do notário. Seguiu com os olhos o voo irritante de um mosquito que lhe rondava a cabeça, que lhe zumbia aos ouvidos. Ergueu as mãos muito devagar, esperou pelo momento certo e esmagou-o com uma palma brutal.

— Malditos mosquitos — rosnou, limpando as mãos às calças.

— As pessoas andam nervosas com isto tudo — comentou João José Gonçalves.

— Quem é que anda nervoso?! — perguntou Fornazini com brusquidão.

O notário teve um sobressalto, levou a mão ao peito.

— Calma, amigo — disse. — Foi só uma questãozinha entre o padre Montanha e o major Liberato Vaz.

— Que questãozinha? — insistiu o italiano, fuzilando-o com uns olhos inquietos.

João José Gonçalves contou-lhe, mas entusiasmou-se, apimentou um pouco a história. Via no padre uma determinação que, provavelmente, o iria levar a convencer as pessoas a regressarem à vila, achava que o padre estava pelos cabelos, capaz de perder a cabeça e de rachar alguém que o contrariasse. Como se, afinal, a questãozinha tivesse sido quase uma tragédia.

Justamente, o padre Montanha acabava de receber a notícia de que os últimos moradores na vila tinham fugido, quando da investida do governador-

geral que, ao sair com todos os efectivos, deixara irresponsavelmente a população indefesa e incapaz de resistir a uma invasão das tribos hostis que rodeavam Inhambane. Esta preocupante novidade acentuou a sua apreensão, e os esforços de Fornazini para o sossegar foram inúteis. Joaquim suspirava por Leonor, pelas crianças, imaginava horrores, via-os perdidos por esses matos bárbaros, a deambularem por entre perigos inconcebíveis. Quis partir imediatamente, ir procurá-los, organizar uma expedição de busca e de salvação!

— Acalme-se amigo. Vai ver que eles estão bem — disse Fornazini. Dera-lhe o braço, afastara-o uns metros do acampamento para poderem falar à vontade, sem alarmarem as pessoas.

— Como quer que estejam bem se abalaram para a outra banda de qualquer maneira, sem preparação, sem protecção?

— Provavelmente, chegaram já a Mongo e ficam ali soberbamente instalados. Não há que perder a cabeça. Sangue-frio, sangue-frio!

— Pois eu imagino o pior...

— *Ma non, ma non! Che dice?* Não diga isso!

Mas ele dizia, dizia e pensava. Não obstante a grande inquietação do padre, aquele impasse não se resolveria tão cedo, e muito haveriam ainda de penar os refugiados. Joaquim, apanhado entre a obrigação de ficar e a urgência de partir, deixou-se convencer pelo argumento final de Fornazini de que, mesmo que ele partisse, não teria maneira de alcançar a outra banda, pois não haveria uma lancha disponível nem o padre conseguiria passar pelos soldados do governador-geral. Ficou, mas com um sentimento de culpa e uma dor de alma por não saber nada de Leonor e das crianças, se elas estavam vivas ou mortas.

O governador-geral caminhou, angustiado, pela vila-fantasma em que se transformara Inhambane. Percorria as ruas vazias todos os dias, ao cair da tarde, aproveitava o ar mais fresco à hora do lusco-fusco para sair do ambiente sufocante do quartel e dar a sua passeata, respirar um pouco, espairecer a cabeça. Foi andando pela rua principal, onde não havia vivalma e o estranho silêncio da falta de vida, entrecortado pelo chiar sinistro das correntes da placa de um estabelecimento embaladas pelo vento, trouxe-lhe uma sensação desoladora. Torre do Vale olhou aquele cenário, abanou a cabeça, desconcertado, continuou o seu passeio em passos lentos, seguido à distância por dois praças armados com mosquetes. Os guarda-costas tornavam-se inúteis naquelas circunstâncias, evidentemente, mas esta era mais uma mania que ele não dispensava, porque se lhe afigurava que estes aparatos de grande estadista lhe conferiam solenidade, lhe engrandeciam o seu nobre estatuto.

Ia a morder um charuto e a pensar, com os seus botões de lata dourados, que tinha de reconhecer necessariamente que a população de Inhambane lhe dera já uma lição de coragem e de determinação admiráveis. Com efeito, ao permanecer estoicamente no seu reduto no mato, sem uma queixa e sem uma palavra de apaziguamento, os moradores haviam estabelecido os termos do conflito. Torre do Vale sentia-se encalacrado, pois como podia ele negociar, fazer exigências, em suma, resolver a questão cedendo algo mas ganhando outro algo, se os refugiados se recusavam a dialogar? Era de mestre, atentou. Pensara que os moradores não sobreviveriam três dias inteiros no sertão, que regressariam num ápice, humildes e destroçados, apelando à sua misericórdia; mas este fora um erro crasso de avaliação, porque os refugiados pareciam dispostos a eternizarem-se no interior e a deixá-lo para ali, dono e senhor de uma vila deserta, até se cansar e se ir embora.

*

Estava Torre do Vale imerso nestas consternadoras cogitações quando se deparou com um fenómeno espantoso. Uma revoada de poeira vermelha elevou-se subitamente do chão e, em segundos, começou a girar furiosamente com um vento fortíssimo, formando-se um pequeno tornado mesmo à frente dos seus olhos arregalados. O governador-geral, secundado pelos praças, estacou no meio da rua, estarrecido com o que via a escassas dezenas de metros. O torvelinho de poeira, ruidoso e ameaçador, avançou na sua direcção como se fosse um monstro capaz de o engolir a qualquer instante. Os soldados que o guardavam deitaram a correr em pânico, mas Torre do Vale, paralisado com aquela fantástica visão, não se moveu.

Alguma sorte lhe coube nesse dia, porque, no último momento, o tornado virou de direcção com violência e desapareceu atrás de uma casa, indo

provavelmente dissipar-se algures nos campos abertos ou no mar.

O governador-geral compôs a farda com dignidade, fumou o seu charuto, mais curioso do que realmente assustado, deixou escapar um resmungo de espanto, voltou para trás. E já caminhava tranquilo para o quartel quando lhe saíram ao caminho, espavoridos, os seus oficiais e os praças que o tinham abandonado.

— Vosselência está bem?! — perguntou-lhe o primeiro oficial.

— Perfeitamente — respondeu, passando por eles impávido e continuando a andar.

— Diz que enfrentou um tornado — afirmou um deles, seguindo-lhe os passos.

O governador-geral fez um gesto de desdém.

— Já não me falta ver nada nesta terra estranha — confessou.

*

Aquele peculiar incidente do tornado, de tão insólito, haveria de se tornar lendário e de contribuir para fortalecer a boa reputação do governador-geral que, não tendo feito mais do que comandar uma expedição inútil a uma vila-fantasma, veria contudo a história dessa expedição ser narrada de boca em boca, com pormenores cada vez mais fantásticos e nos quais ele surgiria com a aura de herói que travava grandes combates com o vento indómito. Justamente mais tarde, no sossego da noite, os oficiais concentravam-se gravemente numa partida de cartas, à volta de uma mesa de vício, para enganarem o tédio, e Torre do Vale, que ao convite deles para jogar rosnara uma recusa, afundava-se pensativo num sofá em ruínas, abstraído do rumor das cartas, quando teve uma epifania e caiu em si. O tornado era, definitivamente, um sinal! Compreendeu então que não podia continuar a eternizar-se naquela terra inóspita, onde as coisas mais terríveis podiam acontecer a qualquer momento e sem se poderem prever. Ao invés do que acreditara, o tempo favorecia os refugiados porque só sublinhava a impotência do governador-geral para decidir o conflito, e quanto mais tempo ele ali ficasse maior seria a probabilidade de se darem ocorrências nefastas e imprevistas.

Era agora evidente para Torre do Vale que não tinha nada a que se agarrar, não restava nada que lhe permitisse ganhar vantagem, uma vez que os refugiados não saíam do mato e, estando protegidos pelos guerreiros bitongas e landins, seria impossível obrigá-los a fazerem-no. Ainda há dias enviara um estafeta com nova promessa de indulto, e os moradores haviam renovado a súplica para que o alargasse a todos sem excepção. Ocorreu-lhe, desanimado, que a sua autoridade pouco valia, porque não havia ninguém para lhe obedecer. Sabia-se vencido, mas, como não podia sair de Inhambane de cabeça baixa, não o admitiria. Não se retiraria com o seu exército como um general derrotado, isso nunca; antes, como um pai compassivo. Era a única saída, ponderou encerrar o assunto com larga magnanimidade. Sim, a indulgência soava-lhe bem, pois era uma prerrogativa dos poderosos. O

indulto seria geral e os responsáveis pela revolta admoestados com uma censura, uma humilhação por escrito. Ora, aí estava uma solução sensata; enfim, a possível.

Ergueu-se do sofá. Os oficiais suspenderam a partida de cartas, voltaram-se debaixo da nuvem dos seus charutos e aguardaram que ele dissesse algo.

— Vamo-nos embora amanhã, regressamos à Ilha. Este assunto está resolvido, e aqui já não fazemos nada — disse. Depois, pareceu-lhes suspender um pensamento que não chegou a dizer, dispensou-lhes um aceno vago, um breve sorriso desanimado, no rosto pálido e cansado, e foi dormir.

Os oficiais olharam uns para os outros, estupefactos, sem compreenderem como se resolvera o conflito por si só, mas, conhecendo o governador-geral tal e qual o conheciam, sabiam que ele iria repetir insistentemente aquela sua conclusão fantasiosa até esta se tornar uma verdade insofismável.

*

Mesmo sem condições dignas, o acampamento dos refugiados fora melhorando a olhos vistos com a habilidade de todos. Já se abatera uns troncos a golpes de machado e, progressivamente, ia-se substituindo as tendas de lona por toscas cabanas de paus e de palha, servindo agora as lonas para cobrirem o chão. Havia uma improvisada cozinha comunitária, onde se mantinha o lume aceso entre círculos de pedras e se preparavam as refeições em panelões fumegantes. As mulheres organizaram-se para esta tarefa, bem como para lavar a loiça e a roupa, pois conseguira-se aumentar o armazenamento de água em recipientes, trazendo-a de um ribeiro próximo. A segurança também fora aperfeiçoada pela construção de barricadas e de sebes em redor do acampamento. A gestão do campo estava entregue a Carlos António Fornazini, ao major Liberato Vaz e ao padre Montanha, coadjuvados pelos vereadores e por João Caetano Dias.

Nessa manhã, no entanto, as actividades normais foram interrompidas pela chegada de um estafeta que trazia a boa notícia de que o governador-geral consentira, finalmente, no indulto para todos e de que a força expedicionária já se preparava para partir de Inhambane. O anúncio foi recebido com grande regozijo, as pessoas abraçaram-se, gritaram e riram-se como se fossem tolas, aliviadas com a perspectiva feliz de regressarem a casa imediatamente e de retomarem as suas vidas no ponto em que as haviam deixado.

— Agora sim, podemos levar esta gente para casa e em segurança — afirmou, triunfante, o major Liberato Vaz, dando uma palmadinha amigável nas costas do padre.

— Já não era sem tempo — disse Joaquim com um suspiro.

— Tem razão, mas ganhámos, e evitou-se uma tragédia.

— Espero que sim, espero bem que sim... — afirmou como desabafo da aflição que lhe queimava a alma, pensando em Leonor e nas crianças, imaginando-as perdidas na selva.

— Não desespere, meu amigo. Estamos no mato, mas aqui tudo se sabe. Se lhes tivesse passado algum dissabor já nos teria chegado a notícia. Neste caso,

no news is good news!

— Pois sim, mas eu só descanso quando tiver a certeza.

*

Carlos António Fornazini ergueu o seu vozeirão autoritário para se fazer ouvir sobre a algazarra festiva que atravessava o campo:

— Amigos, levantemos o acampamento que esta noite dormimos em casa!

Um clamor colectivo saudou a declaração do italiano, e iniciaram-se logo os preparativos para a viagem de regresso à vila. No entanto, ainda demorariam algumas horas antes que os refugiados estivessem em condições de se fazerem ao caminho. Havia que recolher os parcos bens de todos, carregar os *tchova*, os carros, aparelhar os animais, assegurar as condições de transporte aos velhos e às crianças mais pequenas, e tudo isso demoraria uma infinidade de tempo, mais do que Joaquim, na sua impaciência transbordante, estava capaz de aguentar. Notava-se-lhe um exaspero crescente nos modos bruscos com que procurava ajudar toda a gente, «empurrando» as pessoas, apressando-as com rabugice. Fornazini percebeu que era preciso fazer alguma coisa, impedi-lo de «ajudar» as pessoas e libertá-lo do fardo do desespero que lhe consumia visivelmente as entranhas. Chamou João Caetano Dias de parte, pediu-lhe que escolhesse dois cavalos velozes e que escoltasse o padre à frente.

— É necessário que ele chegue o quanto antes a Inhambane, e eu só confio em si para o levar em segurança — disse-lhe.

*

Chegaram a tempo de vislumbrar o *D. João de Castro* e o *Xac-Alam* ao largo, a içarem as velas, a dirigirem-se lentamente para a saída da baía, a fazerem-se ao mar alto. A força expedicionária partia com pressa e nem esperara pelo regresso dos refugiados. No fim, o governador-geral ia-se embora sem ver o rosto aos moradores revoltosos que o tinham trazido a Inhambane. O padre Montanha e o João Caetano Dias entraram na vila, a meio da tarde, e percorreram a trote as ruas abandonadas, depois de uma cavalgada infernal debaixo de um sol impossível. Os cascos dos animais ressoaram na terra ressequida, nas paredes caiadas das casas vazias. Joaquim esporeou o cavalo num último esforço. Dirigia-se a casa na esperança de encontrar um bilhete de Leonor, uma informação que ela pudesse ter deixado sobre o seu paradeiro, enquanto João Caetano Dias, por instrução dele, ia ao porto ver se restara alguma lancha que eles pudessem utilizar para atravessarem a baía. Embora muito cansado da viagem, Joaquim pensou que a jornada ainda estava longe de acabar. Teria de continuar para a outra banda, de os encontrar antes do pôr-do-sol.

*

Desmontou à porta de casa, correu para dentro, irrompeu numa ânsia, acudiu ao quarto com o intuito de vasculhar entre a papelada da secretária um recado rabiscado à pressa por Leonor antes de partir. *Deus queira que ela se*

tivesse lembrado, pensou. *Deus queira...* Remexeu a papelada com os dedos trémulos de tanta angústia que lhe impedia de ter gestos precisos. Então, não achando ali qualquer pista de Leonor, perdeu o controlo dos nervos e arremeteu com o braço contra a secretária, varrendo-a de um golpe e fazendo voar papéis pelo quarto, num ímpeto que não foi suficiente para lhe amainar a frustração.

Sentou-se na cadeira com a cabeça enterrada entre as mãos, os cotovelos espetados nos joelhos, as costas vergadas, um peso que lhe esmagava a consciência. Em tantos anos de vida, nunca experimentara tamanha aflição, mas não desistiria agora, não podia desmoralizar nem entrar em pânico. Haveria de os encontrar, pensou, claro que haveria de os encontrar, só precisava de uns segundos para serenar e organizar as ideias. Viera o caminho todo a rezar e retomou agora de memória uma pequena oração que tinha a virtude de o acalmar e de lhe devolver o raciocínio inteligente. Tombou assim num silêncio reverente, em recolhimento espiritual. Pelas gelosias, uma luz frouxa ia morrendo no soalho encerado, carregando o quarto de um peso sombrio. Fora, ouviu-se o riso alegre de uma criança a brincar, passinhos apressados a baterem na tijoleira. Joaquim levantou a cabeça à escuta, perguntando-se se ouvira bem! Outra vez lhe chegou o rumor das gargalhadinhas agudas de petiz.

Correu do quarto, pelo corredor, atravessou a sala, despontou de rompante no alpendre e ali estava o pequeno Luiz, o seu bebé, feliz e sorridente. E por perto Eugénia, senhora dos seus nove anos, vigiando o irmão. Joaquim assentou um joelho no chão, abriu muito os braços, envolveu os dois, beijou-os com os olhos turvos de uma emoção.

— Oh, meninos, os meus meninos estão bem, estão lindos! — balbuciou, apertando-os contra si.

O pequenino riu-se, bracejou, esquivou-se dele, fugiu-lhe para longe a gritar «não me apanhas, nan, nan, nan!»; a irmã não se mexeu, não reagiu, teve apenas um sorriso embaraçado, desconfiada de tamanha manifestação de carinho do senhor padre, de quem se habituara a receber só um tratamento amistoso mas austero.

Leonor surgiu pelo caminho, entre os canteiros floridos, vinda das traseiras de banho acabado de tomar, fresca, com manchas de água no vestido colocado sobre a pele ainda molhada do duche, a esfregar o cabelo húmido com uma toalha. Parou ali com um largo sorriso de surpresa, radiante por o ver.

— Ó, rapariga, tu aqui? Fazia-te na outra banda, perdida no mato! Se tu soubesses a minha aflição.

— O senhor padre disse para nós não sairmos de casa — disse ela, simplesmente, recordando-lhe as instruções que ele lhe dera antes de partir com os refugiados.

— Bem sei, mas como foram todos...

— Nós não, nós ficámos.

— Isso vejo eu! — exclamou Joaquim, com os olhos ainda brilhantes de

viva comoção. — E que bem que fizeram. Nem imaginas o meu alívio, a minha alegria de vos ver. Já me preparava para tomar uma lancha e ir à vossa procura.

Foi até junto dela, segurou-a pelos ombros com as mãos grandes, mas refreou-se para não a abraçar, não a beijar, porque Eugénia continuava ali, observando tudo, e eles nunca tinham intimidades à frente dela, nem sequer um gesto de carinho.

*

A noite veio morna, e o padre aguardou refastelado na *chaise longue* do alpendre pelo jantar tardio que Leonor preparava na cozinha, a gozar o céu resplandecente com as suas estrelas muito cintilantes, e aquilo parecia-lhe o paraíso; Joaquim não imaginava maior alegria do que vir encontrar todos de perfeita saúde e recuperar, enfim, os pequenos confortos do lar: a sua cadeira, o seu jardim, o sentir nas narinas o apetitoso aroma de um prato caseiro, pairando da cozinha com uma promessa saborosa, misturando-se no ar perfumado das alfazemas. O que mais poderia um homem pedir da vida, além destes singelos e preciosos bocadinhos de felicidade?

Eugénia surpreendeu-o no seu remanso, ao chegar-se junto dele, ao sentar-se direitinha à beira da cadeira e ao olhá-lo nos olhos com uma expressão penetrante.

— Então, já vais dormir, Eugénia? — Foi a pergunta que lhe ocorreu para espantar a perturbação daquele silêncio inquisidor dela. Eugénia nunca o procurava, porque, embora ele cuidasse atentamente da sua educação e do seu bem-estar, sempre mantivera com ela uma relação distante. Contudo, Eugénia ignorou a pergunta dele.

— És o meu pai? — perguntou-lhe de chofre. Era a primeira vez que ela não o tratava por senhor padre, e logo para quebrar um tabu com aquele desassombro.

Joaquim replicou-lhe com um improvisado vago e pouco convincente, pois, embora receasse há muito aquele momento e já tivesse antecipado muitas explicações plausíveis, não lhe acudiu nenhuma, agora que ele tanto precisava.

— Eu sou o padre de Inhambane, Eugénia, e por isso, de certa maneira, sou uma espécie de pai para todas as pessoas desta terra. Quem me conhece pode vir falar comigo dos seus problemas ou pedir-me um conselho sobre alguma preocupação que tenha. E tu, minha menina, mais do que ninguém, podes vir falar comigo sobre tudo o que quiseres. Estarei sempre ao teu lado para te ajudar, está bem?

— Mas podes ser o meu pai? — insistiu ela com uma candura desconcertante. Joaquim sentiu que se lhe partia o coração e abraçou-a cheio de ternura pela segunda vez nesse dia diferente.

— Podes ver-me como teu pai, sim — disse. E foi o mais próximo que chegou de oferecer a Eugénia a verdade que ela tanto queria ouvir. Pesou-lhe um remorso, mas consolou-se com a certeza de que, um dia mais tarde,

quando ela pudesse entender o motivo da sua reserva, ele haveria de ser mais sincero e explicar-lhe claramente a situação deles.

Noite dentro, já as crianças dormiam, Leonor deslizou pela casa, descalça, sem se fazer ouvir, e penetrou na escuridão do quarto de Joaquim como uma sombra silenciosa, aproximando-se da cama, deixando cair, aos pés, o pano étnico que a cobria e revelando-se nua e pronta para ele. Não combinaram nada, e nem foi preciso, pois, antes de entrar na cama, Leonor já sabia que o ia encontrar à espera dela, despido por baixo dos lençóis. E assim foi. Joaquim aguardava-a deitado de costas, de olhos fixos no tecto, e logo a abraçou com uma ânsia, um desejo febril, querendo-a toda para si, quase a abafando debaixo do seu corpo enorme. Nem uma palavra trocaram, só os beijos sôfregos de uma saudade que tinham fingido não sentir diante das crianças, e lutaram um com o outro, ele prendendo-lhe as mãos pequenas com uma das suas e ela enlaçando-o pela cintura com as pernas fortes, bruscas no amor, desejando intensificar o prazer com uma violência benévola, retomando um jogo que tinham aperfeiçoado com cuidados de amantes em tantas batalhas de cama e que lhes fazia lembrar sempre a primeira vez. Finalmente saciados, depois de uma madrugada sem tréguas, Leonor deixou-o a dormir, enrolou-se no pano e saiu ao de leve do quarto para ir acordar na sua cama.

*

Pela manhã, o padre Montanha foi abrir a igreja bem cedo. Nas últimas semanas, no sertão, celebrara o ofício divino em grandes missas campais em que toda a população participava e que tinham tido a virtude de unir as pessoas e de fortalecer os espíritos. Com efeito, Joaquim nunca tivera missas tão concorridas como essas no acampamento. Na desdita, as pessoas procuravam Deus, refugiavam-se no sobrenatural, constatara ele, comovido com a prova de fé dos refugiados. Porém, agora que as ruas de Inhambane se alegravam novamente com um movimento regular, Joaquim voltou a celebrar a missa apenas para as beatas do costume, «as clientes habituais», como ele dizia por brincadeira.

*

De viagem para a capital, o governador-geral aproveitou o tempo livre a bordo para redigir um relatório cuidado que haveria de enviar para Lisboa. Embora tivesse dado largas voltas ao texto para justificar o injustificável e para chegar à conclusão inverosímil de que a expedição tinha sido um êxito, a pena tortuosa de Torre do Vale cuidou de descarregar em Loureiro e Pinho todas as culpas por uma má gestão da crise que, escreveu, o obrigara a corrigir posteriormente com grandes encargos para a Coroa. E no entanto, ele não conseguira num mês e pouco em Inhambane melhores resultados do que o governador interino em bem menos tempo e sem um exército às ordens. Em contrapartida, esta missão a Inhambane teve consequências históricas, pois alertou o ministro do Ultramar para a tendência beligerante dos militares e, dois meses depois, o governante não só substituiu Torre do Vale como nomeou, pela primeira vez, um juiz para o cargo de governador-geral de

Moçambique. Este, mais vocacionado para a administração local, não teria tanto a tentação das armas para resolver todos os problemas da colónia, como acontecera com a generalidade dos governadores anteriores.

*

A pena revanchista de Torre do Vale não poupou igualmente o padre. O governador-geral despejou todo o seu ressentimento numa carta maledicente, dirigida ao ministro, na qual se referiu à vida privada de Joaquim com palavras brutais:

Só direi a V. Ex.^a que dos costumes do padre vigário Joaquim de Santa Rita Montanha tenho muito más informações que, infelizmente, ele acabou por confirmar, aceitando o lugar de presidente de um governo filho de revoltosos actos.

Não obstante, o padre nem sequer foi visado nas investigações que se seguiram. Dois anos antes, Joaquim fizera valer as décadas de sacrifícios em prol de Inhambane e em especial da nova igreja que, por sua teimosia, se ia erguendo pedra a pedra, com a certeza de perpetuar Portugal naquela terra de Deus, mas também da Coroa. Estes feitos de grande relevância foram levados à corte por um íntimo com boas influências, e logo a rainha propôs a admissão do padre Montanha na Ordem de Cristo. Uma vez nomeado com o grau de Cavaleiro, Joaquim começou a receber uma tença, a renda anual a que tinha direito e, ademais, ganhou o prestígio e a honra que o traziam imune aos incómodos judiciais. Torre do Vale, evidentemente, não o afrontou com o inquérito. Joaquim não foi importunado e guardou para si aquela fugaz passagem pelo governo e os dias de bivaque no sertão como uma bela aventura que ele valorizaria como tantas outras experiências insólitas com que Moçambique o surpreendera. Mas Joaquim não podia supor que a maior aventura da sua vida de colono e de missionário estava ainda para acontecer.

VIAGEM AOS HOLANDESES

Um ano mais passou, assim como outros quatro, e a vida correu sem percalços. As quezílias militares, os cercos das aterrorizadoras mangas de guerreiros do malévolo rei de Gaza dissolveram-se simplesmente, sem se concretizarem as promessas de tragédia que aqueles tremendos movimentos de tropas, além do mau humor do irascível Manicusse e dos desentendimentos dos europeus com outras tribos brutais, faziam supor. Mesmo o chefe Mahuntse dos makwakwas, perseguido pelas hordas angunes, que acampara durante anos nos limites de Inhambane, com a sua numerosa família e os seus três mil súbditos, tinha partido há muito com a sua gente, a procurar uma terra nova onde se estabelecer.

Entrou-se em 1855, e o mês de Maio trouxe a Inhambane Bangalasse, um súbdito do régulo Chivandane do Alto Limpopo. Bangalasse vinha da parte dos bóeres de Zoutpansberg — uma localidade que ficava a muitos dias de viagem, lá para o interior do sertão —, incumbido de entregar aos portugueses uma carta que os holandeses lhes enviavam. O governador Jacinto Henriques de Oliveira, que sucedera a Loureiro e Pinho, almoçava com a mulher quando lhe vieram anunciar o estafeta Bangalasse. O governador atirou contrariado o guardanapo para cima da mesa, levantou-se, foi pelo corredor até às traseiras da casa saber o que lhe queria esse extraordinário preto, tão desusado de se ver por aquelas bandas.

Estava-se, então, no dia dezanove e, motivado pela inesperada iniciativa dos bóeres, o governador Oliveira convocou um adjunto para o dia seguinte pelas onze horas. Mais conciliador do que os seus predecessores, o governador Oliveira tinha o hábito de se reunir com os moradores mais influentes para debater com eles as decisões mais importantes.

*

O adjunto, na larga sala da casa do governador, contou com trinta personalidades da terra. Lá estava o padre Montanha com todo o peso da batina negra nas opiniões que ditava, o «padrinho» Vicente Tomás dos Santos, gordo e mole nos seus modos lentos de patriarca ponderado, Carlos António Fornazini, que agora exhibia a autoridade de presidente da Câmara, o major Liberato Vaz, cada vez mais reformado mas ainda atento ao que se ia dizendo, João Caetano Dias, de raciocínio rápido, ganhando experiência nos jogos políticos, Francisco António Rangel que era o capitão-mor das terras, e também o subdelegado do procurador régio, o comandante dos mouros da vila, um representante dos comerciantes hindus, os membros da Câmara, nos quais se incluía o irrequieto João José Gonçalves, vários proprietários endinheirados, mais uns quantos notáveis e alguns oficiais do exército. O último da lista era o alferes às ordens António de Sousa Teixeira. O

governador Oliveira abriu a reunião.

— Como já deve ser do conhecimento geral, ontem apareceu-me à porta um estafeta do régulo Chivandane com uma carta dos bóeres da colónia de Zout... Zout... Zoutpansberg! Irra, que estes holandeses têm nomes de bradar aos céus. Bem, adiante! Os bóeres solicitam a ida de uma pessoa branca ao Transval para tratarem de combinar um acordo comercial.

Houve um rumor de viva admiração. Era uma surpresa, enfim, já se sabia que esta comunidade de bóeres, que residia ali desde 1848, pretendia estabelecer uma ligação comercial com a costa oriental que não era controlada pelos ingleses. Mas até agora, esta havia tentado sem êxito chegar com os seus grandes carros de bois a Lourenço Marques que, aliás, era só o presídio, enquanto Inhambane tinha uma alfândega e, claro, as notícias corriam.

— Provavelmente, ouviram falar da nossa alfândega — disse o governador Oliveira.

Era possível, concordaram, até porque já por ali tinham passado outros holandeses do Transval, embarcados nos navios que percorriam a costa e que escalavam Inhambane. Carlos António Fornazini declarou logo que a missão era do interesse dos moradores.

— É uma oportunidade — disse. — Há seis anos que o nosso comércio tem vindo a diminuir. Lembrou a hegemonia de Manicusse entre as tribos da região e, dominando já a reunião com a sua voz trovejante e os seus gestos bruscos, o italiano entusiasmou-se e fez uma análise da situação económica. Em suma, disse que o rei de Gaza controlava as vias comerciais enquanto os holandeses controlavam Manicusse e, por via disso, faziam extenso comércio de géneros cafreais com Porto Natal e com outros estabelecimentos ingleses do Cabo da Boa Esperança. Ora, o que eles tinham ali era uma possibilidade de desviar as trocas comerciais dos bóeres para Inhambane e, ao mesmo tempo, sujeitar o régulo angune. Ainda para mais, lembrou, tinham a facilidade de contarem com o apoio do português João Albasini, casado com uma holandesa e que vivia na colónia.

— Supimpa! — exclamou João José Gonçalves. No entanto, ninguém o ouviu, porque se levantou um debate, e enquanto uns apoiavam incondicionalmente Fornazini, outros viam perigos nessa empresa que o italiano dava como um sucesso garantido. O próprio governador tinha as suas objecções.

— Os holandeses mantêm o Manicusse em respeito, coisa que nós nunca conseguimos e, decerto, vão procurar impor-nos também a sua vontade — disse.

— Eles lá e nós cá! — elevou-se uma voz indistinta no meio da plateia. A reunião prosseguia e o padre Montanha interveio.

— O Fornazini tem razão, é necessário irmos a Zoutpansberg.

— É uma missão arriscada — avisou o governador Oliveira.

— Ainda assim.

— Como chegamos lá?

— Da mesma maneira que o Bangalasse chegou cá.

— É diferente, como sabe — disse João Caetano Dias. — Um de nós passar por essas tribos hostis que há pelo caminho e chegar vivo ao Transval, só por milagre.

— Em Inhambane, fazemos milagres todos os dias — retorquiu o padre, cáustico.

— Não digo que não, não digo que não... — contemporizou João Caetano Dias.

Discutiu-se ainda bastante. O padre Montanha sempre a insistir que se aceitasse o convite dos bóeres, refutando um a um todos os obstáculos, e Fornazini secundando-o já irritado, muito vermelho, pingando suores, limpando o rosto com um lenço.

Vicente Tomás dos Santos ergueu ligeiramente a mão, e as conversas morreram, caiu um silêncio reverente.

— Meu caro Fornazini, o amigo está carregado de razão. O nosso comércio definha, é preciso fazer alguma coisa e, ao contrário das cautelas que aqui ouvimos hoje, nós não devemos recear o domínio dos holandeses porque eles já dominam de facto.

— Apoiado! — exclamou Fornazini, e deu uma forte palmada na perna, enquanto se levantava outra vez porque era incapaz de ficar quieto muito tempo. — Então, está decidido, vamos! — precipitou-se, pondo o carro à frente dos bois como era seu hábito.

O governador Oliveira não o permitiu.

— Temos de votar — disse. — Se a maioria não concordar, o assunto morre aqui.

Carlos António abateu-se na cadeira, resfolegou. Exasperavam-no os tiques democráticos do governador, mas as pessoas votaram. Uma confortável maioria concordou com a missão. Restavam os aspectos práticos, e o governador Oliveira decretou que se faria uma subscrição entre os moradores para as despesas da viagem e, finalmente, nomeou o capitão-mor das terras, Francisco António Rangel, enviado de Inhambane a Zoutpansberg. Este claudicou.

— Não é que não esteja disponível, evidentemente, se não fossem uns assuntos urgentes que me prendem aqui... — disse.

— Que assuntos?! — atirou Fornazini, indignado, a pensar que o outro se acobardava.

— Coisas minhas, coisas minhas...

Ao vê-lo naquele embaraço, o padre Montanha teve pena do homem, disse que assim não, que era forçoso encontrar alguém que estivesse de corpo e alma na viagem.

— E para o que se pretende fazer é de toda a conveniência que vão duas pessoas. Uma só poderá desistir a meio por moléstia ou por outro motivo e, nesse caso, sempre alguém há-de ir adiante — acrescentou o padre, mas, de qualquer forma, pensava que as pessoas que fossem na viagem deveriam

acreditar e empenhar-se totalmente no objectivo de se chegar ao Transval. E toda aquela gente pensou o mesmo, que o padre fora quem mais defendera que se realizasse a missão. A sala inteira olhou para ele significativamente; Vicente Tomás dos Santos dirigiu-lhe um sorriso de inevitabilidade, Fornazini, encolhendo os ombros, pensava, «pois, é uma fatalidade». O padre então abriu muito a boca e, antes de falar, já estava de indicador no ar a dizer que não.

— Não, não, não, não, nem pensem nisso!

Mas alguém na sala perguntou ao padre se ele seria capaz de ir onde estavam os holandeses.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida — respondeu de imediato.

*

A partida ficou aprazada para dali a três dias. Em alternativa ao capitão-mor das terras, foi nomeado o alferes António de Sousa Teixeira. O oficial, ajudante do governador Oliveira, apesar dos seus escassos vinte e dois anos, tinha boa fama e algumas vantagens, pois, já em 1853, fizera uma viagem à capital de Gaza para negociar com o régulo Manicusse, o que lhe conferia a experiência do sertão. Ademais, era mulato e falava bem o landim e o gitonga de Inhambane, e sabia escrever. Não obstante, Joaquim foi incentivado com muito entusiasmo na reunião e, ao fim do dia, Fornazini foi ver com ele a tarde morrer em quentes laranjas do alpendre, defronte do jardim das alfazemas, e percebeu que o padre ainda se debatia com uma tentação pela aventura, se mordida todo para aceitar o convite.

— Está-se bem aqui, em Inhambane, mas sempre é uma missão histórica. Vale bem todos os incómodos — disse.

Fornazini reconheceu que, realmente, quem a completasse seria um herói e já teria, pelo menos, um pequeno lugar na História.

— Uma estátua? — aventou o padre, olhando-o de lado com o sobrolho levantado numa interrogação esperançosa.

— Uma estátua, porque não? Uma estátua, uma salva de canhões, a fanfarra, a rainha agradecida, a festa toda! Por menos, já se ergueram outros monumentos a muitas cavalgadas.

— É bem verdade, e aqui temos nós a preparar-se uma bela aventura, um belíssimo desafio.

— Mas já não é coisa para nós, não é, não é... Comporta grandes sacrifícios, muita resistência, é para jovens como o alferes Teixeira. Esses, sim, aguentam tudo. E, assim vemos como nós vamos caminhando para velhos, meu amigo. Uma missão destas exige muito músculo.

— E sabedoria — murmurou o padre.

*

De manhã, ao pequeno-almoço, de olhos hipnotizados no espaço, Joaquim contemplava absorto, pela porta envidraçada da cozinha, as crianças a brincarem no jardim. Tinha uma ideia fixa na cabeça. Leonor andava em volta dos tachos, descalça, conseguindo essa admirável proeza de não fazer um

ruído porque ele se punha de mau humor. Sentado à mesa de grossa madeira de embondeiro, a ruminar um pedaço de pão com uma ruga na testa, Joaquim ouviu-se a verbalizar o pensamento persistente que o incomodava.

— Se eu fosse uns dias para fora, tu ficavas bem?

Leonor, de costas para ele, cortando batatas para uma panela com água a ferver ao lume, respondeu-lhe com a simplicidade indulgente que ele lhe conhecia.

— Se o senhor padre tem de ir para fora, vá. Eu fico bem, sim.

— Poderia demorar-me mais de um mês, dois no máximo — disse.

Ela quedou-se um instante a realizar dois meses sem ele. Depois encolheu os ombros, naturalmente.

— Eu espero.

Partiram de Inhambane a vinte e cinco de Maio, dois dias mais do que se havia planeado no adjunto, pois os homens tinham-se atrasado nos preparativos. O padre Montanha aceitara enfim tomar parte na aventura e, convidado para chefiar a missão, recebera por escrito as instruções do governador:

1.º A comissão é composta do muito reverendo padre vigário, Joaquim de Santa Rita Montanha, e do meu ajudante de ordens, alferes António de Sousa Teixeira, os quais reciprocamente combinarão sobre tudo o que disser respeito à mesma comissão, bem como o melhor modo e maneira de seguirem o seu caminho, procurando evitar obstáculos, a fim de se não tornarem suspeitos nas povoações cafreas por onde passarem, devendo, desde o dia em que saírem desta vila, abrir um itinerário no qual, minuciosamente, vão assentando tudo quanto acharem de notável.

2.º Se, por qualquer circunstância, algum membro da comissão, ou ambos, não puderem seguir seu caminho, ou se forem, por força maior, obrigados a voltar para trás, farão com que o portador da correspondência da colónia holandesa siga o seu caminho com as cartas para o cidadão português João Albasini, cumprindo toda a diligência para que este portador, iludindo todas as vigilâncias dos cafres do sertão, se ponha em fuga e vá ao seu destino dar notícia das circunstâncias que ocorreram. Se um membro da comissão adoecer e se não puder seguir, o outro continuará a marcha.

3.º Chegando à colónia holandesa, a comissão procurará o cidadão João Albasini e, tratando com ele, será apresentada ao governador da colónia, a quem entregará o ofício que leva consigo para se combinar a melhor maneira de se comerciar com Inhambane, além dos caminhos mais curtos, desviando-se dos sítios onde a mosca venenosa estraga as cavalgadas e, enfim, a necessidade de pôr o sertão do Manicusse em respeito para que se possa transitar livremente, sem que os negros pratiquem roubos como costumam, visto que a estrada pelo caminho do Manicusse é, sem dúvida, a melhor e a mais vantajosa.

Quartel do Governador de Inhambane, 23 de Maio de 1855.

Jacinto Henriques de Oliveira, major e governador.

*

Fizeram-se ao mar na *Gasta Dinheiro*, a maior lancha do padre, para noroeste, rumo a Chicuke, na outra banda. Com o padre e o alferes Teixeira, os únicos europeus, seguiam um cabo de esquadra e quatro soldados da companhia de infantaria de Inhambane, bem como o estafeta Bangalasse, um companheiro seu, dezassete escravos do padre e dois do alferes. Destes auxiliares, havia dez que levavam armas de fogo do padre, por ele

municipiadas. Finalmente, ia ainda um cabo das terras com a missão de recrutar os carregadores de que a comitiva necessitaria para transportarem a bagagem.

Acostaram ao meio-dia no sítio de Chicunque, para embarcarem mais dois landins, também companheiros de Bangalasse, e seguiram viagem por mais três horas de águas calmas, para norte, ao longo da costa, até chegarem ao palmar de um português conhecido que lhes ofereceu de comer e uma palhota onde pernoveram. Nessa noite, antes de dormir, Joaquim juntou-se ao alferes Teixeira que se entretinha a compor com um pau as achas de uma fogueira que já ardia bem e que ajudava a passar o tempo e a afastar os mosquitos sanguinários. Acendeu na fogueira um charuto e ali ficou a fumar, enquanto conversavam sobre o que lhes aguardava nos dias seguintes e sobre a surpresa de estarem ali acampados, no início de uma aventura que eles nem sequer tinham imaginado.

— Não há como as noites em África — comentou, finalmente, contemplando o céu aberto e estrelado. — Na Europa não se vê um céu assim.

— É o único que conheço — disse o alferes Teixeira. — Nunca pensei que houvesse outro diferente.

— Mas há, um bem mais acanhado, em Lisboa. Havia você de ver, tem ruas tão estreitas que só se espreita o céu a custo.

— Não creio que vá algum dia a Lisboa.

— Até eu também já duvido de que lá volte — disse Joaquim com uma nostalgia. Tinham pela frente um desafio impossível e não haviam sido poucos os que aventaram a possibilidade de não chegarem vivos ao fim. Existiam as armadilhas do sertão, a ameaça da doença e, sobretudo, a oposição mortal dos vátuas e das tribos avassaladas do régulo Manicusse, demasiados obstáculos a enfrentar com optimismo. No entanto, se havia em Inhambane homem de coragem e de determinação, esse homem era o padre Montanha que, firme e correcto nas suas convicções, podia ir ao fim do mundo sem desmoralizar. E essa vantagem jogava a seu favor.

*

De manhã, aproveitaram a hora da enchente, pelas onze e meia, para retomar a viagem até Morrumbene, um pouco mais acima na costa, aonde chegaram em trinta minutos. Ali ficariam cinco dias, em esforçadas diligências, para comprarem mantimentos e convencerem os régulos locais a dispensarem os carregadores de que necessitavam. Mas estes negavam-se, com o argumento terminante de que já haviam dado gente sua para serviço do capitão-mor. Sentaram-se no chão, à frente da sanzala do chefe Mogumbú, na presença do secretário do régulo Mogoga. As negociações arrastaram-se com uma penosa sensação de inutilidade. O padre Montanha falava, o alferes Teixeira traduzia, e as horas passavam com aquela tradicional insensibilidade de África para as coisas urgentes.

— Essa gente dispensada ao capitão-mor não foi para o serviço do Estado — explicou o padre. — Nós vamos ao serviço do Estado, é diferente.

O soba ficou-se largos segundos, a interiorizar a importância desta

revelação. Coçou o peito desnudo com umas unhas fortes e pontiagudas como garras, desconcertantemente sujas de terra. Depois, repetiu-se com a voz pausada dos sábios.

— Já dispensámos gente ao capitão-mor, não temos mais.

E, a cada argumento novo do padre, o soba Mogumbú retorquia com a mesma circunstância incontornável que, aparentemente, o deixava impotente para satisfazer o pedido do branco. Joaquim sabia que os régulos tinham gente, mas reconhecia naquela irredutibilidade o exercício de poder de Mogumbú e de Mogoga, por intermédio do seu secretário, que assim mostravam que não andavam às ordens dos molungos. Não se tratava de um capricho, mas de um sinal de autoridade e de soberania para os seus. O padre, porém, começava a perder a paciência com a porfia dos sobas.

— Como súbditos de Sua Majestade, a rainha D. Maria II de Portugal, o nobre Mogumbú e o nobre Mogoga têm a obrigação de ceder gente para serviço do Estado quando solicitado pelos seus representantes — declarou.

Ao que Mogumbú respondeu com pesar que não tinha gente porque, a que havia, estava ao serviço do capitão-mor.

O padre suspirou.

— Seja, alferes Teixeira, dê voz de prisão aos dois até que venham os carregadores que lhes pedimos.

O alferes, impassível na sua farda, traduziu a ordem e fez sinal aos soldados que estavam ali atentos e que prontamente se aproximaram, rodeando Mogumbú e o representante de Mogoga. Em breve, apareceram os primeiros carregadores e, perante esta nova atitude mais colaborante, o chefe e o secretário foram de imediato libertados. E logo na manhã seguinte, os régulos disponibilizaram mais homens que foram chegando e que se colocaram ao serviço do padre.

*

Dois dias depois, ainda estavam em Morrumbene. O padre Montanha, secado com a demora, escreveu no diário de viagem que haveria de lhe sobreviver por séculos que *os pretos estiveram toda a manhã, desde o romper do dia, a fazerem cerimónias e mezinhas aos landins e a mais alguém, até ao meio-dia, quando nos pusemos a caminho.*

Partiram então no dia trinta de Maio: os que vinham de Inhambane mais cinquenta e quatro carregadores bitongas. A primeira marcha prolongou-se por quatro horas e terminou na povoação de um régulo landim, onde passaram a noite. Levantaram o acampamento antes de o sol nascer, retomaram a marcha, embrenharam-se com dificuldade por um percurso de mato denso, atravessaram um rio pequeno a que chamavam Quicungulo e, às três da tarde, tendo chegado a mais uma povoação landim, a do régulo Cambi, tiveram o primeiro encontro com o perigo.

*

As notícias no sertão corriam com uma ligeireza surpreendente, mesmo os segredos que não se deveriam saber. Uma pessoa caminhava por trilhos

remotos, cruzava rios, avançava a golpes de catana por um mato cerrado e custoso, emergia no campo aberto e atravessava essas extensas regiões de mato rasteiro. Em todo esse percurso de horas, o viajante não via um ser humano e, no entanto, chegando à povoação seguinte, descobria que já era esperado pelos moradores locais. Como é que eles sabiam era um mistério para Joaquim, mas sabiam. «Que diabo, já todo o sertão sabia daquela missão secreta!»

Tendo chegado à povoação do régulo Cambi, cansados, esfomeados, tiveram a alarmante surpresa de encontrar lá um grupo de oito manhambozes, gente avassalada do temível Manicusse. E estes súbditos do rei de Gaza, o mais sanguinário e temido régulo que dominava e espezinha as tribos que se lhe opunham, eram também intrépidos e agressivos. Em tronco nu, vestiam apenas uns panos enrolados à cintura, empunhavam azagaias. Um deles, porventura o que chefiava o grupo, distinguia-se pelo colete de pele que envergava. Dirigiu-se ao padre Montanha sem lhe dar tempo de se pôr à vontade.

— São vocês os que vão para os holandeses? — perguntou.

O padre protelou a resposta, desconcertado com a pergunta. Esperou que o alferes Teixeira traduzisse, aligeirou-se da mochila e deu-lhe, enfim, uma explicação vaga.

— Vamos em negócio — disse.

Então, ele dispôs-se a fazer negócio com o padre. Ofereceu-lhe um dente de marfim e pediu em troca quarenta peças de fazenda e duzentas enxadas.

— Não temos enxadas — respondeu-lhe o padre.

— Como vão em negócio se não têm enxadas? — estranhou o guerreiro, desconfiado.

— Onde vamos, disseram-nos que não as queriam — replicou Joaquim, esperando que esta satisfação lhe bastasse.

— Hum... O que levam nessas caixas? — Apontou para a carga que os carregadores pousavam no chão.

— Missangas, de todas as qualidades.

Houve um momento de tensão; o guerreiro não estava contente; o seu rosto grave de músculos rígidos e os seus gestos bruscos transmitiam uma hostilidade à beira da erupção. Gesticulava muito com a mão que empunhava a azagaia, exigia algo melhor do que as missangas. O padre percebeu que o contrariava, mas não se deixou intimidar; olhou-o de frente, naqueles olhos mortais, e disse-lhe que não. Mas o régulo Cambi interveio com sabedoria, mandando trazer uma cabaça de pombe, a cerveja indígena, e isso inspirou Joaquim que, virando-se para o alferes Teixeira, lhe disse que mandasse também trazer uma garrafa de espírito de palmeira. De modo que se dissolveu aquele confronto de nervos na bebida, e o perigo findou, como todas as situações em África, imprevisivelmente, porque os manicusses — como lhes chamavam os portugueses — ficaram contentes e, quando a coluna partiu, ainda a acompanharam para lhe indicar o caminho certo.

Marcharam durante muitos dias para oeste, às vezes para noroeste. Passaram terras amigáveis dos makwakwa atravessaram campo aberto, mato cerrado e mais campo aberto, foram de povoação em povoação ou acamparam junto aos cursos de água. Ao dia dois de Junho, despediram três carregadores bitongas, por serem demasiado velhos e por estarem doentes. E durante a noite seguinte, fugiram outros três bitongas.

No dia sete, atravessaram o rio Luize, que os indígenas garantiram ser de água salgada. E era verdade, embora não houvesse uma explicação razoável para o fenómeno, como, de resto, não havia para muitos outros que aconteciam em África. Seguiram ao longo de uma lagoa estreita e comprida, a perder de vista. Mais à frente, o padre deu ordem de alto para que se cozinhasse.

Depois do almoço, Joaquim foi sentar-se perante um extraordinário campo de grandes papoilas brancas e amarelas. Fumou um cigarro a contemplar o paraíso, com os olhos perdidos naquele encanto da natureza, imbuído de um enlevo místico. A tranquilidade assentara ali suavemente, entre o rumor afastado do acampamento, atrás dele, e o zumbido de insectos alados que vagueavam pelas papoilas. Afectado por aquela paz deliciosa, Joaquim suspirou. «Deus existe», disse de si para si, deslumbrado com a paisagem idílica.

No dia nove, descobriram uma lagoa onde não se via a água, porque estava coberta de patos bravos entorpecidos, tão apertados uns aos outros que não podiam nadar. Entusiasmados perante a vista do petisco, descarregaram uma frenética fuzilaria de mosquete sobre os patos, mas, dissipada a nuvem de pólvora que os envolveu, eles descobriram que não ficara nem um na água crivada de chumbo e agitada pela revoada. O estrépito das armas fizera-os levantar voo com uma ligeireza que o seu aspecto ocioso não deixara supor. Porém, logo depois, o cabo da companhia teve um tiro de sorte e deitou abaixo um pato gordo que se extraviara do bando e que foi cair pesadamente a curta distância.

Não eram os primeiros animais selvagens que eles avistavam, pois o padre, no diário de viagem em que anotava todos os pormenores que lhe chamavam a atenção, reparou que *por todos estes matos, a maior parte abertos, há grandes quantidades de elefantes, de búfalos e de outros animais que não se chegam aos caminhantes.*

Justamente, no dia seguinte, detiveram-se à passagem pela planície de uma atroadora manada de búfalos que trazia atrás de si uma enorme nuvem de pó. E viram novamente muitos patos bravos voando em formação, alinhados em V. Contudo, os mais invulgares foram uns pássaros de grande porte, a que os indígenas chamavam Trivos, que davam caça aos caminhantes isolados, levando-os pelo ar e presos nas suas garras poderosas para depois os matarem e os comerem. Joaquim não testemunhou semelhante drama, evidentemente;

mas a sabedoria ancestral dos nativos dizia-lhe, por experiência, que ele devia acreditar no que lhe contavam sobre esses pássaros de aspecto pré-histórico e ameaçador.

Este dia dez de Junho, passou-se nublado e muito frio, de tal forma que os carregadores mal puderam andar. Por isso, marcharam devagar ao longo do rio Sangute, o qual, disse o guia Bangalasse, chegava às terras de Manicusse. Tiveram outros dias assim, encobertos e frios, que retardaram a marcha, mas essa não era a maior preocupação do padre Montanha e do alferes Teixeira que, em breve, enfrentariam aflições bem piores.

*

Chegaram a uma povoação amigável, ao início da tarde, e abancaram fora da senzala a preparar o almoço. O soba, um landim de nome Chiqueta, aproximou-se logo cheio de encômios e pediu-lhes muito que fossem comer lá dentro. Acederam. Chiqueta estendeu-lhes uma esteira na qual se acomodaram, e o padre aproveitou para negociar com ele a compra de mantimentos. Mas o negócio prolongou-se mais do que o padre pensara, porque os nativos tiveram de ir buscar os víveres longe da senzala, onde os guardavam, e isso fê-los perder o resto do dia de marcha. Resignado com o contratempo, Joaquim mandou montar acampamento ali mesmo, junto à senzala.

Pela manhã, antes de partirem, o soba avisou-os de que iriam encontrar gente hostil na próxima povoação.

— Os manhambozes estão lá — afirmou.

O padre suspirou.

— Não há para onde eu me vire que não dê com esses manicusses. Pergunte-lhe por um caminho alternativo — disse, voltando-se para o alferes Teixeira que traduziu a questão.

Para maior segurança da coluna, Chiqueta ofereceu os serviços de um dos seus para os levar por um caminho inexistente e tão insuspeito que se fazia por mato rasteiro e sem trilho marcado. Rumaram a noroeste e rodearam a povoação onde estavam os manhambozes, passando suficientemente ao largo para terem a certeza de que seria impossível os manicusses saberem deles. E, no entanto, mais uma vez foram atraídos pela insondável notícia da sua presença, que se espalhava como a peste por esses matos desabitados, sem nunca se ter conseguido explicar o mistério.

*

Passou-se bem a noite em bivaque e retomou-se a marcha por um mato acessível assim que o sol nasceu, embora eles não o chegassem a ver porque uma neblina soltava-se das árvores húmidas da noite, e esses vapores, que pareciam colunas de fumo de incêndios, taparam o céu. Mesmo assim, caminhou-se bastante, seis horas, até ao meio-dia. Nessa altura, encontraram água, e o padre deu ordem de alto. Almoçaram junto a uma lagoa de sapos impávidos sentados em folhas à deriva pela superfície.

Terminavam o almoço e já nem se lembravam dos perigosos

manhambozes, quando dez deles surgiram a correr, vindos do nada, como era natural no sertão. Joaquim começava a habituar-se a essa estranha possibilidade de se cruzarem com caminhantes isolados em lugares onde, olhando em redor, não se avistava na paisagem uma única senzala nem sinal de vida por quantos quilómetros fosse possível ver. Os guerreiros manhambozes, imponentes de músculos, armados com azagaias e com escudos, e pingando suores por virem a correr há muitas horas, foram ao encontro deles. Joaquim e o alferes Teixeira levantaram-se ainda antes de estes os interpelarem. Deram indicação para permanecerem todos sentados e tranquilos, para não se mostrarem assustados, mas disseram aos soldados e aos auxiliares que ficassem alerta e com os mosquetes prontos a disparar.

*

Os guerreiros aproximaram-se, enfim. O chefe, carrancudo, indagou com maus modos o motivo de os viajantes não terem ido à povoação onde eles se encontravam.

— Porque passaram ao largo da libata em que estávamos e porque fugiram de nós? — perguntou.

— Não fugimos de vocês — replicou o alferes Teixeira.

— Fugiram de nós. Não comemos gente!

— Não fomos à libata onde vocês estavam porque não era esse o nosso caminho.

O chefe não se convenceu e empreendeu num longo discurso circular, repetindo-se, fazendo bastas referências a Manicusse para os intimidar, gesticulando muito com a mão direita à qual faltavam dois dedos, decepados nalguma peleja antiga que o devia orgulhar. Falou longamente, agressivamente, e, quando se calou, o alferes Teixeira deu-lhe a mesma réplica anterior.

— Não fugimos de vocês, só não fomos à libata onde estavam porque não tínhamos nada a fazer lá, não era o nosso destino — disse.

— Eu sei que vão a negócio. Pedimos-vos fome — afirmou o guerreiro, invocando um costume do mato.

— Nós também vos pedimos fome — retorquiu o alferes.

— Vocês vieram a correr, não nos deram tempo. Aqui não temos nada, mas venham connosco à libata que lá vos daremos alguma coisa.

— Não viemos a correr nem a fugir, porque não temos nada com vocês — respondeu o alferes. — Vejam toda a gente sentada e tranquila a comer. Não fugimos. Só viemos por aqui porque procurávamos um lugar com água.

O guerreiro, mais calmo mas ainda acabrunhado, ofereceu-lhes então um cabrito.

— Mas têm de o ir buscar à libata — insistiu. — E vocês dão-nos alguma coisa.

— Ele quer que vamos à libata deles — traduziu o alferes Teixeira.

— Fora de questão, é uma armadilha — avisou o padre.

— Não voltamos atrás — disse o alferes depois ao guerreiro.

— Dêem-nos alguma coisa.

— Ofereça-lhe meia peça de zuarte — sugeriu o padre, sabendo que os nativos apreciavam esses panos de algodão. — E, se eles nos quiserem dar alguma coisa, que a tragam cá ou que vão ter connosco ao lugar do nosso acampamento, que será onde encontrarmos água.

O alferes assim fez, mas o debate prolongou-se com o guerreiro a pedir mais fazenda e o alferes a dizer que não, com ele a teimar que fossem à libata e o alferes a responder-lhe que não.

— Irra, que parece um miúdo. Ele que fique para aí a falar sozinho — disse, por fim, Joaquim, já irritado com tanta persistência.

Abandonaram-nos muito simplesmente. Os guerreiros ficaram sentados, e eles foram acabar de almoçar. Então, o chefe do grupo e um dos seus homens aproximaram-se de novo, sentaram-se à frente do padre e ficaram a olhar para ele, em silêncio, enquanto este comia; mas dali a pouco o chefe já estava outra vez a pedir mais fazenda. Joaquim disse-lhe que não, e o seu exaspero era tal que o padre avisou que se ele não se calava com a ladainha ainda lhe tirava a que lhe dera.

— Dá comida.

— Não, esta que temos é para nós.

O chefe apontou para um garrafão de vinho aos pés do padre.

— Dá bebida.

— Não. Vão ali à lagoa que tem muita água.

— Dá missanga.

Joaquim suspirou.

— Não te dou nem um fio.

— Dá touca para nós mostrar na libata que encontrámos o molungo — disse o chefe, referindo-se a uma tira de pano branco que se usava na cabeça.

— Escusas de pedir que eu não te dou mais nada — avisou-o. E terminando todos de almoçar, deu ordem para que arrumassem a loiça e se preparassem para partir.

Logo depois retomaram a marcha, e os manhambozes rancorosos ficaram a vê-los irem-se embora, mas nada fazendo para os deter, pois compreenderam que não eram suficientes para lhes fazer frente. Só então respiraram de alívio. No entanto, ainda não estavam a salvo de uma emboscada, porque aquele vasto território era cheio de mato e, por mais que eles tentassem, parecia que não conseguiam passar despercebidos. Deixaram para trás os manhambozes que não os seguiram, e já estavam quase a chegar a uma nova povoação quando lhes surgiu do mato um landim amigável. Vinha avisá-los para que não prosseguissem e não entrassem na senzala, porque havia perigo!

O landim vestia apenas um pano pela cintura e era muito magro.

— Este passa pelos intervalos da chuva — comentou o alferes Teixeira, bem-disposto, agora que se tinham livrado dos manicusses.

Mas foi um alívio fátuo, porque o landim não trazia boas notícias.

— Onde vão? — perguntou-lhes.

— À senzala — respondeu o alferes.

— Não vão, há lá muitos manhambozes.

O alferes fechou os olhos por um instante, deu um pontapé raivoso numa pedra, e o pó do chão ressequido envolveu-lhe as botas altas. Começava a desesperar.

— Calma — recomendou o padre Montanha que não precisou da tradução para perceber o problema. Bastou-lhe ouvir a palavra «manhambozes».

— Eu estou calmo — protestou o alferes, mas não estava nada.

— É que não podemos deixar que eles pensem que estamos a perder o controlo — disse, fazendo um sinal dissimulado com a cabeça, indicando a coluna atrás, de olhos postos neles.

O alferes respirou fundo, recompôs-se.

— Muito bem, o que fazemos?

— Pergunte-lhe por um caminho alternativo.

O landim apontou na direcção de onde vinham, explicou o caminho.

— Temos de voltar atrás e rodear a povoação por oeste — disse o alferes.

— Seja! Pergunte-lhe se ele aceita guiar-nos, que nós o recompensaremos.

O landim aceitou.

*

Contornaram a senzala com a preciosa orientação do landim. Já se fazia escuro e só se escutavam os sons do mato, os ramos estalando sob os pés dos caminhantes, e, não muito longe, a vozearia festiva na libata que se propagava pela noite, com uma nitidez assustadora, pois parecia que os manicusses estavam mesmo ali, capazes de lhes deitar a mão. O landim conduziu-os por um mato cerrado sem duvidar um passo, apesar de não se ver mais do que um borrão negro, porque a floresta tapava a claridade da Lua, e de terem de seguir de mão dada numa longa fila, serpenteando por entre as árvores e outros obstáculos invisíveis. O landim deixou-os num esconderijo que conhecia, entre silvas densas, muito pequeno para todos, e aí os homens dormiram apertados, depois de terem despedido o guia com a oferta de uma braça de fazenda.

*

Ao dia seguinte, catorze de Junho, foram para oeste. O mato ficou para trás, e respirou-se livremente a planície de vegetação rasa, atapetada por um fresco

verdejante. Encontraram várias lagoas de pequenas dimensões e, numa delas, bebia uma manada de elefantes que inspirava respeito e que aconselhava um discreto silêncio. Estavam agora nas terras dos maloios, a etnia do guia Bangalasse, e já o Sol se pusera quando encontraram o maior rio daquela viagem sem fim, o Bembe, ou rio do ouro, tal como lhe chamavam os nativos.

Acamparam na margem do rio, em silêncio, por indicação de Bangalasse.

— Não se pode fazer barulho. A libata do Manicusse está só a dois dias daqui. Vou mandar o companheiro ver se há novidade — afirmou o guia.

O landim enviado atravessou o rio e voltou depressa para dizer que não havia novidade. O próprio Bangalasse o atravessou, nessa noite, para ir ao encontro do seu irmão, Chivandana, régulo dos maloios, e regressou mais tarde com outros landins, satisfeito por ter visto a família e por estarem todos tão bem como os deixara. Era uma quinta-feira, a sexta-feira trar-lhes-ia um grande desentendimento com Bangalasse.

*

O guia começou a rodear o padre Montanha com exigências, logo pela alvorada. Andava ali à volta dele, pedindo-lhe alvíssaras por ter trazido a coluna ao seu destino. Queria a recompensa imediatamente, para si e para os seus companheiros. Debatia-se com uma impaciência pueril e mostrava-se tremendamente agitado, urgido por uma desconfiança que o padre não merecia. Mas hoje Bangalasse parecia outro, irreconhecível, nuns nervos que não parava, chegando a ser inconveniente!

Teixeira encolheu os ombros, todo comovido com uma indulgência.

— É de estar em casa. Ele quer fazer boa figura! — desculpou-o. No fundo, achava os pretos todos umas crianças grandes.

— Admito que sim, mas não suporto estes modos. Francamente, estas coisas incomodam-me. Enfim, seja! Dê-se-lhe três braças de zuarte.

E, à ordem do padre, o alferes contemplou Bangalasse com tecido suficiente para ir ter com a família como um herói. Mas o guia não se contentou, reclamou com muita irreverência, queria por força uma camisa branca fina e umas calças. Joaquim, resignado, lá foi ao seu próprio baú e ofereceu-lhe tudo o que ele pedia, camisa e calças, quando não, continuavam retidos naquela porfia e não saíam dali.

Contudo, Joaquim anotaria, no seu caderno de viagem, um arrependimento por ter cedido à birra de Bangalasse: *Mal empregadas alvíssaras lhe demos, porque, julgando nós termos chegado ao nosso destino e estarmos livres de todo o perigo — porque ele dizia "já chegámos!" —, ainda não foi aqui a metade do caminho que tínhamos para andar e ainda não estávamos livres de perigo.*

*

O tempo passou nesta obstinação do guia e só pelas oito da manhã iniciaram a marcha, subindo ao lado do rio Bembe para o atravessar a vau num local propício, mas com bastante dificuldade, porque a corrente era forte e, mesmo dando a água pelo joelho, parecia capaz de arrastar

irremediavelmente um homem desprevenido.

Já na outra margem, rumaram para sul e foram recebidos pelo irmão de Bangalasse, o régulo Chivandana, à porta da embala. Os malaios eram landins avassalados de Manicusse, mas amigáveis, porventura até demasiado amigáveis, pois retiveram-nos ali por dois dias com festas, cânticos, danças, corridas e saltos que não acabavam. Joaquim reparou, perplexo, que os malaios pareciam doidos. Em contrapartida, permitiram que o padre e o alferes retemperassem as forças numa larga palhota cheia de confortos. À noite, continuou a festa e os batuques incessantes; e havia comida à farta; os landins foram trazendo muitos presentes à palhota. Ofereceram-lhes colares e outros objectos de arte indígena, bem como peles curtidas e quatro galinhas amestradas e uma cabrita indignada que balia de patas fincadas na terra, em protesto por a empurrarem sem maneiras no meio de grande algazarra. Joaquim escreveu depois: *Estes presentes saíram-nos caros, porque os negros, quando dão alguma coisa, é sempre com bom interesse.* Efectivamente, os molungos tiveram de retribuir várias oferendas com missangas e com coral. Ao régulo Chivandana, ofereceram uma peça de fazenda e a última garrafa de espírito que lhes restava, tendo descoberto, nessa altura, que os soldados haviam bebido às escondidas a reserva toda durante a viagem.

*

A chuva veio com a aurora mortiça, e o céu desabrido trovejou furioso. Joaquim pôs-se nostálgico por causa deste tempo infeliz, sentado a fumar, absorto numa moleza de pensamentos, esmorecido à porta da palhota. Sentia-se bruto nessa manhã desfeita, sem vontade de nada. À frente dos seus olhos, uma cortina de água caída da cobertura de palha escorria, distorcendo o mundo pequeno e sem movimento lá fora, que era o centro da libata, rodeado por outras palhotas. Joaquim pensava frequentemente em Leonor e nas crianças, e hoje mais do que o habitual.

Na noite passada, surgiram-lhes na palhota as duas filhas do régulo Chivandana, mandadas pelo pai. Joaquim presenteara-as generosamente com panos de bom tecido e com missangas coloridas para elas fazerem os seus colares. E os olhos das raparigas brilhavam de satisfação à vista daquelas maravilhas. Por alguma razão, essas jovens de rosto muito fresco e inocente permaneceram na subconsciência de Joaquim, enquanto dormia, e regressaram pela manhã, levando-o a pensar com saudade em Leonor. Também ela gozava uma eterna e bela juventude de grande felicidade e fazia-lhe falta o seu riso sincero que tanto lhe alegrava os dias extenuantes, porque o padre chegava a casa saturado dos problemas alheios. Cabia-lhe ouvir os dramas pessoais de cada paroquiano que o procurava, pedindo-lhe conselhos para questões cuja resposta, por vezes, nem ele sabia, e ainda tinha de levantar o moral das tropas estacionadas em Inhambane, educar as crianças, agora que retomara o lugar de professor, e supervisionar a construção de uma escola condigna e da igreja, além de um sem-número de outras responsabilidades.

Tudo isso era compensador, mas pesado.

Restava-lhe a alegria de ver os miúdos crescerem e a paz que Leonor lhe dava sem pedir nada em troca. A casa nova estava praticamente concluída, e Joaquim sabia que ela esperava ansiosamente pela mudança. E, embora ela não tocasse no assunto, os seus olhos brilhavam como os das filhas do régulo na véspera, quando ele lhe falava dos últimos pormenores.

Começava a preocupar-se seriamente com a sua demora fora de Inhambane. Prometera a Leonor que não passaria mais de dois meses em viagem, mas era já evidente que não conseguiria cumprir a promessa. Afligia-o não saber nada deles, não ter notícias que o tranquilizassem. Havia noites em que o atormentavam os sonhos mais tenebrosos, de doenças e de acidentes que lhe pareciam tão verdadeiros quanto a realidade palpável e, ao acordar, não lhe bastava o alívio de perceber que apenas sonhara, pois ficava a remoer o sonho como um aviso do instinto.

*

A chuva passou; o forte aguaceiro que fustigou a terra desabara todo de uma vez e, ao fim de uma hora, já só restavam os últimos pingos trazidos pelo vento. Joaquim reparou num início de movimento na libata, nas mulheres espreitando timidamente o céu, à porta das palhotas, e dizendo qualquer coisa para dentro. Uma delas saiu mesmo e atravessou o terreiro, descalça, enterrando os pés na lama, até aos tornozelos, com uma indiferença notável. Obviamente, não lhe fazia espécie o efeito da chuva na terra molhada.

Joaquim observou cheio de admiração a simplicidade dos nativos que se ajustavam ao ambiente sem contrariarem a natureza, sem pretenderem alterar a essência das coisas, e que se moviam ágeis e eficazes neste meio agreste donde obtinham tudo o que precisavam para sobreviver. Enfim, pensava ele, eram séculos de adaptação destes povos que os europeus tinham como selvagens, não reparando na sua imensa sabedoria de vida.

O alferes assomou à porta da palhota, ficou-se ao lado do padre, apático, a contemplar o rescaldo da tempestade.

— Está bonito, está — comentou, desolado com o lamaçal.

Joaquim piscou os olhos para espantar o torpor; começou a levantar-se.

— Bem, é preciso mexer-nos, fazer alguma coisa.

Mas, nesse dia, nada se fez realmente, e eles passaram mais um dia e mais uma noite no sobado de Chivandana. No entanto, se hoje tudo lhes parecia calmo e em boa ordem, amanhã os molungos teriam de lidar com mais uma emergência que haveria de pôr em risco a missão e, porventura, deitar a perder todo o esforço despendido para chegarem até ali.

Retomaram a marcha pelas sete da manhã. O padre Montanha e o alferes Teixeira puseram-se de acordo em que era prudente despistarem as tribos da região para que estas não os pudessem localizar. E mesmo aos hospitaleiros malaios, disseram-lhes que iriam pelo caminho mais directo, quando o régulo Chivandana e todo o povo os acompanharam em festa até fora do sobado. Assim, algumas léguas à frente, para pasmo do guia Bangalasse, desviaram-se da rota mais óbvia e seguiram ao longo da margem do rio Bembe, cruzando-se numa e noutra ocasião com vários landins que iam às suas vidas.

Pelas duas da tarde, chegaram a uma povoação landim onde foram bem recebidos. O régulo desse sobado convidou-os a ficar, disse que lhes dava palhota. Aceitaram.

Já se cozinhará e já se distribuía a ração pelos carregadores no momento em que Joaquim viu, espantado, um destes a atirar a malga de comida ao chão. E todo ele era exaltação e xingava o negro que o servia quase com violências.

— Querem lá ver isto... — exclamou Joaquim, perplexo.

Levantou-se da pedra que lhe servia de assento. O alferes Teixeira ergueu-se também e preparava-se para intervir, mas o bitonga antecipou-se e veio de lá muito irritado para confrontar o padre com excessiva agressividade.

— O que se passa, Ingonane?

— Nós querer mais comer! — reclamou o bitonga, que falava um português bastante perceptível.

Atrás dele, juntaram-se os outros carregadores, quase cinquenta, gritando todos ao mesmo tempo. Joaquim, atrapalhado, não se conseguiu fazer ouvir no meio daquela revolta. Já o alferes Teixeira, expedito nestas emergências de músculo, chamou os soldados que estavam treinados para armar baionetas e para municiar os mosquetes em segundos, o que, efectivamente, aconteceu. No entanto, o alferes saltou à frente do padre e empurrou Ingonane com as duas mãos bem assentes no peito dele. Este recuou dois passos, mas avançou de novo, desafiando o oficial.

— Para trás! — gritou Teixeira, voltando a empurrá-lo. — Para trás!

Como ele não recuava, o alferes desembainhou a espada e encostou-lhe a ponta da lâmina ao pescoço. Os soldados ultrapassaram o padre pela esquerda, pela direita, tomaram posições de arma aperrada e baioneta fixa. À vista das armas, os carregadores encolheram-se, perderam a coragem, baixaram o tom dos protestos. Ingonane, vendo-se isolado, deu também um passo atrás, de cabeça abatida.

O alferes quis todos sentados no chão, gritou-lhes um violento sermão, privou-os, enfim, do almoço. E todo o resto de tarde, permaneceram ali debaixo do sol, vigiados pelos soldados.

O padre Montanha sentou-se numa pedra afastada dos homens, a conferenciar com o alferes Teixeira.

— Só nos faltava um motim — desabafou, preocupado com a insatisfação dos carregadores, o que era uma dificuldade acrescida aos difíceis obstáculos do percurso. E ainda havia tanto para andar.

— Já entram na ordem, garanto-lhe — disse o alferes, confiante na sua autoridade.

— Mas, e se fogem? Sem eles é o fim!

— Não fogem que eu agora tenho-os de rédea curta.

Joaquim não estava convencido e debateu com o alferes uma saída para acalmar os carregadores.

— É necessário recuperar a paz. Não os quero revoltados e humilhados como prisioneiros — disse.

Decidiram então não lhes dizer mais nada, contudo, ao fim da tarde, retirou-se-lhes a guarda e reforçou-se a ração, e os carregadores passaram a comer tanto quanto queriam pelo resto da viagem. Havia-se sossegado aquela gente e, pelo menos, se eles não chegassem ao fim, não seria por falta de carregadores.

*

A altitude ia aumentando à medida que avançavam para oeste, as temperaturas iam-se tornando mais rigorosas, sofrendo eles com um frio a que não estavam habituados. Marcharam muitos dias por mato raso, atravessaram rios, viram diversas lagoas e, numa delas, havia patos pequeninos e outros grandes que atraíam caçadores landins com quem se cruzaram. À noite, ouviam gritar, perto, as *quisumbas*, que era o nome que eles davam às gazelas.

Mais dias andaram e começaram a pisar um chão de pedra solta. Surgiu-lhes, então, uma montanha de rocha trabalhada pelos elementos, como a de uma cantaria cinzelada pela mão humana. Subiram-na e desceram-na, subiram e desceram muitas outras, mais de dez, e percorreram trilhos vertiginosos, à beira de precipícios de arrepiar. Por essas montanhas, de pedra admiravelmente lisa como o seixo, encontraram belas piscinas naturais, esculpidas nas rochas pelos elementos. Numa ocasião, atravessando uma montanha da cor do ferro, pararam, pelas onze e meia da manhã, para cozinhar e comer ao lado de uma dessas piscinas. Era tudo idílico: uma paisagem encantadora reflectida na água lisa como um grande espelho. Instalaram-se num espaço largo, entre a água e uma parede de rocha macia, que subia a direito e tão alto que não se via o cume. Fizeram duas fogueiras, colocaram pedras em círculo para suportar as panelas e esperaram tranquilamente que estas aquecessem. Logo depois aconteceu algo extraordinário que nunca nenhum deles havia testemunhado e, não sabendo dar uma explicação cabal para tal, os homens remeteram o estranho fenómeno para o domínio da magia negra. Em suma, tiveram um grande susto!

*

Tinham acendido o lume e contemplavam em paz as variações de laranja

vivo nas achas incandescentes. Usavam as pedras por serem úteis para apoiar as painéis e por absorverem o calor, e assim as manterem quentes durante o tempo necessário de uma refeição. Porém, qualquer coisa de anormal havia com aquelas estranhas pedras porque, dali a pouco, começaram a estourar como tiros de mosquete, e os estilhaços desses rebentamentos letais voaram pelo ar em todas direcções.

— Abriguem-se! — gritou o alferes Teixeira, e os negros saltaram assustados e fugiram numa precipitação desordenada.

Ficaram muito tempo escondidos atrás de rochas seguras, espreitando as fogueiras de longe, mas recusando-se a aproximarem-se pois estavam demasiado desconfiados. Nunca tinham visto pedras que rebentavam com o fogo!

O padre Montanha apontou este successo raro no seu caderno, no qual, descrevendo com alguma exactidão científica a composição daquelas rochas, fez alguma luz sobre o mistério das pedras explosivas: *Devo dizer que a pedra destas rochas tem quase toda a cor do ferro, como também a cor do cobre azebrado, o que indica haver aqui minas de ferro e de cobre. Igualmente aqui se encontra rica pedra quebrada, como se lavrada e própria para uso nas obras.*

*

Às dez horas e trinta minutos do dia vinte e dois de Junho de 1855, passado quase um mês desde a partida de Inhambane, após longos e esforçados caminhos por matos impenetráveis e planícies infindas, montanha após montanha, trilhos estreitos a resvalar para o abismo e desfiladeiros demasiado apertados para um homem andar a direito, chegaram a uma povoação de landins que eram súbditos dos holandeses! Porém, ainda teriam de marchar mais catorze dias para chegarem a salvo a Zoutpansberg.

A aldeia ficava encostada à base de uma montanha cuja imponente parede rochosa se inclinava sobre as palhotas, dando a impressão de que as ia esmagar a qualquer momento. Passaram aí a noite, numa grande palhota que lhes disponibilizaram. Antes, negociaram mantimentos em troca de duas peças de zuarte. *Os landins* escreveu o padre *grandes impertinentes na medição da fazenda.*

Ao outro dia, o guia Bangalasse surpreendeu-os com a proposta de ficarem ali mais um dia, se eles quisessem que os levasse por um caminho mais curto. Bangalasse não explicou porque era preciso esperar e Joaquim também não lhe perguntou o motivo. Em contrapartida, deu-lhe o benefício da dúvida. Conversou com ele à parte, falou-lhe em voz baixa, e o guia escutou-o com os olhos postos no chão, numa reverência.

— Tu é que és o guia, Bangalasse, dizes o que é melhor e nós assim faremos — disse-lhe, deitando sobre ele uma grande confiança, o que lhe fez brilhar os olhos agradecidos e orgulhosos.

*

Ao meio-dia, chegou à povoação um landim, dos holandeses, afirmando

que vinham aí uns homens brancos a cavalo, mas, depois, estranhamente, não soube transmitir a mensagem completa. Disse que estes iam na direcção do régulo Chivandana, e o padre Montanha, tal como o alferes Teixeira, ficou perplexo.

— Pergunte-lhe se eles vão para Inhambane, homem!

— Já perguntei! Não sabe, ou não diz, o que vai dar no mesmo.

— Que raiva! Diz cá que não seria de gritos se uma embaixada de holandeses abalasse para Inhambane agora?

— Realmente, depois do que já passámos...

— Mais valia que os corressem a tiro para que não nos anulassem o esforço!

O alferes olhou-o de lado, de sobrelance erguida.

— Eu sei, eu sei, hoje estou de todo. Não ligue, foi só um desabafo.

Teixeira dispensou um sorriso complacente. Ficariam a saber mais tarde que os cavaleiros holandeses iam numa diligência local e que o landim não era um estafeta nem lhes trazia mensagem nenhuma. Enfim, foi somente um acaso.

*

Saíram daquela aldeia pitoresca ao despontar do dia vinte quatro; fazia um lindo céu muito limpo, contrariamente à neblina triste que tapara o sol na véspera. Foram para oeste, ao longo da parede rochosa, até encontrarem mato aberto. Caminhou-se com ligeireza, sem obstáculos de maior. Joaquim usou óculos de sol para se proteger da forte claridade que lhe ofuscava a vista. A manhã luminosa alegrou os espíritos dos homens, e assim se foi marchando com grande alegria e com os carregadores a entoarem surpreendentes cânticos indígenas que pareceram sublimes a Joaquim. Acertou o passo com o alferes Teixeira e sorriu com ele, ao escutar os negros afinados no tom, deliciado pela musicalidade das palavras e pelo calor agradável que lhe aquecia o rosto. Mas a bonança e a sorte de feição podiam mudar muito rapidamente no sertão agreste, e eles, efectivamente, não tiveram de esperar muito para que esta fatalidade africana se comprovasse, pois, logo ali à frente, deram de caras com uma ameaça de morte!

*

Os homens estacaram, petrificados; os cânticos emudeceram-se nas gargantas secas de medo. O padre Montanha, alarmado, não reagiu e nem pensou em fugir, porque era campo aberto que eles atravessavam e porque não havia para onde fugir. No entanto, o alferes Teixeira, treinado para agir sem concessões à emoção, gritou uma ordem terminante aos soldados e aos auxiliares armados que ergueram de pronto os mosquetes. A abada, como chamavam no sertão ao imponente rinoceronte, investiu contra o grupo num tropel de fazer estremecer o solo. Os carregadores largaram a carga e dispersaram para todos os lados. Ouviu-se um tiro de mosquete e este foi suficiente para que o animal, atingido pelo projectil, arrepiasse caminho e retirasse ligeiro por aquela planície fora. Mas foi um alívio efémero, pois,

logo adiante, surgiu outra abada com o seu filhote, e a mãe, pressentindo o perigo, largou a correr contra o grupo com o seu peso de locomotiva, ganhando uma velocidade impensável a cada passada, de cabeça baixa e o corno maciço apontado aos homens que perseguia. A esta abada não bastou um tiro para a fazer parar, porque o primeiro disparo só a irritou mais e os outros tiveram de lhe acertar para a convencer a deter-se. Também se retirou, levando o filhote ao lado, para longe daquela gente estranha. Mas foi um susto de gelar o sangue a um homem.

O padre Montanha tirou os óculos, o chapéu de abas largas, limpou a testa com um lenço, tudo isto com gestos lentos, imprecisos, dedos trémulos, muito abalado. Precisou de algum tempo para recuperar a cor do rosto que se fizera transparente. O coração dele foi regularizando a batida, mas Joaquim teve de se sentar numa pedra porque lhe fraquejavam as pernas trémulas. Só o alferes Teixeira, friamente, tomou a iniciativa de dar ordem à confusão do pânico que afugentara os carregadores espantados.

Não se cantou mais pelo resto da jornada, e o espírito de todos era soturno, introspectivo, porque aquilo dava que pensar. E quando pararam, às dezasseis horas, o ambiente estava pesado, sem graça. Montaram o acampamento na falda de uma colina e prepararam a cozinha para se fazer o jantar. O padre Montanha, de mau humor, desancou o guia Bangalasse de preguiçoso e astuto, por ter anunciado que não deveriam prosseguir, pretextando que a próxima água se encontrava demasiado longe. Ora, Joaquim, sabendo deste estratégia dos landins, que recorriam sempre à mesma desculpa quando queriam parar, enxofrou-se com ele. Foi tal a desanda que a registou no seu diário de viagem como um facto digno de nota: *Neste descanso, eu me agoniei e me zanguei bastante com o guia, por pararmos tão cedo, dizendo-lhe que assim era perder horas de marcha sem necessidade e fazer demorar inutilmente a viagem.*

*

À noite, acenderam mais e maiores fogueiras do que o habitual, por fazer bastante frio e porque o ataque das abadas os deixara sensíveis e cautelosos. As conversas tiveram-se em vozes apagadas, rendendo os homens um reverente silêncio às trevas cerradas em redor do acampamento. Desse manto negro e atroz que os cercava, chegava-lhes o grito das quisumbas e o trovejar dos leões.

Joaquim, que nem era de medos, nessa noite não teve pressa de recolher à tenda e demorou-se com o alferes Teixeira defronte de uma fogueira bem ateadada, de grossos troncos incandescentes, estoirando chispas alaranjadas que se extinguíam no ar. Confortou-se com a companhia do corajoso companheiro e com o fogo alto que mantinha os animais ao largo.

— A vida não vale nada, num momento vamos cantando alegres, no momento seguinte somos esmagados por uma abada desenfreada — comentou o padre, ainda a ruminar a emoção.

— Tranquelize-se, meu padre, que nada nos acontecerá. Por alguma razão,

o homem domina a Terra, acima de todos os seres vivos — disse o alferes, que tinha um temperamento mais frio e que gostava de pensar que não temia ameaças, que escarnecia do perigo.

— Mas de nada nos vale a inteligência se formos atropelados por um animal daqueles.

*

Ao outro dia, acordaram com melhor disposição, e o brilho imenso do céu claro e inocente fê-los esquecer a intimidante escuridão da noite passada. Voltaram a ver, ao longe, uma abada solitária que não os incomodou e, adiante, uma manada de elefantes, falsamente pachorrenta.

— Vamos andando, vamos andando. Tudo na paz do Senhor — sussurrou o padre Montanha para que não incomodassem os animais selvagens. Passaram de fininho.

Numa só manhã, subiram e desceram treze outeiros seguidos, e muitos mais tiveram de galgar nos dias posteriores, atravessaram a vau rios custosos de fortes correntes e, pelo caminho, foram encontrando povoações de gente amigável, onde se iam abastecendo de mantimentos. No entanto, iam vendo animais variados, aqui um burro do mato, ali uma família de leões preguiçando ao sol, acolá uma manada de zebras, ou três girafas mastigando folhas das copas das árvores. Uma encantadora cáfila cruzou-se com eles, passou altiva pelo meio da coluna, a passo nobre, de cabeça erguida.

Percorreram um desfiladeiro, entre montanhas muito altas, e atravessaram um campo de milho fértil, cujos pés eram quase da altura de dois homens e grossos como punhos, ricos em maçarocas. Aqui, Bangalasse pediu uma arma para dar uns tiros de sinal. Disparou para oeste, dando assim a saber a sua presença a alguém que ele não especificou.

Chegaram então à povoação de Bangalasse, e surgiu de todos os lados gente feliz a correr para eles, a gritar, a cantar, festejando o regresso do landim, logo rodeado pelas mulheres e pelas pessoas da sua família. Foram andando por machambas com as suas palhotas e acabaram por pernoitar aí; o padre Montanha e o alferes Teixeira, numa dessas palhotas pobres que pertencia a Bangalasse; os restantes acamparam perto. Nesta pequena povoação, onde havia currais e vacas grandes e gordas, esperava-os uma paragem secante de alguns dias.

*

Julho chegou com as suas noites extraordinariamente frias por aquelas bandas. Os dias acordavam soalheiros, mas a água na vasilha que eles deixavam fora da palhota amanhecia gelada como pedra.

Nada havia a fazer senão retemperarem as forças e aguardarem por um mouro que haveria de aparecer.

— O mouro vem dos holandeses. Nós esperar — anunciou Bangalasse. Assim fizeram. O guia falava de um representante dos bóeres que viria estabelecer o primeiro contacto, mandar um estafeta a Zoutpansberg para avisar da presença dos portugueses e, finalmente, guiá-los até lá.

Foram enganando a fome com o milho grosso que receberam de presente do régulo Mucia, dos feras, o soberano de um povo local que os foi visitar pouco depois de chegarem. Tinham café e leite, e uns restos de provisões de boca que racionavam pelos homens, mas o padre estava preocupado porque se lembrava da revolta dos carregadores e de um protesto semelhante dos soldados que, embora mais pacíficos, também tinham feito greve de fome a um jantar recente, exigindo mais comida.

— O mouro vem hoje, Bangalasse? — perguntou o padre, no segundo dia de espera.

— O mouro vem — respondeu-lhe o guia.

E, ao terceiro dia, fez-lhe a mesma pergunta.

— O mouro vem, sim; o mouro vem — disse Bangalasse, convicto do que afirmava. Mas o mouro não veio.

Ao quarto dia, o padre desesperava.

— O mouro, Bangalasse?

— O mouro vem.

E, no quinto dia, esse extraordinário mouro, de nome Cassimo Camal, materializou-se enfim perante eles, vestido à europeu. Era, realmente, surpreendente na sua jaqueta e calças, no seu chapéu e guarda-chuva preto. Tinha autoridade sobre aquela gente, a qual não se acanhara de exercer. Deu as suas ordens num tom seco e preciso, trouxeram-lhe vacas, escolheu uma que ele próprio matou. Entregou um bocado de carne ao dono da vaca e o resto à comitiva de Inhambane. Não satisfeito com esta dádiva generosa, ordenou que fizessem um tributo de mantimento aos convidados, o que não demorou a acontecer.

Cassimo Camal armou uma mesa de campanha e três cadeiras para que almoçassem em condições. Sentou-se direito na sua cadeira, com uma dignidade de cavalheiro, a fazer-lhes companhia, tomando chá e comendo biscoitos, enquanto o padre Montanha e o alferes Teixeira se deleitavam com a carne de vaca.

— Parece um inglês sarraceno — comentou o alferes, casualmente, em português.

— Um verdadeiro *gentleman*!

O *gentleman* triturou um biscoito em silêncio, concentrado na mastigação, engoliu, bebeu um gole de chá, falou.

— Já mandei um portador a Zoutpansberg a dar parte da vossa chegada.

— Muito bem — aprovou o alferes.

— Agora, é preparar-nos para a viagem.

— Quando será a viagem?

O mouro enfiou mais um biscoito na boca, mastigou-o demoradamente, engoliu, bebeu outro gole de chá; deu-lhe uma resposta vaga, característica natural daquela gente do sertão, a quem o tempo nada dizia.

— Eu levo-vos lá.

Tiveram a sua companhia de anfitrião compenetrado até ao pôr-do-sol.

Nessa altura, desejou-lhes as boas-noites e retirou-se para os seus aposentos, uma palhota melhorada que ele requisitara mais cedo.

O padre Montanha e o alferes Teixeira ficaram ainda a fumar uns charutos e a gozar o conforto das cadeiras, coisa em que não se sentavam há semanas e que lhes parecia agora o cúmulo da civilização. Quando o mouro se despediu com um aperto de mão formal e foi andando com o seu guarda-chuva preto, eles trocaram um olhar perplexo, encolheram os ombros, riram a bom rir. Sentiam-se relaxados, bem-dispostos, de bem com a vida. De tal modo que decidiram presentear Bangalasse com uma camisa branca, das que ele gostava, e umas calças de zuarte, o que fizeram nessa mesma noite.

SERRA ONDE HÁ SAL

O mouro reapareceu à hora de almoço com a mesma fatiota da véspera. Trazia notícias.

— Já vos esperam em Zoutpansberg — disse.

— Excelente, excelente! Nesse caso, podemos partir imediatamente — afirmou o alferes Teixeira.

— Haveremos de partir — respondeu. E foi-se.

Voltou no final do almoço, e dir-se-ia que ele mudara de ideias, não fosse a impassibilidade com que falou.

— Há que ficar tudo pronto hoje, partimos para diante amanhã cedo.

Com efeito, puseram-se a caminho às sete da manhã do dia seguinte, e nem uma hora andaram quando avistaram a povoação do régulo Mucia, dos feras, a maior e mais rica que viram naquela região. Uma vastidão de palhotas, intercaladas por currais repletos de vacas, de carneiros e de cabritos, espraia-se por uma colina acima. O chefe Mucia foi ao encontro deles e fez questão de que parassem, pois ordenara que se cozinhasse comida para todos. Sentaram-se no chão, e as mulheres serviram-nos em pratos de barro. O mouro Cassimo Camal, que era magro como um cão vadio e que parecia ter aversão à comida, desapareceu para recrutar homens que fossem ajudar os bitongas a carregar a carga até Zoutpansberg.

Pelas oito e meia da manhã, estavam novamente de partida, mas não se foram sem que o solícito chefe Mucia lhes oferecesse uma cabrita e um carneiro. Caminharam pelas terras dos feras, subindo uma serra onde foram encontrando pequenas povoações, e essa gente hospitaleira deu-lhes comida, e até um segundo carneiro receberam.

*

À tarde, aproximaram-se dois homens a cavalo que iam ter com eles, ambos brancos. Eram os primeiros europeus que eles viam desde a saída de Inhambane: um, holandês, o outro, português. Era o João Albasini, comerciante e caçador de elefantes. Desmontaram para cumprimentar o padre Montanha e o alferes Teixeira.

— Sejam muito bem-vindos! — disse João Albasini, acolhendo a mão do padre entre as suas. Tinha gestos expeditos, um corpo entroncado, usava um colar de barba que lhe contornava o rosto, por baixo do queixo, sem lhe cobrir a cara e sem bigode.

— Nem imagina como é bom vê-lo, senhor Albasini — disse o padre, com genuína satisfação.

— O mesmo lhe digo eu. Já os esperam na povoação. A vossa vinda é um grande acontecimento. E que tal a viagem?

O padre suspirou, abanou a cabeça.

- Uma grande aventura — disse.
- Imagino!
- Ainda nos falta muito para Zoutpansberg?
- Não, estamos perto.

«Perto», em África, não seria menos de um ou de dois dias de marcha forçada, como se veio a confirmar. Albasini ofereceu os cavalos que os quatro foram montando à vez. Pararam ainda numa pequena povoação, a praça de João Albasini, e mais adiante, noutra praça chamada Lifuvo, onde estava uma enorme carreta com seis parelhas de bois. Mataram-se os carneiros para se alimentar toda a gente e, da carreta, saíram alguns produtos que, de tão raros no mato, lhes pareceram verdadeiros tesouros gastronómicos: pão de trigo, fresco; manteiga, café e açúcar. Albasini distribuiu tabaco por todos e encheu de rapé a caixa do padre Montanha. Pernoitaram ali. Joaquim e o alferes dormiram abrigados na carreta, os outros acomodaram-se à volta de uma fogueira.

De manhã, fizeram-se ao caminho bem cedo, depois de colocarem a bagagem deles na carreta que os transportou. Pela uma hora da tarde, encontraram uma família holandesa na sua carroça puxada por muitos bois que seguia para o mesmo destino para se pôr a salvo de uma guerra que parecia existir. No entanto, Joaquim não percebeu que conflito era esse. Estavam já a poucas léguas quando um numeroso grupo de holandeses surgiu a cavalo, dando à distância tiros de saudação para o ar, ao que o alferes deu ordem aos soldados para que dessem também vinte tiros em sinal de agradecimento por tão ruidoso e espalhafatoso acolhimento.

Pararam as carretas; os cavaleiros apearam-se, saudaram-se efusivamente. Viera uma comitiva do mais alto nível que deixou bem impressionado o padre Montanha. Joaquim teria oportunidade de registar por escrito esta deferência dos bóeres: Eram todos figurões holandeses; era o juiz do povo, o comandante-chefe do distrito, o segundo comandante, negociantes ingleses, e tudo gente limpa.

Era gente estranha que tinha fama de impiedosa, mas, hoje, eles vieram encontrar, com alguma perplexidade, pessoas alegres que davam tiros para o ar e que brincavam com os cavalos, fazendo cabriolas pelo caminho fora, como se fossem crianças felizes com a novidade dos estrangeiros. Efectivamente, não se afiguravam a Joaquim os europeus selvagens de que tanto ouvira falar. Talvez fosse cedo para conclusões, pois pareciam-lhe amigáveis mas o padre não lhes conhecia os humores, e, se agora eram todos muita alegria e boa-disposição, mais tarde, eles poder-se-iam revelar bem menos tolerantes e hospitaleiros. O tempo o diria, ponderou.

Entraram enfim em Zoutpansberg. Chegavam sãos e salvos após um mês e meio de viagem, de muitos perigos vencidos e de tantos outros a que tinham escapado incólumes e que nem imaginavam por não se terem inteirado deles. A povoação assemelhava-se a um primor de civilizada, com as suas casinhas rústicas e os seus habitantes loiros, correctamente vestidos como bons

europeus.

Conduziram-nos a casa de João Albasini por entre uma festa extraordinária que trouxera o povo para a rua. Os homens davam tiros para o ar, o forte replicava com salvas de artilharia, todos os queriam ver; rapazes, raparigas, mulheres e crianças rodeavam a carreta e acompanhavam-na em grande júbilo ao longo da rua. Chegando à porta de Albasini, já se encontrava lá uma multidão à espera. As pessoas estenderam a mão, e muitos apertos se deram antes de o padre e de o alferes conseguirem entrar em casa.

Foram recebidos por uma senhora de rosto bondoso e sem idade, que os esperava no centro da sala com as mãos juntas à frente do peito, bem-composta num vestido austero que a cobria até aos pés, a arrastar pelo chão, de cambraia escura, mangas compridas, gola e punhos de veludo branco. Era a Dona Gertina Maria Petronella van Rensburg.

— Apresento-lhes a minha esposa — disse João Albasini.

— Uma honra conhecer Vosselência, minha senhora — cumprimentou o padre.

Outras senhoras encontravam-se sentadas muito direitas em cadeiras, ao redor da sala simples, onde havia só móveis rústicos, evidentemente de fabrico local.

Dona Gertina indicou uma cadeira ao padre e ao alferes. Uma preta da casa, de saia comprida, trouxe uma vasilha, um jarro e uma toalha pendurada no braço para que os convidados lavassem as mãos, como era costume fazer a quem vinha de fora. Dona Gertina mandou servir café. Chegaram, entretanto, vários homens, e cada um que entrava demorava-se em cumprimentos num holandês insondável para os visitantes, mas estes sorriam educadamente e acenavam com a cabeça em resposta a esses intermináveis encómios.

Jantaram um bife de vaca à mesa de João Albasini e ficaram até às dez da noite, respondendo a muitas perguntas daquela gente curiosa. Destinaram-lhes depois uma casinha, uma cabana de madeira, despojada, onde havia uma sala com a sua mesa rústica e as suas cadeiras, e dois quartos de camas bem apetrechadas com cobertores de lã castanha, prometendo um aconchego de calor, um conforto para as noites frias de gelar os ossos, e tudo muito asseado, muito arrumado. Estava-se bem ali. Havia até um quarto exterior num anexo, onde dormiam os três criados que tinham vindo de Inhambane para os servir. Deram uma casa maior aos soldados, mas com menos requinte. Já os auxiliares e os carregadores tinham ficado acampados na praça de João Albasini.

E assim acabou esse dia memorável, que Joaquim reputou de histórico nos seus derradeiros pensamentos, cheios de justificada esperança, antes de adormecer numa cama verdadeira, luxo máximo de civilização que lhe poderiam ter dado no epílogo de tão sacrificada viagem.

A primeira reunião teve lugar na sala de João Albasini, que era já uma nuvem de cigarros e de charutos dos holandeses convocados para o adjunto

com os portugueses. O padre Montanha, de batina, e o alferes Teixeira no rigor de uma farda de honra, mal podiam distinguir ainda quem era quem entre os presentes. No entanto, Albasini fazia de intérprete e o juiz Abraham de Vinary dirigia os trabalhos. Fora o juiz quem promovera este encontro, uma vez que o comandante-geral Stephanus Schoeman se encontrava fora da povoação, para uma guerra, conforme lhes foi explicado sem grandes pormenores, pois tratava-se de um conflito de holandeses e estes entenderam que os portugueses não tinham interesse nele.

O entusiasmo do padre Montanha era grande, mas foi esmorecendo enquanto o juiz Abraham de Vinary cofiava a pêra, debruçado sobre papéis, de lente no olho, glosando burocracias, pedindo passaportes, que tinha de ser, que eram obrigatórios. À falta de passaportes, aceitou as cartas de nomeação trazidas de Inhambane. Finalmente, traduziram em holandês a carta do governador de Inhambane para o comandante-geral de Zoutpansberg. Esta haveria de lhe ser enviada só na segunda-feira, porque, sendo amanhã domingo, nada se fazia, nem mesmo assuntos de Estado.

Joaquim voltou desiludido para casa, esperava mais empenhamento dos bóeres, menos festa, mais acção. Qual quê, vinham-lhe com passaportes e outras explicações fastidiosas de burocracia inútil! Foi para o quarto desanimado, com uma ponta de frio, uns arrepios molestos, a chocar alguma. Sentiu-se cansado, a pedir o calor reconfortante dos cobertores. Tinha febre, e foi tal o acesso que já não se conseguiu despir sem ajuda, porque todo ele tremia. Tomou uma dose de genebra que o alferes Teixeira lhe deu à boca, pois nem conseguia segurar o copo com as convulsões que lhe atravessavam o corpo todo.

Passou mal a noite, em delírios, alagado em suores, pálido, como que inconsciente. O alferes, ao vê-lo piorar a cada hora, encheu-se de cuidados, mandou ferver água para o chá e foi-lhe dando colheres. Abafou-o com a roupa da cama, e Joaquim transpirou tanto que deixou num charco os cobertores e os lençóis. A febre baixou.

Ao outro dia, débil e moído como se tivesse levado uma sova, ficou de cama e só tomou chá e uma xícara de caldo de vaca enviado pela Dona Gertina Rensburg. Lentamente, foi recuperando.

*

O mês de Julho foi-se escoando numa pasmaceira enervante, sem nada acontecer, e o padre Montanha ia apelando a toda a calma possível para apaziguar a ansiedade crescente. Finalmente, a vinte e dois, houve uma novidade que agitou a modorra habitual. O comandante-geral Stephanus Schoeman entrou no *dorp* — na povoação — à frente de uma coluna de soldados a cavalo, e a sua chegada foi celebrada com tiros ao ar, de parte a parte. O padre Montanha e o alferes Teixeira mandaram fardar os soldados da sua comitiva, e estes também deram três salvas de cumprimentos, graças à generosidade de João Albasini, que ofereceu quinze cartuchos de pólvora para que os soldados não ficassem desprovidos de munição. O comandante-geral

desmontou do cavalo, saudou o povo, entrou numa casa. Não deu pela presença dos portugueses, ou por eles não se interessou, uma vez que não lhes dispensou um olhar de reconhecimento, um aceno, enfim, nem um sinal de cortesia para com os embaixadores que tinham vindo de tão longe para lhe falar. O padre Montanha e o alferes Teixeira soçobraram, esquecidos no meio daquela imensa animação popular, a olhar um para o outro.

— Mais valia termos ficado em casa — disse o padre sem conter a irritação.

O alferes encolheu os ombros, a pensar se ele se estaria a referir à casa dali ou à de Inhambane.

— Dispenso os homens?

— Pois dispense, dispense, que diabo! Quer-me parecer que nós também estamos dispensados!

A um gesto do alferes, os soldados dispersaram, bastante aliviados, pois sentiam-se torturados pelos sapatos novos que calçavam, mais uma oferta de João Albasini, *o benemérito*, como já o apelidavam em reservado o padre e o alferes, um pouco incomodados com a escassez de meios de sobrevivência que, convenhamos, em nada prestigiava a embaixada portuguesa. Quanto aos praças, preferiam andar descalços, o que faziam se o alferes não os contrariava e voltava a cabeça, fingindo que não reparava. Foram para casa, tão desalentados que nem lhes ocorreu jantar. De resto, a chegada do comandante-geral devia ter sido uma emoção muito grande para aquela gente, porque mesmo a Dona Gertina Rensburg, sempre tão atenciosa com o bem-estar deles, se esquecera de os mandar chamar para irem lá jantar.

Tomaram só um chá e comeram uns biscoitos da reserva para os apertos de urgência, e conversaram longamente sobre as preocupações que se avolumavam, pois sabiam agora que a carta chegada a Inhambane, esse convite visionário dos bóeres para abrirem uma via comercial até ao mar, fora redigida pelo antecessor do comandante-geral, entretanto substituído no cargo. Aparentemente, o carismático Stephanus Schoeman não tinha o mesmo pensamento sobre estes assuntos estratégicos, ou talvez o prendessem outras prioridades. Enfim, o que fazer? Esperar! Mas até quando? No entanto, nos dias seguintes haveriam de ter novidades chocantes, decorrentes da sua passagem pelo sertão.

Primeiro, constou-se que os manhambozes —essa gente avassalada do régulo Manicusse — tinham arrasado as povoações dos maloios, castigando-os cruelmente por estes terem deixado passar impunemente os portugueses pelas suas terras. Manicusse enfurecera-se ao saber que a comitiva atravessara vastas áreas do seu império, contra a sua vontade. Ao tomar conhecimento destas perturbadoras notícias, o comandante-geral enviou em diligência uma patrulha a cavalo, para se inteirar da veracidade do que se dizia. A patrulha foi e voltou com a informação de que também ela escapara aos manhambozes por levar meio dia de avanço dos três mangas de guerreiros que a perseguiram. Os holandeses confirmaram que o irado régulo ordenara a captura dos portugueses e que os seus guerreiros tinham feito a mesma rota durante três dias, perguntando insistentemente por eles e fazendo tremendos estragos pelas povoações landins por onde passaram. Só haviam desistido ao chegarem às terras dos bóeres.

De modo que o padre Montanha e o alferes Teixeira ficaram a saber, por intermédio de João Albasini, que tinham sido a causa de grandes sofrimentos para aquelas tribos afáveis que os haviam recebido desinteressadamente e com hospitalidade genuína. Tomaram consciência do enorme perigo que fora a parte final da viagem, visto que os manhambozes os tinham perseguido sem que eles soubessem. Joaquim lembrou-se das zangas que tivera com Bangalasse, quando o guia insistia em parar demasiado cedo. Sem o saber realmente, o padre salvara a coluna de um massacre ao forçar a marcha.

Mas esta situação deixava em aberto uma dificuldade. Agora que Manicusse estava atento, eles já não poderiam empreender discretamente, em harmonia e em segurança, a viagem de regresso. Só poderiam voltar a passar pelos manhambozes à viva força, o que os tornava ainda mais dependentes dos holandeses.

*

Ao entrarem na ampla sala onde decorreria um adjunto presidido pelo comandante-geral, ficaram com a impressão de que tinham sido convocados para um julgamento. Com efeito, era ali que se reunia o tribunal. Pairava um denso ambiente plúmbeo de uma nuvem de charutos, rasgada por uma luz pálida coada pelas vidraças sujas das janelas laterais. Ao fundo, uma meia-lua de cadeiras estava ocupada por homens de expressão dura que os olharam em silêncio por detrás do fumo. Sobravam três cadeiras de braços, voltadas para essa circumspecta plateia que tinha ao centro o comandante-geral. O padre Montanha e o alferes Teixeira vinham com João Albasini. A um gesto de cortesia do comandante-geral, tomaram os lugares livres. Stephanus Schoeman disse umas breves palavras incompreensíveis, dirigindo-se a João

Albasini. Esperou que este as traduzisse.

— O comandante-geral agradece a vossa presença em Zoutpansberg. Diz que ficou surpreso e muito bem impressionado com a vossa disponibilidade para empreenderem, de forma tão pronta, uma viagem tão perigosa em resposta ao convite deles.

O padre Montanha ajeitou a batina, acenou positivamente com a cabeça. Stephanus Schoeman não sorria, passava sabiamente a mão calejada pela barba farta que terminava em bico abaixo do queixo, acompanhando as abas da gola do colete abotoado até acima, sob uma jaqueta castanha. A presença imponente deste homem de rosto sanguíneo, de cabelo revolto, vermelho, e de temperamento impetuoso, todo ele sugerindo um fogo nas veias e uma vontade indómita, explicava por si só o epíteto de *Stormvogel den Noorden*, que lhe vinha das contendas acaloradas com os outros líderes bóeres. Efectivamente, este Pássaro da Tempestade do Norte tinha uma presença impressionante, de respeito. Joaquim avaliou-o enquanto escutava a tradução, fazendo questão de o olhar de frente com uma bondade plácida, não se deixando intimidar. Stephanus Schoeman apreciou a atitude do homem de Deus, o embaixador português, mas não deixou transparecer esse pensamento, evidentemente, manteve-se impassível na sua astúcia de negociador inveterado. Tinha quarenta e cinco anos, dali a cinco seria presidente da República Sul-Africana, o segundo, derrotando as pretensões políticas do presidente interino e sucedendo ao presidente fundador, Marthinus Wessel Pretorius, autor da Constituição do novel país africano e com quem Stephanus Schoeman manteve conflitos lendários.

Em resposta, o padre Montanha agradeceu também o generoso acolhimento dos holandeses e referiu a disponibilidade dos portugueses para criarem uma via comercial entre Inhambane e Zoutpansberg, que ele considerou muito proveitosa para o progresso de ambas as partes. Seguiu-se uma recapitulação dos fundamentos que os traziam ali. A uma indicação do líder, um dos presentes leu algumas leis dos bóeres e as cartas trocadas entre as duas comunidades, a do convite à embaixada portuguesa para se deslocar a Zoutpansberg e a do governador de Inhambane que o padre trouxera para o comandante-geral. Houve várias intervenções interessadas em questões de segurança, nomeadamente sobre a zona de influência do régulo Manicusse.

— Uma comissão de oito ou de dez pessoas seria suficiente para se deslocar a Inhambane, sem ser incomodada pelos vátuas de Manicusse? — perguntou Stephanus Schoeman.

— De maneira nenhuma — respondeu o padre. — Ao Manicusse, não lhe convém os nossos negócios, e agora que este sabe da nossa vinda, eu penso que só é seguro passar com uma força de respeito.

— Quantos, então?

— Não menos de cinquenta homens a cavalo, e mesmo isso é, talvez, arriscar.

— E passando a zona de influência do Manicusse, pode-se seguir caminho

depois?

— Absolutamente. Só é necessário subjugar o Manicusse. Metendo-o na ordem, todo o caminho fica transitável.

— Caso seja preciso bater o Manicusse, Inhambane coadjuvará com uma força?

— Desde o momento em que haja um tratado entre as duas partes, não tenho dúvidas sobre isso, seja para bater o Manicusse ou qualquer outro insubordinado.

— Quanto ao comércio, os nossos poderão ir a Inhambane fazer negócio com os navios portugueses e com os estrangeiros?

— Repare, Vosselência, que as minhas respostas são necessariamente interinas, não as posso dar com a força definitiva que o meu governo as dará. Contudo, havendo um tratado, com certeza que poderão negociar, mediante o pagamento dos direitos da alfândega, claro está.

*

O comandante-geral dispensou-os depois, dizendo que a reunião prosseguiria tratando de assuntos do país que só os aborreceriam. No entanto, mandou-os chamar novamente pelas quatro da tarde. Nessa altura, tinha uma expressão menos determinada e que tanto podia ser de cansaço como de pesar.

— É necessário que vos fale do vosso regresso — disse Stephanus Schoeman. — A minha gente diz que, como a época fria está a acabar, já é tarde para se empreender a viagem a Inhambane. As pessoas receiam as doenças e a mosca venenosa que mata o gado. Sendo assim, propomos duas alternativas: podem ir, só os dois, para Lourenço Marques à nossa custa ou podem ficar aqui até voltar o tempo frio.

João Albasini concluiu a tradução.

— Mas isso não pode ser! — insurgiu-se o padre Montanha numa exaltação murmurada entre dentes.

— Prudência, padre! — avisou Albasini que, aflito com a reacção dele e ciente do mau génio de Stephanus Schoeman, nem se atreveu a traduzir a irritação do padre.

— Diga-lhe que tenho de ponderar, que lhe dou a resposta amanhã — disse, seco, o padre.

Albasini traduziu, Stephanus Schoeman fez que sim com a cabeça, rosnou um assentimento, mas Joaquim ficou mais algum tempo na sala, enquanto os outros tratavam de assuntos locais, e não estava nada satisfeito, não se conformava com a ideia de se retirar com a questão neste pé; pareceu-lhe importante deixar registado o seu desconforto. Respirou fundo, moderou a exasperação, pediu para falar.

— Se Vosselência me permite recordar, nós viemos aqui a pedido do comandante-geral, seu antecessor, por pronta nomeação do governo de Inhambane, e fizemos já um grande esforço para conseguirmos chegar a salvo. Todos sabem os riscos que corremos. Para mim, seria um enorme sacrifício ir agora para Lourenço Marques e ter de ficar ali sabe Deus quanto tempo, talvez

um ano! Porque, nesta altura do ano, já não vamos a tempo de tomar um navio para Inhambane. Vosselência, veja, eu sou responsável pela comitiva que veio comigo e não posso, e nem devo, deixar cá a minha gente. E mesmo se fossem todos para Lourenço Marques e se, por uma sorte, se achasse lá um barco, seria impossível embarcá-los porque são muitos. E, também, não poderíamos ir de Lourenço Marques para Inhambane a pé, porque teríamos de passar por terras do Manicusse, e isso seria meterno-nos na boca do lobo.

Joaquim fez uma pausa, enquanto João Albasini acabava de traduzir. Deixou assentar bem as palavras. Stephanus Schoeman, os homens todos, escutavam-no em grande silêncio; sentia-se o incómodo nas suas expressões, nos seus gestos, passando os dedos pela barba, pelo cabelo, coçando o pescoço, puxando o fumo dos charutos, como se tivessem necessidade de manter as mãos ocupadas. Retomou a palavra.

— Por outro lado, Vosselência compreenderá que ficar aqui um ano à espera do frio será outro grande sacrifício, ademais sem meios para o fazer com decência. Eu e o meu companheiro não viemos prevenidos para tanto, não temos meios para sustentar tanta gente por um ano. A minha comissão era vir aqui e voltar; viemos com a condição, e a vossa promessa, de nos acompanharem a Inhambane, e nós, confiantes nisso, fizemos todas as diligências para aqui chegar depressa. Agora — abriu os braços numa resignação —, Vosselência, tome as providências que melhor entender; estamos à vossa disposição.

Dito isto, pediu licença, levantou-se e saiu da sala, acompanhado pelo alferes Teixeira e por João Albasini que ficou para trás a dizer qualquer coisa ao comandante-geral e que se apurou para os apanhar já lá fora.

*

O padre Montanha estava possesso. Chegou à rua e pôs-se a andar para a frente e para trás, nervoso, resmungando, de mal com o mundo e, em particular, com os holandeses.

— Isto só a mim! Passar um ano aqui, com franqueza!

— Mas falou muito bem, meu padre — disse o alferes Teixeira. — Decerto, eles vão reconsiderar.

— Pois você crê?

— Que falou bem? Mas muito bem, esteve admirável!

— Que eles reconsideram, caramba!

— Ah, sim, vai ver; eles hão-de arranjar uma solução.

— Deus o oiça, Deus o oiça!

E, ouviu, enfim, ao menos parcialmente, pois ficara uma comoção na sala, e os homens, com o nó na garganta, resmungaram uns aos outros que era necessário fazer alguma coisa, que era patriótico levar o padre a Inhambane!

*

A preocupação enervava o padre Montanha que, verdadeiramente, já não tinha nada a fazer ali. Viera, entregara a carta do governador, parlamentara com os holandeses, estava despachado. Agora, cabia-lhes a eles irem concluir

as negociações a Inhambane; da sua parte não havia nada mais pendente. Joaquim pensava muito em Leonor e nos miúdos; não tinha notícias deles e também não havia maneira de lhes mandar notícias suas. Poderia enviar uma carta para Inhambane, por um portador indígena — o que faria certamente se não conseguisse viajar —, mas, de modo algum, para Leonor, pois que justificação teria ele para o fazer? E Joaquim que lhe prometera que não se demoraria mais de dois meses! Sentia-se mal com isso.

No dia seguinte, o adjunto tornou a reunir-se e decidiu formar uma comissão de notáveis para acompanhar o padre Montanha a Inhambane, juntamente com os homens que se voluntariassem. Os nomeados para a comissão foram o juiz Abraham de Vinary, o notário e secretário-geral Christiano Rabi e o oficial de guerra Pieter Weber, já os voluntários não foram além de vinte e um. E tudo isto conseguido à custa de muitos debates e de muitas determinações.

A partida ficou apazada para sete de Agosto, mas a quatro, Joaquim, vendo que ninguém falava com ele sobre o assunto e que as informações iam chegando dispersas e pouco consistentes, pegou no papel, na pena, e escreveu ao comandante-geral a perguntar-lhe quando partiriam eles afinal. A resposta, igualmente por carta, não tardou a chegar:

Sou obrigado a informar V. Rev.^a que fiz todas as diligências que me eram possíveis para realizar uma expedição de voluntários a fim de o acompanhar com toda a segurança, deste lugar até Inhambane; mas, infelizmente, não me foi possível conseguir tal empresa, e em consequência da estação própria ter passado e de se me tornar impossível obrigar a minha gente a ir, pois essa responsabilidade não posso tomar sobre mim. Por isso, tomo a liberdade de perguntar a V. Rev.^a se é do seu agrado ir em companhia do excelentíssimo Sr. Albasini até onde ele puder chegar?

*

De facto, a vontade dos holandeses em acompanharem o padre a Inhambane era pouca ou mesmo nenhuma. Em poucos dias, os membros da comissão haviam dado parte de doença, e os voluntários tinham vindo a desistir um após outro. Aparentemente, só a vontade de Stephanus Schoeman empurrava os outros para a aventura, mas sem que tivessem grande convicção. No final, restava só João Albasini.

Joaquim, descoroçoado com a resposta de Stephanus Schoeman, tão desesperado que já aceitava qualquer solução, escreveu umas linhas derrotadas ao comandante-geral, dizendo-lhe que, nesse caso, iria com João Albasini, ainda que a força que os acompanharia fosse muito diminuta. Deixou, porém, claras as suas reservas:

Vou, mas ao mesmo tempo digo a V. Ex.^a que, se, durante o caminho, ele voltar por qualquer motivo, eu igualmente voltarei, pois não posso arriscar-me, a mim e à minha comitiva, ao perigo de cairmos nas mãos dos cafres de Manicusse que, por certo, nos vigiam.

*

Prepararam-se, então, para irem nestas condições precárias. Contudo, à medida que se aproximava o dia, Joaquim foi ouvindo muitos comentários que pressagiavam mais uma reviravolta naquela atribulada partida de Zoutpansberg. Era uma povoação pequena onde tudo se sabia. No dia cinco de Agosto, o padre Montanha e o alferes Teixeira foram, de casa em casa, despedir-se das pessoas e, em todas elas, ouviram o mesmo comentário: «*Iam incomodar-se para nada, porque Albasini não lhes queria dizer, mas ele não ia a lado nenhum, senão à caça de elefantes, voltando em seguida para o *dorp*.*» À noite, Joaquim foi a casa dele confrontá-lo com o que se dizia.

Havia uma grande calma na povoação, escutava-se lá fora os gritos das *quisumbas* no mato; era um silêncio profundo que convidava a falar em voz baixa na sala de João Albasini.

— Amigo Albasini, venho falar-lhe com muita franqueza de um assunto que me está a incomodar e que eu preciso que me responda também francamente.

— Mas, naturalmente, meu padre. O que o incomoda?

A sala acoitava-se quase toda numa escuridão vazia; Dona Gertina já se recolhera. Restavam eles, envolvidos pela luz amarela de um candelabro de três velas ardendo a um canto da mesa para não se intrometer entre os dois. Joaquim chegou-se para a frente na cadeira, juntou as mãos entrelaçando os dedos em cima da mesa.

— Tenho ouvido dizer a muita gente que, no dia sete, o senhor vai daqui com os seus caçadores somente para caçar elefantes e que não tenciona mais do que isto. O que eu tenho de saber é se é mesmo assim, porque se for e se não estiver na sua ideia acompanhar-nos realmente a Inhambane, diga-me já, que me poupa uma viagem inútil.

João Albasini encavacou, passou a mão pela barba circular na base do queixo, teve um sopro prolongado, um suspiro de embaraço, e abanou pausadamente a cabeça, dizendo que sim.

— Eu não sabia como lhe dizer isto, mas tenho muita experiência nesses matos e não acho prudente irmos para Inhambane sem uma força de respeito. Os manicusses estão de sobreaviso, como sabe, e não será possível passar por eles sem estes darem por nós.

— Concordo consigo — reconheceu o padre. — Mas porque não disse logo o que pensava?

— Porque o Schoeman está tão comprometido que quer uma solução à força e colocou-me nesta posição ingrata.

— E ele sabe, tão bem como você, que só me leva a caçar elefantes?

— Sabe, evidentemente, embora não o tenha admitido.

O padre anuiu com a cabeça, reparou na cera das velas que derretiam pelo candelabro para a mesa; voltou a encarar Albasini.

— O comandante-geral quer que eu vá consigo iludido, para no fim regressar e não poder dizer que não se tentou passar pelos manicusses — disse, exprimindo em voz alta uma reflexão sobre o que lhe parecia agora ser

claramente o pensamento ladino de Stephanus Schoeman.

— Ele está numa posição impossível. Sente-se na obrigação de cumprir o compromisso de honra assumido pelo seu antecessor, mas não tem meios para o fazer.

— E eu estou numa posição ainda pior, porque só volto para casa se for sozinho — lamentou o padre.

— Se quer o meu conselho, escreva-lhe uma carta dizendo-lhe que decidiu ficar até à estação própria. Será um grande alívio para o comandante-geral, e garanto-lhe que, tanto ele como eu, providenciaremos para que não vos falte nada.

Joaquim pensou um pouco na sugestão dele, ponderou as suas alternativas e acabou por encolher os ombros, começando a resignar-se com a evidência de que teria mesmo de passar alguns meses em Zoutpansberg. Restava-lhe o consolo de que poderia contar com o apoio de João Albasini e com a hospitalidade dos holandeses para comerem e terem uma vida decente, pois não imaginou que também essa promessa haveria de falhar.

O comandante-geral ficou radiante com a carta do Padre Montanha, anunciando que ficava em Zoutpansberg. Tirava-lhe um peso de cima. Stephanus Schoeman era um irredutível da palavra dada, pensava que um homem dependia da sua honra, e esta da probidade. Um compromisso era um compromisso e devia ser cumprido em qualquer circunstância. Ora, admitindo o padre que viajar só com João Albasini e os seus caçadores *seria querer temeridades e arriscar além do razoável, perante qualquer força do Manicusse que lhes surgisse ao caminho* — conforme escreveu Joaquim na carta que lhe enviou —, Schoeman ficou mais descansado. Haveria de levar o padre a Inhambane, absolutamente, mas entretanto eles ficavam entendidos, e aos pedidos de Joaquim para que providenciasse para que nada faltasse, a ele e à sua comitiva, o governador acedeu prontamente, diligenciando, dentro do possível, as condições para garantir uma vida digna à embaixada portuguesa. Tudo o que precisassem, para vestir ou outra necessidade, poderiam pedir na loja de João Albasini; a comida para o padre Montanha e o alferes Teixeira seria dada pelos senhores Weber na ausência de Albasini e, quanto ao resto da comitiva, todos os habitantes contribuiriam com o que pudessem para a abastecer de mantimentos. Contudo, João Albasini partiu para a sua caçada aos elefantes e, em breve, começou a falhar o abastecimento para os homens; alguns dias mais tarde, já era tão escassa a alimentação que o padre Montanha e o alferes Teixeira tiveram de a comprar.

Tornou-se embaraçoso. Felizmente, João Albasini regressou e Joaquim expôs-lhe a situação por carta, para que ficasse registado o seu desagrado e, simultaneamente, para o poupar a uma conversa incómoda. Albasini respondeu-lhe de imediato, cheio de compreensão:

Tive a satisfação de receber um bilhete de V. Rev.^a pedindo mantimento, e reconheço que isto assim não tem jeito nenhum. Por isso, passo a entender-me com o comandante-geral sobre este assunto e, entretanto, se V. Rev.^a e o Sr. Alferes quiserem servir-se da minha insignificante mesa enquanto aqui estiverem, ela está às vossas ordens.

PS: É meio-dia e a comida está na mesa.

*

Daí em diante, o fornecimento de alimentação regularizou-se e as condições tornaram-se aceitáveis.

*

Em Outubro, foram convidados para um adjunto geral com toda a população de Zoutpansberg. O encontro decorreu na casa de audiência, um espaço largo onde o povo se costumava reunir para debater os problemas da terra. Stephanus Schoeman, sentado a uma mesa virada para a plateia, tinha

um grande e pacato mastim deitado a seus pés, dormindo uma sesta, mole e indiferente ao bulício das conversas e das corridas de crianças enérgicas que se perseguiam em alegre gritaria pelos corredores entre as cadeiras. O ambiente era descontraído, e os homens falavam ainda de pé, fumando os seus charutos, enquanto as mulheres charlavam umas com as outras, já sentadas. A uma indicação do líder para que todos tomassem os lugares, eles foram logo sentar-se e elas viraram-se para a frente com as mãos no regaço, muito apuradas e atentas. O rumor das conversas morreu para que o comandante-geral pudesse fazer a sua intervenção.

Não se tratava de nenhuma surpresa, pois sabia-se que Stephanus Schoeman estava de partida para ir visitar a família noutra povoação distante, onde ficaria até Janeiro. O comandante-geral fez então um curto discurso para se despedir do povo e, depois, dirigiu-se ao padre Montanha para lhe garantir, perante toda a gente, que não se esqueceria dele e da comitiva portuguesa.

— Pode estar descansado que no dia um de Junho próximo haverá de sair daqui na companhia de uma comissão para ir a Inhambane — disse.

— Agradeço a preocupação de Vosselência — respondeu o padre.

— Tem a minha palavra. Nessa altura, eu mesmo, pessoalmente, irei acompanhá-los com uma força de quinhentos homens!

*

Os meses passaram. O padre Montanha interessou-se mais por aquela gente holandesa, estudou-lhe os costumes, afeiçoou-se às pessoas, percebeu finalmente que tinha ali um povo mais civilizado e correcto do que fazia crer a sua fama de rude e de impiedoso. No fundo, ponderava ele, seriam os portugueses em África menos duros e inflexíveis com o gentio? Todos os europeus se confrontavam com a circunstância agreste do sertão e, no fim, resumia-se tudo a uma questão de sobrevivência: não se podia contemporizar com povos irredutíveis que só compreendiam o argumento da espada e do chicote. Os bóeres, isolados no interior, cercados por tribos agressivas, arrostavam o perigo com uma bravura demolidora, mas, convivendo com eles, descobria-se também uma boa amizade entre os homens, que eram de uma lealdade incontornável, e uma pessoa podia mesmo comover-se com a atenção vigilante de uma mãe para com um filho agarrado à saia, de quem nunca se separava enquanto crescia.

De resto, embora pobres, os bóeres davam provas de civilização impressionantes. A povoação holandesa repousava numa planície a sul de uma serra imensa, donde se extraía o sal, e por aí surgiu o nome do *dorp* de Zoutpansberg ou «Serra onde há sal». Tinha seis extensas ruas paralelas, muito largas, e outras seis transversais, igualmente paralelas e largas, desenhadas num quadriculado perfeitamente alinhado. Pelas ruas, corria água fresca através de um engenhoso sistema de abastecimento que vinha de longe, de um rio na serra, que, chegando à povoação, se ramificava em regos abertos no chão. Assim, a água passava perto de todas as habitações. O padre Montanha ficara maravilhado com estas ideias de progresso, simples e

cômodas, e gostava sinceramente da correcta ordem das ruas, onde não era permitido atirar o lixo para o chão nem deixar os animais à solta. Havia um escrupuloso respeito pelo vizinho e não se tropeçava em porcos, porque os habitantes eram obrigados a ter os seus quintais fechados com cercas. Joaquim suspirava, quão diferente da sua caótica Inhambane...

Reinava ali uma decência admirável nas casas pequenas, baixas, abarracadas, a maioria coberta de palha, quase todas de madeira ou de barro. A povoação adormecia em paz, silenciosa, sob o suave manto da noite e, nessas casinhas rústicas de uma só divisão, os moradores tapavam com travesseiros os buracos pequenos que faziam a vez de janelas. Também se construíam já algumas casas de tijolo, com várias assoalhadas e janelas envidraçadas. Durante esses meses em Zoutpansberg, o padre Montanha foi acompanhando com vivo interesse a construção de uma igreja alta, que se ia edificando, tijolo a tijolo, ganhando a forma de cruz, tendo uma porta em cada uma das quatro extremidades.

Mas havia uma faceta insuspeita dos holandeses, que podiam ser alegres e pueris como Joaquim nunca vira outros. Testemunhou isso no dia um de Janeiro, feriado e de festa geral, ao ser surpreendido com um comportamento irracional das pessoas.

*

Preguiçava ainda em casa, arrastando uma conversa matinal à mesa do pequeno-almoço com o alferes Teixeira, quando começaram a escutar tiros lá fora. Acudiram à rua, alarmados com a ideia de que o *dorp* estava sob ataque. Foram dar com os holandeses aos tiros para o ar. Vestiam as suas melhores roupas e andavam a cantar e a brincar, festejando com uma fuzilaria imparável, disparando as armas incessantemente, como se tivessem perdido a razão.

— Parecem doidos! — exclamou o alferes, perplexo.

— Antes a loucura deles do que um ataque de quaisquer outros — disse o padre, levando a mão ao peito alvoroçado do susto.

A festa prolongou-se pela tarde, e esta era tanta que os dois lhe ganharam o espírito e foram também vestir-se de gala — o padre, a batina, o alferes, a melhor farda, e riram-se bem com as invasões das casas, onde entravam em algazarra a pedir bebida e, se ali nada havia, passavam à próxima. Porém, ao findar a tarde, cessaram as brincadeiras; o povo recolheu-se e caiu o silêncio e a ordem de todas as noites.

Oito dias depois, repetiu-se o estrépito das armas, mas às dezoito horas. O padre Montanha sorriu ao alferes Teixeira e abanou a cabeça, desconcertado.

— Querem ver que há festa outra vez!

— A esta hora? — estranhou o alferes.

Mas não, era o comandante-geral que voltava da sua longa ausência, e o povo saudava-o com grande entusiasmo. Até do baluarte da fortificação se dispararam as peças de artilharia. Stephanus Schoeman atravessou triunfalmente a rua principal numa carroça puxada por quatro cavalos, mas

deteve-se ao ver o padre Montanha, o alferes Teixeira e o João Albasini. Apeou-se, cumprimentou-os efusivamente.

— Folgo em ver-vos de saúde — disse. — Têm sido bem tratados?

— Perfeitamente — respondeu Joaquim. — Nada a dizer.

— Pois bem, pois bem, venham amanhã a minha casa que eu tenho grandes notícias!

E, dito isto, voltou para a carroça sem mais delongas, rodeado pela animação, a gritaria feliz e os tiros.

*

A casa do comandante-geral não se destacava das outras: a mesma sala rústica, as mesmas mobílias simples e trabalhadas à mão pelos artífices locais. Stephanus Schoeman recebeu-os com uma informalidade nova, bem diferente do semblante fechado e rígido dos primeiros dias. Os portugueses já estavam em Zoutpansberg há tanto tempo que lhe mereciam o tratamento amigo dos íntimos da casa. Sentaram-se em cadeiras; a empregada serviu café, conversaram com a ajuda de João Albasini.

— Vão gostar de saber que consegui reunir trezentas pessoas para irem a Inhambane — anunciou Stephanus Schoeman, sorridente.

— É uma força impressionante, realmente — concordou o padre, pensando que se tinham perdido duzentas desde a promessa que Schoeman lhe fizera antes de ir de viagem. Mas não vinha mal ao mundo por isso, pois trezentas parecia-lhe um número razoável.

O comandante-geral animou-se, levantou-se e falou de pé.

— Há um grande entusiasmo com a perspectiva de se comerciar com os portugueses, e até os das colónias inglesas querem integrar a comitiva que vai a Inhambane. Falei a muita gente do plano para abriremos uma via comercial com a vossa vila e a aceitação é total.

— Sendo assim, temos meio sucesso — afirmou o padre. — Falta-nos concretizar o outro meio.

*

Uma semana depois, o comandante-geral apareceu jubiloso em casa deles para lhes anunciar o seu casamento. Queria convidá-los, fazia mesmo questão de que fossem. Desculpá-lo iam por ser uma festa sem grandes luxos, evidentemente, porque não os havia no sertão, mas, de qualquer forma, era uma honra poder contar com o padre Montanha e o alferes Teixeira. O casamento seria em Waterberg, a seis dias de caminho, um pequeno incómodo mas, enfim, fazia-se bem e com segurança, garantiu. Nunca o tinham visto tão leve de espírito e tão bem-disposto, longe das formalidades que lhe impunham o cargo, parecendo um jovem nubente excitado com a festa.

— Prometem que vão? — perguntou-lhes, insistente.

— Prometemos que vamos — assentiu o padre.

— Dão-me a vossa palavra?

— Absolutamente.

— Não falham?

— De maneira nenhuma.

Schoeman era daquelas personalidades fortes e determinadas que não aceitavam um não como resposta, e, efectivamente, Joaquim percebera há muito que difficilmente se lhe podia negar uma vontade. De forma que lá foram de carreta e de bagagens a Waterberg, enfileirados numa coluna de sete carros de bois, na companhia de várias famílias de boa linhagem, para assistirem a esse casamento sem luxos, ao qual compareceram mais de cem convidados e que teve três dias de bailes, animação, excelente comida e bebida servidas por criados de farda, muito limpos e obsequiosos. As danças começavam à tarde e continuavam muito para lá do sol-posto. Gente elegante de sobrecasaca ou de vestido de baile de braços descobertos, tudo bons tecidos importados da Europa.

O alferes Teixeira, um pouco rígido na sua farda de gala, sentia-se deslocado naquela festa onde pontuava a elite branca holandesa, ciente de que a presença de um mulato era tolerada por consideração ao estatuto de embaixador português. Já o padre Montanha deliciou-se a descobrir a alta sociedade colonial, os costumes, o bom gosto, a elevação dos cavalheiros, a delicadeza correcta das senhoras, o comportamento educado das crianças. Mesmo sem jeito para línguas, desembarçou-se em muitas conversas, um pouco em francês, outro pouco em inglês, desejoso de aproveitar a oportunidade para contactar com pessoas influentes. De resto, ele e o seu parceiro eram motivo de curiosidade geral, por serem estrangeiros e representantes de um país longínquo e de muita fama. Stephanus Schoeman não os desamparou; apresentou-os aos outros convidados, afável e prazenteiro, não poupando elogios ao carácter nobre do padre Montanha, ao espírito aventureiro, expedicionário e precursor dos portugueses, que tinham naqueles dois cavalheiros um superior exemplo vivo da pátria!

— Nós também vamos fazer aqui um grande país. Uniremos o Transval e o Estado Livre de Orange na Zuid-Afrikaansche Republiek! — disse Stephanus Schoeman. Joaquim viu como os olhos do governador brilharam ao dizer isto e percebeu nele uma convicção tal que, nesse momento, acreditou que aquilo iria mesmo acontecer.

Estiveram ainda um pouco à conversa, frases curtas, expressões intensas, muita mímica. O padre elogiou a cerimónia, presidida pelo juiz, e o baile que se iniciara logo que o noivo pagara as custas do auto do casamento, como era tradicional entre os holandeses. Um músico dotado irrompeu pelos convidados a tocar rebeca, e os homens avançaram para as senhoras sentadas em cadeiras de costas para a parede, fazendo uma mesura defronte da escolhida, tocando com a mão no joelho dela, levando-a para dançar no meio da sala. Explicaram-lhe depois que elas não podiam negar o convite e que ali toda a gente bailava, independentemente da idade. No final da dança, eles davam-lhes um beijo na cara antes de se separarem. Isto repetiu-se ao longo dos três dias de festa, e muito se cantou também com o acompanhamento da rebeca.

O casamento acabou, regressaram a Zoutpansberg, uma semana passou e chegou também Stephanus Schoeman, feliz, na companhia da sua mulher e de toda a família, ele a cavalo, à frente de uma coluna de seis carretas. O padre Montanha e o alferes Teixeira foram a cavalo com holandeses, ingleses e russos ao encontro deles, para os receber e os acompanhar até ao *dorp*. Deram tiros para o ar e os das carretas deram tiros para o ar e, chegando à povoação, o povo deu tiros para o ar e toda a gente deu tiros e tiros e mais tiros!

Agora que Schoeman voltara e que a data da partida para Inhambane estava por dias, Joaquim sentia novamente o nervoso miudinho a mexer com ele. Queria tratar da viagem, fazer planos, acertar as condições, e Zoutpansberg, em festa, dava tiros para o ar!

Sair dali seria ainda um grande trabalho, pois Maio foi-se extinguindo em reuniões na casa de audiência, nas quais todos os dias aparecia alguém de fora querendo participar na expedição, mas também porque se levantava sempre alguém com as revelações mais extraordinárias, colocando problemas impossíveis que faziam da viagem uma aventura condenada e já uma tragédia lendária, antes de o ser. Dizia-se que o régulo Manicusse preparava um massacre, que as águas para os lados dos portugueses estavam envenenadas, que não havia caça no caminho, que a mosca venenosa mataria o gado e os cavalos, que as pessoas em Inhambane morriam tanto quanto as gralhas que havia no céu! Até que o padre Montanha perdeu a paciência e pediu a palavra para desfazer os boatos com uma ironia fina.

— Nós chegámos aqui e não morremos de fome nem perdemos por doença os animais que nos foram oferecendo pelo caminho; bebemos de todas as águas e estas não estavam envenenadas. E éramos só dois, com os nossos carregadores, um punhado de soldados, auxiliares e criados. Os senhores podem, por isso, estar seguros de que uma força de algumas centenas de homens bem preparados e armados poderá fazer a cavalo para lá a mesma viagem que nós os dois fizemos a pé para cá.

E, antes de se sentar, ainda acrescentou uma nota seca de exaspero.

— Ah, e em Inhambane morre-se tanto quanto em Zoutpansberg.

*

Com isto estava-se em meados de Junho, quando a promessa do comandante-geral fora de que a partida seria no dia um desse mês. No entanto, acabou-se por optar pela via diplomática e enviou-se uma embaixada ao régulo Manicusse; este, por sua vez, fazendo-se de sensato e de magnânimo, prometera enviar também uma embaixada a Zoutpansberg. Pretendiam um acordo de passagem para a comitiva que ia a Inhambane, para assim se evitar algum acontecimento funesto. Evidentemente que as prioridades de Manicusse não se compatibilizavam com a urgência do padre Montanha; o régulo tomava as suas disposições de acordo com a natureza do espírito africano e, em África, as coisas faziam-se com vagar porque não havia outra maneira de as fazer, e nem sequer havia a noção da pressa, pois era sabido que amanhã tudo estaria igual a hoje, no seu devido lugar,

conforme era suposto estar. De modo que só o padre Montanha desesperava com a embaixada de Manicusse que não havia maneira de chegar. Mas, enfim, lá chegou, no dia dezasseis, um secretário do potentado mais cinco guerreiros circunspectos.

Receberam-nos na casa de audiência. Os guerreiros, de tanga e de tronco enfeitado com colares de osso, e o secretário com um colete de tecido branco bastante encardido que, porventura, pertencera em tempos a algum europeu, apresentaram-se perante o comandante-geral Stephanus Schoeman, os seus oficiais, o juiz Abraham de Vinary, o notário e secretário-geral Christiano Rabi, o padre Montanha, o alferes Teixeira, o João Albasini, e, na plateia, os voluntários que iriam a Inhambane e mais alguns curiosos de ver aquela embaixada indígena. O secretário do potentado falou demoradamente e com desenvoltura.

— O Manicusse manda dizer que é amigo dos holandeses e que aceita tudo menos o irem a caminho de Inhambane. O Manicusse sabe que os portugueses vieram aqui pedir a guerra contra ele. A gente de Inhambane é má gente e sua inimiga. Naquele tempo, quando ele queria ir para o norte, os portugueses fizeram-lhe a guerra e mataram a sua gente, e agora vieram aqui procurar a guerra para bater e acabar com o Manicusse com a ajuda dos holandeses. Se os holandeses querem as terras dos vátuas, o rei está pronto a largá-las e a procurar outro lugar para o seu povo. E o rei está preparado a pagar tributo se os holandeses assim o quiserem.

Stephanus Schoeman ia afagando a barba com gestos lentos e ponderados e, na sua expressão impenetrável, não se conseguia ler uma ideia, perceber uma emoção, pois ouvia o secretário com tanta impassibilidade que dir-se-ia estar com o pensamento longe. No entanto, terminando ele a sua exposição, avivaram-se-lhe os olhos e o governador-geral replicou as objecções de Manicusse com uma clarividência impossível de contrariar.

— A gente de Inhambane não veio aqui pedir a guerra contra o Manicusse; veio fazer amizade connosco. Assim como o Manicusse precisa da beira-mar para conseguir as suas missangas e as fazendas para vestir as suas mulheres, também nós precisamos de lá chegar para conseguirmos o que necessitamos para comer e para vestir — disse, apontando para a sua própria roupa. — Precisamos do pano, das chitas, das sedas, e eu quero ir a Inhambane e hei-de ir.

*

O secretário permaneceu estático, esperando pelo fim das palavras do comandante-geral ouvidas pela boca de um tradutor landim, e continuou estático, longos segundos, depois de este se calar. Stephanus Schoeman, sentado numa cadeira de braços, aguardou tranquilamente em silêncio que o secretário se manifestasse. O secretário, agachado de cócoras frente ao comandante-geral, olhou para ele durante muito tempo, como se tivesse a cabeça vazia e não lhe ocorresse dizer nada. Schoeman, que não era conhecido por ser paciente, teve vontade de abanar aquela estátua humana que

o começava a irritar, mas conteve-se com a certeza de que o gentio fazia de propósito para o levar a perder a concentração e a baixar a guarda.

E ficaram assim calados sem que nada acontecesse. Havia já um sorriso nervoso no canto da boca dos oficiais e dos outros, mas Stephanus Schoeman não sorriu e nem fez coisa nenhuma; esperou só, todo cheio de indiferença. O secretário retomou então a palavra com a simples naturalidade de quem prosseguia uma conversação.

— A gente de Inhambane pode ir, e se alguém daqui quiser ir de companhia, também pode ir — disse. — Mas não deve ir muita gente, não mais de cinco pessoas, porque o Manicusse tem as suas mangas para fora, e estes guerreiros podem encontrar-se com a gente que vai e, se forem muitos, podem julgar que vão para fazer a guerra e podem matar os brancos que, depois, vão dizer que foi o Manicusse que ordenou.

O comandante-geral respondeu que teria em atenção as palavras do secretário do Manicusse, mas o poderoso rei de Gaza podia ficar descansado porque ali só se fazia comércio, e tanto os holandeses como os portugueses desejavam uma boa convivência com os vátuas e ninguém queria a guerra.

*

O secretário e os seus guerreiros retiraram-se para irem comunicar ao régulo Manicusse o resultado das negociações. Stephanus Schoeman prosseguiu a reunião, nomeando logo de seguida a comissão de notáveis que iria a Inhambane. O comandante da expedição seria o juiz Abraham de Vinary, coadjuvado pelo notário Christiano Rabi e por João Albasini. Tomaram-se assim as últimas disposições, coordenadas ao mais alto nível pelos holandeses, que pretendiam que a viagem a Inhambane fosse uma magnífica e histórica empresa! Stephanus Schoeman disparava ordens e não se cansava de exaltar a importância do que estava em jogo naquela grandiosa aventura. Referia-se aos voluntários com um entusiasmo transbordante, como se eles fossem exploradores visionários à procura de um novo caminho para a Índia, pese embora Joaquim adivinhar, naquele andamento supérfluo dos preparativos, que acabaria por ser tudo muita parra e pouca uva, tal como chegou a desabafar com o alferes Teixeira na véspera da partida.

— No final, vai você ver que esperamos um ano para nada. O mais certo é acabarmos a viagem sozinhos, que estes holandeses falam muito mas concretizam pouco! Viemos fazer história e não levamos mais do que uma boa história para contar — disse, desalentado com o que lhe parecia ser uma oportunidade perdida.

REGRESSO A CASA

A expedição de quinhentos homens que o comandante-geral prometera há meses, e que depois garantira que seria de trezentos, partiu finalmente a vinte e três de Junho de 1856, com trinta voluntários, a comissão de notáveis e os portugueses. O povo acorreu aos portões da paliçada para dizer adeus, aos que partiam, com uma enorme festa de tiros para o ar, ao mesmo tempo que os soldados davam salvas de artilharia para saudar a caravana dos destemidos. Stephanus Schoeman não foi, embora tivesse chegado a afirmar que iria, mas acompanhou a comitiva durante algumas léguas, com meia centena de cavaleiros e muitos outros a pé, despedindo-se deles na primeira paragem para descanso do gado.

— Vão com Deus e vão em paz — desejou-lhes.

— Vamos pois, vamos, mas é com trinta homens e cinco carros de bois — ironizou o alferes Teixeira, agoniado com a incapacidade dele para reunir uma força em condições.

João Albasini absteve-se de traduzir a impertinência, e, em contrapartida, o padre Montanha fez as despesas da conversa correcta, confortado com a ideia de ir com Deus e, tanto quanto possível, em paz. Agradecia muito ao comandante-geral o exagero de generosidade que fora acolhê-los durante um período demasiado longo, que até a ele lhe parecia um abuso de hospitalidade. Porém, Stephanus Schoeman, magnânimo, rejeitou tal ideia, contrapondo que a visita deles não fora um encargo mas negócios de Estado a Estado, e que, seguramente, ambos os lados haveriam de colher bons frutos daquela amizade firmada em meses de boa camaradagem. Eles tinham estabelecido laços firmes, disse, um conhecimento e uma intimidade que não tinha preço. Não, absolutamente, a visita deles não se podia medir em tostões, pois fizera-se ali um pedaço de história, e essa é que contava entre homens visionários. O que se fizera ali, porfiou, fora a inauguração de uma bela fraternidade entre holandeses e portugueses, o embrião das relações diplomáticas entre os dois povos!

Regressou, enfim, a cavalo, com os outros habitantes, disparando todos, para o ar tiros e mais tiros por esse sertão fora a caminho de casa. E, passado este momento bonito que sublinhara a importância da presença portuguesa em Zoutpansberg, os holandeses que iam a Inhambane começaram logo a discutir.

*

Um dos cinco carros de bois da caravana não acompanhava o ritmo, atrasava-se, pois ia demasiado carregado com uma carga de marfim e era puxado só por quatro parelhas, enquanto os outros contavam com cinco ou seis. Esta carreta, que não se destinava a Inhambane e que ia apenas de boleia por maior segurança, era um negócio de vários comerciantes gananciosos que

tinham expedido o marfim para uma terra que ficava no caminho. Mas esta andava mais devagar, atascava-se a atravessar os rios, atrapalhava-se nos trilhos difíceis. Os seus oito bois esforçados, sendo de donos diferentes, não casavam bem e cansavam-se muito.

De modo que esta carreta alcançou a caravana pelo meio-dia, com duas horas de atraso, e a discussão rebentou porque os outros já ali estavam desde as dez da manhã e queriam aparelhar os bois e prosseguir, enquanto os da carreta mais lenta precisavam de pôr os seus a descansar. Os holandeses enfadaram-se, uns porque protestavam a falta de solidariedade dos demais, estes porque os acusavam de cobiça desmedida, de estragarem a carreta e o gado, e de demorarem toda a gente. A polémica foi tal que três dos envolvidos ofenderam-se, recusaram-se a prosseguir, regressaram a casa, ou este talvez tivesse sido apenas um pretexto a que se agarraram para desistirem da viagem. Foram só os primeiros, porque, em breve, o padre Montanha veria os voluntários abandonarem a expedição como folhas de Outono despegando-se das árvores. E muito por culpa de João Albasini, que não estava nada interessado em ir a Inhambane e que manobrava por trás para boicotar a expedição.

*

Acamparam para passar a noite, ainda enredados em questões, foram dormir desavindos. O dia seguinte não começou melhor, pois, logo pela manhã, chegou-lhes, por um estafeta, a má notícia de que a embaixada do régulo Manicusse continuava por perto, na praça de João Albasini, e que o secretário do potentado os mandava esperar para lhes falar. Esperaram. Joaquim chamou o alferes Teixeira à parte e desabafou com ele as suas suspeitas.

— Quero crer que os manicusses estão a ser informados dos nossos passos — disse.

— Por quem?

— Ora, por quem, o que lhe parece?

— Albasini?

— Evidentemente!

— É bem possível — concordou o alferes, de sobrolho levantado —, ele nunca quis fazer esta viagem.

— Pois não, causa-lhe grande transtorno.

— Ele quer é ir caçar os seus elefantes.

— Veja bem, alferes, ele fez esperar os manicusses na sua praça e, agora, aí vêm eles.

— Para nos contrariarem.

— Ah, sim, não será para nos desejarem boa viagem — disse o padre Montanha, cheio de bólis.

*

Justamente, o secretário chegou para parlamentar e voltou logo à mesma conversa de que não devia ir tanta gente para Inhambane.

— O Manicusse não quer — declarou.

— O Manicusse não quer... — repetiu o padre, desconcertado.

— Mas se nós vamos em paz! — argumentou o juiz Abraham de Vinary.

— O Manicusse não quer — porfiou o secretário.

— E porque não? — perguntou João Albasini. Joaquim olhou-o de esguelha, pensando que ele se fazia de desentendido, mas que encaminhava a conversa para o que lhe interessava.

— Podem ter um encontro com as suas mangas, que estão para fora, e os guerreiros pensarem que vocês vão em guerra — respondeu o secretário.

— Quantos devem ir então? — quis saber João Albasini, e esta pergunta ainda aborreceu mais o padre Montanha que viu nela já uma cedência propositada à exigência do secretário.

— Se querem ir, vão só cinco brancos e um carro — disse o secretário, de queixo levantado, rosto grave e voz autoritária.

Fez-se, então, um consílio, deixando o secretário de lado, à espera de uma decisão.

— Está visto que não podemos ir todos, não seria seguro — afirmou João Albasini.

— Quem há-de ir, então? — questionou o padre Montanha que já estava por tudo.

— Devia ir só o juiz e o notário — propôs Albasini.

— E o amigo põe-se de fora, hem? — disse Joaquim.

— Eu irei mais umas léguas, mas depois volto — respondeu João Albasini, neutro no tom, insensível à censura.

Foi a deserção geral! Gerou-se um burburinho entre os voluntários, dizendo todos que se Albasini não ia, então não ia ninguém, pois se havia pessoa que sabia lidar com os cafres era ele e, portanto, sem Albasini nada feito. Envolveram-se num longo debate e, depois de uma difícil negociação, lá decidiram que iria o juiz, o notário e três voluntários: o senhor Marenite, um holandês tranquilo que parecia nada temer, Jannes, também holandês, embora fosse conhecido pela alcunha *o Russo*, e que era o mais determinado em ir até ao fim, e Mr. James, um inglês correcto que fumava cachimbo e que continuava a dizer que tinha todo o gosto em acompanhar o padre Montanha e o alferes Teixeira.

*

Despediram o secretário de Manicusse com a promessa solene de que só iriam cinco brancos para Inhambane. De qualquer forma, Joaquim desconfiava de que talvez nem esses fossem. Teve um pensamento sombrio, mas conteve-se, não disse nada, guardou para si a suspeita. Retomaram a marcha e, nesse mesmo dia, voltaram a zangar-se uns com os outros porque, quando chegou a hora de acamparem, o grupo dividiu-se, ficando uma parte numa margem de um rio e a outra parte, que se dispôs a atravessá-lo, na margem oposta. Os dias seguintes foram pródigos em divergências e em rumores nefastos que João Albasini ia espalhando discretamente para

desmoralizar os voluntários. Metia-lhes coisas na cabeça, assustava-os com os perigos dos manicusses e das doenças, e, assim, o ambiente ia apodrecendo. No entanto, quatro dias mais tarde, Albasini despediu-se do padre, e com ele foi a maioria dos voluntários. A caravana ficou reduzida a nove brancos, dois carros de bois, treze cavalos e os negros.

— Não devemos avançar mais — disse. — E, olhe que os que continuam já me avisaram de que só irão até Chicundo.

— Seja, enquanto houver coragem nós continuamos — replicou o padre Montanha, com azedume.

— Desejo-lhe boa sorte — acrescentou ele, sem se deixar melindrar, pensando que não seria certamente o padre a dar-lhe lições de coragem.

Joaquim teria oportunidade de descarregar o seu desalento no diário de viagem, no qual escreveria umas linhas amarguradas:

Esta marcha, para mim, é muito triste e aborrecida, porque não se vê senão desmanchos desde o início. Logo no primeiro dia, houve desordem e questões entre os holandeses, e tem sido sempre assim, todos cheios de dúvidas e de medos.

Passaram-se rios, serras, outeiros, marchou-se por bons e maus trilhos, houve sol mas também chuviscos, e assim se chegou a Julho, por caminhos duríssimos. Durante todo esse tempo, o juiz Abraham de Vinary viveu em sobressalto, temendo tragédias, avisando de que voltaria para trás quando chegassem ao grande rio Bembe. Logo ele, que era o presidente da comissão holandesa a Inhambane e que não se cansara de dar ao padre a sua palavra de honra de que, mesmo quando todos claudicassem, ele poderia sempre contar com a sua determinação. Enfim, a determinação do bom Abraham de Vinary feneceu.

Tinham chegado a Terras de Chicundo, uma povoação landim, onde os habitantes locais deram notícias perturbadoras sobre um grupo de guerreiros salteadores, comandados por um chefe de nome Mambilla, que andava a rondar as cercanias. Eles sentaram-se a conversar com os landins, escutando-lhes um relambório de queixas sobre as malfeitorias desses sanguinários. Pelos relatos enfáticos dos indígenas, Mambilla seria dono de duzentos cavalos e possuiria cerca de mil e quinhentas armas. Havia dois anos, este chefe atacara uma coluna de civis europeus e assassinara famílias inteiras. Nem uma alma sobrevivera, homens, mulheres e crianças haviam sido barbaramente cortados em pedaços, e as suas carnes cozinhadas em panelas. Mambilla fazia terrorismo psicológico para desmoralizar os inimigos e, nessa ocasião, semeara pelos campos partes esquartejadas de corpos, pernas, braços, mãos, cabeças, espetadas em paus, e o que restara dos cadáveres decepados atirara para uma água, conhecida, desde então, por «Lagoa de maus fundos».

Não era possível saber se os landins fabulavam a história de tal mortandade com pormenores lendários, mas tanto o juiz Abraham de Vinary como o notário Christiano Rabi, como aliás todos os holandeses ali, se lembravam perfeitamente de ter saído de Zoutpansberg, no ano passado, uma força a

cavalo para dar caça a Mambilla.

— Foi em Julho — disse o notário. — Mataram alguns duzentos cafres.

— É verdade — confirmou o juiz, abanando nervosamente a cabeça. — Eles escondiam-se em grutas, numa serra, e foi preciso esperar que estes saíssem das tocas para os bater.

Os landins afirmaram que, já depois disso, em Novembro, Mambilla invadira as terras de um régulo próximo e arrasara quatro povoações inteiras.

— Chacinaram a gente toda — contou um jovem eloquente, de olhos vivos. — Fizeram muita barbaridade. Algumas crianças foram encontradas ainda com vida, espetadas em paus.

*

Era uma região perigosa, aquela. O senhor Marenite recordou o caso do régulo Mapella, outro sanguinário demente, que comandava cem guerreiros loucos com armas de fogo e trinta cavalos. Uma patrulha holandesa perseguira Mapella, mas a força de vinte e dois homens caíra numa emboscada dos perseguidos e tivera de fugir debaixo de fogo, levando um ferido e perdendo um cavalo. Nesse mesmo dia, Mapella dera com quatro holandeses que andavam à caça no mato e atacara-os. Os caçadores abrigaram-se atrás de umas rochas providenciais e ripostaram com fogo cerrado. Tendo o apoio de outros dois caçadores que, estando perto, ouviram o tiroteio e correram para os acudir, os seis holandeses travaram uma batalha desigual com os cem guerreiros, mas, foi tanto o destemor insensato dos negros e tal a perícia dos bóeres que os abateram, um a um, até não restar ninguém de pé.

— Mataram-nos a todos, até ao último cafre! — disse o senhor Marenite.

*

Abraham de Vinary, com as suas perninhas finas fraquejando, a sua barbicha de bode que o fazia plangente, medroso até do vento e da noite, escutando estas conversas de sangue e de massacres, cedeu de vez à inquietação e gaguejou que se retirava. Definitivamente, não iria mais longe, nem sequer ao rio Bembe. O pobre juiz, assustado, justificou-se com pretextos frágeis.

— É que eu não posso perder o meu cavalo com a mosca venenosa.

— Se o seu cavalo morrer, dou-lhe um dos meus — ofereceu o *Russo*, mas isto não o demoveu.

— Não, não, não, de maneira nenhuma, não pode ser. Tenho família, tenho filhos; esta é uma aventura insensata.

Os outros, escutando isto, começaram também a dizer que voltavam para trás, que regressavam a Zoutpansberg. O pacato Mr. James, batendo o cachimbo no tacão da bota para o esvaziar, equilibrando-se numa perna e com a outra dobrada, fazendo o quatro, comentou, enquanto executava esta manobra, que lhe parecia melhor voltarem. *Indeed*, sim, ele iria acompanhar Mr. de Vinary, com todo o prazer. O notário Christiano Rabi, que por esses dias estava mais doente do que o cavalo de Abraham de Vinary, sentia-se muito enfraquecido com febres altas, mal se aguentando em pé, trespassado

por arrepios de frio e embrulhado num cobertor, não obstante ser um dia lindo e quente.

— O meu padre vai-me desculpar, mas eu assim não lhe sirvo de nada. Sou só um estorvo, de modo que regresso também — disse, penalizado por lhe fazer a desfeita, mas incapaz de prosseguir.

*

O senhor Marenite, a quem aquelas questões de medos da mosca e dos pretos eram incompreensíveis, afirmou com toda a naturalidade que continuaria até Inhambane, evidentemente.

Agastado com tanta cobardia, o *Russo* fez uma última proposta.

— Se o problema é o cavalo, o senhor juiz deixe o seu voltar para casa que eu empresto-lhe os meus, nem que eu tenha de ir a pé.

O juiz recusou terminantemente, insistindo agora que não podia faltar à mulher e aos filhos.

— Deixe-o lá, senhor Marenite, que o juiz tem de tomar conta dos filhos, coitados — atirou o padre, num sarcasmo demolidor, sabendo ele e toda a gente que os filhos de Abraham de Vinary se bastavam a eles mesmos, pois eram casados e com filhos.

— Agradeço-lhe a compreensão — disse o juiz, vexado, num murmúrio.

No entanto, Joaquim fervia de indignação, escandalizado com este comportamento indecoroso dos embaixadores do comandante-geral e, ao contrário do alferes Teixeira que fora fazer uma revista às tropas para não cair na tentação de abanar Abraham de Vinary pelos colarinhos, o padre não deixou que estes se fossem embora sem ouvirem tudo o que ele lhes tinha para dizer.

— Isto é uma vergonha! — disse. — Eu não sou nenhum negro nem nenhum cão que os senhores larguem assim no meio do mato! Os senhores enganaram-me, tiveram-me retido durante um ano com a promessa de me acompanharem a Inhambane e, agora, atiram-me para o mato quase com desprezo?! Não, isto não se faz, é uma vergonha!

— Não, não, não, *Priest* Montanha, não diga isso, por favor...

— Sim, digo e volto a dizê-lo, porque estou a ver que foi o que aconteceu. Vosselência, quando ainda no *dorp*, não sabia já que havia a mosca venenosa e os manicusses, e todas as outras coisas que agora lhe metem tanto medo?

— Pois, sim, sabia, mas...

— Então?! Olhe que os holandeses vão ficar muito mal vistos, e não é só pelos portugueses. Estas atitudes só dão asas aos ingleses para vos criticarem, estas coisas sabem-se e são motivo de desconsideração por parte dos ingleses.

Mr. James interessou-se novamente pelo seu cachimbo, ocupou-se a enchê-lo de tabaco; fingiu que não ouviu o comentário do padre, pois não se queria envolver nas eternas questões que traziam britânicos e bóeres em constante litígio. O padre esgotou-se desta conversa toda em inglês arrevesado, porque não era dotado para línguas e, desconcertado com a réplica amorfa de Abraham de Vinary, deixou cair os braços, abanou a cabeça e voltou-lhe as

costas, afastou-se.

Teve depois a inspiração de escrever uma carta a Stephanus Schoeman a dar-lhe conta da situação e avisando-o de que tentariam chegar em segurança a Inhambane, mas que não sabia se não seria obrigado a regressar a Zoutpansberg, terminando a missiva com uma nota agastada:

Nada mais tenho a dizer a Vossa Excelência, porque logo saberá a fundo tudo o que tem ocorrido.

*

Entregou a carta em envelope fechado, lacrado e assinado, ao notário Christiano Rabi, que tinha a sua compreensão por estar realmente enfermo, demonstrando desta maneira, um aberto desdém por Abraham de Vinary que, obviamente, não soubera estar à altura da sua responsabilidade de comandante da expedição. O juiz engoliu em seco a vergonha, sem se atrever a reclamar e, num último acto oficial, deu ao padre um ofício lacrado do comandante-geral e outro da comissão holandesa, ambos para ele levar ao governador de Inhambane.

Desejoso de ser prestável, desolado por se sentir um farrapo, esmagado pela desonra de falhar o compromisso, o notário ofereceu-lhes atabalhoadamente uns restos de mantimentos, carne seca, biscoitos, tabaco, mas, apercebendo-se de que eram só bagatelas, deu-lhes ainda uma vaca. O padre Montanha começou por recusar, certo de que a vaca só lhes iria atrasar a marcha; porém, viu-o tão atrapalhado na ânsia de os recompensar que aceitou o animal por caridade cristã.

Desfez-se, assim, a comissão holandesa, dela restando apenas dois generosos voluntários sem qualquer peso oficial e uma vaca! Mas até esta se recusava a seguir caminho e mugia alto o seu protesto e, num golpe de desespero que ninguém lamentou, largou a correr, quando a fustigaram com um pau para a obrigar a andar, e meteu-se pelo mato, desaparecendo para sempre. E não foi só a vaca a fugir, que as dificuldades daquela viagem perigosa não paravam de se acumular.

— Estamos amaldiçoados — disse o alferes Teixeira, descoroçoado com a fuga de uns landins recrutados pelo caminho como carregadores suplementares, uma vez que havia a bagagem extra do senhor Marenite e a de *o Russo* para transportar.

Joaquim ficou irritado com mais este transtorno, mas as superstições do alferes, herdadas da mãe, negra, as credices de magia que ele misturava fervorosamente com a fé cristã do pai, branco, não eram nada que impressionasse o padre.

— Ora, é realmente aborrecido, mas não é uma maldição — atirou-lhe, desvalorizando aquelas aflições místicas.

— Então, o que é? Se nos acontece tudo o que de mal pode acontecer?

— É o nosso fado, mas não há que ver nisto a mão do Belzebu.

— Se não é, parece.

— Oh, homem, os pretos estão sempre a fugir-nos!

Justamente, durante a noite seguinte, fugiu o resto dos carregadores landins, contratados pelo caminho, o que obrigou a distribuir a bagagem pelos carregadores que não lhes fugiam por serem de Inhambane.

Também os guias eram recrutados nas povoações por onde passavam. O guia Bangalasse não os viera trazer e só lhes restava arranjar outros. Contratavam-nos por etapas. Estes guias sabiam o caminho e antecipavam desgraças. Logo mais, vieram prevenir o padre que, ali à frente, havia a mosca venenosa que matava os animais. Tiveram de cobrir os cavalos com capas. Dessa vez, não chegaram a encontrar a mosca, mas, alguns dias depois, a égua do padre Montanha, que ele muito estimava, haveria de adoecer gravemente.

*

A oito de Julho, chegaram à libata do régulo Chicualacuala, à beira do rio Meneze. Chicualacuala reinava um vasto território de muitas povoações e recebeu os molungos nos portões da circunvalação que protegia o sobado, de braços abertos e com um rosto enganadoramente bonacheirão. Parecia bondoso e hospitaleiro, mas o alferes Teixeira teve um assomo de perspicácia e alertou o padre para que fosse cauteloso nas palavras. O instinto aconselhava-o a serem deferentes para não ferirem a susceptibilidade do potentado. Joaquim assim o fez, e ordenou presentes para o rei. Veio uma peça de fazenda, uma lata de rapé inglês, uma caixa de folha de tabaco, uma navalha de algibeira, uma corrente de aço e mais um ror de bugigangas que todos resgataram das suas bagagens e que encantaram o soberano. Os molungos tinham de lhe conquistar as graças, pois dependiam da boa vontade dele para chegarem a casa. O régulo convidou-os para a sua palhota. Sentaram-se no chão, sobre peles de leão e de zebra.

O soba rejubilava com os seus presentes, mas queria saber onde ia aquela expedição insólita.

— Vamos para Inhambane — explicou-lhe o padre Montanha, traduzido pelo alferes Teixeira.

— Vão para longe — comentou Chicualacuala, de olhos frizados num horizonte imaginário.

O padre assentiu com a cabeça.

— É uma longa marcha — disse — e precisamos de gente que nos acompanhe para nos mostrar o caminho.

— Hum... — fez o rei, na sua imensa sabedoria que se manifestava na escassez de palavras e no mistério dos seus pensamentos ocultos.

*

Veio uma panela de pombe, e o rei bebeu com os brancos. Não foi conclusivo em relação aos pedidos deles, mas mostrou-se agradado com a presença daquela gente estrangeira e, dois dias depois, eles ainda ali estavam à espera quando Chicualacuala surgiu com dois pisteiros magrinhos.

— Eles vão acompanhar vocês a Inhambane — disse.

— Agradecemos a generosidade do poderoso Chicualacuala — disse o padre Montanha.

— Dêem-lhes alguma coisa para eles perceberem que vão — pediu o rei.

Ofertaram-lhes presentes, tecido e missangas, despediram-se do rei e partiram.

*

Ao fim de seis dias de marcha, um dos cavalos ficou doente. Era uma égua do padre a que diagnosticaram uma enfermidade mortal.

— O bicho tem *long sick* — disse o senhor Marenite que percebia de cavalos.

— «Longo sique»?! — espantou-se o padre.

— Sim, *long sick*.

— E o que vem a ser isso, senhor Marenite?

— É uma doença intestinal, uma grande inflamação que o apodrece todo por dentro.

— Valha-me Deus!

— Não tem safa — avisou o senhor Marenite, examinando a égua com um olho fino de grande entendimento. — Está a ver aqui? — apontou para a cabeça do animal. — Este inchaço por cima dos olhos? É *long sick*.

— «Longo sique»... — murmurou o padre, destroçado. Afeiçoara-se à égua. — Não tem tratamento, diz você...

O senhor Marenite abanou a cabeça, pesando o assunto.

— Já se salvou um ou outro, com sangramentos, uns remédios de cânfora, mas aqui no mato é impossível.

E, realmente, a égua andava muito devagar, atrasava-se e, antes do fim do dia, deitou-se no chão sem forças nas patas. Como tinham cavalos de reserva e vinham à frente, já estavam acampados, junto a um curso de água, quando

chegaram os negros que a traziam e que anunciaram que não a conseguiam levantar. Joaquim foi até lá com os carregadores todos, na esperança de a erguer e de a convencer a caminhar, mas, chegando ao local, já a encontraram morta.

Foi mais um contratempo entre muitos, mas também uma premonição de outra aflição de doença que ele não soube interpretar na morte da égua, porque nunca acreditara que uma desgraça levasse necessariamente a outra e porque sempre se insurgira com as superstições das pessoas simples que viam em tudo sinais de calamidades.

Na maior parte do tempo, Leonor esperava. Sobravam-lhe muitas horas livres depois de cuidar dos filhos, de cozinhar para eles, de lhes dar banho todos os dias, conforme o desejo do senhor padre, e de garantir que iam à escola. E ela também se assegurava de que a casa estava sempre escrupulosamente arrumada e arejada, abrindo janelas e portas interiores para deixar entrar, sem constrangimentos, o doce perfume do jardim das alfazemas e para fazer circular o ar e a luz do sol intenso. Apanhava flores e cantava uma das suas canções de infância, enquanto ia compondo, de muitas cores naturais, as jarras e os cestos que colocava no quarto do senhor padre, na sala, na cozinha. As flores disfarçavam muito a alegria e a frescura que faltavam naquela casa de mobílias pesadas e lúgubres, tal como convinha a um vigário sem preocupações de luxos. Respirava-se ali um ambiente austero onde não vingava um toque feminino, não havia cortinas adamascadas ou o conforto de tapetes felpudos ou de sofás forrados de seda, e nem tão-pouco peças finas de arte ou quadros sumptuosos. Apenas uns velhos e raros daguerreótipos na secretária recordavam ainda, a Joaquim, os rostos dos familiares que se iam esbatendo na memória a vinte anos de distância.

Leonor fazia tudo o que tinha a fazer, deixando todos os dias a casa auspiciosa e acolhedora, como se o senhor padre entrasse mais logo pela porta da rua e descobrisse, com surpresa, que ela sabia que ele vinha. Mas Leonor não sabia, e ele não vinha. No entanto, no dia seguinte, ela voltaria a limpá-la e a renovar as flores nas jarras e nos cestos, com esmeros de amante resoluta, preparando o lar para o receber com aspectos adoráveis de uma frescura primaveril.

Nas longas horas que lhe restavam, gostava de se refrescar demoradamente, debaixo do duche no cubículo junto ao quarto, recordando sempre com ternura o assalto insensato do senhor padre, naquele fim de tarde inesquecível em que a desflorara com um ímpeto de macho determinado, desvalido no seu estatuto de homem de Deus mas insensível na sua vontade de consumir o desejo irresistível que ela lhe despertava. Debaixo do duche, de um fio de água fresca que lhe escorria pelo corpo, Leonor fechava os olhos com um pensamento lânguido e tocava-se deliciosamente, lembrando todos os pedaços dessa primeira vez, triunfando, enfim, com a felicidade e a certeza de ser a única mulher que o senhor padre alguma vez desejara. Tanto foi assim que ele decidira há muito calar de vez, no seu coração, os embaraços morais que outrora lhe fustigavam a alma.

*

Depois do banho, Leonor vestia um vestido leve de algodão, que sabia ser do seu agrado, e vinha, descalça e com uma flor no cabelo, sentar-se à espera

dele na cadeira debaixo do alpendre, onde ele a costumava esperar. As crianças brincavam por ali, correndo por entre os canteiros de alfazemas, subindo os degraus do terraço, alvoroçando com os seus gritinhos de alegria incontida a passarada assustada na gaiola grande. Leonor deitava-se a pensar no senhor padre, abismada de saudade, pairando de melancolia. À frente dela, na mesa baixa de ferro forjado, o gelo derretia no copo de refresco que ela continuava a trazer-lhe para o caso de ele voltar sem aviso. Depois a tarde extinguia-se, e Leonor suspirava, triste; levantava-se e ia fazer o jantar para os filhos.

Não saberia dizer como aquilo aconteceu, porque foi tudo tão inesperado e brutal, como se ela tivesse uma mão a espremer-lhe as entranhas dentro de si. Estava na cozinha a preparar a janta, e o dia só não lhe corra de feição porque tivera uma indisposição leve mas constante, que atribuíra à chegada iminente das regras, o que lhe acontecia sempre na mudança da lua. No entanto, foi trespassada por uma dor impossível e ela encolheu-se toda sem forças nas pernas, desfalecendo numa agonia que a levou a largar tudo o que tinha nas mãos, estoirando um estrépito de panelas e de pratos partidos em cima da mesa.

Eugénia correu, alertada pelo estrondo, e encontrou-a deitada no chão, agarrada à barriga, gemente e arfante.

— Que tens, mamã?! — assustou-se, de cócoras junto a ela. Tomou-lhe a mão e sentiu-a gelada.

— Dor... — murmurou Leonor, acometida de cólicas, de espasmos violentos. — Vai buscar ajuda...

*

Carlos António Fornazini irrompeu como doido, esgazeado, um furacão pela casa dentro, perguntando às crianças onde estava a mãe. Vinha transido de preocupação, e a sua voz atroadora intimidou Eugénia e alarmou mais o pequeno Luiz que fugiu assustado para se esconder debaixo da cama do senhor padre. Fornazini fora avisado por uma escrava de serviço e viera logo em cuidados. Encontrou Leonor tolhida de dores, respirando sorvos de ar. Estava ainda prostrada no chão, pois não se conseguia mover dali, e os miúdos não eram capazes de a levantar. Atirou o chapéu para o lado, apoiou um joelho no chão, tomou-a nos braços.

— Olha-me só o teu estado, filha... o que se passa contigo?

— Não sei, é uma dor na barriga.

Ele pôs-lhe a mão na testa perlada de suores frios e teve uma má impressão.

— Não há-de ser nada — disse, para a sossegar e para contrariar a sua própria preocupação. — Vamos lá pôr-te confortável. — Pegou nela em peso, levou-a ao colo para o quarto do padre Montanha, depositou-a gentilmente na cama. Leonor debatia-se com dores; toda ela tremia de arrepios febris, deitada de lado com os braços cruzados e os joelhos recolhidos ao peito. O pequeno Luiz pôs a cabecinha de fora, debaixo da cama, espreitou apreensivo o que se passava em cima. Carlos António esfregou a cabeleira revolta, deu passos

para lá e para cá, enquanto pensava.

— Ora bem, ora bem...

Passou à acção, tomou iniciativas, moveu influências, incomodou os amigos, revolucionou a vila, foi o diabo! Mandaram-lhe o cirurgião do exército para o calar, quando não, ninguém dormiria em paz essa noite naquela terra, e também em consideração ao padre Montanha.

Veio o facultativo, transportando uma maleta; examinou Leonor demoradamente, apalpou-lhe a barriga com gestos sábios, fê-la deitar a língua de fora, auscultou-a, tomou-lhe a febre, fez-lhe perguntas de médico: queria saber onde doía, como doía, o que comera, o que bebera. Leonor respondeu-lhe como pôde. Fornazini rondava impaciente pelo quarto, Eugénia enervava-se sentada aos pés da cama, Luiz acoitava-se debaixo. O clínico arrumou os instrumentos, enfim. Fornazini não se conteve mais.

— Então? — perguntou.

Ele fechou a maleta, fez um meneio de cabeça fatalista, ergueu a sobrancelha.

— É vírus — disse.

*

O major Liberato Vaz chegou depois de o cirurgião partir. Queria saber novas da rapariga. Entrou devagar; já se arrastava um pouco e tinha o bigode e o cabelo brancos; só aquele tique de piscar muito os olhos é que não mudara. Os longos anos iam-se notando nele, porque ouvia mal e fazia algumas confusões, mas o major disfarçava estas fragilidades da idade com uma atitude ponderada.

— Como está ela? — interessou-se.

— Mal — disse Fornazini.

— E o cirurgião?

— Uma besta! — atirou-lhe, brutal, sem consideração. — Não sabia, vi logo que ele não tinha ideia nenhuma. Receitou-lhe chá, muito chá e descanso. Diz que isto passa com o tempo, que são cinco dias.

Mas não passou. Leonor ardia em febres altas, destilava suores desfeitos, tinha vômitos e desarranjos de barriga. Não comia, não aguentava nada no estômago, nem sequer os líquidos. Recusava o chá, não bebia água, desidratava. Ia definhando a olhos vistos. Fornazini tomou em mãos a responsabilidade, visitava-a todos os dias, enervava-se ao ver que ela não melhorava, arrastava o médico de volta ao quarto de Leonor, pedia-lhe soluções, exigia-lhe uma cura rápida! Porém, o facultativo porfiava que era um mal passageiro e insistia só no chá, sem outra cura, em que ela devia tomar muitos líquidos. Carlos António argumentava com ele, levantava-lhe a voz. Então ele não via que a rapariga não suportava os líquidos, que vomitava as entranhas?! Pois sim, mas era necessário obrigá-la, replicava o facultativo a estoirar de irritação. «Como?», que ele lhe dissesse como, se o corpo dela os rejeitava! O médico, que era um militarão habituado à boa ordem dos quartéis e ao respeito dogmático pelas suas indicações clínicas, não tinha disposição

para debater processos de cura com Fornazini e arrumou a questão de uma vez por todas: Sua Excelência que fizesse como entendesse, que lhe desse então água fervida à boca, colheradas dela! Quanto a ele, estava despachado dali, nada mais tinha a dizer, que Fornazini passasse bem. Recolheu a maleta, entalou o chapéu militar debaixo da axila, bateu os calcanhares, retirou-se.

*

Na confusão febril dos seus delírios, Leonor via os *pswikwembo*, os espíritos dos antepassados, e estes seres invisíveis diziam-lhe para ela se preparar para se entregar nas suas graças e, em breve, partir com eles, anciões defuntos que orientavam a sua vida na terra, e ela sabia bem como eles eram sábios e poderosos e que não os devia contrariar. Ansiosa por compreender melhor a mensagem dos *pswikwembo*, Leonor chamou Não Val Nada, a escrava do senhor padre que parecia, ela própria, um *xipuku*, um fantasma tímido que pairava em silêncio pela casa desde que Leonor adoecera gravemente, tendo sido chamada por Fornazini para tomar conta dela e das crianças.

— Vai buscar a feiticeira — pediu-lhe.

Não Val Nada foi e voltou desolada.

— A feiticeira não vem — disse. A feiticeira não fazia visitas ao domicílio. Mandara dizer que, se a queria ver, Leonor deveria ir ter com ela.

Leonor agarrou-se desesperadamente à mão de Não Val Nada, puxou-a para si, emergiu do leito em que se afundava em suores mórbidos, falou-lhe numa voz exânime.

— Disseste-lhe que tenho o mal na barriga, que eu não posso ir?

Não Val Nada abanou afirmativamente a cabeça.

— Disse.

— E ela não vem?

Não Val Nada abanou negativamente a cabeça.

— Não.

— Porque é que ela não vem?

— A feiticeira tem muita vida e diz que já não anda. Não pode vir.

No entanto, a feiticeira tinha falado com os espíritos e dizia que Leonor estava a sofrer de ausência e que, para se salvar, precisava de trazer a sua outra alma para junto de si, que, nesse caso, os espíritos não a incomodariam mais e o mal se ia embora.

*

No quarto do padre Montanha, onde Leonor soçobrava, desvalida na sua moléstia, a luz franca da manhã rompia impetuosa pela janela, banhando o chão e as paredes alvas de viva claridade. Fazia calor, e um cheiro intenso a enfermidade impunha-se no ambiente fechado. Aproveitando uma trégua nas febres, Não Val Nada abriu a janela para arejar o quarto pesado e trouxe uma bacia de água fresca, além de uma esponja e do sabão. Despiu Leonor e lavou-a aos poucos, passando-lhe delicadamente a esponja pelo corpo todo. A liberta estava sensível, e até o roçar da esponja macia na pele a incomodava, mas,

depois de lavada, vestida com uma camisa de noite limpa e de Não Val Nada lhe trocar os lençóis da cama, sentiu-se um pouco melhor. No entanto, ensaiou levantar-se do leito com a ideia fixa de enganar a doença e de retomar a vida, de balde, pois logo os braços e as pernas lhe falharam, e ela, mal ergueu a cabeça, teve uma tontura e um vômito que a deitaram abaixo. Neste infeliz desamparo, Leonor jazeu com a cabeça enterrada na almofada e o olhar fixado no tecto. Duas grossas lágrimas de desespero assomaram-lhe aos olhos sombrios, restando só uma profunda frustração, um imenso torpor. Sentiu-se tentada a desistir, a deixar-se ir com os *pswikwembo*, a entregar-se aos seres invisíveis que a reclamavam. Compreendeu que lhe seria fácil escorregar deliciosamente para a escuridão eterna que a envolvia. Estava tão exausta que só desejava acabar com o sofrimento, adormecer, não voltar a acordar. Fechou os olhos...

Esgotou-se mais uma semana de viagem por uma rota acidentada de mato difícil, quando a caravana desaguou numa manhã azul em território de Qamba Assimba. Os molungos passaram pelas primeiras machambas cultivadas, onde avistaram agricultores pacíficos trabalhando a terra, viram depois pequenas povoações de palhotas com os seus habitantes assomando ao exterior, mulheres debaixo de pequenas coberturas de palhinha moendo a mandioca em toscos almofarizes, batendo monotonamente o pilão, com os filhos brincando por perto. Atravessaram os domínios deste rei landim, acompanhados por muita gente local, curiosa de ver os brancos, os cavalos, os soldados e que surgiam de todos os lados, engrossando a coluna à medida que esta avançava. Detiveram-se, enfim, pelas oito da manhã, no lugar do régulo, como os habitantes chamaram a uma palhota isolada, rodeada por grandes árvores que cobriam de generosas sombras a terra árida por baixo. Porém, o régulo encontrava-se para fora e foi um secretário seu — um negro ponderado, de rosto severo e muito formal, envergando só uma tanga de pele, um colar de marfim, uma roda de missangas no tornozelo — que foi conversar com o padre Montanha, o alferes Teixeira, o senhor Marenite e *o Russo*.

Sentaram-se os cinco sobre esteiras, fazendo uma roda sob o fresco verde de um majestoso embondeiro. Os ramos grossos da árvore expandiam-se largamente no alto, impedindo o sol e envolvendo-os numa lânguida beatitude. O secretário do rei, no entanto, foi seco com eles. Indicou-lhes o chão, como quem lhes oferecia uma cadeira, e perguntou ao que vinham. O alferes Teixeira deu as explicações no seu landim perfeito.

— Somos portugueses e holandeses numa longa viagem. Vamos para Inhambane — disse. — Precisamos de água e de comprar mantimentos.

— É só o que desejam? — perguntou o secretário do rei.

— É só — confirmou o alferes.

— Tenho de dizer ao rei, e ele decide.

— Nós queremos falar com o rei — adiantou-se o alferes para encurtar caminho.

— Vou perguntar ao rei se o rei quer falar — comunicou o secretário.

E foi, deixando-os à espera muito tempo, perplexos com os seus modos bruscos e pouco hospitaleiros, sugerindo um ressentimento inexplicável, pois era a primeira vez que eles por ali passavam.

*

O secretário do rei voltou duas horas mais tarde e novamente se sentaram nas esteiras para mais conversações.

— O rei quer saber que qualidade de gente são vocês — disse.

O alferes Teixeira traduziu estas palavras, passando aos outros o espanto

que lhe causava esta extraordinária questão. O rei estava desconfiado, evidentemente, porque se escondia na mediação do secretário e não aparecia para os cumprimentar; mas não se entendia esta estranha atitude. O alferes foi paciente, explicou tudo de novo: quem eram, de onde vinham, para onde iam, o que pretendiam.

O secretário do rei escutou-o com enorme atenção, concentrado nas suas palavras como se fosse a primeira vez que as dizia. Estudava-lhe as expressões, os gestos, observava-o com perspicácia, procurando assegurar-se da sinceridade do alferes. Por fim, parecendo satisfeito, o secretário falou, falou, falou longamente, numa voz baixa, lenta, monocórdica. Contou que, havia poucos dias, passara por ali um holandês chamado Pitt Prée — ou, pelo menos, o secretário assim pronunciava o seu nome — e que este holandês era caçador de elefantes e, com os seus homens, maltratara as pessoas, roubara comida das machambas e ignorara o respeito pelo rei. O secretário transmitia a indignação do rei, dizendo que também era a sua, embora o dissesse seriamente mas sem ser muito expressivo, sem se exaltar, sem emoção. Continuou a falar, afirmando que o caçador de elefantes fizera outras coisas, todas de mau agrado, e relatando minuciosamente as suas queixas, numa explicação demorada das malfetorias do holandês.

— Por isto, o rei duvida de vos vir encontrar — disse, finalmente.

O senhor Marenite e *o Russo*, constrangidos pelo comportamento inconveniente do seu compatriota, resmungaram um assentimento. Já o padre Montanha, compreendendo que era necessário cativar o rei por intermédio do secretário, tomou a palavra para condenar com veemência os actos do caçador holandês. Disse que não eram modos de se tratar as pessoas nas suas próprias casas e que o rei poderia ficar tranquilo porque eles vinham em paz e desejavam apenas abastecer-se para prosseguirem caminho. Acrescentou que gostariam de prestar homenagem ao potentado, se o rei lhes desse a honra da sua presença, e que tinham presentes para ele.

O secretário teve um gesto de anuência, e Joaquim reparou nele uma ligeira descompressão no rosto grave, que não lhe notara ainda. Parecia aliviado com a boa conclusão das conversações. Partiu, então, de novo para informar o soba e regressou depressa, demorando-se, agora, uns escassos minutos e não as duas horas da primeira vez. Levou o recado ao rei e trouxe o recado do rei.

— O rei diz que vem — comunicou-lhes. — O rei diz que gostou da boca com que se falou. O rei diz que já conhece que são outra gente.

Houve sorrisos, um magnífico aperto de mãos, palmadas nas costas do secretário que sorria também, revelando que lhe faltavam vários dentes da frente, mostrando grande satisfação, tal como uma criança feliz e desdentada. Estas manifestações de boa camaradagem, de familiaridades, tiveram-nas os portugueses, porque os bóeres, mais circunspectos na sua índole neerlandesa, limitaram o entusiasmo a uns breves e contidos «hurras!» O senhor Marenite não era homem para brincadeiras, e *o Russo*, embora disciplinado, apreciava rachar cabeças.

O potentado chegou já depois do meio-dia e era desnutrido e baixinho, de aspecto medroso. Vestia-se pobremente, com uma tanga, uma camisa que outrora fora branca e tivera mangas compridas, e um chapéu emplumado muito castigado. Apertou a mão a todos, um a um, seguindo obsequioso a fila dos brancos.

— Fraca figura, este soberano — observou o senhor Marenite, nada impressionado, não obstante o soba os surpreender com as boas-tardes em holandês.

O padre Montanha teve uma exclamação.

— Ó alferes, eu iria jurar que ele traz o chapéu de penas do João Caetano Dias!

— Deveras?

— Sim! Aquele que ele teve de oferecer àquele régulo quando nós fugimos, para o mato, do Torre do Vale.

— Será mesmo?

— Coitado do João, o que ele chorou o seu chapéu...

— É extraordinário! — abismou-se o alferes.

— Como é que o chapéu do João vem acabar nesta cabeça tonta? — perguntou-se o padre, cheio de perplexidade com este mistério. Falavam livremente sobre estas coisas, pois a fluência do soba em línguas estrangeiras quedava-se pelo *goedemiddag* de pronunciação deficiente que ele usara para os cumprimentar.

Porém, o mistério do chapéu emplumado de João Caetano Dias ficou por esclarecer. Entretanto, o soba dava ordens aos seus e apareciam coisas: uma panela de pombe, amendoins, galinhas, enfim, uma festa de manjar com aspecto duvidoso mas de boa vontade. Finalmente, disseram-lhes onde encontrariam água para dar aos animais. Eles sentaram-se com o rei debaixo do embondeiro fresco e lá escutaram da sua boca a mesma história do caçador holandês que o trazia escandalizado e, compreensivelmente, desconfiado dos brancos. No entanto, o rei disse-lhes que conhecia bem que eles eram outra gente e que as palavras deles lhe agradaram. O régulo estava contente com aqueles estrangeiros diferentes do caçador holandês e tomava bons tragos de pombe, escorregando a cerveja da malga que levava à boca para a camisa encardida. O rei ria-se e o álcool dava-lhe jactância; dizia-lhes que estivessem à vontade, pois não lhes faltaria mantimentos e tudo o mais que desejassem, e que ali era ele o régulo e que não tinha medo do Manicusse!

Deram-lhe presentes, bugigangas várias, dois rosários de coral do Rio, dois anéis de cobre marchetado falsos, uma caixa de tabaco, e compraram-lhe mantimentos suficientes para uma semana. Com isto fez-se tarde, perderam o dia, dormiram ali mesmo, debaixo do embondeiro gigante.

Partiram de manhã cedo, acompanhados por três guias disponibilizados pelo rei para lhes mostrar o melhor caminho no seu território. Eles, satisfeitos com aquela gente prestável; o rei, satisfeito com eles; o povo, satisfeito com

tudo! E muito se riram os quatro daquela paródia, do secretário desdentado, do rei pingente, do chapéu emplumado, o que, disse o padre ao alferes, haveria de contar a João Caetano Dias para que ele o viesse reclamar, se necessário, em duelo!

Fizeram-se ao dia acabado de romper e, como as jornadas no sertão tanto davam para rir como para morrer, a conversa foi esmorecendo, extinguindo-se, enfim, na expectativa dos quatro cavaleiros, embrenhados nos seus pensamentos, não sabendo o que realmente os esperava mais à frente.

O MAL DA SAUDADE

Atravessaram uma longa planície de vegetação rasteira e amarelada, queimada pelo sol intenso dos dias azuis. Em breve, o embalo monótono da montada e o calor entorpecedor levaram o padre Montanha a navegar numa indolência próxima do sonho. Os seus olhos lutavam para não se fecharem atrás das lentes escuras dos óculos redondos, por baixo da pala do chapéu, mas ele cabeceava irresistivelmente, as suas mãos caídas afrouxavam as rédeas e o cavalo ia no seu passo autónomo, seguindo os demais. Nessa dormência extrema, próxima do sono, o padre Montanha teve uma visão que, mais tarde, o fez acreditar que havia sido visitado por um melífluo anjo da morte; foi tão verdadeira que ele não a recordou como um sonho mas como algo que tivesse vivido realmente, e ficou extremamente preocupado com o teor da notícia lúgubre recebida assim, por intermédio de um delírio. Dizia-lhe o anjo da morte que uma pessoa que ele amava haveria de morrer em breve, exaurida numa saudade, e que o padre deveria apressar-se para evitar este desfecho mortal.

Poderia ter sido telepatia, evidentemente; mas o padre Montanha era um céptico desses métodos de comunicação improváveis e tendia a pensar nos telepatas como gente fraudulenta e de má-fé. De qualquer forma, não conhecia dotes sobrenaturais em nenhum dos seus próximos e, se fosse telepatia, aquele anúncio funesto teria de vir de uma pessoa chegada. Não, definitivamente, tratava-se do anjo da morte. Pensou em Leonor e nas crianças, e teve um calafrio que lhe trespassou a alma.

Foi pena, pois por pouco não soube a quem é que ele se referia, mas Joaquim foi arrebatado daquele estranho sonho a cavalo, quando adormecido no pesadelo da visitação do anjo da morte, pelo estampido inesperado de uma arma de fogo!

*

O alferes Teixeira deu o tiro. Porém, a pontaria de um atirador montado e em andamento não era tão certa como seria desejável, e a bala bateu no chão ao lado do casal de emas, levantando pó e alertando os animais. Logo o *Russo* e o senhor Marenite esporearam os seus cavalos e partiram a galope para lhes dar caça. No entanto, aquela espécie de avestruz tinha como maior defesa a sua velocidade e dificilmente se via no sertão animais mais rápidos, de modo que as emas fugiram à frente dos cavalos, e os holandeses tiveram de se render após um breve esticão, vendo-as cada vez mais longe a correrem nas duas patas que pareciam pernas de gente, e, com elas, foi a esperança de carne fresca.

O padre Montanha passou o resto da jornada ensimesmado e irritadiço, embora sem uma explicação cabal que ele pudesse dar para a sua disposição

intratável, pois não tinha como dizer aos companheiros por palavras verosímeis que se afligia com uma mensagem sinistra de um anjo da morte. Como poderia ele fazê-los entender isto, sem que estes o olhassem de uma forma estranha e sem que comentassem que ele apanhara demasiado sol na cabeça? Por isso, teve a atitude mais acertada: calou-se. Mas o dia não correu de feição. À hora de almoço, só encontraram uma fonte de água estagnada, uma lagoa quase seca onde restava um fundo de lodo que deu para matar a sede aos animais mas que não apeteceu aos homens. Pelas duas da tarde, lá descobriram um poço natural, e os guias recomendaram que se acampasse ali, dizendo que a próxima água estava demasiado longe para a alcançarem antes do fim do dia.

*

O padre Montanha explodiu numa indignação que surpreendeu toda a gente.

— Não vamos perder meio dia de marcha por causa da água. É sempre a mesma conversa da água. Irra, que é demais! Se querem água encham os cantis, tenho dito.

— E os animais, padre? — questionou o alferes Teixeira.

— Os animais bebem agora e, se necessário, damos-lhes alguma da nossa mais tarde.

— É uma atitude temerária — comentou o senhor Marenite.

— Que seja, paciência! — retorquiu Joaquim.

— Demasiado temerária — acrescentou o alferes.

— Será preciso lembrar Vosselências que à ida escapámos à justa aos manicussos porque eu insisti em andarmos depressa?

— Seja! — disse o *Russo*, não tanto pelo lembrete do padre mas porque lhe agradava a aventura.

O alferes, que foi quem mais se opôs à obstinação do padre, argumentou ainda enquanto pôde, porém Joaquim desmoralizou-o com um grito de ordem terminante, dizendo que era ele quem mandava na expedição e que devia sujeitar-se às suas deliberações. Teixeira pasmou com esta aspereza que não lhe conhecia num ano de companheirismo. Era a primeira vez que o padre lhe atirava a autoridade à cara, assim, tão frontalmente. Joaquim arrependeu-se de o ter feito, mas o desespero levou-o a isso e, depois, embrulhado na sua teimosia, já não viu como voltar atrás para compor o desagravo com a explicação que lhe faltava. Se antes lhe parecera impossível uma palavra razoável, depois desta alteração de vontades, pior ainda; o padre teve de se resignar à supremacia hierárquica que invocara e omitir a visita do anjo da morte, certo de que, se lhe dissesse a verdade, o alferes se amotinaria e lhe retiraria o comando. E, em bom critério, nem ele próprio o censuraria se o fizesse.

Retomaram a marcha, mas este contraditório exaltado manchou a relação irrepreensível que os dois homens tinham conseguido até ali, e o alferes, sentindo-se ferido na sua dignidade, carregou a ofensa de mal-grado. Daí em

diante, haveriam de se desentender bastante.

*

Durante a tarde, no entanto, cresceu a implicação muda com o alferes Teixeira. Joaquim foi pelo caminho a ruminar um ressentimento mesquinho por ele ter dado o tiro que espantara o anjo da morte e as emas. *Que besta, que insensibilidade, que falta de subtilidade!* Enfim, não havia nada a fazer; tinha de se conformar. Pensou muito na mensagem incompleta do anjo — o seu lado místico abafou o sentido prático da vida que, normalmente, se sobrepunha aos exageros da fé, e nem por um momento duvidou da extraordinária visão. Que era um homem de grande fé, nem se discutia. Se acreditava em milagres? Absolutamente, os milagres estavam escarrapachados nos livros sagrados e eram tão certos como ele ter ido aos bóeres e lá ter permanecido um ano. Agora, se haveria de lhe acontecer um milagre? Isso estava ele longe de imaginar. Sempre pensara que isto seria impossível consigo, por não ser suficientemente puro, e que muito se assombraria se fosse esse o caso. Porventura, não teria a lucidez de o considerar, nem que lhe caísse em cima como um raio. Pois bem, enganara-se, naquela viagem insólita só lhe faltava mesmo um milagre, e aí estava ele: um sinal de Deus mais evidente do que todos os sinais que Joaquim tinha a capacidade de perceber em tantas revelações subtis na natureza, nos homens, na vida.

Porém, ultrapassou facilmente a dúvida; não lhe ocorreu questionar, era tão óbvio e inexplicável que só passando pela experiência é que se podia compreender. Joaquim atravessou o resto da tarde meditabundo, em silêncio, e o que os companheiros tomaram por susceptibilidade por causa da controvérsia com o alferes era, na realidade, ele a meditar na mensagem do anjo da morte. Faltara-lhe saber a quem se referia o anjo, mas agora percebia que só podia ser a Leonor, pois os miúdos não lhe sentiriam a falta ao ponto de adoecerem, isso ele sabia e dava graças a Deus por ser assim. Ademais, convenhamos que tinha muitos e incondicionais amigos na vila, mas nenhum padeceria de doença mortal por saudades do bom padre Montanha. Restava-lhe, portanto, Leonor, e era até compreensível o desespero dela, sem notícias dele, talvez a sentir-se esquecida ao fim de um ano de silêncio e de ausência, quando ele lhe prometera que não seriam mais de dois meses.

*

Tinha de apressar a viagem, definitiva e insensivelmente, desse lá por onde desse; decidiu-se. Teria uma carapaça para que não lhe vissem uma hesitação, uma emoção. Seria inflexível, ponderou, obrigaria a coluna a esforçar-se ao máximo, sem saber que fazia uma corrida contra o tempo, sem uma satisfação, sem outro argumento do que o perigo que representavam os manicusses.

Por culpa desta nova atitude do padre, que se tornara ansioso e irascível de um dia para o outro, só acabaram a marcha muito tarde, entrando já de noite na povoação do régulo Bocotta, um landim poderoso que reinava sobre vasto território. E instalou-se logo uma tensão. Aproximaram-se da povoação,

orientando-se pelo bater dos batuques, pelas vozes a entoarem cânticos aos deuses, pelo crepitar de um fogo grande de uma fogueira que se avistava ao longe, mas, chegando eles, cessou tudo, a música e as danças. Alguns guerreiros de aspecto beligerante, de rosto fechado, retiraram-se imediatamente em passo de corrida lento.

— Manhambozes — disse o alferes Teixeira para o lado, referindo-se aos guerreiros fiéis a Manicusse, o rei vátua que acedera de má vontade à passagem da expedição europeia pelo seu império.

— Só nos faltavam estes — resmungou o padre Montanha.

— Gente má, estes manhambozes — afirmou o *Russo*, desconfiado com o silêncio expectante que se instalou no terreiro, ao centro das palhotas, onde ardia a fogueira alta.

— Viemos estragar a festa aos pretos — disse o senhor Marenite, muito tranquilo, a morder o cachimbo com a dentuça arreganhada num desdém, todo cheio de uma superioridade de branco.

— Não desselem os cavalos enquanto virmos no que isto fica — recomendou o alferes, cauteloso, desmontando lentamente, evitando gestos bruscos, dissimulando sinais de ansiedade.

Foi falar a um indígena mais idoso que se adiantou. Era um secretário do régulo Bocotta.

— Aonde foram aqueles? — perguntou-lhe, apontando com um gesto de cabeça para o fundo escuro da povoação por onde se tinham escapulado os manhambozes.

— Fugiram para o mato — disse o secretário.

— Manda chamá-los que eu quero falar com eles — pediu o alferes, receando que os guerreiros estivessem com ideias agressivas e que preparassem uma retirada estratégica para se reagruparem e, mais tarde, os atacarem de surpresa.

O secretário fez-lhe a vontade, disse a um jovem de olhos vivos que fosse levar-lhes a mensagem do molungo. A um sinal do alferes, os outros foram desmontando, sem se apressarem, descontraidamente. O alferes empatou um pouco, cavaqueando coisas sem importância com o secretário. Entretanto, o jovem regressou e segredou ao mais velho.

— Eles mandam perguntar quem são vocês e que qualidade de gente é que são — transmitiu o secretário. O alferes respondeu-lhe e o jovem partiu a correr.

Voltou dali a pouco e segredou novamente a resposta ao mais velho.

— Eles dizem que você é o tal que esteve com o Manicusse no outro tempo, enviado pelo governador de Inhambane — disse.

O alferes confirmou.

— Sim, sou eu, estive com o Manicusse. Vai lá dizer-lhes que viemos em paz e que só queremos falar com eles.

O jovem foi e veio. E, mais uma vez, segredou ao secretário.

— Eles dizem que já sabem quem são vocês e que não querem ver tais

caras, porque sabem bem do que são capazes. Eles dizem que se vão embora, que se retiram de vez — disse o secretário, fazendo um gesto em onda com o braço, sugerindo a imagem dos manhambozes a afastarem-se para bem longe.

*

Só, então, surgiu o régulo Bocotta, embrulhado num pano indígena em tons castanhos, de chapéu redondo na cabeça, anafado, muito bonacheirão, alardeando simpatias, distribuindo apertos de mão pelos brancos, mandando vir uma panela de pombe, comida farta, galinhas vivas. Convidou-os a sentarem-se com ele perto do fogo.

O alferes disse que já se podia desselar os cavalos e foi isso que se fez, enquanto se retomava os batuques de fundo, ainda tímidos. Sentaram-se com o régulo. Bocotta procurou sossegá-los; demorou-se com algumas revelações surpreendentes. Disse-lhes, em suma, que estivessem tranquilos porque eram bem-vindos ao seu território e que ali eles nada tinham a temer, pois o próprio também era filho de portugueses de Inhambane.

— Se Bocotta veio ao mundo, deve-o a João dos Santos Pinto. Bocotta era irmão do tenente Caetano dos Santos Pinto que é irmão do alferes. Bocotta é irmão do alferes — afirmou.

O alferes traduziu estas palavras, e o padre Montanha foi estabelecendo de cabeça as relações. Lembrava-se do coronel de milícias João dos Santos Pinto, pai do tenente de primeira linha Caetano dos Santos Pinto que morrera no triste episódio do massacre da coluna do governador Chaves às mãos dos guerreiros landins do chefe Inguana. Porém, o alferes Teixeira não era irmão do tenente, tal como Bocotta dizia, mas sobrinho, filho de uma irmã de Caetano. Enfim, eles não o desmentiram, não acharam necessário. O régulo tinha muita consideração pelos portugueses, declarou que não queria nada com Manicusse nem com os holandeses. O senhor Marenite e o *Russo* torceram o nariz.

— O Manicusse, para Bocotta, não é nada. Não tenho medo dele — disse, encolheu os ombros, desprezou-o. — E dos holandeses também não.

O soba desejava ser súbdito dos portugueses e pediu-lhes que tomassem posse das suas terras. O alferes respondeu-lhe que eles não tinham autoridade para o fazer, mas que tomavam boa nota da pretensão dele. Depois, ofereceram-lhe presentes, as bagatelas habituais e muito apreciadas: uma caixa para tabaco, uma lata de rapé, uma corrente, uma navalha, uma peça de fazenda.

Ao outro dia de manhã, bem cedo, levantavam já o acampamento fora da povoação quando o régulo foi ter com eles e voltou a insistir muito para os portugueses tomarem posse das suas terras e fazerem dele seu súbdito. O alferes Teixeira lembrou-lhe que não o podiam fazer, e o soba pediu-lhe então que, nesse caso, ele não se esquecesse de transmitir o seu pedido ao governador de Inhambane.

— Não me esquecerei — assegurou-lhe, e ofereceu-lhe uma gravata de lã que deliciou o régulo.

Mas perdiam tempo com esta conversa interminável, e o padre Montanha queria pôr-se a caminho sem demora, impacientava-se, resmungava com o alferes. Partiram, enfim, já de candeias às avessas; Joaquim todo irritado, o alferes contrariado, desentendendo-se com estas urgências do padre. O régulo Bocotta cedeu-lhes dois landins para os acompanharem e lhes indicarem o melhor caminho até ao limite das suas terras. Haveriam de levar alguns dias para aí chegar, mas, entretanto, teriam de passar por peripécias impensáveis, e o padre Montanha, sobejamente agastado com as asneiradas pueris dos auxiliares, que lhes traziam complicações e os atrasavam, tornava-se cada vez mais intratável. Pressionado pela urgência do anjo da morte, Joaquim perdia as estribeiras com todas as delongas, despropositava-se com os companheiros, censurava-os vivamente. Os holandeses, que não percebiam nem metade destas indignações em português, não se molestavam como o alferes Teixeira que era incapaz de entender a impaciência do padre em chegar a casa. Que diabo! Aquelas viagens eram mesmo assim, imprevisíveis, acidentadas, não adiantava apressar pessoas que não davam importância ao tempo. Os carregadores, os auxiliares, os soldados só corriam se perseguidos pelo leão, pela abada, por uma horda de manicusses. De resto, tanto se lhes dava se chegavam um dia mais cedo ou uma semana mais tarde. E, por esta incompreensão, ia azedando a conversa entre o padre Montanha e o alferes Teixeira.

Numa via-sacra de difícil mato espinhoso, intercalado por algum campo aberto, alcançaram a margem do rio Luize, de água salgada, que os homens atravessaram a custo numa zona de lodo, onde os animais se atascaram até à barriga e eles tiveram grande dificuldade e repugnância em caminhar, com o peso da carga e as pernas impedidas pelo lamaçal em que se afundavam a cada passo. Para mais, o rio era largo e todos acabaram tremendamente cansados, sujos e molhados. Retomando a marcha, após duas horas de repouso e de ansiedade do padre Montanha, seguiram ao longo deste curso de água até encontrarem uma pequena povoação de um chefe cego e de voz sábia que lhes deu as primeiras novidades de Inhambane. Disse-lhes que havia muitos navios fundeados na baía e que ali tinham chegado muitos estrangeiros e muitos soldados. Porém, mais tarde, haveriam de concluir que estas notícias não correspondiam à verdade e que, provavelmente por serem transmitidas de boca em boca, tinham chegado bastante exageradas aos ouvidos do chefe. Pernoitaram nessa povoação, sob os hospícios do chefe de olhos baços que nada viam mas que muito sabiam. Olhando em frente, sem procurar ninguém, o régulo só voltava a cabeça para seguir a voz que o interpelava. Contudo, esta tinha um tom pausado e penetrante que enfeitiçava os ouvintes, e o régulo prolongou o serão à volta de uma fogueira de lume brando, contando histórias deliciosas do sertão misterioso que tanto podiam ser verdadeiras como lendas impossíveis, porque, na sua boca impávida, elas soavam como factos incontestáveis.

— Mais acima, no rio Luize — apontou vagamente na direcção do rio —, há um lugar onde os cavalos-marinhos nos vêm falar à mão. Basta acenar-lhes com um pano. O feiticeiro vai lá escutar deles novidades dos dias que vêm.

Dizia estas coisas com uma convicção difícil de contrariar.

*

Despediram-se do chefe, que lhes disse para irem tranquilos que o caminho lhes estaria de feição. Retomaram a marcha com a luz da aurora e foram andando toda a jornada com o rio à vista. O padre Montanha tomou a dianteira com o seu cavalo e imprimiu um andamento vigoroso à coluna. Porém, esta não se agastou, porque o terreno era fácil e caminhava-se bem. Tiveram só um contratempo com um dos cavalos do *Russo*, que ia doente e vacilava no passo.

— É *long sick* — disse ele.

— Vai morrer-nos, então — sentenciou o padre, lembrando-se da sua estimada égua.

— É possível, se não chegarmos a tempo a Inhambane.

O padre ficou a pensar nestas palavras, notando, alarmado, a coincidência

entre a circunstância do bicho e o aviso do anjo da morte.

— Coitado do animal... — murmurou dali a pouco. *O Russo* ergueu uma sobrancelha, olhou-o de lado, não disse nada.

No entanto, o padre cismou com a doença do cavalo e, de tempos a tempos, voltava ao assunto, preocupado, fazendo perguntas, inteirando-se do seu estado. Mais do que o próprio dono, o padre ia determinado em mantê-lo vivo até Inhambane, como se a sobrevivência do cavalo estivesse ligada à sobrevivência de Leonor. *O Russo* ia-lhe dando doses pequenas de aguardente para o despertar do torpor maligno, mas o cavalo deitou-se definitivamente, ao início da tarde seguinte.

Tinham feito um corta-mato de algumas horas e descobriam novamente o rio Luize, quando um bando de pássaros brancos e grandes se alvoroçou ao longe. Iam a atravessar o rio mais uma vez. No outro lado, ficavam os domínios do régulo Maziva. Foi então que o cavalo caiu por terra e morreu. O padre Montanha ficou chocado como não ficara com a morte da sua égua, quase como se tivesse perdido alguém de família.

— Não pode ter morrido! — exclamou, perante a evidência da fatalidade.

O Russo olhou para ele espantado, de mãos na cintura, como que a perguntar se teria percebido bem a perplexidade do padre.

— Ó senhor Marenite, veja lá o que pode fazer pelo bicho — pediu Joaquim.

— Se lhe estou a dizer que ele está morto, *dood, dead, il est mort!* — insistiu *o Russo*, indignado com a desconfiança do padre na sua avaliação. «Que diabo, o bicho morrera, não se estava mesmo a ver? Que queria ele que o senhor Marenite fizesse? Milagres?!»

— Milagres nem eu, que sou padre, os faço — lamentou-se Joaquim. — Então, está mesmo morto, não há nada a fazer?

— Nada a fazer — confirmou o senhor Marenite, mordendo doutamente o seu cachimbo apagado.

*

O óbito do cavalo perturbou bastante o Padre Montanha que mal via a hora de chegar a Inhambane e se sentia perdido no infundável sertão. Já não sabia para que lado era o norte, e só não esporeava a montada e se atirava a galope por aí fora porque estava dividido entre abandonar a expedição, que era da sua responsabilidade, e acudir Leonor, que não sobreviveria sem ele. O anjo da morte fora bem explícito neste aspecto, e o entendimento de Joaquim, que tinha já uma dúvida metódica, agora que o tempo passara e ele se distanciara prudentemente do impacto inicial da visão, era que o anjo podia perfeitamente ter sido uma ilusão do espírito afectado pelo sol. Porém, no fundo, o padre não era capaz de ignorar uma percepção tão forte e tinha receio de estar a desprezar um milagre, se fosse realmente esse o caso. Por isso, só a muito custo se impedia de ir à frente da coluna, e também não partia sozinho porque não sabia o caminho e acabaria irremediavelmente perdido em vez de chegar mais cedo, como era evidente.

Como continuaram a acompanhar a margem do rio, foi inevitável não darem com a enseada dos cavalos-marinhos que o sábio chefe cego dissera que haveriam de encontrar. O padre Montanha não queria parar, e teria seguido em frente se a espontânea reacção de todos não tivesse sido de largarem tudo e correrem como garotos para verem os cavalos-marinhos. Montou-se logo ali uma paródia para durar, pretos e brancos iguais na excitação de atraírem à tona os cavalos-marinhos, fazendo para tal uma bandeira com um pau e um lenço. E, até Joaquim, tão inflexível ultimamente, se enterneceu com aquela demonstração de mocidade, ao ver os seus homens de tantos perigos comportando-se com modos pueris, perdidos de riso, uns disparando descargas de mosquete na água, outros atirando-se à água feitos palhaços, mergulhando no meio do cardume de cavalos-marinhos. Enfim, um disparate pegado. Joaquim desmontara como os outros e ficara, divertido, a assistir de longe, segurando as rédeas do seu cavalo. Achou que os companheiros mereciam uma pausa nas coisas graves de todos os dias, e que ele lhes devia uma distracção, um sorriso. Andava demasiado severo e exigente. Mesmo o senhor Marenite, sempre sério e circunspecto, atirou fora as botas de montar, arregaçou as calças e foi radiante cachimbar pelo rio adentro. O pior veio a seguir!

*

Naquele relaxamento do grupo, os homens tinham deixado os cavalos soltos, tanto os selados como os que vinham de apoio e, regressando finalmente os homens todos em grande galhofa, comentando aos gritos as tropelias no rio, agitando um deles com gestos bruscos a bandeirola da brincadeira, espantaram os cavalos que largaram subitamente à desfilada num tiro sem freio. Os homens, incrédulos, reagiram com brado à surpresa de verem partir os animais, e foi tanto o barulho e a agitação de braços que, se porventura algum tivesse hesitado na fuga, ainda mais os espantariam. Enfim, primeiro tiveram o gozo de caçar cavalos-marinhos e, depois, a urgência de apanharem os cavalos fugidos.

Foram atrás deles a correr como tontos por um campo de que não se via o fim, como todos em África, e debalde o fizeram, porque os animais desapareceram de vista em segundos. Salvou-se o que o padre Montanha continuava a segurar pelas rédeas. *O Russo*, cavaleiro imenso de cavalgadas históricas, veio a correr, apoiou as mãos na garupa do cavalo do padre, montou-o num salto impressionante, arrancou-lhe as rédeas da mão e largou a galope atrás dos animais. Em breve, apanhou o primeiro que veio trazer ao alferes Teixeira, e este partiu por sua vez no encalço dos restantes cavalos tresmalhados. Levaram uma hora a recolhê-los, um a um, mas no fim conseguiram reuni-los a todos.

Foi um dia diferente, como sempre, de aventura e de emoção, ganhando aqueles homens mais algumas histórias para poderem contar. Pernoitaram ao ar livre e adormeceram em redor de uma fogueira de fogo alto e de fumo

espesso, alimentada de troncos grossos e secos, de modo a manter o lume vivo e crepitante, e, assim, se precaverem de surpresas más com os animais selvagens. Dormiram debaixo das estrelas, quando o cansaço venceu a cavaqueira animada à volta das situações insólitas que tinham vivido naquela jornada única.

*

O alferes Teixeira decidiu a alvorada antes de o sol nascer. Nos dias anteriores, tinha havido desentendimentos porque o padre Montanha reclamara que eles perdiam muito tempo a levantar o acampamento. Pois bem, hoje, o alferes acordou-os mais cedo por pirraça, mas, vendo que estes resistiam no aconchego dos seus cobertores, tomou uma medida drástica: foi buscar o clarim e deu o toque de quartel que, finalmente, pôs toda a gente a mexer. Porém, os guias deixaram-se ficar à espera da primeira luz do sol e, com isto, lá ficou o padre Montanha novamente enxofrado com o alferes por os ter acordado desnecessariamente duas horas antes de chegar o dia. Foi uma quinta-feira muito tensa, essa, porque se viram obrigados a abandonar o trilho bom, quando os guias se assustaram com o chão desfeito por muitas pegadas recentes e, amedrontados com tanto movimento, aconselharam um desvio prudente. Tomaram, assim, um trilho desconhecido e, por causa dessa decisão de recurso, acabaram por se perder várias vezes e por andar às voltas como tontos até acharem novamente o rumo correcto.

— Um dia perdido — resmungou o padre, contrariado, no final dessa jornada cega.

Estas desinteligências entre o padre Montanha e o alferes Teixeira traziam-nos de costas voltadas, num confronto mudo que nenhum assumia mas que era notório pelo clima de má vontade. Joaquim sabia que a culpa era sua, pois os dois companheiros tinham-se entendido bem enquanto ele deixara ao alferes a tarefa de conduzir a expedição, o que, aliás, fazia com diligência, tendo sempre o cuidado de partilhar respeitosamente as decisões com o padre. Teixeira sentia-se ofendido com a nova intransigência do padre que, assim, menorizava a sua autoridade perante os homens. Alguns dias mais tarde, surgiu uma situação grave porque os manhambozes não os largavam e eram ameaçadores, mas o alferes Teixeira, que era o único dos quatro que falava o landim, aproveitou-se dessa vantagem e tomou as rédeas do assunto, deixando o padre de fora e muito agoniado com o seu comportamento.

Era vinte e seis de Julho, uma manhã húmida, escondida por uma neblina intensa que pairava sob as árvores. Eles serpenteavam pela floresta intimidante numa marcha lenta, debaixo de um silêncio cauteloso, inspirado pelo ambiente sinistro do nevoeiro. Surgiu-lhes, então, uma larga clareira e, da linha de arvoredo profundo que os esperava à frente, ouviram vozes estranhas gritar-lhes em landim. Pararam, expectantes. Os guias gritaram de volta.

— Que «maungo»?! — perguntaram as vozes, querendo saber se havia novidade.

Havia «maungo», porque as árvores responderam «manhambozes!»

Ultrapassaram, no entanto, a desconfiança, entendendo-se na cumplicidade landim, e, em breve, os três negros secos, de tanga e com paus nas mãos, emergiram da floresta escura e aproximaram-se para parlamentar. Um deles, secretário do régulo Maziva, senhor daquelas terras, afirmou que o seu rei queria saber porque não tinham ido à povoação cumprimentá-lo. O alferes respondeu-lhes simplesmente que a povoação do régulo Maziva não ficava no caminho deles e que nada tinham a tratar com o rei. No entanto, o secretário do rei vinha incumbido de uma missão e não se conformou com a desfeita; impunha-se negociar. O secretário insistiu que os molungos fossem à povoação, aliciou-os com a promessa de lhes darem mantimentos, um cabrito, outros presentes. O alferes disse que não, que estavam cansados, mas, se quisesse, o rei poderia ir ter com eles. O secretário sugeriu, então, que deixassem ali os carregadores com a bagagem e que fossem só os brancos. O alferes respondeu que não.

— Mas podemos acampar aqui esta noite, e o régulo Maziva pode vir falar connosco — repetiu.

O secretário ponderou a proposta e retorquiu com um aviso tranquilo que pretendia assustá-los.

— Há manhambozes aqui perto, na floresta. Dizem que querem um encontro.

O alferes não hesitou, encolheu os ombros, respondeu-lhe sem medo.

— Vai dizer-lhes que, se eles vêm em guerra, nós estamos preparados, mas se eles quiserem falar também podem vir, que nós cá os esperamos.

Ele foi e voltou acompanhado por dois secretários do régulo Manicusse. O alferes reconheceu-os, pois não havia ninguém em Inhambane que não soubesse quem eram. E eles falaram-lhe com familiaridade, tratando-o por António, reconhecendo-o igualmente. Trataram-se com o merecido respeito de velhos adversários de muitas guerras. Sentaram-se depois no chão a conversar.

— «Maungo»? — perguntaram.

— Não há «maungo».

— Quem são esses? — apontaram para os brancos.

— É o padre Montanha, de Inhambane, e dois holandeses.

No entanto, eles queriam satisfações, e o alferes não estava para aí virado; não tinha de lhes explicar nada porque já tinham conversado tudo em Zoutpansberg, com o secretário do Manicusse, e eles, se quisessem saber «maungo», que fossem falar com o potentado ou com o seu secretário que estivera com eles nos bóeres. Houve uma tensão; os manhambozes não estavam contentes. Um deles, que fazia as despesas da conversa, esfregou o alto da cabeça com exasperação, mas respirou fundo e pediu, como amigo, que lhe contasse o que se passava. E o alferes contemporizou, disse que, se era como amigo, ele podia dizer-lho. Explicou-lhe o que eles faziam ali, de onde vinham, para onde iam, o que tinham negociado com o secretário do

Manicussse antes da partida. O outro, mais tranquilo agora, mas altivo, disse que já sabia de tudo, mas que queria ouvir da sua boca para saber se batia certo com a versão deles. Enfim, era um teste para ver se lhes mentia.

O padre Montanha, impaciente, perguntou ao alferes o que se passava.

— Não se passa nada — respondeu-lhe, simplesmente, de costas voltadas, olhos nos olhos com o secretário de Manicussse, deixando-o às escuras.

Não lhe contou esta conversa, tal como não lhe disse, no dia seguinte, que um dos secretários lhe revelou que os vigiara pela madrugada.

*

Justamente, de manhã, vendo um grupo de desconhecidos junto dos cavalos, reunidos perto, à vista do acampamento, Joaquim foi até lá saber o que se passava. Surpreendeu cerca de quarenta guerreiros impávidos, sentados em redor, com suas azagaias e seus escudos de pele, deitados por terra, na presença do cabo e de três soldados armados com mosquetes. Perguntou-lhe quem eram aqueles.

— Manhambozes, senhor padre — respondeu o cabo.

— O que fazem eles aqui?

— Estão às ordens dos secretários do Manicussse.

— Mas esta gente não nos deixa em paz?

— Não lhe sei dizer, mas o alferes está ao corrente da situação; ele esteve a falar com um dos secretários e este disse-lhe que nos espiou durante a noite e que esteve tão perto de nós que contou os cavalos e nos viu a dormir. Até lhe confessou que passou algum tempo a ouvi-lo a conversar com os guias.

O padre ficou possesso, a pensar que ainda há pouco estivera a falar com o alferes e que ele não lhe contara nada daquilo. Arrancou direito ao alferes, escandalizado, a chispar dos olhos, pediu-lhe um aparte, despejou toda a indignação que sentia.

— O senhor, alferes Teixeira, faz menos caso de mim do que de um soldado; eu ando para aqui como um vendido, ignorado, enquanto se passam coisas graves que devo saber, que eu tenho o direito de saber! Ontem, a conversa com os secretários, não me disse nada do que falaram; hoje, esta gente toda a rodear-nos, o secretário do Manicussse a dizer que nos espiou durante a noite; e tudo isto eu tenho de saber por portas travessas porque o senhor não me diz as coisas, não me põe a par. Não pode ser, não senhor, não pode ser!

O alferes, sem se alterar, descontraído até, dir-se-ia que a gozar com o embaraço do padre por este se ver naquela situação de menoridade, deu-lhe uma réplica tranquilizadora, quase paternalista:

— Não se inquiete, padre, que tenho tudo tratado. Não há motivo para preocupações. Eles não nos vão incomodar, ficam só a ver o que fazemos, é tudo.

E o padre interpelava-o, não se contentava com as justificações vagas do alferes, exigia saber tudo, com pormenores, e não ter de andar a pedinchar informações ao cabo. Estavam eles neste pleito crispado quando lhes apareceu

do nada um landim conhecido de Inhambane, e a chegada daquele homem suado como um cavalo estafado, que vinha há muitos dias a correr, fez parar o coração a Joaquim que ficou lívido, sem um pingo de sangue. O recém-chegado era o irmão mais novo de Leonor e não podia trazer boas notícias.

Não Val Nada aproximou-se da cama de Leonor, deslizando nos pés descalços, como um espectro errante e imbuído na luz mortiça do final da tarde que já toldava o quarto com recantos sombrios. Leonor estava deitada de costas, tão imóvel que Não Val Nada ficou terrivelmente perturbada com a impressão de que esta não respirava. Viu-a de olhos fechados e com os lábios brancos que pareciam gelados, e ela própria se sentiu perpassada por um arrepio de frio, em pânico com o pensamento sinistro de que Leonor partira para o mundo dos espíritos, enquanto a escrava dava banho às crianças. Tocou a medo no ombro dela, abanou-a ligeiramente, chamou-a com uma voz apagada, mas não teve a satisfação de a ver reagir aos seus apelos tímidos. Não Val Nada encheu-se, então, de coragem e levantou-lhe as pálpebras, com os dedos finos e trémulos, supondo talvez que, desta maneira, pudesse espreitar-lhe para a alma e tirar todas as dúvidas. Contudo, só lhe viu o branco dos olhos revirados e ficou paralisada de terror. Nisto, Leonor arregalou os olhos e, vendo a sombra enfezada da escrava contra a luz do sol vermelho que se extinguia atrás dela, na janela, não a reconheceu e deu um grito de horror, confundindo Não Val Nada com um *pswikwembo*, pensando que o espírito da anciã defunta a vinha buscar para a levar para o mundo invisível. A escrava assustou-se igualmente; tirou as mãos como se lhe estivesse a queimar os dedos, deu um salto para trás, deixou escapar um grito instintivo.

— O que estás a fazer Não Val Nada?! — reclamou Leonor, ao perceber que era a escrava que lhe mexia nos olhos.

— Ai, Leonor, que susto!

— Tu é que me assustaste.

— Chamei-te e tu não deste acordo de ti.

— Pois, estava a dormir!

— Mais me parecias morta.

— É como me sinto — disse Leonor, com um suspiro cansado.

— Não digas isso.

No entanto, era como se sentia, de facto exaurida pelo mal que a derrotava, sem forças para nada, a navegar a maior parte do tempo numa semiconsciência enganadora, meio desmaiada, leve como um passarinho, toda ela ossos, de rosto chupado. Leonor emagrecera demasiado, tinha os olhos ramelosos, a boca seca, a língua pastosa. Nos últimos dias, Não Val Nada tinha-a mantido presa à vida com colherinhas de água que a obrigava a tomar, mas isto era um martírio sem-nome e Leonor sentia-se derrotada, perdia a vontade de viver. Imaginara que podia deixar-se ir com os espíritos e ter, enfim, o conforto do repouso definitivo, mas depois Eugénia viera falar-lhe muito aflita, pedir-lhe por tudo que ela se pusesse boa e, vendo a filha assim

angustiada, Leonor tivera um rebate de consciência, penalizando-se pelo seu egoísmo, compreendera que não podia abandonar as crianças à sorte, tão pequenas e desamparadas, percebera que era necessário lutar, se não por si, pelo menos por elas.

*

Porém, nada do que fizera até agora resultara e Leonor definhava sem remédio. O médico receitava-lhe água, muita água, e repouso; a feiticeira dizia que era o mal da saudade, que tinha de trazer a sua outra alma para casa, imperiosamente. Leonor esforçava-se por tomar a água; no entanto, não sabia o que fazer para conseguir que o senhor padre voltasse para junto de si. Sentia tanto a sua falta, se ao menos ele viesse... Se o presságio não lhe falhava, o senhor padre haveria de estar de regresso um dia destes. Ela só não podia garantir que sobrevivesse ao tempo necessário para ele chegar e, num relâmpago de lucidez, decidiu que teria de se guiar pelo instinto para o encontrar. De uma coisa ela tinha a certeza: se havia alguém capaz de o descobrir no sertão imenso como o oceano, esse era o mais novo dos seus catorze irmãos. Olhou em redor, com uns olhinhos murchos; o quarto escurecia com os últimos fúlgidos do dia; a luz do sol de um ouro baço fenecia, cedendo às sombras que alastravam no soalho e desciam pelas paredes. Não Val Nada continuava ali, perscrutadora, observando-a em silêncio, no seu jeito passivo.

— Preciso que me faças mais um favor — pediu-lhe Leonor.

— Tudo o que quiseses — ofereceu-se a escrava, ansiosa por um milagre que lhe restaurasse a alma e o corpo.

— Vai à povoação do meu irmão Muando Moleque e diz-lhe que ele me venha ver urgentemente.

Não Val Nada partiu de imediato, sem lhe perguntar o propósito dessa curta viagem, mas apressando-se a fazer-lhe a vontade que lhe demoraria dois dias, um para ir e outro para voltar.

Muando Moleque, um preto alto e de corpo esguio, seco e inquebrável, apresentou-se à irmã de peito aberto, coberto só por uma tanga de pele, tal como andavam quase todos os que viviam no interior. Leonor falou-lhe em landim.

— O senhor padre foi aos bóeres, e tu tens de o ir buscar — pediu-lhe, sem precisar de lhe explicar que este povo ficava mais longe do que Muando Moleque ousara ir alguma vez na vida. Contudo, disse-lhe que ele já deveria estar de volta e que não seria necessário fazer o caminho todo até aos bóeres. Contou-lhe que estava doente com o mal da saudade, falou-lhe do que os espíritos lhe tinham dito e do mais que ela soubera por intermédio da feiticeira. Estava desesperada, dependia dele para se salvar, e Muando Moleque teria de encontrar o senhor padre e de o trazer para casa.

O irmão manteve-se de cócoras, ao lado da cama, escutando-a atentamente, enquanto ia fazendo que sim com a cabeça e emitia uns sons curtos de assentimento. Ele sabia, tão bem quanto ela, que não se devia contrariar os

espíritos e, se fosse necessário, iria até ao fim do mundo para lhe trazer a saúde. Por isso, disse à irmã que partiria imediatamente, fazendo só um desvio para passar na sua povoação a avisar a família onde ia. Depois pôs-se a caminho, seguindo os passos do padre Montanha com uma perspicácia resoluta que o haveria de levar ao seu encontro.

Muando Moleque tomou uma grande porção de água que o padre Montanha mandou trazer-lhe para se recompor. Sentou-se no chão, com as pernas cruzadas e a cabaça de água nas mãos pousadas no colo. Estava exausto. Joaquim sentou-se com ele.

— Como me encontraste, Muando Moleque?

— Fiz o caminho para os bóeres e fui perguntando.

— Quantos dias é que tu andaste?

— Três dias. Muando Moleque corre depressa como a *quisumba*.

— E porque vieste procurar-me?

— Foi a Leonor que me pediu. Está muito doente com o mal da saudade e os espíritos dizem que ela vai morrer se o senhor padre não vier.

Joaquim teve uma perturbação avassaladora, empalideceu, esqueceu-se mesmo de respirar, até perceber que sustinha a respiração porque se afogava em terra seca. Enfim, tudo se confirmava: a visitaçāo do anjo da morte, o aviso tenebroso, os seus piores receios. Falou longamente com Muando Moleque, pediu-lhe pormenores, queria as palavras de Leonor, o que ela dissera, textualmente, como ele a achara, se lhe parecera assim tão debilitada, em suma: um interrogatório exaustivo. Muando Moleque achara-a mal, frágil, uma sombra dela; Leonor não comia, pouco bebia, estava a morrer. Joaquim chamou então o alferes Teixeira e pô-lo a par da situação. Estudaram com Muando Moleque o melhor caminho a seguir daí em diante, puseram-se de acordo em partir imediatamente, seguindo as orientações do landim que seria agora e até Inhambane o guia da expedição.

*

Demoraram ainda uma hora a levantar o acampamento e a preparar os cavalos. Retomaram a marcha, deixando para trás, e com alívio, os manhambozes e o secretário do régulo Maziva que não chegara a aparecer para os cumprimentar. Agora que havia uma boa justificação para forçar a marcha, o alferes Teixeira já compreendia a urgência do padre Montanha. E fez-se bem o caminho nos cinco dias restantes, porque Muando Moleque sabia perfeitamente a rota que escolhia e os lugares por onde passavam sem terem complicações com as gentes locais. Mesmo assim, era tanta a pressa que o guia se perdeu uma vez, embora ninguém se tivesse preocupado muito, pois eles iam no trilho errado mas na direcção certa. Mais tarde, deram com uma lagoa excessivamente grande que mais parecia um oceano tal era a extensão da água e, a partir daí, regressaram ao trilho certo.

*

Entraram nas terras da Coroa portuguesa, às oito horas do dia trinta e um de Julho. O alferes Teixeira disse que era seguro os soldados descarregarem as

armas que vinham preparadas para qualquer eventualidade. Fizeram-no com alegria, disparando-as para o ar, celebrando o momento. Era o culminar de uma viagem impossível que lhes demorara um ano e dois meses e meio. Mais à frente, encontraram o primeiro europeu, um algarvio de nome Oliveira Barreto que os acompanhou a Morrumbene. Porém, a coluna ia engrossando com populares bitongas que se juntavam a eles e que os seguiam em grande festa. Ao meio-dia e meio, chegaram a uma povoação bitonga em Morrumbene, onde já havia muita gente à espera deles. Foram recebidos pelo régulo e pela população que fizeram daquilo um acontecimento. Trouxeram-lhes presentes, arroz, amendoim, galinhas.

Neste burburinho de contentamento, o padre Montanha soçobrava de impaciência por não ter mais notícias de Leonor. Preferiu manter-se ocupado para não enlouquecer com esta ansiedade terrível, mas não se envolveu na festa e tratou antes das disposições práticas para se assegurar da última etapa da viagem. Enviou uma mensagem ao governador, avisando-o da chegada da expedição a Zoutpansberg e solicitando-lhe embarcações para fazerem a travessia até Inhambane. Pouco depois, chegou-lhe a informação de que estava ali perto um barco de Vicente Tomás dos Santos e de que mandou chamar o patrão da lancha, pedindo-lhe transporte. Todavia, entretanto, outro português, o senhor Aragão, veio da sua propriedade perto e pôs a sua lancha à disposição. E, logo apareceram mais dois portugueses, proprietários de lanchas, que se ofereceram também para os levar.

*

Ao romper do dia seguinte, tendo já dispensado os carregadores, os demais tomaram uma dessas lanchas, mas todos os esforços para embarcarem os cavalos saíram frustrados. Faltavam-lhes as correias para os içar, e os animais não se deixaram levar à mão. Decidiram, então, entregá-los aos bitongas com instruções de os fazerem passar, a nado, na maré baixa e de os levarem depois por terra até Inhambane.

Desembarcaram em Mongo, onde almoçaram um cabrito assado com vários portugueses e com o coronel Loforte, comandante das terras firmes. Este fora apresentar-lhes os cumprimentos, em nome do governador de Inhambane. Tiveram um almoço opíparo, demorado, de grande camaradagem, muita conversa. Joaquim desesperava; afogaram-no em perguntas sobre aquela histórica aventura. Todos queriam saber como tinham eles passado incólumes pelas terras de Manicusse, como eram os bóeres, o que ficara acordado com os holandeses, se seria possível abrir uma via e comerciar com eles. O senhor Marenite, fumando cachimbo com simpática bonomia, e *o Russo*, no seu estilo mais em bruto, também lhes suscitavam curiosidade e, evidentemente, histórias para contar não lhes faltavam, mas Joaquim ia atalhando as respostas como podia, cheio de ansiedade. Queria chegar a casa, tinha urgência em pegar na mão de Leonor, em se assegurar de que ela não lhe morrera. E, realmente, nada mais lhe interessava nesta altura. Mas eles só voltaram a embarcar bastante tarde. Na verdade, depois de tanta festa à entrada nas terras

da Coroa, a chegada a Inhambane não poderia ter sido mais triste para Joaquim...

Puseram o pé em terra firme de Inhambane, às cinco horas da tarde do dia um de Agosto de 1856, mas não foram recebidos por ninguém. Não havia amigos, conhecidos, povo, uma guarda de honra, o governador, ninguém, só silêncio e indiferença.

— É extraordinário... — comentou o padre Montanha, abismado com esta chegada incógnita.

O senhor Marenite olhou para o seu companheiro holandês, para o *Russo* que encolheu os ombros perante o panorama ingrato das ruas vazias, onde reinava uma estranha quietude, apesar de já ter corrido a notícia da chegada da expedição. O coronel Loforte encavacou. O alferes Teixeira ficou sem saber o que dizer daquele cenário de desalento. Pensar que eles, em todo o lado onde chegaram, foram recebidos em festa e, agora ali estavam, em casa, e não havia vivalma. Joaquim lembrou-se da euforia que fora há um ano, em Zoutpansberg, onde a população viera em peso recebê-los, com tiros ao ar e uma alegria imensa. *Pois bem*, meditou, cheio de ressentimento, *mais depressa me desembaraço e vou para casa*. Contudo, o alferes Teixeira interrompeu-lhe a reflexão.

— E agora? — perguntou.

— E agora vamos a casa do governador — emperdigou-se o padre Montanha, subitamente disposto a cumprir até ao fim as obrigações protocolares, ainda que não soubesse se Leonor estava viva ou morta, e uma voz na sua cabeça lhe gritasse que corresse para casa. Mas não, obstinou-se; a honra e a responsabilidade do presidente da comissão de Inhambane a Zoutpansberg impunham-lhe que desempenhasse esta derradeira formalidade, mesmo se o governador não se interessava nada pelo sucesso histórico daquela empresa em nome dos portugueses. Porém, como se não bastasse serem ignorados à chegada, eles ainda teriam de passar por mais humilhações.

*

Com efeito, a recepção em casa do governador foi vergonhosa, e os dois holandeses iam trocando olhares incrédulos com o comportamento insólito dos portugueses de Inhambane. Um criado mal vestido, em calções, descalço, fê-los entrar pela porta da serventia, nas traseiras. O criado levou o coronel Loforte à presença do governador, enquanto o Padre Montanha, o alferes Teixeira e os dois holandeses esperavam num quarto fechado, onde se abafava num ambiente viciado, entre duas camas armadas com os colchões manchados, os lençóis amarrotados, roupa de vestir atirada pelos cantos, no chão; uma porcaria indigna que os incomodou ao ponto de desejarem ir embora.

O coronel Loforte voltou depressa.

— O governador está indisposto, de cama, não os pode receber, mas diz para entrar só o padre Montanha para lhe falar.

A noite caíra. Não obstante, a casa mantinha-se às escuras, sem um candeeiro aceso. O padre Montanha seguiu uma vela triste na mão solícita do criado, erguida no ar, através do corredor lúgubre. Os dois subiram a escada, ao primeiro andar, percorreram ainda um corredor mais estreito do que o de baixo, o criado empurrou a porta do quarto e deu passagem ao padre Montanha.

*

O governador Leote não era o mesmo que decidira a expedição a Zoutpansberg; este viera substituir o governador Oliveira, enquanto Joaquim estava fora, com os holandeses. O padre não o conhecia, mas, obviamente, não nutria o vivo entusiasmo pela expedição que levara o seu antecessor a responder pronta e positivamente ao convite dos bóeres. Em bom rigor, parecia até haver nele uma secreta embirração com o sucesso da viagem do padre Montanha e do alferes Teixeira, talvez porque não fora ele a ordená-la ou por não lhe agradar que o padre gozasse de maior popularidade do que ele próprio. A verdade é que o novo governador preferiu desvalorizar o acontecimento e não quis uma comissão de recepção oficial nem festas nem coisa nenhuma.

O quarto, mergulhado em trevas, acentuava o ambiente funesto e o aspecto achacado do governador Leote, tristemente perdido entre almofadões e lençóis, numa cama larga e com a cabeceira encostada à parede, à direita de quem entrava. Uma vela insegura tremelicava na mesinha de cabeceira, à esquerda da cama, cuja luzinha emergia de uma desordem de enfermo, entre uma taça de xarope caseiro, uma chávena de chá com a sua colherinha pousada no pires, um lenço asqueroso atirado para cima das coisas todas, e três livros encadernados, sobre os quais ardia a vela.

— Dá licença? — disse o padre Montanha, adiantando-se ao criado.

— Faça favor, meu caro. Acomode-se. Tem aí uma cadeira.

O criado deu um passo em frente para lhe aproximar o assento, mas Joaquim agarrou-o primeiro, com um gesto prático, colocou-o ao lado da cama, sentou-se. O criado recuou, encostou a porta, retirou-se. O governador não lhe estendeu a mão, e Joaquim, sentindo uma certa repulsa por todo aquele quadro de doença, disfarçou, cruzou as pernas, entrelaçou os dedos em cima do joelho, notou que a cor da parede era o verde-escuro mais abjecto e deprimente que ele alguma vez vira, e concentrou-se de novo no governador.

— Peço desculpa por vir incomodá-lo na sua moléstia, mas, como não havia ninguém à nossa espera no cais, quis vir logo apresentar-me para lhe dar conta da nossa chegada.

Se o governador Leote percebeu a alfinetada do padre, não o deu a entender.

— Não incomoda nada, meu padre. O que me incomoda é esta gripe que me tem aqui inutilizado, deplorável.

O padre não o consolou, não estava com disposição para palavrinhas amáveis. Guardou só um silêncio embaraçoso, propositado.

— Então, mas conte-me lá essa extraordinária aventura — pediu o governador Leote, empregando uma voz débil que pareceu exagerada ao padre.

Contou-lhe um ano inteiro numas pinceladas superficiais. Queria despachar-se, saber de Leonor; estava em pulgas e, de resto, o governador dava ares de apatia, não se mostrando realmente interessado no relato do padre. Já se arrependera de ter vindo, pensando que teria sido melhor apresentar-se no dia seguinte, envergando a autoridade eclesiástica de uma batina, em vez do caqui de explorador coberto de pó até aos cabelos. Para mais, aquele quarto pesado, o governador doente, tudo lhe fazia lembrar que visitava o paciente errado. Entregou-lhe os dois ofícios que trazia da República Holandesa Africana, e, em todo o relato, o governador só se deteve no fracasso, querendo saber porque não tinham vindo os bóeres que representavam oficialmente o comandante-geral Stephanus Schoeman. Joaquim esclareceu-o, comprometeu-se a entregar brevemente um relatório pormenorizado da expedição, despediu-se e saiu.

*

Puseram-se de acordo em acomodar o senhor Marenite em casa do padre, enquanto o *Russo* ficaria com o alferes Teixeira. Despediram-se na rua, e Joaquim foi voando para casa com o seu hóspede a reboque numa pressa tremenda. É que o padre, agora já livre das formalidades e todo virado para a urgência de ver Leonor, teve um mau pressentimento, convenceu-se de que chegara tarde demais e, ultimamente, as suas premonições vinham-se revelando dramaticamente certas. Joaquim alargou o passo, tremendo de aflição, imaginando uma tragédia; ao pensar que não saberia viver sem Leonor, teve até um gemido involuntário que alarmou o senhor Marenite.

Este sentimento de desgraça impunha-se na mente do padre, e cada passo em frente, ainda que só lhe faltasse correr, era como um passo mais para a forca, para a guilhotina, para uma morte certa, fosse esta qual fosse, pois era-lhe claro que, se Leonor morresse, ele haveria de definhir o resto dos seus dias, sem interesse por nada, sem uma razão para viver, quiçá, acabando por cair no pecado de atentar contra a própria vida, se nada mais lhe sobrasse para aplacar o sofrimento atroz. Levava na sua urgência todos estes pensamentos dramáticos, pecaminosos, desesperados, mas, se lhe restava ainda uma ínfima esperança, esta desvaneceu-se completamente ao percorrer a sua rua e ao avistar, à porta de casa, o que interpretou, sem qualquer dúvida, como um velório tribal. Uma sombra desceu-lhe pelo espírito, e Joaquim abrandou o passo quase até parar, temendo muito o momento de entrar em casa e de confirmar o que já lhe era óbvio.

O senhor Marenite deixou-se ficar para trás, ocupando-se a encher o cachimbo de tabaco, incomodado com aquele cenário triste, querendo ser frívolo para contrariar qualquer emoção piedosa. Ficou lá fora, onde acampavam sentados no chão de terra os catorze irmãos de Leonor, os filhos deles, os tios, os primos, enfim: uma tribo inteira! Impávido, manteve-se sempre à parte, a pensar que estopada vir cair numa tragédia alheia. Tinha fome e ansiava por uma cama, mas era claro que, tão cedo, não teria nada disso. Lembrou-se, com inveja, do seu companheiro, *o Russo*, esse animal que, àquela hora, já deveria estar sentado à mesa a atacar um belíssimo prato quente e atulhado de comida, um bife enorme, talvez. E, ele ali, preparando-se para fazer uma cara fúnebre, se o padre se lembrasse de o ir resgatar da rua. Tudo por causa de uma preta... O senhor Marenite não compreendia estes dramas. Vinha de uma sociedade de gente cristã, habituada à escrupulosa ordem das leis. Os animais, os pretos, todos os seres vivos deviam ser tratados correctamente, com bondade e justiça, mas cada um no seu devido lugar. Agora, aqui, os portugueses misturavam tudo, consentiam coisas que seriam inconcebíveis para os bóeres. Suspirou, olhando de esguelha os indígenas, admitindo que teria, em Inhambane, um excelente caso de estudo.

*

Quanto a Joaquim, o padre passou desalentado por entre aquela gente silenciosa, taciturna. Subiu os degraus, penetrou no interior, pelo corredor curto da entrada, e não precisou de perguntar onde estava Leonor, porque havia um caminho de velas acesas pousadas no chão, encostadas às duas paredes e, seguindo por entre as suas luzes, foi dar à porta do próprio quarto, no qual surpreendeu cinco ou seis mulheres de vigília, fazendo esquisitices com fumos, que ele presumiu serem aquelas magias em que os pretos acreditavam. Não fez caso delas, foi em frente, levou à porta uma mão incerta e, abrindo-a, ficou ali um momento, estupefacto, absorvendo o que os seus olhos viam.

*

O quarto estava irreconhecível, transformado numa câmara ardente. Na secretária, nas prateleiras do armário, pelo chão, havia um mar de velas bruxuleantes, e o ar, irrespirável de tanto pavio a queimar, tinha um estranho efeito dourado. Sombras sinistras bailavam pelas paredes sob o efeito das luzes. No centro do quarto, Leonor jazia na cama, tapada com um lençol. O seu rosto sereno sugeria um sono inocente. Joaquim teve um aperto no coração à vista daquele cenário fúnebre. Não Val Nada, estática aos pés da cama, abriu muito os olhos ao vê-lo, e aquela imagem fantasmagórica da escrava, espantada, ficaria muitos anos na memória do padre. Depois, dando

um passo em frente, reparou que havia mais três ou quatro mulheres sentadas no chão, que o padre não vira logo, porque a porta aberta lhe tapava a visão. Elas permaneciam imóveis e em profundo silêncio, reunidas junto à janela, no canto esquerdo de quem entrava. Envoltas em panos escuros, Joaquim só lhes viu o branco dos olhos quando o espreitaram como gatos pretos na escuridão.

Aproximou-se da cama, sentou-se levemente à beira de Leonor, contemplou-a carregado de tristeza e de mágoa. Cerrou os punhos, enraivecido e frustrado, pensando que jamais se perdoaria por ter chegado tarde. Tinha um pranto entalado na garganta, mas controlou-se, chorá-la-ia mais tarde, no recato do isolamento, quando pudesse ajoelhar-se e rezar pela sua alma.

*

Na rua, o senhor Marenite travava conhecimento com um formidável italiano que lhe surgira de manápula estendida e que se apresentara sem cerimónias. Carlos António Fornazini vinha ver o que se passava na casa do padre e explicou-lhe que aquela gente tinha chegado há dois dias e que não havia maneira de a enxotar dali; não arredavam, era inútil! O senhor Marenite verificou que o italiano era um homem soberbo, robusto, que falava muito alto e com gestos enfáticos. Custava-lhe a compreender o que dizia, evidentemente, pois debitava sem parar um arrazoado inglês com forte sotaque transalpino que não dominava bem. Porém, era simpático ter um europeu por companhia, e o senhor Marenite permitiu-se um sorriso fleumático, o melhor que lhe cabia quando queria ser simpático. Já Fornazini, que nunca tinha visto um holandês em África, achou curioso lembrar-lhe tanto os ingleses, embora consciente de serem gentes de cepas diferentes, rivais na disputa fervorosa pelo seu pedaço do continente. Fornazini sabia perfeitamente quem ele era, já o tinham informado que haviam chegado dois holandeses com a expedição portuguesa. Mas não via o seu companheiro, onde se escondera o seu *compagnon de route*? O compatriota fora com o alferes Teixeira, informou-o o senhor Marenite.

— *Va bene, va bene*, mas, o amigo, o que faz aqui à porta?

— Eu, bem, o padre Montanha foi... — apontou para a casa atrás de si.

— Vamos entrando, vamos lá, caramba, que estou desejoso de rever o homem, o herói de Inhambane! Que coragem, que alma grandiosa, Deus meu! O padre Montanha é de fibra, hem?

— O padre Montanha? Pois sim, pois sim...

E, foram para dentro; o senhor Marenite, imperturbável, passando por entre os indígenas, Fornazini, expansivo, abrindo caminho com uma mão amável nas costas do holandês.

*

Joaquim inspirou fundo, sufocou um soluço. Queria mandar sair as mulheres, ficar só com Leonor, mas faltava-lhe a voz, falhava-lhe a determinação. Concentrou-se todo nela, levou a mão ao rosto, fez-lhe uma carícia com os dedos trémulos. Então, nesse instante memorável, ela abriu os

olhos e, reconhecendo-o, teve um sorriso de pura felicidade! E, Joaquim, que durante todo esse tempo a julgara morta, cedeu enfim à emoção, e os seus olhos encheram-se de lágrimas grossas como não se lembrava de lhe acontecer em vinte e um anos de África, ao presenciar os dramas mais inconcebíveis.

— Louvado seja o Senhor! — murmurou, debruçando-se sobre ela, beijando-lhe a testa, abraçando-a, muito comovido. Depois, afastou-se, mantendo os braços estendidos, as mãos nos ombros frágeis dela, e fez-lhe a pergunta sacramental: «Como estás tu, rapariga?»

Leonor reconheceu aquela pergunta textual de outros tempos deles e respondeu-lhe com as mesmas palavras de sempre:

— Estou bem, senhor padre.

*

Nisto, entrou no quarto Fornazini que, seguido de perto por um senhor Marenite, maravilhado com o alarde de extravagância que por ali reinava, se estacou à porta de olho arregalado.

— Mas que raio...

O padre Montanha pousou nele os olhos marejados, pesaroso, de ombros caídos, quase irreconhecível com a sua face escurecida por uma barba selvagem que ele não fizera em cinco dias de desesperada corrida através do sertão.

— Olhe-me só para isto, Carlos António... — balbuciou, descoroçoado.

Fornazini atirou os braços ao ar, também ele surpreendido.

— Esta gente é doida! Asseguro-lhe de que não havia uma vela aqui, hoje à tarde. Vim cá a seguir ao almoço e deixei tudo perfeitamente em ordem.

Porém, o padre recuperava já o domínio pleno de todas as faculdades e tomava decisões céleres.

— Pois abra essa janela, que não se respira. Não Val Nada, diz às mulheres que saiam, já! Temos de apagar as velas. Não, esperem, não as apaguem que fica uma nuvem de fumo insuportável, levem-nas para fora e apaguem-nas no jardim.

Assim fizeram, o padre Montanha, o Fornazini, o senhor Marenite, a Não Val Nada. Retiraram as velas, arejaram o quarto, expulsaram as mulheres. Joaquim mandou fazer uma sopa para Leonor, e ele mesmo lhe deu à boca, cheio de ternura, o caldo morno com pedacinhos de carne. Foi a primeira vez que Leonor comeu verdadeiramente, em muitos dias acamada. Joaquim ficou ao seu lado até ela adormecer, e só então saiu e foi espreitar os miúdos a dormir no quarto de Leonor; lavou-se, mudou de roupa, juntou-se aos amigos no terraço debaixo do alpendre, onde Não Val Nada lhe levou um tabuleiro com o jantar.

Sentou-se com eles na sua cadeira de eleição, guardou um momento para sentir o doce odor das alfazemas, feliz por estar de volta a Leonor, às crianças, ao seu jardim perfumado.

— Vai ficar tudo bem — disse, enfim, como um desabafo, escancarando

um grande sorriso de alívio.

EPÍLOGO

O padre Montanha terminou o relatório detalhado sobre a viagem da expedição portuguesa a Zoutpansberg, no final de uma manhã muito azul que ele contemplou pela janela com agradável beatitude, recostado na cadeira em frente à secretária do quarto. Apeteceu-lhe fumar; abriu a caixa dos charutos que tinha ali, mas faltou-lhe o lume; voltou a fechá-la e segurou de novo na pena. Molhou o bico no tinteiro, apôs, debaixo da última linha do documento, com uma bela letra desenhada, a data de dezoito de Setembro de 1856 e assinou: *Por o padre Joaquim de Santa Rita Montanha, vigário de Inhambane, presidente da comissão que foi à República Holandesa Africana.*

Anteriormente, elaborara um relatório mais sucinto, a pedido do governador Leote, e que foi remetido, com a maior brevidade, ao governador-geral de Moçambique. Esse documento, pela urgência solicitada, não levou a mesma riqueza de pormenores que constavam agora no relatório não-oficial. De resto, foi este que sobreviveu séculos nas mãos de historiadores que o estudaram, porque o diário, que o padre manteve durante toda a viagem, seria muito útil pelas observações com interesse científico, únicas na sua época. Joaquim referiu, com grande pertinência, as relações entre os vários grupos étnicos da região e os costumes dos indígenas. Igualmente, ele contribuiu muito para o conhecimento da sociedade holandesa em África, que era ainda bastante fechada e com má reputação no estrangeiro, assim como se referiu a diversos aspectos ignorados da flora e da fauna de uma vasta região, relatando, nomeadamente, a existência de grandes manadas de elefantes na rota que percorreu quando foi aos bóeres. Mencionou ainda a superabundância de água que a comissão foi encontrando em lagos de dimensões invulgares e em muitas lagoas e rios, confirmando, assim, a teoria de que o século dezanove teve um longo ciclo de chuva, com uma precipitação acima da média. O seu precioso relato seria, até aos dias de hoje, confiado à guarda do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Com a sua viagem aos bóeres, o padre Montanha foi o pioneiro dos únicos quatro exploradores portugueses que visitaram o Transval no século dezanove. O segundo foi Diocleciano Fernandes das Neves, e este só o fez quatro anos depois do regresso do padre a Inhambane. O terceiro, Fernando Augusto da Costa Leal, esteve na região em 1869, e o quarto e último foi o explorador Serpa Pinto, no ano seguinte.

O próprio padre Montanha considerou que o primeiro objectivo da sua ida aos bóeres, estabelecer um acordo comercial, foi um fracasso, dado que no final nada se concretizou. Nas suas notas, Joaquim Montanha afirmou que seria imprescindível que portugueses e holandeses estabelecessem entrepostos em pontos intermédios, que encurtassem a distância entre Inhambane e

Zoutpansberg, facilitando assim a segurança e as trocas comerciais que, doutra forma, não estariam ao alcance da maioria dos produtores. Contudo, nada disto se fez nos anos seguintes, e o comércio manteve-se inexistente devido à distância e porque era demasiado arriscado fazer uma rota sujeita a roubos e a assassinatos perpetrados por tribos impiedosas.

No entanto, a histórica jornada do padre Montanha teve a virtude maior de contribuir para que os portugueses e os bóeres se conhecessem melhor, deixando em Zoutpansberg um embrião de simpatia que traria grandes frutos, num futuro próximo. Com efeito, a sua visita aos holandeses foi precursora do Tratado de Paz, Amizade, Comércio e Fronteiras, assinado a vinte e nove de Junho de 1869 e ratificado a dez de Julho de 1871. Finalmente, a onze de Dezembro de 1875, Portugal e a República da África do Sul estabeleceram um compromisso definitivo de cooperação, de amizade e de comércio, embora a implementação deste acordo tivesse sofrido, ainda, um adiamento devido à guerra anglo-bóer que eclodiu em 1899.

*

Um mês depois do regresso do padre Montanha a Inhambane, Leonor já estava perfeitamente restabelecida da misteriosa doença sem nome científico que quase a matara. Alimentava-se bem e recuperava o peso e as formas de outrora, e era um regalo para ele vê-la novamente no jardim das alfazemas a brincar com as crianças. Joaquim não voltaria nunca mais a Lisboa, e todo o seu restante percurso, pleno de sucessos, seria feito na companhia de Leonor e dos filhos.

Nos anos vindouros, o padre Montanha viveria com a família na casa que mandara construir e que, após a sua morte, seria vendida ao Estado pelos seus descendentes, tornando-se na Alfândega de Inhambane, ao longo de séculos. O espírito irrequieto e empreendedor do padre Montanha não lhe permitia render-se à pacata rotina de uma velhice tranquila; por isso, na quase década e meia que lhe restou, acabou de construir a igreja de Inhambane e tomou a seu cargo a edificação de uma escola de raiz, deixando ambas como legado de uma vida que seria muito reconhecida e celebrada pela população daquela *terra de boa gente*, até aos dias de hoje.

A vida do padre Joaquim Santa Rita Montanha extinguiu-se finalmente numa segunda-feira serena, a vinte e quatro de Setembro de 1870, aos sessenta e quatro anos. Nos trinta e cinco que viveu em Inhambane, teve os seus momentos de desânimo, as suas frustrações, acreditando, por vezes, que a ambição que o levava a atravessar o oceano se fora esfumando insensivelmente, sem que ele conseguisse fazer a diferença. Contudo, no final, deixou obra feita, e a população, reconhecida, continua a render-lhe homenagem, perante uma lápide impressionante que se destaca no cemitério de Inhambane, tal como todos os monumentos erguidos em memória dos grandes vultos da nação.

GLOSSÁRIO

Abada — Rinoceronte.

Alforria — Nome dado à libertação de escravos nas colónias europeias onde existia a escravidão.

Angunes — Termo pelo qual os portugueses se referiam aos vátuas.

Azagaias — Lança curta e delgada, usada como arma de arremesso por povos ou indivíduos caçadores.

Bitonga — Grupo étnico de Inhambane.

Bóers — Descendentes dos colonos calvinistas dos Países Baixos e também da Alemanha e França, que se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII no território da actual África do Sul, cuja colonização disputaram com os britânicos.

Cafre — Designação genérica dos povos nativos da África Austral.

Chopi — Grupo étnico de Inhambane.

Cubata — Habitação rústica e precária, coberta de palha, que serve para abrigar nativos na África.

Dorp — Aldeia, povoação.

Embala — O mesmo que senzala.

Feitoria — Nome dado aos entrepostos comerciais europeus em territórios estrangeiros.

Landim — Grupo étnico de Inhambane.

Landim forra — A carta de alforria era um documento através do qual o proprietário de um escravo rescindia dos seus direitos de propriedade sobre o mesmo. O escravo libertado por esse dispositivo era habitualmente chamado de negro forro.

Libata — Conjunto de cubatas rodeadas por um cercado ou sebe e pertencente a um mesmo senhor.

Machambas — Terreno de cultivo, normalmente do sector familiar.

Macota — Homem de influência e prestígio numa localidade.

Majóvos — Peles de leopardo e de leão.

Makwakwa — Grupo étnico de Inhambane.

Maloios — Grupo étnico de Inhambane.

Mandioca — Farinha.

Mangas de guerreiros — Colunas de guerreiros que compunham o exército dos vátuas. As mangas, por sua vez, dividiam-se em destacamentos e eram comandadas por um régulo.

Manhambozes — Forma como eram chamados os guerreiros vassalos do régulo Manicusse.

Manicusses — Forma como os portugueses chamavam aos manhambozes.

Maungo — Novidade.

Molungo — Forma como os nativos se referiam aos portugueses.

Pombe — Cerveja indígena tradicional.

Potentado — Soberano de poder absoluto.

Pswikwembo — Espíritos dos antepassados.

Quisumba — Gazela.

Régulo — Chefe tribal, potentado africano, rei de pequeno território.

Senzala — Habitação ou alojamento.

Soba — Autoridade regional tradicional.

Sobado — Território onde um soba exerce a sua jurisdição, funções ou governo de soba.

Tonga — Grupo étnico de Inhambane.

Vátua — Indivíduo dos vátuas, também chamados de landins.

Xipuku — Fantasma.

Zuarte — Tecido de algodão, rústico, com fios brancos e azuis mesclados.

BIBLIOGRAFIA

Relatório da viagem de ida, estada e volta aos holandeses, Annaes do Conselho Ultramarino, parte não-oficial (1845-1857), P.^e Joaquim de Santa Rita Montanha

FERREIRA, O.J.O (2002), *Montanha in Zoutpansberg*, Pretória, Protea Boekhuis.

VILHENA, Maria da Conceição (1996), *Gugunhana no seu Reino*, Lisboa, Edições Colibri

Agradecimento

Não obstante a notoriedade alcançada pelo Padre Joaquim de Santa Rita Montanha em Inhambane, para este livro acontecer foi necessário escavar no tempo e desenterrar os factos da vida do padre de modo a reconstituir os acontecimentos marcantes desta vila moçambicana durante os trinta e cinco anos em que ele ali viveu. Esse longo e paciente trabalho de pesquisa devo-o ao meu irmão, Francisco Montanha Rebelo, cujos sábios conhecimentos de genealogia nos conduziram igualmente à «descoberta» deste nosso antepassado.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

INHAMBANE, 1847

1

2

3

4

5

6

7

A SINISTRA TRINDADE

8

9

10

MANICUSSE

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

A CONSPIRAÇÃO

27

28

29

30

31

32

33

34

35

FUGA PARA O SERTÃO

36

37

38

39

VIAGEM AOS HOLANDESES

40

41

42

43

SERRA ONDE HÁ SAL

44

45

46

REGRESSO A CASA

47

48

49

50

O MAL DA SAUDADE

51

52

53

54

55

56

EPÍLOGO

GLOSSÁRIO

BIBLIOGRAFIA

Agradecimento

Table of contents

1. [CAPA](#)
2. [Ficha Técnica](#)
3. [INHAMBANE, 1847](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
4. [A SINISTRA TRINDADE](#)
 1. [8](#)
 2. [9](#)
 3. [10](#)
5. [MANICUSSE](#)
 1. [11](#)
 2. [12](#)
 3. [13](#)
 4. [14](#)
 5. [15](#)
 6. [16](#)
 7. [17](#)
 8. [18](#)
 9. [19](#)
 10. [20](#)
 11. [21](#)
 12. [22](#)
 13. [23](#)
 14. [24](#)
 15. [25](#)
 16. [26](#)
6. [A CONSPIRAÇÃO](#)
 1. [27](#)
 2. [28](#)
 3. [29](#)
 4. [30](#)
 5. [31](#)
 6. [32](#)
 7. [33](#)
 8. [34](#)

9.	35
7. FUGA PARA O SERTÃO	
1.	36
2.	37
3.	38
4.	39
8. VIAGEM AOS HOLANDESES	
1.	40
2.	41
3.	42
4.	43
9. SERRA ONDE HÁ SAL	
1.	44
2.	45
3.	46
10. REGRESSO A CASA	
1.	47
2.	48
3.	49
4.	50
11. O MAL DA SAUDADE	
1.	51
2.	52
3.	53
4.	54
5.	55
6.	56
12. EPÍLOGO	
13. GLOSSÁRIO	
14. BIBLIOGRAFIA	
15. Agradecimento	

Guide

1. Cover
2. Beginning
3. Índice